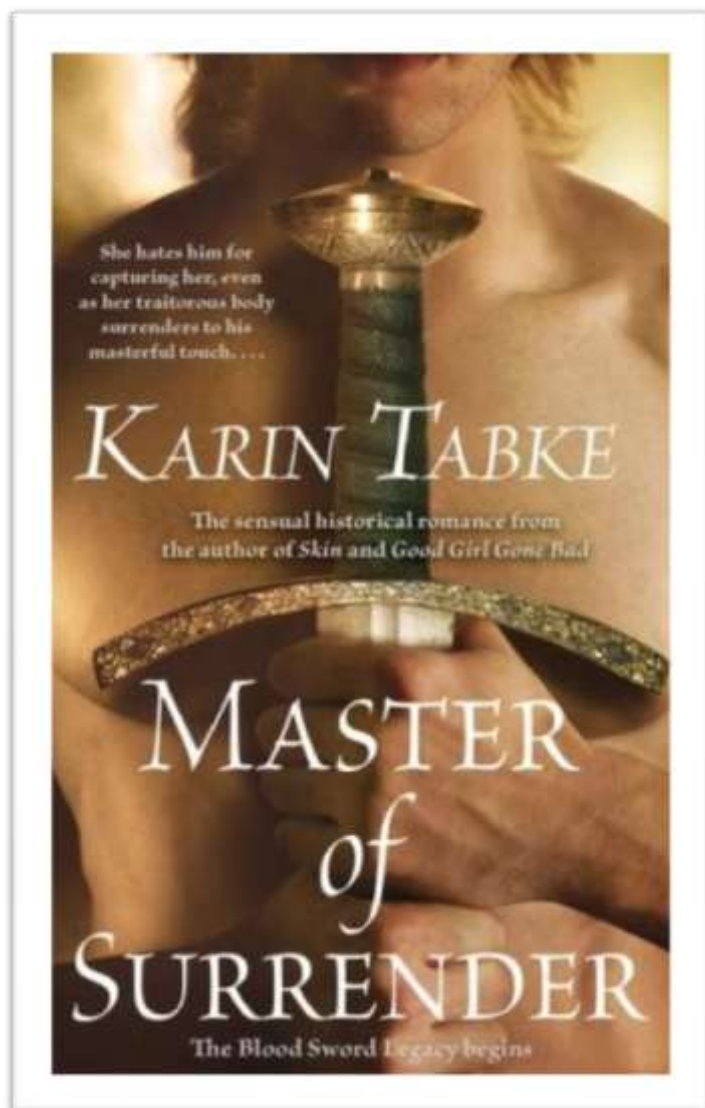




O LEGADO DA ESPADA DE SANGUE

01 - O SENHOR DA RENDIÇÃO

KARIN TABKE





Disponibilização e Tradução: PRT

Revisão Inicial: Anne Azevedo

Revisão Final: Raquel

Formatação: Ana Paula

Logo/Arte: Iara

Projeto Revisoras Traduções

O Legado da Espada de Sangue

Vinculados por uma irmandade esquecida no inferno de uma prisão Sarracena, Oito Sangrentos Espadachins cavalheiros mercenários às ordens de William O Conquistador, estão decididos a reclamar seu legado da única maneira que podem:

Pelo direito às armas, pelo direito à vitória, e pelo direito a conquista.

O ano é 1066. William, duque bastardo da Normandia, reclamou o trono Inglês por direito de conquista. Para sufocar os distúrbios da Saxonia, William envia aos seus cavalheiros de maior confiança para assegurar as terras. Um dos cavalheiros é seu primo, sir Rohan Luc, muito conhecido por seus feitos sangrentos como a Espada Negra...

Audaz e valente, a saxã Isabel do Alethorpe é a única que fica para proteger às pessoas da casa e suas terras. Quando Rohan du Luc toma Alethorpe, se oferece para salvar a vida do jovem escudeiro de Isabel em troca de estar disposta a lhe dar de presente os encantos de seu corpo. Prometida a outro, ela lhe jura que enquanto ele pode tomar sua virgindade, seu coração seguirá sendo dela. Mas enquanto seus lábios dizem que não, o corpo traidor de Isabel acorda para o desejo pelos cuidados de sedução deste potente invasor. Pode seguir sendo fiel a sua própria gente, ou o perito toque de Sir Rohan capturará seu resistente coração tão certo como as proezas com a espada capturando as terras de seu pai?



PRÓLOGO

1059

Prisão Jubb, Viseu, Iberia

O penetrante aroma de urina, o sabor acobreado do sangue, e o fedor do terror harmonizavam em perfeita comunhão com os gemidos queixosos e os gritos estrangulados da multidão de prisioneiros rogando por uma morte misericordiosa.

Na cela onde Rohan estava pendurado por grilhões de ferro, e os pregos que os ancoravam estavam profundamente incrustados na úmida parede de pedra para lhe aprisionar ali para sempre, o fedor da morte já tinha penetrado. *Nay*¹, a morte não era uma opção. A vingança lhe ardia vermelho vivo no coração. Ardia igualmente quente em todos e cada um dos homens que havia na cela com ele. Todos eles orgulhosos guerreiros que cuspiam no olho de *Átropos*² enquanto ela cortava o último fio da vida.

Um grunhido baixo lhe retumbou no profundo da garganta. Rohan puxou os grilhões, ignorando a dor que esse gesto lhe causou. Pelo sangue de Deus! Capturado. Condenado a morte.

Jubb, o poço, conhecido por ser único e último fim a uma vida humana. Em termos normais era uma masmorra cheia de morcegos. Morcegos carnívoros, que durante séculos tinham crescido para desejar o sabor da carne humana. Tinha ouvido seus gritos. Tinha-os ouvido nas horas de vigília. Tinha-lhes ouvido em seus ataques durante o inquieto sonho. A pesada cacofonia de milhares de asas, os gorgoteantes gritos das vítimas enquanto eram devoradas vivas. Suas peles rasgadas. Um homem não deveria morrer assim.

Rohan jogou a cabeça para trás contra a úmida parede. Tinha o cabelo comprido empapado, emaranhado e infestado de piolhos, e pendurava como um pesado sudário sobre os ombros. Durante quanto tempo tinha estado ali, nesse buraco infernal, não sabia. A maioria dos dias, apenas um raio de luz solar se filtrava pelas gretas dos blocos de pedra mais altos. Tinha perdido a conta da escassa comida consistindo em pão negro mofado e murchas folhas de hortaliças que sabia só vinha uma vez ao dia.

Fechou os olhos, a aspereza das pálpebras raspou contra a secura. Balançando-se sobre o pé esquerdo são, testou o pé direito, movendo-o para cima e para baixo. O tornozelo finalmente tinha sarado da ferida quase fatal, cortesia de seu torturante, *Ocba*. Se a lamina tivesse ido mais longe, jamais voltaria a caminhar. Ainda poderia não voltar a fazê-lo. Escapar não era mais que um sonho. Formou um punho com a mão esquerda. Grossas cicatrizes substituíam as queimaduras que tinha sofrido para o prazer de *Ocba*. Olhou a seu homem, *Ioan*. O alto irlandês era dificilmente reconhecível sob a espessa barba lanzuda e tinha perdido mais carne que qualquer um deles. E isso era considerável. *Ioan* era uma besta de homem. Um segundo digno na batalha. Os cansados olhos de Rohan caíram sobre a gasta cara de *Ioan*, passando por seu corpo cheio de lama até a coxa direita. Ainda estava inchada, quebrada em volta de uma madeira. Uma vez mais para diversão da *Ocba*. Rohan ainda podia ouvir os gritos do *Ioan* em seus sonhos. Teria sarado o suficiente para, se por algum milagre escapassem, pudesse alguma vez andar de novo?

¹ Nota PRT: *Nay* tem o significado de não, mas falado de maneira informal.

² Na mitologia grega **Átropos**, era a maior das três Moiras, quem escolhia o mecanismo da morte e terminava com a vida de cada mortal cortando seu fio com suas «tesouras abomináveis». Trabalhava junto com *Cloto*, quem fiava o fio, e *Láquesis*, quem media seu comprimento. As três eram filhas de Zeus e *Temis*, deusa da ordem, ou de *Nix*, deusa da noite.



—Rohan— lhe chamou uma voz baixa e rouca.

Girou a cabeça, a dor do pescoço por estar pendurado suspenso tanto tempo disparou pelas costas até as pernas. Rohan afastou a dor e olhou à direita. Se pudesse, sorriria. Thorin. A não mais de uma longitude de um braço dele. Na penumbra podia contar as costelas do viking.

—Aye³, Thorin, ouço-lhes.

—Somos os próximos, irmão.

Rohan assentiu com a cabeça, sabendo que a cela que ocupavam com não menos de uma vintena de cavaleiros capturados e um sarraceno tatuado logo estaria vazia. Cada dia o som das celas esvaziando-se estava mais perto. A ira brilhou de novo. Tinham sido traídos, muitos deles. Colocados como confiadas peças de xadrez em uma guerra onde um dia lutava pau a pau com um cavaleiro e no seguinte te matava por detrás.

Rohan tragou saliva com dificuldade, a lenta passagem pela ressecada garganta não era menos dolorosa que a tortura que tinha sofrido. Estava morrendo agora, de dentro para fora.

— Eu te juro isto, Thorin: Levarei ao menos uma dúzia destes cretenses comigo antes que os morcegos me devorem.

—Aye, eu também.

Por debaixo dos cílios, sem ter força para lutar mais, Rohan olhou ao redor da cela, aos homens; cavaleiros mercenários como ele que tinham sido capturados em uma emboscada durante uma incursão em uma aprazível aldeia das montanhas que envolviam a cidade sarracena do Viseu. O ódio lhe queimava tão ferozmente nos olhos que ele o sentiu no coração. Os homens pendurados as algemas sobre seus ombros, vestidos somente com uma tanga. O único equilíbrio precário que tinham encontrado era sobre os dedos dos pés para evitar que os braços soltassem das articulações.

Olhou as caras que conheceu na terra onde tinha nascido na Normandia. Warner, um órfão da casa de seu pai adotivo; Stefan, o filho mais velho do conde de Valery; e o velho amigo de Rohan e companheiro de juventude, Thorin. Os outros Wulfson, Ioan, Rhys, e o escocês, Rorick tinha conhecido aqui, lutando na terra dos sarracenos, agora reunidos no poço da morte.

Todos eles compartilhavam um denominador comum. Todos e cada um dos golpes. Forçados a empunhar uma espada para sobreviver. Sim, eram cavaleiros mercenários que tinham prometido fidelidade ao rei Fernando I de Castilla e León⁴. Por um preço. E todo eles, aparetemente, estavam condenados a uma morte atroz nessa terra estrangeira por isso. Tal era a vida daqueles de sua classe.

—Podem ser vencidos. —disse uma profunda voz com acento estrangeiro do outro lado de Rohan.

Girou a cabeça para olhar ao homem cuja pele rivalizava com a mais escura das noites sem lua. Em todos os dias que tinha compartilhado este pequeno espaço com ele, não tinha pronunciado uma só palavra. Por que agora? Sabia ele, acaso, que sua hora estava próxima?

Com as palavras do homem, a energia, por pequena que fosse, elevou-se aos limites da úmida cela.

— Por que nos diria isso, sarraceno? —exigiu Rohan.

³ Nota PRT: Aye tem o significado de sim, mas falado de maneira informal.

⁴ **Fernando I** o Magno (1016-1065), rei de Castilla (1035-1065) e de León (1037-1065). Era o segundo filho de Sancho III de Navarra e dona Mayor de Castilla



—Sou Manhku. Como você, não desejo morrer.

— Nos diga, sarraceno. Diga-nos como nos livrar deste castigo! —exigiu Wulfson através da sala.

Como chamadas pela conversa, as chaves soaram fora da grossa porta de madeira. O som de metal contra metal raspando deu passo aos gemidos das dobradiças abrindo-se.

O homem que entrou pela porta, com uma tocha no alto, não era Ocba, seu torturador habitual. Este homem estava melhor vestido. Suas roupas estavam limpas e eram ricas em seda. Praticamente fazia cambalhotas passando pelo chão encharcado de urina. Apertava um lenço carmesim de seda contra o nariz, e Rohan riu dele quando o pretensioso vomitou na mão.

—Não é homem suficiente para se aventurar aqui, sarraceno. —incitou Rohan.

Manhku sussurrou em um suspiro, e os homens que lhe rodeavam guardaram silêncio.

O recém-chegado limpou as comissuras da boca, alheio às brincadeiras de Rohan. Depois de pôr a tocha no anel de ferro na parede, estalou os dedos. Detrás dele, Ocba e outro guarda empurraram um carrinho de mão profundo de metal com brasas ardendo através da porta. Os músculos de Rohan se esticaram. Vários punhos de espada se sobressaíam das brasas. Reconheceu uma como a sua.

Depois de haver-se recomposto, o homem baixou o lenço e girou os olhos cor de ébano para Rohan.

—Sou Tariq ibn-Ziyad, segundo filho do Aleyed, Emir do Viseu. Vim ante seu pedido, porque parece que seus cavaleiros cristãos oferecem sua espada ao melhor concorrente, desafiando a superioridade do Jahannam. —Os saltados olhos negros exploraram muitos deles. Os lábios púrpuros retrocederam, mostrando uns surpreendentes dentes brancos.

—Assim agora nos torturá até mais para que sucumbamos a sua hospitalidade? —carregou Thorin.

Tariq sorriu, o gesto nada mais era que um olhar malicioso sem escrúpulos.

—Assim será. —Colocou umas pesadas luvas de couro— E já que se negam a se submeterem a Alá, o único Deus verdadeiro, para lhes salvar, estarão dispostos a levar a marca de um que vive e morre pela espada. —Tirou a espada de Rohan das brasas. Brilhava com o laranja fundido. A balançou pelo ar. O anguloso rosto afiado se iluminou de alegria quando elevou os olhos para os de Rohan—. Uma arma mais que digna, não diriam isso, kafir⁵?

Ocba, auxiliado pelo outro guarda, agarrou as pernas de Rohan e lhe esticou o corpo. Rohan se forçou contra o muro de pedra, completamente consciente da intenção do sarraceno.

Tariq deu um passo mais perto de Rohan, balançando a ponta da espada sob seu nariz. O calor da arma lhe queimou a pele.

—Agora, se prepare para levá-la por toda a eternidade! —Tariq pressionou a espada, orientando-a para baixo, com o protetor cruzado do punho justo debaixo do pescoço, e o comprimento

⁵ **Kafir** é uma palavra árabe que significa "que rejeita". O sentido da doutrina islâmica, o termo se refere a uma pessoa que não reconhece a Alá, ou o profeta Maomé. Em termos culturais, é visto como um termo depreciativo se utiliza para descrever um incrédulo, os não muçulmanos, apóstata do Islam, e inclui os muçulmanos de diferentes seitas. Em geral se traduz como "infiel" o "incrédulo".



completo da espada sobre o peito de Rohan— Em nome do Alá! Vos marco como os mercenários que são. Levem o signo da espada sangrenta até o Jahanam⁶.

Rohan rugiu seu grito de batalha, a inexplicável dor e o aroma nauseante da carne queimada lhe empurraram a beira da insanidade. A escuridão lhe cobriu os olhos, de intenso que foi a dor. Na agonia se retorceu sob a espada e chutou ambos os guardas, a velocidade lhe deixou as pernas livres durante um momento. A espada caiu do peito. Rohan abriu os olhos e fez uma careta de um sorriso quando viu Tariq com suas roupagens de seda, com a bunda e as mãos firmemente plantadas na lama escorregadia do chão.

O pequeno triunfo de Rohan teve uma curta vida. Com o fôlego e a força expulsos, o corpo desmoronou. Fechou os olhos e, pela primeira vez na vida, deu boas-vindas à paz da morte que sua tumultuosa vida nunca tinha lhe outorgado.

A última coisa que sentiu foram os roucos gritos de Thorin a seu lado e o aroma de mais carne chamuscada, depois escuridão.

Devia estar sonhando. O suave aroma exótico de uma mulher lhe enchia as fossas nasais. Umas mãos frescas e suaves lhe atendiam a carne queimada. Um anjo? Vindo do céu para levá-lo ao lar? Não, aonde ele ia não moravam os anjos. Ia onde se supunha que tinha que ir, Jahanam, o fogo do inferno.

As pálpebras pesadas se abriram com a luz. Estava de costas, sobre o barro da cela. Não pendurado nas paredes úmidas de pedra, embora ainda sentisse o peso dos grilhões nos pulsos e nos tornozelos.

Olhou à esquerda. Uns grandes olhos marrons emoldurados por grossos cílios lhe olhavam por detrás de um véu negro. Podia dizer pelas profundas rugas em seus olhos que lhe sorria. Uma mulher? Em uma prisão sarracena? Ela assentiu com a cabeça e continuou lhe aplicando o bálsamo consolador no peito. Rohan se moveu para apoiar-se sobre um cotovelo, mas voltou a cair ao chão. Os ombros não estavam corretamente alinhados. Necessitaria de um forte braço de um homem para pô-los corretamente. Voltou à cabeça para ver Thorin jazendo quieto a seu lado. À direita o gigante de ébano. De onde Rohan estava, viu os outros homens, encadeados, e atirados sobre suas costas. Fechou os olhos.

Na vez seguinte que os abriu, foi recebido por uma profunda escuridão.

—Thorin? —sussurrou através dos lábios rachados, com a garganta em carne viva pelos gritos.

—Estou aqui — a voz de seu amigo era apenas audível.

Rohan apertou os punhos. Deteve-se quando sentiu uma aguda espetada na mão direita. O que era isso? Com cuidado de não perdê-lo, mediu a peça de ferro liso da longitude do dedo mais largo. Um prego? Um que pudesse usar para abrir a fechadura dos grilhões? O coração lhe retumbou no peito. Tinha-lhe proporcionado o anjo uma saída?

O som de metal contra metal freou a euforia pelo descobrimento. Rohan fechou a mão sobre o prego e relaxou as costas no chão. A luz se filtrou na cela, criando sombras estranhas ao redor. Duras

⁶ **Jahanam**, em árabe: é o equivalente no islâmico ao inferno



palavras estrangeiras foram pronunciadas. Uma suave voz feminina respondeu, o aço recobria suas palavras. A porta se fechou detrás dela.

Seu anjo de misericórdia tinha retornado.

Como tinha feito antes, aplicou-lhe o bálsamo sobre o peito, suas suaves mãos se moviam rapidamente sobre o corpo. Quando a olhou, ela baixou as pálpebras.

Rohan estendeu uma mão para seu rosto, e ela se retirou, com um olhar assolado nos olhos marrons. Rapidamente se afastou dele para Thorin e ao redor da cela, atendendo a cada homem até que chegou ao corpulento gigante que estava a seu lado. Manhku murmurou algo em sua língua nativa. A mulher sussurrou entre dentes.

Separou-se dele e fez algo que assombrou ao Rohan. Fez o sinal da cruz várias vezes antes de ficar em pé. A porta se abriu de repente, e Tariq entrou, com os olhos brilhantes de fúria. Agarrou a mulher. Ela gritou e lhe chutou. Em um gesto desafiante, ela arrancou o véu do rosto. E Rohan lhe acendeu a ira ante a visão. A profunda cor mel de sua pele estava fundida com brilhantes cicatrizes cruzadas de cor vermelha que a comprometiam a parte inferior do rosto.

—Não olhem sua cara, *kafirs*⁷! —gritou Tariq.

A mulher permaneceu desafiante diante do sarraceno. Com um brutal golpe na cara, Tariq a atirou ao chão. Caiu aos pés de Thorin. Quando Tariq se agachou para agarrá-la, Thorin a afastou de seu caminho e olhou para o sarraceno.

—Deixe-a!

—Atreveram-se a olhá-la! —rugiu Tariq.

—Você trabalha sua tortura bem, sarraceno. Só pode triunfar sobre cavaleiros acorrentados e mulheres desamparadas? —questionou Thorin.

Tariq puxou a cimitarra⁸ do cinturão.

—Agora sentirão o preço que devem pagar por se atreverem a olhá-la, kafir. —Em um movimento tão rápido e agressivo que pegou a todos com a guarda baixa, Tariq esfaqueou o olho direito de Thorin. Este gritou de dor. Voltou à cabeça apartando a lâmina enquanto o sangue corria da concha do olho. Tariq moveu a cimitarra para acabar com o olho esquerdo.

A ira infundiu em Rohan. Rugiu seu poderoso grito de batalha e se retorceu nos grilhões. As largas pernas golpearam, desestabilizando o sarraceno de seus pés. A arma caiu de sua mão, aterrissando perto do Manhku, que a agarrou. Tão ágil como um tigre, Tariq se virou com uma adaga curta na mão e se lançou em Rohan.

Deteve-se com os olhos amplamente abertos em pleno vôo, um baixo som gorgoteante seguido de um lento assobio de ar saíram de seu peito. Tariq olhou para baixo e agarrou o punho da espada, enterrada em seu peito. Olhou para o Manhku, depois a Rohan, em um atônito silêncio.

A mulher a tirou de um puxão de seu corpo e lhe empurrou pondo o de joelhos.

—Cuidado, irmão! O vidente o preveniu da chegada da Espada de Sangue. És um tolo por duvidar dela.

Voltou-se para o Rohan, depois para cada homem da habitação.

⁷ Nota PRT: termo mulçumano para designar infiel.

⁸ Nota PRT: Espada turca, de lâmina muito larga e curva.



—Fiquem conscientes de seu destino, cavalheiros bastardos. Jurem lealdade um ao outro agora, para que sobrevivam nesta terra de sarracenos ao se aventurar, mas além das grandes montanhas da Galia só terão um ao outro. Muitas intrigas lhes esperam em seu futuro através da água.

Agachou-se e agarrou a adaga das mãos de seu irmão. Em um movimento tão rápido que ele não teve tempo de reagir, fez-lhe um pequeno corte no queixo de Rohan. Repetiu esse movimento em cada homem. Colocou-se no centro da habitação, e com ambas as mãos levantou a adaga para o céu. O sangue dos cavalheiros se mesclou na lâmina, depois deslizou por seu braço.

—Levam a marca da espada em seu peito, seus sangues mesclados aqui nesta lâmina, lhes vinculando como cavalheiros da Espada de Sangue até o fim dos tempos, e com ela o legado começa!

Fechou os olhos e cantarolou umas palavras ininteligíveis. O corpo tenso. Quando abriu os olhos, um olhar longínquo os nublava.

—Tomem cuidado com sua semente, cavalheiros da Espada de Sangue. É potente, mas só crescerá na fértil terra de uma mulher destinada a levar os seus primogênitos, — fechou os olhos e respirou fundo— mas esse ventre não virá de bom grado, e o preço por isso poderá ser alto. —levantou a adaga mais no alto— Para reclamá-lo, deverão derramar o sangue de seus parentes!



CAPÍTULO 1

20 de novembro de 1066

Alethorpe, Inglaterra

—Aproximam-se cavaleiros! —alertou Bertram, o vigia da torre.

Isabel se deteve justo fora da pequena capela anexa ao magnífico castelo de pedra que era Rossmoor. O sangue acelerou. Pai! Geoff! Recolheu a saia e correu através do pátio para a muralha exterior, os escarpim apenas tocavam o chão de pedra.

—Cavalheiros armados! —disse o vigia, com a voz estrangulada.

O sangue de Isabel gelou. Tão rapidamente como o entusiasmo a tinha alagado, desapareceu, dando passo ao temor. Um grito lhe obstruiu na garganta, afogando-a como se fora uma parte de carne rançosa. Derrapou ao parar, girou sobre os saltos e correu o mais rápido possível em retorno ao Rossmoor. Os assaltantes tinham retornado! Mãe Santa. Cada dia voltavam mais ousados. Não tinham saqueado e roubado o suficiente às gentis almas do Alethorpe?

—Às armas! Às armas! —gritou Isabel à vigia. Não tinha nem idéia do porquê exigia tal ação. Não havia mais que um punhado de camponês sem experiência para responder ao chamada. Mas não importava. O espírito guerreiro ardia nela.

—Jesus! É a Espada Negra! —gritou Bertram quando identificou o líder do esquadrão da morte mais notório de William⁹, *Les morts*¹⁰.

O gritou que tinha agasalhado na garganta por fim escapou.

Quando abriu a enorme porta, Isabel chocou-se com Russell, o escudeiro de seu pai, que insistiu em ficar no Rossmoor para proteger a sua filha e seu lar.

—Russell, é a Espada Negra! Reúnam a todos os serventes. Convoquem os aldeãos! —correu a frente dele, subindo a torre para sair à muralha. Atreveu-se a olhar o horizonte. A vista que a saudou a aterrorizava até o entorpecimento.

Perto de meia dúzia de cavaleiros com armaduras completamente negras sobre cavalos de guerra igualmente negros, com seus enormes corpos peludos com tanta armadura como seus amos, galopavam sobre a última colina antes de chegar à aldeia. Largas capas negras forradas de carmesim ondulavam sobre os ombros como as asas de anjos caídos.

Os habitantes da vila gritavam, aterrorizados ante a nova ameaça. Estes não eram os assaltantes encapuzados que rondavam no bosque para atacar a inocentes mulheres, meninos e anciões. Nay, esta ameaça que avançava a grande velocidade para seu lar era a morte a cavalo. Isabel sabia e com uma estremecedora certeza, que uma vez que transpassassem a aldeia e logo o senhorio, suas vidas mudariam para sempre.

⁹ **William** na Inglaterra mais conhecido como Guillermo o Conquistador, foi duque de Normandia desde 1035, conquistando Inglaterra em 1066.

¹⁰ **Les morts**: No original em Frances “Os mortos”. (N.T.)



O estandarte de William duque da Normandía, dois leões dourados sobre um campo vermelho, batia as asas vigorosamente no frio ar da manhã, mas o mais aterrorizante era o estandarte dos *morts*. Ondulava com arrogância ao final de cada lança. Um pendão ardente com um fundo negro onde uma espada ensangüentada se afundava atravessando uma caveira sorridente. Morte.

—Façam soar o berrante para que os aldeãos procurem refúgio no bosque! Se preparem para a batalha!

Isabel girou, e se precipitou no espaço da escada para o pátio, apressando os assustados aldeãos para o salão.

Vários dos serventes apareceram da cozinha e outros das câmaras superiores. Bertram se apressou da torre, espada em mão; Russell ia detrás dele. Com a ajuda de Thomas, o ajudante do mercado; jogou a grossa e pesada trava da porta sobre os suportes metálicos, logo seguraria os postes contra esta.

—Fechem todas as lacunas e janelas! Vigiem as portas exteriores! Avivem os fogos para que não possam penetrar por cima. Tragam as facas das cozinhas.

—O que tem nas latrinas? —perguntou Enid, retorcendo-as mãos.

—Há espinhos. Podem tentar, mas se farão em pedaços. —Isabel sorriu brevemente ao imaginar os cavalheiros de William apanhados nas pontas desenhadas especificamente para afastar a qualquer que pensasse que era uma boa idéia subir furtivamente pelo poço negro.

Uma vez que as ordens tinham sido acatadas e a gente reagrupada no salão, Isabel respirou fundo. Por agora, estavam a salvo.

—Milady? —chamou Russell a seu lado.

Ela levantou o olhar para os claros olhos azuis do menino próximo à virilidade. Sorriu-lhe e lhe deu um tapinha tranquilizador no antebraço.

—O ferrolho agüentará. Nossos muros não podem ser escalados. Temos muitas provisões para sobreviver bem até a entrada do ano novo. Até lá então meu pai e irmão terão retornado: — o moço lhe ofereceu um olhar de incredulidade. A ira estalou, mas a conteve— Acredite, Russell.

Isabel se voltou e correu para a ampla escada de pedra que conduzia aos quartos do segundo andar do castelo. Girou e falou com sua gente. Como tinha feito quando o primeiro ataque foi lançado fazia quase duas semanas, tranquilizou-os com sua própria presença acalmada.

Quando se dispôs a abrir a boca, da torre o vigia exclamou:

—Escalaram o muro do pátio!

O pânico estalou ao redor dela.

—Ouçam-me! —proclamou— Escutem-me, agora! —O tumulto diminuiu um pouco, mas ainda precisava elevar a voz— Estamos bem preparados. As portas resistirão!

—Mas, milady, não temos arqueiros, nem lançadores. Nenhum soldado para nos proteger!

—Aye, —assentiu Isabel— e não precisamos — apontou para as grossas portas duplas esculpidas que franqueavam a entrada impenetrável do Rossmoor. Em comparação com a riqueza interior do salão, o grosso carvalho inglês parecia muito rústico. Mas as portas cumpriam com seu objetivo. Tinham sido desenhadas para impedir a entrada até do perseguidor mais fervente— Rossmoor resistiu os ataques mais vigorosos. Agüentaremos até que voltem meu pai e meu irmão.



Os muros não eram acessíveis, salvo pela torre, mas a porta na parte superior e a entrada do salão eram tão sólidas como as portas dianteiras. E, estava segura, o inimigo nunca encontraria a passagem secreta que só ela, seu pai e seu irmão conheciam.

Por agora estavam a salvo. O duro golpe de um punho esmurrou a porta.

—Sou Rohan du Luc. Venho em nome de William duque da Normandia. Abram estas portas — as palavras francesas soaram claramente e embora os aldeãos não as entendessem, o tom era indiscutível.

Bertram se precipitou da torre, com o rosto vermelho, os claros olhos aquosos enormemente abertos e aterrorizados.

—Tranquei a porta. Se escalarem o muro, não encontrarão um modo de penetrar.

—Abram esta porta, ou preparem-se para as consequências — trovejou a voz de du Luc através da madeira.

Isabel se moveu entre a multidão para a porta da torre.

—Nay, milady! —gritou Russell, sujeitando-a por detrás— É uma loucura. Certamente lhes abaterão com uma flecha!

Tirou-lhe a mão do ombro.

—Me deixe em paz, Russell. São cavalheiros, não arqueiros.

Elevou o pesado ferrolho do suporte e se apressou pelo retorcido e estreito corredor até que chegou à porta da mesma grossura que a da torre de vigilância. Levantou a trava e abriu a pesada porta. O ar gelado de novembro formou redemoinhos furiosamente ao redor dos tornozelos, deslizando para cima das saias. Rangeu os dentes por esta razão. Isabel hesitou antes de pisar no parapeito. E se Russell tinha razão? Morreria nas mãos de um arqueiro normando? Passando as mãos para cima e para baixo pelos braços para esquentar-se, endireitou a coluna vertebral e baixou os braços. Tomando uma profunda inspiração, aproximou-se do bordo do parapeito de pedra.

Colocando as mãos sobre a fria pedra, Isabel olhou para baixo e pôde ver cada um dos cavalheiros negros salvo o líder, com os arcos e as flechas preparadas, apontando diretamente para ela. Conteve o grito na garganta. Não mostraria temor.

—Matariam a uma mulher desarmada? —zombou do que supunha ser du Luc. Estava sentado com arrogância escarranchado sobre um enorme cavalo negro coberto com uma armadura de couro negro cheia de espinhos. Enquanto, com o olhar nervoso estimava a grande quantidade deles, o sangue congelou nas veias. Cada corcel de guerra estava igualmente equipado. Pareciam os cavalos do diabo.

—Sou Isabel do Alethorpe. Que assunto lhes traz ante mim?

—Abram as portas para que possamos falar — disse o cavalheiro à frente.

Isabel riu, o vento levou o enigmático som.

—Acaso me acham tola? Digam o que tiverem que dizer aí do cavalo.

Como um, os cavalheiros esticaram os arcos. O medo a paralisava até as extremidades. Não sentiu o forte golpe do vento contra o rosto ou a maneira que este lhe arrancou o véu e soltou o seu cabelo. Ficou em pé como uma estátua de mármore. Rígida e inflexível. Não mostraria temor. Não daria a volta e correria. Nunca cederia ante este cavalheiro negro.

—Em nome do duque William, reclamo este castelo e suas terras. Agora, nos deixem entrar!



As palavras cortaram através de sua determinação. O temor se transformou rapidamente em fúria. Como se atrevia a exigir tal coisa? Era seu lar e o de seus antepassados. Nunca o entregaria de bom grado a nenhum homem, muito menos a um bastardo normando!

Isabel se aproximou mais pela borda do parapeito.

—Reclamo este castelo e as terras circundantes, em nome de meu pai, Alefric Lorde do Alethorpe, Wilshire, e Dunleavy. Não tem nenhum direito aqui! Parta!

—Harold¹¹ está morto, milady. A Inglaterra pertence a William. Nos permitam entrar — embora a voz tivesse uma nota de desprezo, uma advertência velada lhe dava credibilidade.

Isabel estudou ao cavaleiro. Da posição em que se encontrava, só podia ver a metade inferior do rosto. Os lábios cruéis estavam embalados pelo corte severo do queixo. Desviou o olhar para o resto. Uns sete cavaleiros e uma vintena de soldados a pé se estendiam detrás deles. Viriam mais? Não tinha importância. O mesmo William poderia chegar à soleira e não cederia.

—Nay! Meu pai e irmão voltarão. Não deixarei que encontrem o seu lar em mãos de estrangeiros. Há outros feudos que poderão tomar. Deixem-nos!

—Não lhes direi isso de novo, Lady Isabel. —disse du Luc— Abram as portas, ou encontrarão com menos do que lhes garantiria em caso de ceder.

—Nay! Nunca abrirei a porta a nenhum normando!

Isabel girou e saiu precipitadamente do parapeito da torre. Fechou a pesada porta de carvalho detrás de si e lhe pôs o ferrolho. Quando entrou no salão, Russell fechou a segunda porta e a travou. Então girou para os aterrorizados aldeãos e serventes.

—Tenham fé. O castelo é forte e agüentará qualquer ataque desses bárbaros.

—Minha senhora, o que faremos? —choramingou Enid.

Isabel deu uns tapinhas na mão da faxineira.

—Esperaremos, Enid, que Lorde Alefric e Sir Geoff retornem. Eles liberarão nossa terra dos normandos.

—Acredita que esses cavaleiros estão conspirados com os assaltantes? —perguntou Russell.

Isabel lançou ao moço um olhar duro e indicou que se afastasse para poder ter umas palavras em particular.

—Russell, não fale disso diante dos outros. Nossa gente já está bastante aterrorizada.

Ele assentiu e se inclinou.

—És sábia além de sua idade. Lady Isabel. Se fosse um homem não tenho a menor dúvida que poderia com esses cavaleiros sem ajuda de ninguém.

Isabel trágou com força e pensou que se fosse um homem, poderia estar rígido e congelado, junto aos outros soldados saxões no Senlac Hill.

—Mantenha as pessoas tranqüilas, Russell, enquanto inspeciono o castelo.

¹¹ **Harold II** da Inglaterra, chamado também Harold II ou Harold o Saxão (1022-1066), foi o último rei saxão da Inglaterra. Seu curto reinado durou menos de 10 meses, desde sua coroação em 5 de janeiro de 1066 a sua morte na batalha de Hastings em outubro do mesmo ano.



Rapidamente, Isabel deu uma volta pelo grande torreão, assegurando-se de que cada entrada ao edifício estivesse fechada firmemente. Rossmoor tinha sido construído por seu bisavô Leofric a quem muitos chamavam Reynard¹² por sua astúcia, com a expressa intenção de agüentar um cerco e impedir que os invasores escalassem os muros. O telhado estava em um ângulo agudo recoberto com várias capas de folhas de metal fino rematadas com um leito de palha tratada para evitar a infiltração do fogo. A cada poucos anos, a palha era tratada com uma mistura especial que datava da época romana, para evitar a propagação do fogo. Caso um invasor prendesse um gancho de ferro, poderia subir, mas não poderia ir muito mais à frente.

Quando Isabel inspecionou os armazéns, contou e calculou quanto tempo poderiam ela e os ocupantes do castelo agüentar. Quatro meses, ao menos. Mais tempo se racionassem. Olhou a grossa porta de carvalho que conduzia ao pátio das cozinhas. Era tão infranqueável como as entradas principais. O único predador com força para penetrar os muros de pedra era a morte.

Enquanto Isabel fazia o caminho de volta ao salão, um forte golpe retumbou na porta de entrada. Que foi rapidamente seguido por outro e logo outro. A cadência era clara. Dois aríetes¹³. Isabel se apressou para as portas de carvalho e observou como cada golpe sacudia a madeira. Agüentaria. Mas durante quanto tempo? Um terrível pressentimento sacudiu sua decisão. O corpo a estremecia cada vez que escutava o choque de madeira contra madeira. Os aldeãos gritavam mais forte com cada golpe, sua confiança sacudida além de ser corrigida. Tinham sofrido tanto.

Isabel forçou um sorriso mais para tranquilizar-se a si mesmo que a sua gente. Os normandos aprenderiam muito em breve que era inútil um ataque sob a força das portas. Se as dobradiças não sustentassem, as braçadeiras enterradas profundamente na grossa e robusta pedra eram mais que suficientes para manter as portas em seu lugar. Isso lhe proporcionaria o prazer de frustrar um inimigo tão ardiloso. Mas ela era mais ardilosa. O sorriso morreu quando o aroma acre da fumaça lhe assaltou o nariz. Deu uma olhada a crepitante chaminé e viu como colunas de fumaça cinza voltavam para o salão.

—Bloquearam a chaminé! Apaguem o fogo!

Despejaram vários caldeirões de água sobre as brasas de cada chaminé. Uma fumaça acre e espessa ondeou pelo salão, introduzindo-se profundamente no peito da Isabel e provocando-a ardência nos olhos. Tossindo fortemente, cobriu com a túnica o nariz e a boca e empurrou todo mundo para a parte frontal do salão onde o ar era mais limpo. Quando o fogo foi finalmente extinto, piscou para eliminar as lágrimas. Jesus! Morreriam pela fumaça?

Os rítmicos golpes continuaram sobre a porta.

O pequeno grupo do salão se agrupou, com os olhos totalmente abertos e os corpos trementes, as mulheres choramingavam.

—Lady Isabel? —inquiriu Russell a seu lado.

— Vamos nos manter firmes, Russell — se dirigiu para a ampla escada e subiu vários passos. Como se fossem um, a pequena massa de gente a seguiu— Se mantenham firmes todos! Mantenham firmes!

—Vão matar a todos! Tirão-nos os olhos e nos queimarão vivos! —gritou Mertred o curtidor. Sua esposa, Anne, também gritava e puxava o cabelo. Afligidos os aldeãos gemiam em uníssono, o medo de uma morte trágica os fazia instáveis. Todos eles sabiam que a invasão dos

¹² **Reynard**: Faz referencia ao protagonista de Roman de Renart que é um conjunto de poemas em Frances datados entre os séculos XII e XIII que parodiam o épico e a novela cortés. Estão ambientados em uma sociedade animal que imita a humana, e sua principal protagonista é Reynard, a raposa.

¹³ Madeiro pesado, com ponta recoberta de ferro, usado para romper portas de fortalezas



cavalheiros mercenários era iminente. Inclusive se conseguissem adiar, o tempo dentro do salão seria um inferno em vida.

—Meus filhos descansam na terra por culpa dos invasores. Não posso suportar mais. — choramingava Guntha, uma aldeã.

Isabel levantou as mãos e explicou:

—Estes cavalheiros do duque bastardo não são os mesmos que semearam o caos na aldeia! Esses covardes se mantêm escondidos, não se atreveriam a aproximar-se tanto — baixou a voz — Nay, estes cavalheiros são de uma índole diferente.

—Aye, capangas do diabo! Estamos perdidos!

A histeria tensionava o ambiente do salão, tanto, que Isabel poderia cortá-la com uma faca de mesa. A mente trabalhava procurando um plano alternativo. A negociação com o normando não era uma opção. Logo que pusesse um pé no salão, todos estariam perdidos. Necessitaria de um exército para expulsá-los. Arlys Lorde do Dunsworth, seu prometido, ainda não havia retornado de sua campanha ao lado do Harold. Entretanto, tinha ouvido que seguia vivo. Se soubesse de seu paradeiro, teria lhe escrito para que viesse em sua ajuda.

O agudo som do estilhaçado da madeira se infiltrou em seus pensamentos, enviando-os e dispersando-os em milhares de diferentes direções. Jesus! A porta tinha cedido!

Não era possível!

Enid gritou a seu lado:

—Milady! Estamos perdidos!

Isabel procurou Russel entre os aldeãos aterrorizados. Encontrou seus olhos por cima dos ombros encolhidos do escudeiro.

—Levem-nos para segurança de cima. Ponham barricadas nas portas. Não tirem as travas até que escutem minha voz, e só minha voz!

Enquanto as palavras saíam da boca, um matagal de aldeãos saiu em correria diante dela para subir a escada. Russell os seguiu lentamente.

—Milady, e você?

—Ficarei aqui, Rusell.

—Aqui? Você ficou...

Isabel lhe esbofeteou. O rosto do moço ficou carmesim.

—Não me questione, escudeiro. Tenho uma língua em minha boca e sei bem como a dirigir— engoliu com força e rezou à Santa Mãe pedindo ajuda. Se acaso a necessitasse fazer frente a esses soldados do inferno.

—Ocuparei-me dos aldeãos, milady, e logo estarei ao seu lado.

—Nay. — disse com calma— Vigiem até que ouçam minhas palavras.

Empurrou-lhe escada acima enquanto os contínuos golpes contra a madeira que rachavam a porta se faziam mais fortes. As vozes que provinham do outro lado do portão eram claramente audíveis. As palavras francesas não deixavam nenhuma dúvida de que esperavam estar dentro a qualquer momento. A promessa de castigo também era clara.

—Vai, Russel. Agora!



Quando o moço subiu as escadas para colocar aos aldeãos em várias câmaras e pô-los a salvo, Isabel girou e confrontou a maltratada porta. O portão de carvalho sacudiu, a sólida madeira rachou muito mais sob o impulso violento de outro ataque. As braçadeiras das travas estremeceram. Como se tivesse sido golpeada pelo mesmo aríete, o corpo a sacudiu violentamente.

Sua determinação vacilou durante um breve instante. Tinha sido uma louca por ficar e defender Rossmoor? Aqui, sozinha, no grande salão? O que pensava realmente que poderia obter uma mulher sozinha? Valiam o edifício de madeira e pedra mais que sua vida? A vida de seu povo?

Percorreu com o olhar as ricas tapeçarias que penduravam dos altos muros de pedra e o suntuoso mobiliário, logo se deteve no salão, sobre a cadeira de seu pai atapetada e de carvalho esculpido colocada em seu lugar favorito perto da agora fria chaminé. Negou-se que a movessem. Estava como ele a tinha deixado uns meses antes.

Um sorriso agri-doce vibrou dos lábios. Alefric. Seu pai nunca permitiria que outro homem se sentasse na cadeira. Nem sequer Geoff, que um dia seria o legítimo Lorde. Embora o fogo da vida atenuou-se grandemente dos olhos de seu pai pela morte de sua mãe por volta de seis anos, ainda reclamava seu lugar como o Lorde e dono de suas muitas propriedades. Lutaria até a morte para proteger a sua família e seu lar. E embora com seus sessenta e nove anos, reluzia a glória saxã de uma barba branca como a neve, ainda era uma força a ter em conta.

O coração pulsava muito rápido contra o peito. Seu pai teria sucumbido ante a espada normanda? O teria ocorrido a Geoff? Seu irmão amante da diversão, que tinha crescido o suficiente para fazê-lo, acabava de ser renomado cavaleiro. Tinha a saudade do cavalo quando partiu, prometendo-a que retornaria ao lar antes de seu aniversário em novembro.

Primeiro de novembro tinha chegado e passou sem nenhuma palavra de seu pai ou seu irmão.

—Milady! —chamou Russell da parte superior da escada, voltou-se para lhe encontrar pálido e com os olhos exagerados— Há mais cavaleiros no horizonte!

A esperança ressurgiu durante um momento.

—É o estandarte de meu pai?

—Nay, mais dos cavalos negros.

O estômago da Isabel caiu até os pés. Rapidamente, benzeu-se várias vezes.

—Vai, Russell, mantenham aos aldeãos em silêncio.

—Mas...

—Nay! Talvez com palavras de paz possa tirar esta ameaça do nosso senhorio. Agora vai.

Antes que Isabel saísse ao encontro da Espada Negra, aproximou-se até a parte de atrás da cadeira de seu pai e desprende uma espada da parede. Descansava ali mais como decoração, mas era sólida e digna de um adversário. Necessitou das duas mãos para baixar a arma do muro de pedra. Mas uma vez que a teve na mão, deslocou-se até o centro do salão, o único lar que tinha conhecido.

A emoção se apoderou do coração. Não podia imaginar aos estrangeiros chamando esse grande salão de lar. Poderiam considerá-la louca, mas como podia não manter-se firme e defendê-lo? Arrumou a espada nas mãos, consciente que não seria eficaz dirigindo tal arma. Pelo contrário, acariciou o punho de pedras preciosas da adaga que estava pendurava no cinturão. Posicionou-se. E esperou.

Que venham.





CAPÍTULO 2

—Se preparem para entrar! —disse Rohan a seus homens— A madeira cede!

Thorin, Ioan, Wulfson, e Rorick arremessaram o grosso tronco de carvalho para o golpe de misericórdia. Rhys, Stefan, e Warner empunharam igualmente. A unísono, os dois aríetes se estalaram contra a porta, e a madeira cedeu, abrindo-se com um desagradável chiado. Rohan fincou as esporas no Mordred, e se equilibrou ruidosamente através dos restos destroçados das defesas saxonas.

Com o escudo levantado e a espada pronta para usar, conduziu com o enorme cavalo de guerra no espaço aberto do salão. Esticou o corpo em preparação para um assalto total. Em lugar disso, a cena que lhe deu as boas-vindas o chocou.

Uma solitária donzela, a que tão descaradamente tinha lhe desafiado da torre, em pé na metade do grande salão. Uma espada aos pés, uma adaga obstinada apertadamente contra o peito. Imediatamente passou os olhos dela para a ampla escada que conduzia às câmaras de cima. Seus homens se desdobraram a pé por trás dele. Rohan instigou ao cavalo além da garota e subiu pela ampla escada, os cascos ferrados produziam um afiado som que estalava na pedra. Caminhou pelo estreito corredor, seguro de encontrar os aldeãos à espreita para guerrear com seu adversário. Pelo contrário, encontrou-se com um inquietante silêncio. Aye, os covardes se escondiam detrás das portas fechadas, permitindo que uma mera empregada se ocupasse de sua segurança. Rohan se burlou com desprezo.

Soltou as rédeas, e Mordred deu marcha atrás. Rohan permitiu que *o negro* se movesse a seu próprio passo pelos traiçoeiros degraus de pedra. A mulher permaneceu em pé, alta e orgulhosa, diante dele.

Deteve-se vários passos dela. Se ela se movisse, o arnês com pontas na pata do Mordred a fragmentaria pela metade. O sangue lhe correu quente pelas veias, e lhe ocorreu que desperdiçar tal beleza seria uma tragédia. Não era mais alta que um moço jovem. A grande cabeleira dourada pendurava grosseiramente ao redor do rosto e dos ombros, chegando até a total redondeza dos quadris. Os olhos da incomum cor de urze¹⁴ na primeira floração, emoldurados por grossos cílios negros, olhavam-no desafiante. A pele era da cor da nata fresca batida. As bochechas rosadas pelo frio do ar e, supôs, por sua inoportuna visita. Percorreu-a baixando o olhar para os exuberantes seios elevados pela cólera. Já os podia sentir inchar-se completamente sob as mãos, e o suave impulso dos quadris quando se reunissem na paixão. A guerra desse dia foi agradável. Desfrutaria dela enquanto ainda pudesse. Dado que amanhã podia encontrar-se cavalgando para o horizonte ao chamado de seu senhor.

Saudou com a cabeça, reconhecendo-a.

—Se incline respeitosamente ante seu novo senhor — lhe ordenou em francês.

—Nunca me inclinarei perante você — respondeu com veemência.

Rohan assentiu com a cabeça e olhou a seus homens, quem flanqueavam as paredes, as espadas prontas para usar. Esperavam só sua palavra para dirigir-se ao profundo do salão e tirar a força de seu esconderijo os saxões.

Lentamente, Rohan desmontou.

¹⁴ Nota PRT: a flor da urze tem o tom de lilás, neste caso os olhos devem ter a cor violeta.



O fôlego da Isabel ficou entupido no alto da garganta enquanto o diabo caminhava a grandes passos para ela. Todo som cessou, o mundo se deteve completamente. Olhos dourados brilharam intensamente atrás do negro elmo de metal. A grade protetora dividia o rosto em dois, lhe fazendo parecer inclusive mais ameaçador. Uma cicatriz em forma de meia lua, arruinava o queixo. Era enorme. Maior que qualquer homem com o que ela se encontrou em seus quase vinte e dois anos. Os ombros eram tão largos como a metade da largura da porta dupla de carvalho. As grossas pernas como sobreiros suportavam um amplo torso que levava uma escura armadura flexível com capa negra. Ela cravou os olhos no emblema desenhado no peito. A espada negra afundada através de um crânio, gotas de sangue carmesim pendiam da ponta. O manto não levava brasão. O destino de sua classe. Os rumores lhe chamavam sobrinho bastardo da mãe de William.

Os franceses o chamavam A Lambe Noir, os ingleses a Espada Negra.

O sangue a gelou, deixando a pele fria como o gelo. Era certo. O cavaleiro negro e o esquadrão da morte que lhe seguia eram célebres por sua habilidade ao matar. Isabel se atreveu a olhar além dele aos cavaleiros igualmente reconhecidos, em busca do gigante de ébano que segundo rumores podia matar a uma dúzia de homens com um golpe da espada.

Os lábios do Espada Negra se franziram em um mortal sorriso. Sentiu-se tão indefesa como um camundongo nas mandíbulas de um tranqüilo gato. Entretanto, manteve-se firme, recusando-se a marchar para trás.

—Firmes palavras para uma moça tão pequena — disse brandamente, o tom da voz provocava calafrios sobre a pele.

—Não me subestime, normando. Estou bem instruída em muitas coisas.

O cavaleiro negro avançou para ela, a larga pernada devorando a pequena distância. Levava a flexível armadura e as armas tão facilmente como ela levava uma cesta de flores. Deteve-se a um passo, elevando uns bons dois palmos acima dela. Como se fora tão insignificante como as esteiras de junco no chão, ele começou a examinar o vazio salão. Não lhe emprestou a menor atenção à adaga que empunhava na mão. Não tinha mais que cravar-lhe para atinar no negro coração. Reprimiu o impulso. Dirigiu o olhar para os homens que ele tinha detrás. A violência formava redemoinhos ao redor deles como o vento glacial do norte que passa pelos mouros nortistas. Em caso de que ele sucumbisse, haveria mais para tomar seu lugar.

Lutando contra o medo do legendário cavaleiro que tinha tão perto, Isabel percebeu seu aroma. Cheirava a couro e cavalo, a suor masculino. Mas mais sobressalente era o aroma da matança. O peito a contraiu, quando se deu conta que ficou olhando ao rosto da morte. Ele e seus homens encheram o grande salão de fatalidade, e tão forte como Isabel tinha sido sempre, sentiu-se pequena e insignificante em sua presença. Um forte tremor a sacudiu o corpo. Sua vida já não estava nas mãos de Deus a não ser nas de Satanás.

—Convoquem a sua gente que se escondem como covardes, e terei piedade deles.

—Não podem lhes fazer dano onde estão.

Olhou-a severamente.

—Talvez, mas posso machucar a sua senhora.

Isabel atacou com a adaga. Um instante depois, caiu com estrépito ao chão. Gritou de dor, esfregando-as mãos. O selvagem a agarrou pela parte dianteira da túnica. Deu-a um forte puxão para ele, e o fôlego a saiu precipitadamente do peito pelo impacto.



—Oxalá tivessem tido mais inteligência, senhora. —Deixou-a cair, e ela se encolheu no duro chão de pedra. Ele fez um gesto a seus homens— Tragam o aríete, e tirem a força.

Quando dois homens saíram através do portal aberto e retornaram com uma enorme viga, o cavaleiro negro, disse-lhes:

—Matem aos que resistirem.

Isabel se apressou a ficar em pé e se precipitou diante dos homens à medida que avançavam para a escada. Estendeu os braços como se pudesse detê-los.

—Nay! Eles não merecem sua ira!

Os cavaleiros passaram junto a ela e subiram pela escada, rebocando a grande peça de madeira. As portas das câmaras se separariam sob a força combinada dos homens e o aríete tão facilmente como gravetos na mão. Logo, o estridente martelar de golpes enérgicos nas portas ecoou através da sala. Os gritos de terror de sua gente os seguiram. Isabel voltou para o cavaleiro que estava tranqüilamente observando como seus homens aterrorizavam aos aldeãos.

Logo caiu no salão uma caótica ordem. Os cavaleiros assistidos por vários soldados a pé arrastavam aos aldeãos que resistiam, as mulheres gritavam, os homens, curiosamente, ficaram calados. O som do aríete derrubando a golpes mais portas trancadas ecoou em todo o comprido salão. Isabel se manteve silenciosa e observava preparada para oferecer apoio a qualquer dos aldeãos, que olhavam como se a espada normanda pudesse encontrar um ninho em suas barrigas. Percorreu com o olhar os rostos aterrorizados. Esperava que com a postura acalmada que oferecia ante os invasores, obtivessem um pouco de consolo. Não faria bem a nenhum deles que ela gritasse aos céus contra estes cavaleiros normandos. Devia ser a calma nessa tormenta e ver onde se assentaria.

Os olhos da Isabel rastrearam o salão antes de subir pelas escadas. Uma cara faltava entre os aldeãos e criados do castelo. O ruivo Russell.

—Quem se atrasa, donzela? —perguntou o Espada Negra por de trás.

Isabel deu a volta para olhá-lo. Estava em pé o suficientemente perto dela que tudo o que tinha que fazer era estender a mão para lhe tocar o peito.

—Ninguém. — sussurrou.

—Se mentir para mim...

Ele deu um passo para trás e se dirigiu às pessoas reunidas, fazendo um sinal a seus homens para que os agrupassem mais.

Quando a aterrorizada gente estava apertadamente junta e submetida, *La Lame Noir* se voltou para a Isabel. O mesmo sorriso torcido que tinha lhe concedido a um momento retornou.

—Agora, rapariga, se inclinará perante mim em frente a sua gente a fim de que me aceitem como seu senhor.

Isabel ficou sem fôlego pela petição.

—Nunca me inclinarei ante um bastardo!

Os homens do cavaleiro negro boquiabertos ficaram pasmados. Como falou em francês ao cavaleiro, seu povo não teve conhecimento do que disse. Estava agradecida, já que não sabia o que exigiria dela.

O cavaleiro negro jogou para trás a cabeça e soltou uma gargalhada. Com a mão a sujeitava fortemente do ombro, os dedos incrustados profundamente na pele. Em perfeito inglês, ele disse:



—De joelhos, donzela. Para cada momento que se negar, uma cabeça rodará através dos juncos.

O orgulho empreendeu uma terrível guerra com o medo. A Espada Negra levantou uma mão, e um dos cavaleiros mais próximos a ela agarrou Enid. A faxineira gritou. Isabel mordeu os lábios com tanta força que saboreou o cobre de seu próprio sangue. Deixou-se cair de joelhos. Mas não inclinou a cabeça de modo respeitoso. Olhou-o com dureza, com os olhos entreabertos. Depois lhe cuspiu.

Os leoninos olhos se sobressaltaram com surpresa. E uma vez mais o aterrador sorriso lhe torceu os lábios.

—Desfrutarei quebrando seu espírito, Lady Isabel.

Ele se agachou, e enquanto a elevava, um silvo agudo de ar agitou o comprido cabelo, seguido pelo grito de guerra de um insensato moço. Isabel gritou e deu um passo atrás enquanto uma flecha golpeou o cavaleiro escuro no peito. Quando a seta ricocheteou e caiu ao chão, a mandíbula se desprendeu.

No tempo que tomou um piscar, os cavaleiros se adiantaram. O cavaleiro escuro ladrou uma ordem para deter seus homens. O menino era dele. Os olhos de Rohan nunca se separaram de Russell, quem estava desafiante a metade do caminho da escada. Isabel sabia que ele pagaria com a vida pelo ataque. Não podia suportar a perda. Com fria, dura compreensão, Isabel se colocou diretamente frente à trajetória do cavaleiro para a escada.

Enquanto ele alcançava a tocha de guerra e a lançava através do salão, Rohan a empurrou para um lado. Isabel ficou paralisada com horror, observando o movimento da arma quando a passou por cima da cabeça em direção a Russell, parecendo em câmara lenta. O moço correu a toda pressa para o oco da escada, onde o fio da arma mordeu fundo na nuca de sua túnica e se cravou na viga de madeira.

O furioso cavaleiro se precipitou pela escada, liberando a tocha de madeira e levantando-a para separar a cabeça do Russell do corpo. Isabel se equilibrou subindo pela escada, jogando-se nas costas do menino.

—Nay! Não lhe matem!

O cavaleiro rugiu de irritação e a agarrou com um punho da túnica, levantando-a a grande altura. Uma tormenta deu começo nos ângulos afiados do rosto, mas Isabel recusou acovardar-se. Era por ela que Russell se encarregou por si mesmo de defender sua honra. Olho por olho com o filho de Satanás, Isabel levantou o queixo, embora a prendesse como se empunhasse um trapo de cozinha.

Os olhos brilharam resplandecentes antes que se endurecessem outra vez.

—Não interfira, moça!

Chutou-lhe na tíbia.

—Não sou uma empregada. Sou Lady do Rossmoor. E como tal, tenho direito a algumas palavras. Não machuque o menino!

A surpresa faiscou nos olhos.

—Exige o que já não é seu. Sou o senhor aqui até que William ordene o contrário.

—És tão demoníaco que assassina meninos, assim como a seus pais?

O cavaleiro grunhiu baixo:

—Dou-lhes a morte aqueles que me matariam.



—Não é mais que um menino tratando de proteger a sua senhora. Desculpem sua lealdade comigo.

—Não perdão a ninguém que tente findar meu tempo nesta terra. Sofrerá o castigo, como os anteriores que o tentaram e falharam.

—Nay! Não podem! É assassinato!

—Chame como quiser moça, mas verei feito.

Soltou-a, e ela se desabou nos degraus, golpeando as costas duramente contra a parede. O cavaleiro deu um passo junto a ela e se dirigiu para Russell, que tinha se arrastado até a parte superior da escada. Podia ter escapado e se escondeu, enquanto ela ainda advogava por sua vida com o Espada Negra, mas Russell se manteve firme. Isabel subiu pela escada atrás do cavaleiro e agarrou a manga de sua luva de malha.

—Rogo-te isso, perdoe o menino. *Tenham piedade dele!*

O cavaleiro se voltou bruscamente, e ela se lançou com força contra suas pernas. Antes que ricocheteasse, agarrou-a pela manga e a levantou contra a fria dureza da malha que lhe cobria o peito. Seus olhares se encontraram. A fúria passou ao esquecimento enquanto um tormentoso terror a cativava.

Como se pudesse ver seu futuro, Isabel se viu compartilhando-o com este homem. O corpo nu, brilhando com o suor enquanto ele empurrava entre suas coxas. O corpo ficou imóvel. Pois seria o preço que exigiria pela vida do menino. Fechou os olhos com força, sabendo tão certo quanto era Lady Isabel, filha de Lorde Alefric e Lady Joan, que esse homem teria sua virgindade como o preço pela vida do moço.

E, como estava previsto, deslizou a mão pelas costas, pressionando os corpos para ficarem mais intimamente juntos.

—Que preço porão pela cabeça do menino, rapariga?

Sem vacilar, Isabel respondeu:

—Dou-lhes minha vida pela sua.

Os olhos se escureceram, apartou-a com força dele. Com um lento olhar, avaliando-a, estudou-a atentamente da ponta dos suaves escarpim de couro até os quadris, depois aos seios. Quando os olhos se levantaram para encontrar-se com os dela, em voz baixa disse:

—Sua vida não é importante para mim. —Pressionou o seio com a mão— Me parece, entretanto, que têm algo sob sua túnica que me interessa mais.

Embora disposta a sacrificar-se pelo Russell, Isabel não o aceitaria tão facilmente. Deixaria-lhe fechar um acordo, mas em seus termos.

—Só tenho minha pessoa, senhor!

Ele riu sarcasticamente, mostrando uns dentes perfeitamente brancos.

—A isso que me referia.

Seus homens deram gritos e uivaram como gatos, lhe incitando. A determinação da Isabel se esticou.

—Não posso lhes dar o que pedem, Cavaleiro. Prometeram-me a outro. Se meu prometido desse sua permissão, então veriam sua petição cumprida. Mas não está aqui.



Seu rosto se escureceu. A esperança se inchou. Isabel pressionou sobre o tema.

—Cavalheiro, queres manchar a senhora do castelo só para que minha gente se levante e tome as armas contra você para defender minha honra?

Os olhos se iluminaram.

—Mataria a qualquer homem ou mulher que nos levantasse uma mão fosse para mim ou para meus homens.

—Roubaria em seguida, o que não é seu para sua posse? És tão ladrão como assassino? — acusou.

—Não sou um ladrão — apertou os lábios, e os olhos se voltaram muito frios. Pesquisou o recinto com os aldeãos congregados— Algum de vocês reclama esta moça como sua prometida? — perguntou em inglês.

Não a surpreendeu que falasse sua língua, embora devesse ter feito.

Com os olhos muito abertos, a gente do Rossmoor guardou silêncio. O cavaleiro voltou sua atenção para ela.

—Seu galã não está aqui. Suas terras, como as vossas, sem dúvida estão nas mãos de meus companheiros normandos. Seu compromisso já não é válido, a menos que William dite o contrário.

—Arlys é um dos vassalos de maior confiança de Harold. Não consentirá tão facilmente.

—Harold deixou de existir.

—Isso pode ser, senhor, mas Arlys é um nobre. Lutou junto a Harold no Stamford Bridge e meu pai e meu irmão no Hastings. Podem reconsiderar sua posição aqui. Espero sua volta a qualquer momento.

Então ele sorriu abertamente. Em lugar de suavizar o semblante, endureceu os ângulos afiando-os como pedra esculpida.

—Eu estive ali. Houve poucos sobreviventes no Senlac Hill. William esteve no comando todo o dia. — percorreu-a com os olhos, e ela leu o desprezo no gesto— Não acha que seus parentes teriam retornado para casa por estes tempos se vivessem?

O estômago a agitou como se um enxame de furiosas abelhas zumbisse no interior. Lutou contra o impulso de vomitar. Saber que dizia a verdade fez que Isabel reafirmasse sua decisão. Seu pai e seu irmão não teriam morrido em vão. Fechou os olhos, logo os abriu e olhou ao homem que tinha diante em pé. Não teve consideração com seu coração, ou aos corações de outros saxões, aos lhes informar que o sangue de seus semelhantes se perdeu para sempre e nada menos por um conquistador bastardo! Isabel estava decidida. Até que não tivesse uma prova definitiva de que seus parentes jaziam em terra inglesa, faria tudo o que estivesse em seu poder para conservar o que era legitimamente seu das famintas mãos desses homens e do duque bastardo.

Aye, o sangue escandinavo de sua bisavó Sigmund correu tão acaloradamente pelas veias como o espírito guerreiro de seus parentes anglo-saxões. Levantou o queixo, recusando dar-se por vencida ou dar a esse homem frente a ela, a satisfação de vê-la acovardar-se. Era Isabel do Alethorpe e o espírito guerreiro corria extenso e profundo no sangue.

—Não esteja tão seguro de que meus familiares não voltarão. Lorde Dunsworth terá sua cabeça pela ofensa, e igual ao meu pai e meu irmão. Não têm direitos aqui.

—Tenho todo o direito. William é o rei legítimo. E eu Rohan du Luc, seu capitão: —Sir Rohan se dirigiu às pessoas reunida do salão— Ele me outorga o direito de reclamar terras em seu nome. —se



voltou para a Isabel— Não vejo um herdeiro vivo aqui. Por direito de conquista, reclamo este castelo, sua gente, e tudo o que lhe rodeia. — se aproximou da Isabel—Isso inclui você, Lady Isabel. Desde momento em diante, você e tudo ligado a este senhorio são propriedade de William.

A brutal verdade das palavras penetrou na negativa. E caso que Arlys aparecesse por arte de magia, o mais provável era que sua promessa de matrimônio não tivesse nenhum valor ante este novo reinado de terror. Assim é que usaria qualquer método a seu alcance para fazer oscilar esse chicote e lhes deixar ao menos uma biografia de suas anteriores vidas, até que pudessem desfazer-se permanentemente do jugo normando.

Isabel olhou além do Sir Rohan a seus homens. Vestidos com capas negras com a mesma insígnia que seu líder, sobre flexíveis armaduras negras, com escudos e cascos negros, só o brilho dos olhos dos mercenários e o conjunto das mandíbulas afiadas lhe dava um sinal do fato que eram humanos e não demônios. O montão mais brutal de cavaleiros que se pudesse imaginar. Sua gente se acovardou ante o temor de ter suas vidas a seus pés. Voltou a olhar a du Luc. Era o mais perverso de todos eles.

—Então, ultrajariam-me?

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

—Nay, mas tomarei os encantos que moram sob sua túnica em troca da vida do néscio jovem.

—Será minha ruína?

—Nunca a ruína, te asseguro isso.

—Serei inapropriada para o matrimônio!

—Nay, você será educada como uma boa amante para seu marido.

O calor a inundou as bochechas. Como se atrevia a falar de maneira tão superficial do que para ela era tão prezado? Dirigiu os olhos para Enid, quem estava agachada aos pés de um alto cavaleiro. Os olhos da faxineira lhe suplicavam. Russell era o filho de sua irmã. O coração da Isabel trovejou contra o peito. Não tinha escolha. Devia usar todos os meios a seu alcance para salvar a vida de cada pessoa no salão.

—Ninguém me quererá depois do toque de um normando!

Rohan encolheu os grandes ombros.

—Isso não é assunto meu.

Isabel lhe golpeou. A mão colidiu com a maior parte do elmo¹⁵. Sobressaltou-se enquanto fragmentos de dor disparavam pelo braço. Rohan a puxou pela mão, atraindo-a com força contra o peito. Um baixo e ameaçador grunhido retumbou profundo no peito.

—Cuidado, donzela, sou incapaz de golpear uma mulher por tal insolência. — a separou dele. Permaneceu em pé olhando-a onde tinha aterrissado nos juncos— Qual é sua decisão?

Isabel escorregou pra longe dele.

—Eu... lhe darei o que pede pela vida de meu escudeiro.

Rohan a apontou com a espada ao peito.

—E o que é que entregas?

¹⁵ Espécie de capacete usado por guerreiros.



O corpo dela tremia.

Deslizou a ponta da espada pelo peito para o ventre, logo mais abaixo. Em um movimento lento, pausado, levantou a prega da túnica, revelando uma panturrilha nua.

—Diga-me isso faça o juramento aqui frente a seu povo e meus homens. Em primeiro lugar, em minha língua, e em seguida na sua.

A humilhação cavalgou com força nela. Abriu a boca várias vezes para dizer as palavras, mas não queriam sair. Quando ele moveu mais para cima a ponta da espada, deixando-a ao descoberto a coxa, Isabel ficou sem fôlego e interromperam as palavras.

—Permitirei-lhe me manchar, em troca de seu juramento de não machucar a Russell — cuspiu em francês.

—Agora, para que sua gente possa entender.

Engasgaram-lhe as palavras em inglês.

Rohan empurrou com a espada a barra do vestido de volta aos tornozelos e a embainhou.

—Aye, pela tentativa de seu homem contra minha vida, perdôo-lhe da morte, em troca de tudo o que há sob sua túnica.

Com um rápido movimento, atraiu-a para ele e comprimiu os lábios com os seus. A dor do assalto a chocou. Com a mesma rapidez, soltou-a. Os olhos flamejavam sob o elmo. Afastou-se dela, mas advertiu:

—Sou um homem de palavra, donzela. Não me decepcione. Quando este dia chegar a seu fim, esteja disponível.

O som ensurdecador de mais cavaleiros chegando quebrou a pesada tensão do salão.



CAPÍTULO 3

—Ioan, se ocupe destes caipiras. Wulfson me traga o menino. O resto me siga! — clamou Rohan, com uma alta nota de vitória na voz. Montou a cavalo e desapareceu do salão.

Isabel deixou escapar um profundo suspiro que não sabia que estava contendo, contente no momento que o arrogante guerreiro se foi.

Russell baixou do patamar superior.

—Moço! — chamou ao que os ingleses tinham chamado Wulfson, assinalando com a espada a Russell— Venha comigo.

Isabel se colocou entre os dois.

—Nay! Não deve ser machucado.

Wulfson passou junto a ela e agarrou pelo braço ao Russell.

—Tem que ser castigado.

—Nay! —gritou Isabel.

—Milady, irei. — afirmou Russell.

Observou a cara do menino. Enfrentava com orgulho. Entretanto, havia medo em seus olhos.

—Mas...

—Nay, aceitarei o castigo que os normandos me apliquem. Dou-lhes obrigado por minha vida. — se inclinou e agarrando-a as mãos as beijou— vou restaurar sua honra, milady, mesmo que seja a última coisa que faça.

Wulfson riu.

—Cuidado, pequeno saxão, não há ninguém que possa superar a *Lambe Noir* na batalha ou em engenho. Aceita seu castigo e passamos disso.

Com estas palavras, o cavaleiro levou Russell através do salão para as golpeadas portas.

Isabel voou por trás deles para o pátio. A vista que a saudou estava muito longe do que esperava. Um novo horror a encheu o coração. Com o iminente castigo do Russell esquecido, ficou cravada na soleira e viu quase a metade de uma vintena mais de cavaleiros preparados para a batalha e outra vintena mais de soldados de pé que enchiam o pátio. *Les morts* tinham chegado com força. Era um espetáculo terrivelmente impressionante de contemplar. Os cavalos negros como a noite, montados por cavaleiros do mesmo negro, abarrotavam o pátio cheio de gente. Viu também um gigante de ébano precipitar-se de seu cavalo, caindo na dura pavimentação. Um forte susurrar saiu do peito quando foi golpeado, mas com exceção disso, ficou imóvel.

Isabel mordeu o lábio inferior nervosamente. Olhou Rohan depois ao gigante abatido, logo depois de retorno a Rohan, quem se movia com uma agilidade surpreendente para alguém com tantos obstáculos.

—Manhku! —gritou du Luc, abrindo passo entre cavalos protegidos com armaduras e cavaleiros desmontados. Quando se aproximou do homem abatido, ela perdeu os dois de vista



enquanto os outros homens os rodeavam. Mas a penetrante voz cresceu como a espuma— O que lhe derrubou?

Uma voz profunda respondeu.

—Foi um machado saxão, Rohan. Uma covarde emboscada justo no início do caminho. É o que nos reteve.

—Aye. —disse outra voz profunda—A lâmina ainda está incrustada.

A confusão nublou o pensamento da Isabel. Um machado saxão? Como podia ser? Os aldeãos não tinham a audácia de atacar aos cavaleiros montados. De fato, muitos tinham fugido aos bosques ao primeiro sinal de problemas, quando uma banda de assaltantes golpeou fazia quinze dias. Não levavam estandartes ou brasões, pareciam ser simplesmente um bando de covardes bandidos com inclinação à destruição.

Rohan se ajoelhou ao lado do imóvel corpo de seu amigo. Passou a mão pela grossa cabeça de aço do machado, incrustado profundamente na coxa do homem. Manhku gemeu. O sangue emanava com um fluxo constante da ferida para o chão de pedra do pátio.

—Necessita uma mão mais perita do que eu possuo —disse Rohan, voltando-se para sua mão direita, Thorin.

O Vikingo passou para o lado de Rohan.

—Aye, vou avisar ao curador, Rohan.

—Duvido que qualquer saxão se empreste para a tarefa. — respondeu a voz grave de Rohan.

Seus homens abriram caminho quando Rohan se moveu entre eles. Procurava à atrevida e audaz Lady Isabel. Não teve que ir muito longe. Ela estava em pé na soleira do torreão. O sangue de Rohan se esquentou ante a visão. A brisa matutina pressionava o tecido da roupa contra as curvas, enfatizando cada voluptuosa linha. A cabeça ao descoberto brilhava dourada sob o sol da manhã. Os grandes olhos cor violeta como safiras do Longínquo Oriente lhe olhavam fixamente sem o menor indício de medo. De fato, a moça lhe olhava como se fora enfrentar-lo com uma espada. Oxalá William tivesse mais homens com seu espírito, teria tomado Senlac com a metade das perdas que teve.

—Donzela, meu homem está gravemente ferido. Eu gostaria que chamassem o curador.

—Maylyn morreu faz dois dias pela espada de um covarde assaltante.

—Quem mais há perito em curar? — viu como a cara a nublava para logo passar à compreensão. Para uma garota tão cheia de palavras, parecia as haver perdido todas— Fale. Meu homem está morrendo sangrando!

A contra gosto respondeu:

—Possuo habilidades de cura, mas não posso jurar que possa salvá-lo.

Rohan a agarrou pelo braço e a arrastou detrás de si para o homem abatido.

Bruscamente, empurrou-a pondo-a de joelhos. Lançou-lhe um furioso olhar, para logo voltar para a tarefa encomendada. Aproximou-se do Manhku e pôs a mão suave sobre a pele aberta, ao redor da cabeça incrustada do machado. A força do golpe tinha atravessado limpamente o pedaço de malha. Voltou-se com olhos de preocupação ao Rohan.

—A ferida é profunda, e perdeu muito sangue. Não sei se possuo a habilidade para salvar sua vida.



Rohan se ajoelhou a seu lado. Pôs a mão sobre a dela.

—Salve-o e lhe concederei qualquer petição que esteja em meu poder.

Ele sentiu tremer a mão sob a sua. E se as circunstâncias fossem diferentes, tombaria-a aí mesmo e daria a seu inocente corpo mais estremecimentos que o simples contato da mão. Por um breve instante, encontrou-se capturado por esses grandes olhos violetas. A curva delicada do nariz deu uma labareda. Notou um sutil leque de sardas através do nariz. Baixou os olhos para os lábios entreabertos. Eram carnudos e da cor de uma rosa de sangue. Ela umedeceu os lábios, lhes dando brilho. Rohan lhe apertou a mão com mais força. Ela se sobressaltou, mas não emitiu nenhum som.

—Cavalheiro, sou incapaz de trabalhar com uma mão só.

Rohan retrocedeu, soltando-a.

Levantou-se com a mão direita sobre a espada, Rohan a observou rasgar uma tira da prega do vestido, deslocá-la e removê-la através e ao redor de suas camadas de roupa antes de assegurá-la ao redor da coxa do Manhku justo por cima da ferida. Retorceu o tecido até esticá-lo, continuando, tomou a adaga do cinturão. Antes que a tirasse da bainha, o instinto guerreiro de Rohan se apoderou dele. Tomando a arma de sua mão. Isabel chiou e se apartou. Voltou uns assassinos olhos para ele. Rohan agarrou a adaga do chão. A donzela imediatamente se acalmou, apertou as unhas até deixar os nódulos brancos com as mãos na cintura. Ficou em pé, jogando os ombros para trás. Enquanto o fazia, o aroma suave de urze lhe formou redemoinhos ao redor do nariz. Estendeu-lhe a mão, com a palma para cima, pedindo a arma.

—Cavalheiro tolo! Para salva-lo tenho que formar um torniquete. Dê-me a faca.

Os olhos se enfrentaram. E pela segunda vez nesse dia, algo sobre o espírito guerreiro desta mulher lhe comoveu. Tinha invadido seu lar, aprisionado a sua gente, a humilhado na frente deles, e aí estava ela, cuspidando o fogo do inferno para que a devolvesse a adaga para salvar seu homem. Entreabriu os olhos. Era uma bruxa? Ou estava cegado por sua beleza?

Rohan ofegou ante a idéia. Só havia uma mulher nesta terra que teve algo de seu afeto. E estava morta.

Rohan lançou ao ar o punho da adaga agarrando-a pela ponta. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. O penetrante olhar percorreu seu rosto, firmando-se nos olhos cor de urze que brilhavam com indignação para ele. Lançou a adaga uma última vez, agarrando-a pela ponta da lâmina antes de entregar-lhe pelo cabo. A outra mão transferida ao punho da espada. A moça fez pouco caso da ameaça, lhe dando as costas e inclinando-se para continuar com a tarefa.

Retorceu a tira do tecido esticando-a mais, envolvendo os extremos ao redor da adaga e atando-os para formar um torniquete. Ficou em pé, secando as mãos na túnica.

—Levem-no ao salão. Que um de seus homens prepare um leito com palha do abrigo e a coloque diante da grande chaminé.

Os cavalheiros se apressaram para obedecer. Quande Rohan a ajudou a levantar-se com uma mão em seu cotovelo, ela apartou o braço.

—Eu não quero nada de você, normando.

Isabel se afastou a grandes passos tão rapidamente como pôde do irritante cavalheiro, e sem olhar, como se estivesse fugindo dele.

Uma vez que o gigante de ébano estava instalado frente ao fogo recém reavivado da grande chaminé, Isabel se inclinou a seu lado, verificando o torniquete. Levantou o olhar para o Rohan, franzindo o cenho.



—Necessito de outra faca, esquentada até um vermelho vivo.

Sustentou o duro olhar. Um tremor a percorreu e saltou atravessando-a a pele, mas se negou a voltar atrás. Quando continuou olhando-a, sem responder, levantou as mãos para o ar.

—Uma faca ou morre.

—Nay.

Ela negou com a cabeça.

—Então não posso te ajudar, senhor.

Quando tentou passar ao lado do teimoso cavaleiro, um braço saiu disparado detendo-a. A captura, embora firme, nem doeu nem a acalmou. Olhou-o nos olhos. O elmo protegia a maior parte do rosto, mas podia ver o brilho dos dourados olhos e a teimosa linha da mandíbula marcada com uma cicatriz. Seu contínuo silêncio a frustrou. Lhe ocorreu então que este não era um homem que mudava de idéia uma vez que tomava uma decisão. E apesar de que certamente não era partidária de salvar um inimigo, não podia, em sua consciência, permitir que um homem morresse quando possuía habilidades que poderiam lhe dar uma oportunidade de seguir vivo. Olhou mais à frente do teimoso cavaleiro para o homem chamado Thorin e franziu o cenho. Em uma inspeção mais detalhada, ao que parecia... Tinha um olho só!

Ele sorriu abertamente ante a inesperada reação e tirou o elmo da cabeça, removendo para trás o capuz, expondo completamente a cabeça com um comprido cabelo loiro. Mas o que mais a cativou foi o contraste da pele bronzeada e o curativo de couro negro que lhe cobria o olho direito. Uma dentada cicatriz saía diretamente debaixo do couro descendo pela bochecha até a mandíbula. O único olho que era de uma profunda cor avelã. A mesma cicatriz em forma de meia lua, parecida com a de seu senhor, marcava-lhe o queixo. Era tão grande como Rohan e levava o peso de seu ofício sem esforço.

Afastou o olhar dele e o dirigiu a cada um dos cavaleiros em pé detrás dele. E igualmente o que fez seu senhor, cada um a encarou firmemente, como se tivessem mais direito que ela em estar no salão. Observou de novo a Rohan, com o olhar fixo sobre a pequena cicatriz em forma de meia lua do queixo, logo depois de volta aos cavaleiros que estavam mais perto. Vários deles levavam a mesma marca. E enquanto muitos dos *Les morts* luziam a capa negra adornada com a horrível caveira, só os cavaleiros com os queixos marcados os levavam com a sangrenta espada afundada nela. Estes homens eram mais que guerreiros cheios de cicatrizes de guerra, eram guerreiros forjados na batalha. Um frio profundo transpassou seus ossos quando a imaginação correu descontrolada com cruéis visões destes cavaleiros cortando a machadadas seus parentes nas ensangüentadas ladeiras da batalha.

O gigante gemeu, perturbando o inquietante silêncio. Isabel voltou uma vez mais a atenção para o Rohan.

—Não posso deter o fluxo de sangue por muito tempo só com o torniquete. Depois de limpar a ferida, vou necessitar um abrasador para deter o sangue do profundo corte. É extremo, mas de outra maneira o fluxo não será detido. Tenho que fazê-lo agora.

—Não confio nas mulheres em geral, moça, e menos ainda nas mulheres saxonas. Se assegure de que a faca não escorregue. — moveu a mão para o punho da grande espada— Tome nota de minhas palavras, minha espada nunca perde seu alvo.

Os olhos de Isabel se entreabriram.

—Isso não é nenhuma surpresa para mim, normando. A inclinação de seu duque em assassinar mulheres e meninos naturalmente só deveria recair em seus cavaleiros.



Rohan grunhiu, mas não negou a acusação.

Passou perto dele para ir procurar as ervas curativas. Agarrando-a pelo braço a virou para encará-la.

—Poderia aprender a pedir permissão para se afastar de mim, mocinha.

Com os punhos apertados, a fúria se desatou por ter que pedir permissão a este homem em seu próprio lar, para ajudar a seu homem que se alguma vez levantasse, sem dúvida, mataria mais de sua gente. Não era justo! Com a voz mais doce, Isabel lhe perguntou:

—Dá-me sua permissão para ir à câmara da senhora para pegar as ervas curativas?

Com uma inclinação de cabeça ele deu permissão. Ela se abaixou em uma profunda reverência e disse:

—És muito amável, Cavaleiro.

Então se afastou e se apressou a subir as escadas, só para enfurecer-se mais pela repentina ordem de Rohan dada a seu homem.

—Ioan! Escolte a dama até sua câmara.

Isabel se adiantou, fazendo pouco caso do corpulento gigante que ia atrás dela. Quando se apressou para retornar pela escada, reparou que muitos dos cavaleiros tiraram os elmos, mas continuavam acariciando os punhos das espadas e mantendo os olhos cautelosos sobre ela. Rohan ainda levava o elmo.

Isabel colocou a cesta e a roupa branca junto à lareira acesa. Enquanto ficou a triturar as ervas em um caldeirão de água fervendo, olhou ao cavaleiro e lhe perguntou:

—Como tamparam a chaminé?

Seus lábios se franziram com um lacônico sorriso.

—Uma flecha bem colocada com uma grossa pele tampando a parte superior.

Isabel assentiu e voltou para seu trabalho. Uma vez que as ervas estavam amassadas, tirou uma pequena pele do bolso e introduziu um líquido com um aroma amargo na panela. O penetrante aroma ardia os olhos. Piscou para conter as lágrimas, mas o bateu bem misturando todos os ingredientes. Logo encharcou as roupas brancas na beberagem. Da cesta, Isabel tirou uma tigela com bálsamo cicatrizante. Inundou uma concha de sopa na beberagem e jogou uma pequena quantidade dele no recipiente mesclando-o tudo junto. Sem olhá-lo, deu para du Luc.

—Segure isto, e me dê isso quando lhe disser.

Ele tomou, e Isabel se inclinou à tarefa. Com cuidado, limpou a zona ao redor da ferida com o pano que tinha submerso no caldeirão de ervas. Quando considerou que a área estava limpa, habilmente desencaixou a cabeça do machado tirando da ferida. Os cavaleiros se aproximaram para ver melhor. Isabel levou a mão à garganta ante a nauseante visão. A ferida se abria extensamente, expondo o branco dos ossos do Manhku. Era um milagre que vivesse.

Uma pesada mão se apoiou sobre o ombro.

—Donzela? —inquiriu Rohan com voz rouca.

Sacudiu a mão e olhou mais de perto a ferida. A agulha não teria nenhum sentido aqui. A única opção era a que suspeitava. Um abrasador. Tragou saliva, agarrou a adaga encravada nas brasas da chaminé, lavou-o no caldeirão fumegante para limpar as cinzas, e logo a afundou na ferida aberta.



O inconsciente gigante gritou, com os músculos apertados com força, mas não se moveu. De fato, o desmaio se aprofundou.

Isabel passou rapidamente o lado plano da lamina por dentro e ao redor da rasgada carne. Apesar de ter visto realizarem este procedimento várias vezes, nunca tinha estado tão perto do aroma de carne queimada. O que fez o estômago subir e abaixar. Apertou fortemente os dentes para não esvaziar o conteúdo. Uma vez que concluiu, voltou a pôr a adaga nas brasas e se sentou sobre os calcanhares.

Enquanto a ferida esfriava, Isabel fez uma emplastra de pão preto e ervas. Colocando-se de lado, cortou a parte inferior das ligaduras de couro e o calçado do Manhku. Dobrou a roupa em um apertado quadrado. Quando começou a levantar a pesada perna de Manhku, du Luc se inclinou para frente para ajudá-la. Ela colocou a roupa debaixo do joelho e elevou a coxa.

Rogando que a cauterização se mantivesse, Isabel lentamente soltou o torniquete. Em cada liberadora volta, continha mais fortemente a respiração. Quando por fim teve o tecido solto na mão, deixou escapar um profundo suspiro de alívio. Mantinha-se.

—A tigela, por favor. — pediu.

Du Luc a entregou. Colocou dois dedos no bálsamo e em seguida, colocou-o sobre e ao redor da ferida. Uma vez que a lesão estava coberta, moldou o emplastro para acomodá-lo e brandamente o pressionou. Rasgou várias malhas de linho em largas tiras e enfaixou a perna. Antes de recuar para examinar o trabalho, Isabel afastou uma errante mecha de cabelo da frente e notou o suor na pele apesar da frieza do ar. Voltou-se olhando com receio ao cavaleiro que estava a vários pés dela.

Por um longo momento, ele ficou com o olhar fixo, com o rosto escondido detrás da sombra do elmo.

—Posso lhes assegurar, Cavaleiro, que ao menos no momento, estão a salvo de um ataque saxão. Tirará o elmo a fim de que possa ver a cara de Satanás?

—Teme esse anjo caído?

—Nay, só temo a Deus.

Primeiro tirou as manoplas de malha. As mãos eram maiores do que pareciam cobertas. Mãos fortes com dedos largos e grossos. Mãos que matavam. Elevou o olhar à cara. Lentamente, tirou o elmo, e retirou o capuz para revelar um espesso cabelo até os ombros da cor de uma noite sem lua. Quando ele se aproximou ficando agachado junto a ela, franziu os lábios. O impacto total de suas rudes feições pegou Isabel despreparada. Até mesmo com a linha irregular e feroz de uma recente cicatriz no lado esquerdo do rosto e outra que cruzava o queixo, não podia dizer que não era de aparência agradável. A linha aristocrática por parte de seu pai se destacava na amplitude dos olhos, nas altas maçãs do rosto e no nariz aquilino. O corte contundente da barba induzia para linha da cicatriz como se tratasse de dizer que estava ali.

Vibraram as entranhas quando a visão dele dobrando-a em sua vontade sexual relampejou em sua cabeça. O pânico se rasgou atravessando-a com a fúria de um redemoinho. O corpo se esticou como a corda de um arco. Até que se lembrou do juramento de lhe conceder qualquer desejo para poder salvar a seu homem. Deixando escapar um comprido suspiro, Isabel acalmou os nervos e voltou a prestar atenção no gigante.

—Seu Manhku curará enquanto permanecer estirado e a ferida tiver tempo para cicatrizar. Uma vez curada, não vai ser bonita, e ele terá menos força. — apertou o dorso da mão na testa molhada— Reze que não tenha febre. A consequência, em caso de sobreviver, será um suporte de madeira.



Lutou para levantar-se, tinha as pernas tensas pela posição que estava sobre o duro chão de pedra. O cavaleiro escuro a agarrou pelo cotovelo. Apartou-lhe a mão e quase caiu sobre o fogo. Rohan a segurou, rindo de sua luta para libertar-se dele.

—Não mordo, donzela.

Com renúncia, Isabel lhe permitiu que a estabilizasse e a levantasse.

—Não é sua mordida o que me preocupa, senhor.

Jogou a cabeça para trás e irrompeu em gargalhadas. Olhou-a fixamente com um genuíno sorriso nos formosos lábios. Algo a tocou profundamente por dentro. A transformação no rosto quando sorria era assombrosa.

Baixou a voz e como se estivessem sozinhos no grande salão disse:

—Bem que poderia achar que anseia minha mordida.

O calor se precipitou nas bochechas da Isabel. Pôs as costas rígidas.

—Nunca!

Ele alargou o zombador sorriso e inclinando a cabeça sussurrou:

—Nunca diga nunca, donzela. Essas palavras podem voltar para atormentar você.

Isabel retrocedeu um passo, negando com a cabeça. A espessa juba se aglomerava ao redor dos ombros.

—Não me fale dessas coisas. Não é decente!

Ante as palavras, o rosto tornou-se inexpressivo e os olhos se endureceram.

—Tampouco eu sou.

O coração martelou contra a parede do peito. Um minuto ameaçava sua vida e no seguinte o fazia promessas de prazer? Sua ação seguinte a pasmou ainda mais. Como se ela fosse a dama do reino, deu um passo atrás e se inclinou fazendo uma reverência muito galantemente.

—Lady Isabel, ao que parece a vida de meu homem foi salva graças a sua experiente mão. Que prêmio escolhe pela vida que salvou?

Ela sorriu docemente e lhe fez uma reverência.

—Claro, Cavaleiro, minha virgindade, é obvio.

Os homens de Rohan rugiram a gargalhadas detrás dele. Thorin lhe golpeou com força nas costas.

—Ah! Rohan, a dama lhes supera em seu próprio jogo.

Com grande satisfação, Isabel, viu estreitar os olhos do cavaleiro escuro, as faíscas douradas apenas perceptíveis sob a tempestuosa frente. Podia vê-lo meditar sobre a questão. Inclinou-se de novo e sorriu amplamente.

—É um preço que vale a pena pagar pela vida de meu homem. Nunca a virgindade de nenhuma mulher valeria mais.

O sorriso que jogava nos lábios se apagou. Suspeitou que este cavaleiro, Sir Rohan du Luc não tinha muita estima por um sexo mais bonito. Perguntou-se do motivo, logo se conteve. Não tinha importância, não a interessava. Em seu lugar, fez outra reverência e lhe perguntou:

—Cavaleiro, posso ser dispensada para ver o que está sendo preparado de comida?



Ele assentiu com a cabeça.

—Aye, preparem um festim. Pois esta noite celebramos!

Ela franziu o cenho.

—Chega o inverno, os armazéns...

—Estão cheios a arrebentar. Meus homens caçarão e encherão mais o defumadouro.

Isabel fez uma reverência de novo, e desta vez não quis ocultar o desprezo.

—É obvio, Sir Rohan, uma festa para celebrar o sangue em sua espada.

Voltou-se e começou a caminhar quando ele a chamou.

—Lady Isabel?

Deteve-se em seco, o corpo tenso. Apertando os dentes se voltou para ele. Estava em pé esfregando o peito como se uma ferida lhe incomodasse. Entretanto, o amplo sorriso desmentia qualquer dor. Certamente, seu espírito repentinamente impulsionou com as águias. Arqueou uma sobrancelha ante a pergunta.

— Antes da comida tenha um banho preparado na câmara do Lorde, e esteja disponível para me banhar. Estarei limpo para brilhar bem esta noite.

Isabel abriu a boca para discutir, mas decidiu não fazê-lo. Tinha feito sua promessa com todos seus homens como testemunhas. Não se retrataria. Tragou saliva. Ao menos, isso esperava.



CAPÍTULO 4

Antes que Isabel começasse a ocupar-se dos preparativos do festim dessa noite, tratou de acalmar os temores de sua gente. Era uma tarefa difícil, pois notava que não importava por onde fosse ao grande salão, uma descomunal sombra estava perto. Se não era um dos ameaçadores cavalheiros, era um dos soldados a pé de Rohan. Quando se aventurou a sair ao pátio, deteve-se em seco quando viu Russell atado a um pelourinho perto dos estábulos. Tinha sido despido até as meias. Quando correu para ele, levantou o olhar e a advertiu com olhos aborrecidos.

—Nay, milady, me deixe receber meu castigo!

—Russell. — suplicou.

Ele baixou os olhos para o chão.

—Milady, deixe meu orgulho. Posso sobreviver a sua mão. Fique para trás.

Isabel levantou o olhar para ver Rohan caminhando para ela, com o punho de um açoite na mão. Furiosa, arremeteu contra ele.

—Como se atreve a machucar um jovem por proteger a sua senhora?

Rohan passou junto a ela. Isabel lhe seguiu, agarrando o punho do açoite. Rohan se voltou para ela.

—Está ultrapassando seus limites. Desapareça.

Isabel olhou para Russell, que humilhado baixou a cabeça. Não entendia o desejo de Russell de que o deixasse. Parecia que quase lhe dava a bem-vinda aos açoites. Isabel sacudiu a cabeça e retrocedeu.

—Depois de sua tortura sem sentido, tragam-me para que lhe jogue sal nas feridas. — se voltou e correu ao grande salão para subir para sua câmara, onde fechou a porta de repente e a travou.

Então andou pelo espesso tapete de tecido. O estalo do chicote, seguido do grito de dor de um menino a deteve em meio de um passo. Incapaz de evitá-lo, Isabel correu para a janela de fenda, afastou a pesada tapeçaria para um lado, e abriu as portinhas. Tinha uma vista clara do pátio. Uma chicotada carmesim marcava as bonitas costas do Russell. Rohan levantou o braço e o deixou cair de novo. Russell gritou e lutou contra as correias de couro que lhe prendiam contra o grosso poste. O braço de Rohan se elevou e baixou várias vezes mais, reduzindo os gritos do Russell a gemidos gorgoteantes. Isabel se separou da janela, tirou a trava da porta, e se precipitou pela grande escada até o pátio. O braço de Rohan se elevou, e quando foi baixar, ela se precipitou sobre ele.

—Nay! Já fez suficiente! Deixe-lhe um pouco de carne!

Rohan a apartou rapidamente. Umas gotas de sangue lhe caíram da mão, salpicando-a no rosto. Franziu o cenho.

—O que lhes oferece desta vez, mocinha?

Isabel se moveu para onde estava pendurado Russell, com as costas em uma massa ensanguentada.

—Tenha piedade do menino. Mostre que têm um pouco de decência.



—Não tenho. — Rohan jogou o açoite ao chão, depois assentiu com a cabeça a um de seus homens que estava em pé perto— Levem-no ao estábulo. —olhou a Isabel— Atenda-o se for necessário, mas ratifique também que meu banho esteja preparado.

Isabel se apressou a procurar suas ervas enquanto Russell era desprendido. Enquanto agarrava a cesta que tinha deixado junto ao gigante de ébano, inclinou-se ante ele e lhe tocou a frente. Quente. Mas não muito. Enid se aproximou dela, retorcendo as mãos de preocupação.

—Milady? Como está o moço?

—Sobreviverá, poderia ter sido ainda pior. Ponha Bert pra encher uma tina para o cavaleiro bastardo.

—Na câmara do Lorde, milady?

—Nay...

—Aye, será minha a partir de agora. —disse Rohan da porta.

Ela se deu conta de que o carpinteiro tinha começado a repará-la.

—É a de meu pai, e esperara usá-la em seu regresso!

Rohan se moveu para ela, tirando as manoplas enquanto o fazia. O sangue de Russell se aderiu aos anéis de metal.

—Seu pai não vai retornar.

Isabel ofegou, com o coração oprimido ante palavras tão cruéis.

—Não têm coração.

Ele assentiu.

—Assim é, e não se engane. —olhou além dela para Enid— Confirme meu banho.

Isabel passou junto a ele enquanto Enid se apressava a cumprir com a tarefa. Rohan agarrou Isabel pelo braço, girando-a para que lhe enfrentasse.

—Ides ver seu escudeiro, mas se presse, espero que me atenda.

Rohan seguiu a ágil forma da donzela enquanto se apressava na frente dele para o pátio. O sangue lhe esquentou, correndo pelas veias. Cada vez que pensava em Lady Isabel cálida e nua debaixo dele, as bolas se inchavam. Fazia muito tempo que se cansou das putas do acampamento. Na verdade, só tinha uma razão para procurar uma mulher. Nunca tinha tomado uma amante como habitual. Entreabriu os olhos quando Isabel desapareceu de vista. Talvez fosse o momento para trocar isso. Duvidava que se cansasse da moça em uma noite, e os extensos invernos da Inglaterra eram glaciais. Apesar de ser miúda, seria um corpo quente com quem passar as longas noites. Além disso, quando não houvesse inimigos que esmagar, só podia pensar em um único esporte que lhe desse o mesmo prazer que a luxúria pela luta. Aye, seria um prazer esquentar o frio coração da donzela Isabel.

Franziu o cenho. Não só era formosa, mas também ardilosa. Teria apostado seu cavalo e a armadura que teria rogado que não castigasse o menino por sua infração. Não rogaria para que sua virgindade permanecesse intacta. Rohan sorriu então. Ah, mas visto que ele tinha prometido respeitar sua virgindade, isso não era o que ela tinha jurado a ele.



Esfregou-se o peito onde a marca da espada ainda lhe incomodava. Depois de todos esses anos, ainda não se acostumou à dura cicatriz, um aviso constante do poço da prisão.

Rohan passou através da porta meio reconstruída, contente de ver que o carpinteiro fazia rápidos progressos na reparação. Uma nova porta permanente seria colocada na manhã seguinte. Ficou em pé no degrau mais alto do grande salão conhecido como Rossmoor. Um nome apropriado. As ricas tapeçarias e os finos móveis lhe agradavam.

Rossmoor não era um casebre. O grande senhorio estava situado em um pequeno montículo orientado para baixo de um campo aberto rodeado de um denso bosque. Na aldeia escondida entre os muros da guarnição exterior próximo ao caminho ferviam peritos artesãos e operários. Os celeiros estavam cheios a transbordar, o defumadouro carregado com uma grande variedade de carnes. O estábulo alardeava de várias finas éguas que reforçariam sua linhagem. O olhar de Rohan viajou da mesa a grande cadeira do senhor colocada junto à chaminé acesa. Se seguisse em sua sorte e William fosse fiel ao seu juramento de compensar a inquebrável fidelidade de Rohan nesses últimos seis anos, um dia se sentaria nela. Acelerou-lhe o sangue. Aye, podia ver a si mesmo como senhor e amo ali. Desviou o olhar para sua mão esquerda de confiança, Manhku. Thorin era sua mão direita.

Desceu na escada contígua, depois se moveu lentamente através das esteiras tecidas. Vários cachorros farejavam perto da entrada da cozinha, procurando um bocado. Rohan franziu o cenho e deu um olhar pelo grande salão. Nem um servente à vista. Sem dúvida, amontoavam-se assustados em um canto escuro.

Teria que falar com a senhora para que lhes instruissem de ficarem mais visíveis. Eram inúteis se não pudesse utilizá-los. Rohan se deteve e ficou agachado junto a Manhku. O africano dormia profundamente. Um suave brilho de suor lhe salpicava na testa.

A ferida era maligna, admitiu, mas Manhku já tinha sofrido piores. Todos tinham sofrido. Sobreviveria para ver muitos mais invernos. Rohan ficou em pé e deixou que o calor do fogo se infiltrasse nos cansados músculos. Tinham montado sem parar desde o Senlac Hill, não passando mais de dois dias em cada comarca que reclamavam em nome de William.

Rossmoor seria seu assentamento até que recebesse notícias de seu senhor de que deveria unir-se a sua comitiva no Westminster. Acolhia com agrado a trégua.

Rohan inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Como tantas vezes aconteceu, a visão de A'isha veio à mente. Seu anjo de misericórdia no Jubb. Caso não tivesse desafiado seu irmão e seu pai e sacrificado sua vida por eles, ele e todos os da Espada de Sangue não seriam nada mais que pó. Devia tanto a ela que nunca poderia pagar.

Tinha voltado por ela. Mas os morcegos. Rodearam-na com uma escura e envolvente espiral de morte. Tinha-lhes gritado para dispersá-los. Mas se voltaram para ele, e só teve um sentido de reação. E assim se moveu tão rápido quanto as pernas lhe permitiram voltando a convidativa luz do dia, e a liberdade.

Rohan abriu os olhos e os fixou no fogo. Uma valente mulher que nunca tinha conhecido. Nunca esqueceria seu sacrifício por ele.

—Sir du Luc? —chiou uma tímida voz de mulher atrás dele.

Rohan desviou os cansados olhos para a donzela Enid e franziu o cenho. Ela inclinou a cabeça e olhou para o chão.

—Seu banho está preparado, Senhor.



—Traga sua senhora de pressa. Diga-lhe que se atrasar, a verei atada no poste de flagelação em seguida.

Enid ofegou, inclinou-se de novo, e saiu pelo portal. Rohan se moveu lentamente pela escada. Sem olhos para vê-lo, deixou passar à dor da perna direita. Outro constante aviso de seu passeio pelo poço negro da prisão.

Como se estivesse sendo conduzida à força, Isabel subiu lentamente pela escada de pedra que conduzia às câmaras do senhor. Empurrou para abrir a pesada porta e conteve a respiração ante a visão que a saudou. Rohan estava em pé tão nu como no dia em que tinha nascido, de frente à luz do fogo da chaminé. Estava de costas, e não podia deixar de admirar as masculinas formas. As nádegas eram arredondadas e firmes, flexionando os músculos com os movimentos. As largas pernas eram igualmente musculosas e finamente proporcionais. Os amplos ombros diminuía gradualmente até a estreita cintura. Baixou os olhos das nádegas às pernas e aos pés. Franziu o cenho. Uma cicatriz púrpura avermelhada desvirtuava na parte posterior do calcanhar direito.

O vapor se elevava da tina de cobre situada frente ao fogo. Rohan lhe dirigiu um olhar zangado.

—Demorou a meu gosto, juvenzinha. Meu banho se esfria.

Isabel manteve os olhos fixos no peito. Quando fez isso, um grunhido a pegou de surpresa. Pressionando a mão contra os lábios, não podia fazer nada exceto olhar fixamente para grande cicatriz que lhe danificava a pele. Como se uma espada ardente tivesse sido pressionada contra o peito. Uma faísca de compaixão por este homem cresceu em seu peito. Para sobreviver a essa terrível lesão, devia ter sofrido uma dor insuportável. Rapidamente, Isabel conteve as emoções, depois, como se visse tão brutais cicatrize todo dia, disse:

—A água ainda solta vapor. Deixe de se queixar, e se coloque dentro.

Ele elevou uma escura sobancelha, mas ela já havia se recomposto e estava pronta para lhe ajudar com o banho. Recolhendo um tecido e uma barra de sabão de sândalo do banco ao lado do gabinete, Isabel se precaveu com várias provisões e um pequeno baú situado no chão aos pés da grande cama de quatro postes. Por sua presença, sabia que ela pretendia ficar. Não era de estranhar. Uma coisa que os normandos não podiam dizer era que Rossmoor carecia de comodidades. O castelo era conhecido por sua hospitalidade e seus luxuosos serviços.

Quande Rohan se introduziu na água quente, deixou escapar um comprido suspiro.

—Por Deus, isto é tão bom.

Isabel se colocou ao lado da tina e inundou o tecido na água, depois a melou de sabão. Enrugou o nariz.

—Pelo aroma que emanam, já passou uma vintena de invernos da última vez que se banharam.

Ele se recostou contra a alta borda e fechou os olhos.

—Só a metade de uma vintena.

Isabel decidiu não iniciar mais conversa com ele. Quanto antes estivesse banhado, mais rápido poderia lhe deixar. Ele a fazia sentir-se incômoda de uma forma que não estava acostumada.



Quando havia se virado para ela, tinha captado o calor em seus olhos. E sabia que encontraria uma maneira de colocá-la em sua cama.

Podia tratar de manter a boca fechada, mas a curiosidade levou a intenção de Isabel. Posou um dedo ensaboado na garganta e percorreu a fenda da cicatriz.

—Como chegou a ter isto?

O corpo de Rohan se esticou ante a pergunta. Os olhos permaneceram fechados, e não respondeu. Sentindo-se mais incômoda, Isabel optou por não pressionar.

Esfregou o sabão pela cabeça, lhe cravando os dedos no grosso cabelo. Despejou água limpa da jarra sobre o banco e lhe enxaguou. Continuando, ensaboou o tecido e o esfregou pelo peito, amassando o fino cabelo dali. Quando se moveu para lhe ensaboar o braço, ele lhe agarrou a mão. Ela emitiu um agudo grito e se retirou.

Rohan abriu os olhos. Cravou o olhar no dela.

—Não tão rápido, mocinha. Quero desfrutar deste momento. Passou muito tempo desde que alguém tão bela como você enxaguou o fedor da batalha de meu corpo.

Isabel baixou os olhos. O intenso olhar a desconcertava.

—Tenho assuntos que requerem minha atenção. — disse brandamente.

Levantou o queixo com dois dedos, forçando-a que lhe olhasse.

—O único assunto que precisa tratar sou eu. Em caso de que se apresse, repetirei meu banho até que esteja satisfeito.

Isabel voltou a morder uma resposta irada, mas não fez nenhum movimento para continuar a tarefa. Os dedos dele se fecharam ao redor do pulso, e a atraiu para si. Resistiu, mas ele puxou mais fortemente até que a tinha inclinada sobre a banheira quase até o colo. Os peitos se inundaram na água morna. Resistiu, sabendo que a umidade podia mostrar todos os detalhes das curvas dos seios. Atraiu-a mais perto de modo que agora, para manter o equilíbrio, tinha que pôr a mão esquerda na borda da tina. Os lábios fluíam a escassos centímetros dos dela. O quente fôlego a acariciou na bochecha.

—Sou seu dono, donzela.

—Nay. — murmurou, os fôlegos se mesclaram.

Passou um dedo molhado pelos bicos dos peitos. O corpo dela estremeceu ante o contato. E o calor aumentou nas bochechas.

—Aye, eu sou, e faria bem em aprender isso. —Apoiou a mão aberta no peito esquerdo e apertou brandamente.

Ela fechou os olhos enquanto a vergonha a alagava. Mas pior ainda, no mais profundo do corpo, uma faísca de prazer se acendeu entre as coxas. A sensação era estranha, entretanto a intrigava mais do que nunca admitiria. A confusão reinava na cabeça. Arlys a tinha tocado assim, e ela não havia sentido nada exceto irritação. Seus beijos a tinham deixado fria. Entretanto era gentil. Não como este bárbaro.

—Não só é um assassino, mas também não é um homem de palavra.

Rohan não reagiu da forma prevista.



—Suas palavras de cachota não me afetam, mocinha. Farei o que me satisfizer. E no momento, — pressionou os lábios contra o pescoço e a aproximou mais, enquanto ela se esticava, alavancando o braço contra o puxão dele — você me agrada.

—Deu-me sua palavra. Deixaria-me intacta. — ofegou, tentando com todas as forças ignorar o modo em que os lábios marcavam a sua pele e o quente rubor que se derramava devido a isso.

—Aye, dei-lhe minha palavra de não tomar sua virgindade. — se separou dela, e os olhos leoninos brilharam. Isabel se estremeceu. Ia enganá-la — Mas você jurou ante meus homens e sua gente que me permitiria tomar o que está sob sua túnica. E há mais que sua virgindade em jogo.

Isabel gritou e se apartou, lhe atirando o tecido na cara. Ele balbuciou quando o sabão ardeu nos olhos. Ela correu para a porta, com a intenção de abandonar a câmara, mas suas duras palavras a detiveram.

—Rompa seu juramento para mim, Isabel, e me assegurarei de romper o meu também. — Agarrou a jarra de água do banco para enxaguar-se e despejou um pouco sobre o rosto. Quando abriu os olhos, estavam completamente vermelhos, mas podia ver que estavam livres de dor— Agora, volte de novo aqui e termine meu banho.

Isabel conheceu uma profunda cólera que nunca tinha sentido por outro ser humano. Nem sequer pelo Dreide, o traiçoeiro primo do Arlys, que aproveitava qualquer oportunidade para paquerá-la com outros propósitos.

Isabel apertou os dentes e voltou para a tarefa. Ignorou a grossa suavidade do musculoso peito de Rohan e o modo em que os braços se ondularam com força quando apartou o grosso cabelo da cor do corvo do rosto. Tratou de não levar em conta as estranhas sensações que o toque a estava provocando. Pelo contrário, pôs a mente no assunto que tinha em mãos. Mostrar a um convidado, embora fosse um desagradável, o decoro hospitalar ditado, então poderia sair da câmara.

—Como é que um condado tão afastado é tão rico em população e equipamento? — perguntou Rohan.

Agradecida de que a conversa não se centrasse nela ou em seus respectivos juramentos, Isabel respondeu com entusiasmo.

—A população reduziu desde o desembarque de seu duque. Mas a terra é fértil, os rios requerem pedágios para passá-los, e neles abunda o pescado. Os estábulos de meu pai contam com uma linha de sangue cobiçado por reis e imperadores. Mas ainda mais, nos tempos de meu bisavô, Rossmoor negociou ativamente com os orientais —sorriu— e vikings. Assim foi como conseguiu a minha bisavó Sigmund.

—Negociou por ela?

—Não de tudo. Tomou sem a intenção de devolvê-la.

—O pai não exigiu o pagamento por uma filha subtraída?

Isabel pôs-se a rir. Sentiu ele esticar o corpo ante o som, mas continuou passando o pano pelo peito com abundante espuma.

—Nay, é subtração de um drakkar¹⁶ encalhado com ouro dinamarquês. Fugiu com ela e o tesouro, dizendo que era o dote, já que não tinha nenhum uso nas terras nórdicas. Construiu Rossmoor pensando em seus zangados sogros. Até sua chegada, este torreão nunca tinha sido violado.

¹⁶ **Drakkar** é uma transformação de um antigo término islandês usado para designar os dragões. A embarcação conhecida como drakkar é chamada assim devido as muitas vezes a figura de proa do navio Viking ser a representação da cabeça de um desses animais fabulosos.



Rohan aproveitou a oportunidade para recordá-la do acordo entre eles.

—Aye, e eu aposto que suas coxas não foram violadas, tampouco.

Isabel se sentou e lhe olhou.

—Senhor, nasci sendo uma gentil dama. Não poderia freiar a crueldade?

Encolheu-se de ombros.

—É o que sou. Cru.

—Isso não o faz correto. Se sabe que essas coisas são ofensivas, então por que não trabalha para trocá-las?

Rohan se sentou erguido na tina e lhe deu as costas.

—Estou cansado desta conversa. Termine o banho para que possa me reunir com meus homens e escutar palavras menos geniosas.

Isabel ensaboou o tecido e lhe lavou as largas costas.

—Não sou geniosa.

—Disse que suas palavras eram. Há uma diferença.

Pelos movimentos inquietos, Isabel sabia que estava ansioso para sair da tina. Rapidamente, enxaguou-lhe. Quando ficou em pé, lhe deu uma toalha de tecido. Ele pegou de suas mãos e a enrolou ao redor da cintura. Levantou o olhar aos pendões cheios de cor que adornavam os altos muros segurando o estandarte de seu pai. Um falcão dourado empunhando uma tocha viking.

—Faça com que esses pendões que levam o brasão de seu pai sejam tirados desses muros. E traga suas posses para aqui.

Havia dito para trazer seus pertences para esse quarto?

—Mas...

Voltou-se para olhá-la.

—Seu pai já não é o Lorde daqui.

—E se jurasse fidelidade ao duque?

—William não confia em seus guerreiros saxões. Colocará seus próprios homens, homens nos quais pode confiar, nas posições de poder.

—E meu irmão? Poderia casar-se com uma normanda. É o que meu pai fez.

Rohan sorriu e continuou secando-se. O pano úmido aderiu ao corpo musculoso. Isabel manteve os olhos cravados em um ponto da parede detrás dele. Por duas vezes quase se atreveu a lhe olhar completamente de frente.

—Isso explicaria seus conhecimentos de minha língua.

—Tenho família na Normandia. Se soubessem que um bastardo reclama as terras de seus parentes certamente se levantariam com armas contra você! Eu mesma pedirei clemência ao William.

—Sinta-se livre de fazê-lo, donzela, mas perderão. — deixou cair o úmido pano ao chão, e que o Senhor a perdoasse, mas não pôde evitar que o olhar caísse naquilo que fazia um homem.

Deu um passo atrás e apertou uma mão contra a boca. Inclusive inativo como estava, era mais viril do que aqueles que tinha visto antes. E havia visto muitos. Não por gosto, mas como à



senhora do castelo, tinha banhado a dúzias de homens através dos anos, e de alguns tinham sido difícil não olhar.

Este homem estava em toda sua gloriosa nudez ante ela, como uma estátua de bronze de um mítico deus. Secou-lhe a boca. Afastou-se para a porta.

—Cavalheiro, rogo que me dispense. Os serventes esperam minhas ordens para preparar o festim.

Não esperou que desse permissão. Isabel levantou a trava e fugiu pela porta, sem olhar para trás.

Para sua surpresa e decepção, o salão estava cheio de muitos dos homens de Rohan. Os outros, seguramente, estavam fora patrulhando o perímetro das terras. Profundas vozes se elevavam até as vigas do teto, e pelo que parecia, alguém tinha descoberto as adegas. Vários barris de vinho da Aquitania que eram reservados só para as mais especiais ocasiões tinham sido abertos. Era uma celebração, pensou Isabel com ironia. Para os invasores.

Das cozinhas saíam aromas que davam água na boca. Os serventes corriam pondo as mesas. Com a falta de vários assistentes no momento, Isabel se apressou às cozinhas para fiscalizar os preparativos. Encontrou a sala cheia de atividade sob as capazes mãos de Astrid, a senhora indiscutível da cozinha, apesar de sua falta de mãos, Isabel assentiu com a cabeça em louvor. Os normandos podiam pensar que os saxões careciam de valor, e talvez alguns necessitassem, mas sua gente era vigorosamente trabalhadora, e inclusive com força para encontrar a maneira de continuar com as tarefas diárias. Comprovando que não era necessária, Isabel olhou a úmida túnica suja. Não era apropriada para um festim. Silenciosamente, atravessou as animadas cozinhas para as escadas detrás para encontrar sua donzela.

Rohan desceu para o grande salão, sentindo-se descansado e limpo. Desde os dias em que viveu no barro infestado de urina e fezes no chão de Jubb, converteu-se em um esteta¹⁷ em seu desejo de ver-se livre da sujeira. Aconteceu o mesmo ao resto de seus irmãos. Banhavam-se vigorosamente e com regularidade. E às vezes, pensava Rohan, não era suficiente para apagar o fedor da morte. Percorreu com o olhar o salão, procurando Lady Isabel. Franziu o cenho. Não se encontrava em nenhuma parte. Uma inesperada punhalada de perda se chocou com a ira por ela passar por cima de sua autoridade. Não importava. A encontraria e colocaria um homem para que a vigiasse. Afastando-a da mente porque não fazia nada mais que lhe causar ira, Rohan continuou examinando a habitação, o olhar parou sobre os sete cavaleiros que desde aquele momento na Iberia, já fazia seis anos, moviam-se ao unísono com ele. Nunca estavam longe um do outro. Como estavam agora. Tinham empurrado a mesa do senhor com o estrado elevado e a tinham posto perto da chaminé em chamas onde jazia o irmão abatido.

—Rohan! —gritou Thorin, elevando uma taça de vinho— Deve desfrutar os despojos de nosso trabalho!

Ioan, Rorick, Warner, Stefan, Wulfson e Rhys levantaram as taças transbordantes.

—Aye, por Rohan, William pode lhes recompensar por seus esforços com este, o mais digno dos feudos! —gritou Warner— E se achar a língua de Lady Isabel muito afiada para sua armadura? — Warner esvaziou a taça, o vinho derramou do queixo até a cota de malha. Colocou com um golpe o

¹⁷ Nota PRT: Pessoa que cultiva a estética



cálice vazio para baixo e desafiou Rohan com um sorriso— Aposto que ela acha meu pinto mais do seu gosto!

Rohan franziu o cenho. De todos eles, Warner era o homem mais separado da comitiva. Gostava de tagarelar de amor às donzelas e matronas por igual. Parecia achar suas íntimas palavras bonitas, porque parecia mais bastardo que todos outros juntos.

Rohan se aproximou da mesa e tomou a taça de vinho que Thorin lhe oferecia.

—Warner, se a donzela for capaz de encontrar o pinto da qual fala com tanto carinho, ficarei quieto.

A mesa pôs-se a rir em gargalhadas enquanto Warner franzia o cenho. Rohan lhe golpeou com força nas costas.

—Vamos, amigo, sabemos que deixastes não menos de meia vintena de bastardos no campo com as putas.

Warner sorriu e lhe encheu a taça.

—Aye, mas eram meninas todas elas!

—Warner, —disse Ioan— ainda não encontrastes um ventre digno de sua semente masculina.

—É uma maldição pela qual estamos todos afetados! —gritou Rorick, e levantou a taça, mas a sustentou em alto, sem dela beber.

Os olhos se abriram amplamente, e um pequeno sorriso lhe torceu os lábios. O olhar estava firmemente fixado por cima do ombro de Rohan. Deu-se conta que todos seus homens tinham deixado as brincadeiras e olhavam além dele. Lentamente, Rohan se voltou.

O corpo lhe sacudiu como se tivesse sido golpeado por um raio. Algo no estômago virou lentamente um rolo apertado. A boca ficou seca, e sentiu como o pênis se elevava contra a coxa.

Sua beleza rivalizava com o brilho do sol. E com o conhecimento de quão profundamente lhe afetava fisicamente, Rohan franziu o cenho.

Isabel tinha se banhado, e já não usava as simples roupas diárias. Agora estava ricamente vestida com uma túnica de um profundo carmesim com bordados de linho de ouro na prega. A sobreveste era de rico veludo púrpura e dourado com o que pareciam ser jóias costuradas às mangas. Um cinturão de rica filigrana de ouro acentuava a plenitude dos quadris. Uma adaga incrustada com jóias dele pendurava. Mas o que mais lhe surpreendeu era seu rosto. A cremosa pele estava rosada, os grandes olhos de cor violeta brilhavam inclusive dessa distância, e os lábios carnudos, Rohan tragou saliva com dificuldade, os carnudos lábios vermelhos se abriam como se esperassem ser beijados. A espessa cabeleira dourada, como uma fina gaze, tinha sido escovada até que brilhassem reluzentes. Pendurava sobre os ombros duas delicadas tranças entrelaçadas com fitas de cor ametista que emolduravam o rosto. As pontas das fitas formavam redemoinhos sobre o peito, acentuando os mamilos. Em lugar de um véu sobre a cabeça, levava um penteado finamente formado de ouro e prata, com a figura de um falcão coroando-o.

Quande Rohan não fez nenhum movimento para ela, Rorick o empurrou para um lado e se moveu para reunir-se com a Isabel a meio caminho da escada. Inclinou-se profundamente, tomando a sua mão.

—Donzela, presenteia minha vista com tal beleza que não sei se minha mortalidade pode suportar a formosura de tal deusa.



Rohan virou os olhos e tomou outro comprido gole de vinho, tudo enquanto mantinha um vigilante olho sobre seu homem enquanto este tagarelava como um asno à senhora que pensava levar pra cama.

Isabel sorriu, com os olhos só para o escocês.

—Obrigado, sir...

Ele se inclinou de novo.

—Perdoe minhas maneiras, Lady Isabel. Só sou um soldado cansado da batalha que passou pouco tempo na corte. —levou ambas as mãos aos lábios e levantou o olhar para ela— Sou Sir Rorick do Moray, mas mais recentemente cavaleiro do Duque William. Sou seu servo.

—É para mim um prazer lhes conhecer, Sir Rorick. Rogo que seu cavalheirismo siga intacto. É uma pausa bem-vinda as grosseiras maneiras de seus irmãos.

Rorick pôs o braço dela no dele e a levou escada abaixo com muito cuidado. Olhou a Rohan e sorriu. Rohan franziu o cenho. Quando Stefan e Warner fizeram um grande espetáculo colocando a cadeira do senhor à mesa para que ela se sentasse, Rohan teve vontades de lhes enfiar a bota no cú.

—Nay, amáveis senhores, é a cadeira de meu pai. Deixem de lado para sua volta.

Rohan golpeou a mesa com a taça e se dirigiu a Isabel. Rorick continuava sorrindo e acariciando a mão da dama que ainda descansava no antebraço.

—Seu pai, se retornasse, se sentaria com os nobres menores. — Rohan agarrou a grande cadeira e a moveu contra a chaminé, quase tampando Manhku. Visou um lugar ao lado de onde ela estava e a zona circundante— Agora, você mesma busca assento. Estou cansado deste bate-papo. Peçam a comida!

O bom humor do Rorick fugiu com as palavras de Rohan. Soltou Lady Isabel e destinou a seu amigo um afiado olhar.

—Devo pedir desculpas pelas pobres maneiras de Sir Rohan. Foi criado em um estábulo.

Rohan resmungou e se serviu de mais vinho. Não ia permitir que seus homens paquerassem com uma mulher que não tinha a intenção de deixar ser afligida a sua vitoriosa campanha. Captou o duro olhar de Isabel e sorriu. Elevou a taça e se voltou para seus homens.

—Pela conquista de Rossmoor. —As vigas se sacudiram pela altura dos vivas. Rohan voltou a olhar expectante para Isabel— E pela violação das coxas das harpias!¹⁸ —Enquanto que antes os aplausos tinham sido altos, quase romperam as madeiras pelas pancadas da segunda vez.

Rohan bebeu com vontade e observou as bochechas avermelhadas de Isabel. Aye, a donzela podia lhe trair em público. Mas ia ver cada noite quem tinha o poder. O sangue esquentou, e esfregou o peito onde a cicatriz lhe doía. Aye, domar lady Isabel seria um bem-vindo festim para as longas noites de inverno adiante.

¹⁸ Nota PRT: Monstro alado, com rosto de mulher e corpo de abutre comparada a uma mulher ávida e má.



CAPÍTULO 5

Isabel olhou pensativamente para seu vinho. Queria dizer ao arrogante cavaleiro que não podia lhe dar ordens como a uma faxineira, mas captou o olhar de vários aldeãos atendendo a suas tarefas. Winston empilhava mais troncos junto à chaminé, Lyn acendendo velas ao longo das mesas inferiores, Garth pondo a correia nos cães de caça, e vários outros carregando pesadas bandejas com comida.

Fumegantes pratos de porco assado, aves e veado junto com o cozido de pescado fresco do rio, adornavam a mesa. Doces secos e hortaliças se somavam ao festim. Entretanto, a fome de Isabel se desvaneceu enquanto a mente lógica se mantinha em conflito com suas emoções. Lutou para encontrar uma maneira viável de fazer frente à Rohan du Luc.

Se continuasse discutindo sobre as pequenas coisas, como tomar assento ao lado deste indesejado e temporário convidado, perderia um terreno precioso e minaria o pequeno cordato de prudência que sua gente pudesse ter. Assim, cederia ante os pequenos conflitos. Para no dia seguinte, pois poderia necessitar de todas as forças para lutar uma batalha muito maior.

Isabel olhou a grande mão de Rohan segurando a taça de vinho, quase cobrindo o cálice de ouro e prata. Esquentou o corpo ao pensar nesses dedos tocando-a. Elevou o olhar para encontrar os leoninos olhos olhando-a fixamente.

—Pensa em nosso momento na véspera deste festim como eu?

As bochechas da Isabel se ruborizaram, e apartou o olhar não confiando na voz.

—Aqui, donzela, beba. O vinho, como sabe, é excepcional. Talvez lhe tranquilize. — ofereceu Rohan, deslizando a taça cheia por baixo do nariz.

A última coisa que queria fazer era beber da mesma taça que ele. Mas não tinha escolha. Seria uma das batalhas que perderia, porque se ela pressionasse sobre a situação, ficaria sem beber, e no momento, tinha um forte desejo pelo rico vinho Borgonha.

Deu meia volta na taça, tomando um sorvo do lado contrário ao dele. O insulto foi sutil, mas soube que havia tocado uma fibra sensível quando ficou rígido ao seu lado.

—Seu insulto é bem recebido, e esteja segura que não me importo, mocinha. Depois deste haverá outro e logo outro depois deste.

Isabel ignorou a brincadeira e voltou à atenção para Rorick, quem estava sentado a sua direita. Os olhos de um azul profundo brilhavam com um humor malicioso. Deu-se conta que tinha a mesma cicatriz de meia lua do queixo que Rohan. Desviou o olhar para o Wulfson e ao chamado Ioan, e logo a vários outros. Os oito cavaleiros sentados à mesa do senhor possuíam a mesma cicatriz e a mesma espada carmesim afundada através do crânio.

—Como todos conseguiram a cicatriz do queixo, e por que só a aqueles que a têm levam a Espada de Sangue no sobretudo, Sir Rorick? —perguntou Isabel em voz baixa.

O fogo nos olhos escureceu por um breve instante antes que se reavivassem. Tomou a mão direita e a levou aos lábios.

—É uma história desagradável não apta para os ouvidos de uma dama.

—Isabel, — disse Rohan do outro lado— O trinchero está cheio, e cortei sua carne. Jante. Necessitará de forças para mais adiante.



Isabel se separou de Rorick, quem pôs-se a rir, e deu uma cotovelada em Rohan nas costelas. Quem lançou um suave bufado.

—Têm as maneiras de um javali.

—Aye, e você têm o caráter de uma harpia.

Isabel notou que realmente tinha cortado a carne. E ao que parecia, tinha colocado delicadas peças no seu lado. Apesar de que o estômago mordeu no vazio, não sentia fome. Pelo contrário, uma profunda fadiga se apoderou dela. Nos próximos dias poriam a prova seu caráter e provariam sua paciência mais que em qualquer outro momento em sua vida. Tomou outro profundo gole de vinho e deixou a taça. Rohan sorriu e a encheu, depois girou a taça para o canto aonde ela tinha bebido e apertou os lábios sobre ele. Olhou-a por cima do bordo. Quando deixou a taça, disse-a brandamente:

—Não tenho nenhuma hesitação em colocar meus lábios sobre os seus, donzela. —sorriu através do rebordo— E se tivermos tempo, aprenderão a desejar meu toque.

Isabel colocou as mãos no colo e as apertou fortemente. A dor do gesto a fez sobressaltar-se. Rohan cravou uma grande parte de veado com a faca e o mordeu. Mastigou pensativamente, observando-a cuidadosamente. Depois de tragar, baixou os lábios até o ouvido e sussurrou:

—É só um encontro casual da carne, donzela. Não há provas reveladoras. Se lhe agrada dizer que não fostes violadas, que assim seja. Será nosso pequeno segredo.

Isabel apertou os dentes e fechou os olhos. O calor de seu fôlego contra a orelha a surpreendeu pela intensidade. Enquanto falava em voz baixa, provocou que o corpo reagisse de uma maneira que não era cômoda. Mas suas palavras foram suficientes para esfriar o ardor. Já que se referiam a algo que ela considerava precioso.

—A prova estará nos lençóis em minha manhã nupcial.

—Nem todas as virgens sangram.

As bochechas a incendiaram. Voltou-se para ele, suplicante.

—Senhor, por favor, este tema é muito pessoal para falar dele.

Ele levantou a mão, sobressaltando-a, retirando-se tão longe dele que se encontrou com Rorick, quem estava mais que feliz de acolhê-la.

Rohan entreabriu os olhos. Mas seguiu avançando para ela. Em uma ação surpreendentemente suave, acariciou a bochecha com os nódulos das mãos.

—Manterei meu juramento, donzela. Enquanto, espero com ânsia me deleitar com seu corpo, não transpassarei essa fina parte de pele no qual se apegam tão grosseiramente. Permanecerá intacta para seu marido.

—Rohan. —chamou Wulfson do outro extremo da mesa— O que têm previsto para o dia de amanhã?

Rohan tomou um comprido gole da taça.

—Quando saciarmos nossa fome nos reuniremos e falaremos de amanhã. Até então... — Rohan olhou para uma faxineira, que era mais que roliça e que lhe olhava com paquera sob os escuros cílios— desfrutem dos frutos de nosso trabalho.

Wulfson riu e tomou um comprido gole de sua taça. Quando a empregada, Lyn, chegou a seu redor, deslizou um braço pela cintura e a atraiu para o colo. Ela gritou e fez como se afastasse dele, mas os olhos sorriram.



—Uma empregada para esquentar minha cama esta noite?

Ele derramou a metade da taça de vinho no profundo vale entre os seios e bebeu profundamente dela. A mesa estalou em aplausos enquanto Wulfson lambia com gosto cada gota de vinho que cobria os exuberantes peitos.

Isabel girou a cabeça, não querendo ver o que sem dúvida ia acontecer seguidamente. Justamente rogava que Sir Rohan tivesse mais cortesia para ela e que fizesse os estragos à porta fechada.

Parecia que com o arrebatamento de Lyn mais jovens apareceram encontrando nos cavaleiros o seu agrado. Rohan pediu outro barril de vinho, a música estalou, e as campainhas das bailarinas repicaram com a melodia de alaúde e os gaiteiros.

O salão tomou vida enquanto os cavaleiros desfrutavam da hospitalidade de Rossmoor. Quando Sarah, a filha de Edwin, o guarda-florestal falecido, adiantou-se dançando de forma tentadora ante Rohan, Isabel perdeu toda quimera pela comida. Rohan se separou de Isabel e se acomodou na cadeira. Não podia lhe ver a cara, mas pelo encantador sorriso nos lábios de Sarah e a forma em que lhe pressionava o peito contra sua cara, soube que o cavaleiro desfrutava da função. Quando Sarah pressionou as mãos nos joelhos de Rohan os obrigando a abrir-se para mover-se entre eles e seguir dançando como Salomé, Isabel sentiu como se ficasse doente. Sarah Como podia ser tão descarada? Isabel olhou a seu redor às outras moças do povo. Algumas delas tinham enviuvado recentemente. Estavam tão desesperadas para sobreviver que se prostituíam a estes invasores?

Isabel tragou saliva. Acaso não havia feito o mesmo? Tinha dado o exemplo a estas moças? Sacrificando seu corpo pela vida de Russell? Sentiam que deviam sacrificar-se para sobreviver?

Uma onda de auto-repulsão se instalou contra ela. O estômago se rebelou como se a rançosa carne se ulcerasse ali. Pressionando a mão no ventre, Isabel se voltou para Rorick, que era o único homem na mesa que não estava perdidamente embevecido em uma das moças do povo. Pôs a mão sobre o antebraço.

—Cavaleiro, não me sinto bem, Voc... — antes que pudesse pronunciar outra palavra, ajudou-a a levantar-se.

—Não diga mais, milady. O ar fresco lhe purificará.

Ele a conduziu ao portal dianteiro agora reparado e abriu o suficiente para permiti-la passar através dele. Lhe viu voltar-se para olhar para o salão, sem dúvida, a Rohan. O rosto de Rorick se endureceu. Isabel se voltou e conteve a respiração. Rohan, alto, escuro e zangado havia se erguido da cadeira, a pobre Sarah girava desesperadamente tratando de recuperar a atenção perdida.

—Não quero provocar a ira de Rohan sobre você. — garantiu Isabel.

Rorick jogou para trás a cabeça e pôs-se a rir em gargalhadas.

—A ira de Rohan? Nay, não lhe temo.

Ele a fez sair e fechou firmemente a porta atrás deles.

Isabel aspirou profundamente, o ar frio machucou o peito por dentro, entretanto, era limpo.

—Obrigada. — disse em voz baixa.

Reparou que as tochas estavam acesas e ardiam brilhantemente ao longo das paredes de pedra do castelo. Havia várias tochas estacadas iluminando o caminho através do pátio para o muro exterior do castelo e mais à frente para o povo. Vários sentinelas à sombra patrulhavam o lugar.



—Há mais cavalgando para afastar aqueles que poderiam tentar tirar de Rohan o que ele ganhou este dia.

—Não é justo!

—A guerra não é, Lady Isabel.

—Não é minha guerra. —Mas sabia que as palavras soaram falsas. Alefric tinha sido um firme defensor não só de Edward¹⁹ mas também também de Harold— Meu pai...

—Nay, Lady Isabel. O tempo de seu pai passou. O de seu irmão também. William será coroado rei, e tudo mudará. É melhor que assimilem agora para que não siga se enganando.

—Mas...

—Se seu pai vive e estiver pronto, irá a William e lhe oferecerá o juramento de lealdade. William é um homem duro, um guerreiro de coração, mas também é justo. Quem sabe permitirá a seu pai alguma demanda.

—Mas o que agüentará minha gente? E quanto a mim?

Olhou-a, e para um cavaleiro tão feroz, ofereceu-a uma expressão muito compassiva.

—Sua gente, os que servirem ao novo senhor, prosperarão. — agarrou um cacho de cabelo dourado que a forte brisa lhe lançou o levou ao nariz e inalou— Você, milady, encontrará um marido digno de sua linhagem e viverá para lhe dar muitos filhos.

—Não tenho nenhum dote. Irei a ele maculada! Que classe de homem quereria uma prometida como eu? —o desprezo e a ira na voz quase a estrangulou. Enfrentando totalmente Rorick— É seu senhor tão rígido que não pode ver que arruinaria minha oportunidade para conseguir marido?

—Aye, Rohan é inflexível. E com razão.

—Rorick, os homens lhe chamam. — disse Rohan da soleira.

O estômago de Isabel sacudiu com a voz. Os olhos brilhavam sob a luz das tochas. A mandíbula apertada e as sobrancelhas franzidas ameaçadoramente sobre os olhos.

Rorick girou e se inclinou fazendo uma respeitosa reverência.

—Boa noite, Lady Isabel.

Isabel assentiu.

—Boa noite, amável senhor.

Quando a porta se fechou detrás de Rorick, Isabel olhou encolerizada para Rohan. Ele agüentou rígido e imóvel, olhando-a com ira e com as mãos detrás das costas.

—Não encontrará nenhum aliado entre meus homens. Nosso vínculo é inquebrável.

—Parece que todos são iguais, exceto, seu homem Rorick que não é o selvagem que vocês são.

Rohan sorriu, e ela se estremeceu. Era um sorriso que dizia que tudo o que pensava de Rorick, divergia muito de sua impressão.

¹⁹ **Edward:** Foi o rei da Inglaterra entre 1045 e 1066. Foi o primeiro dos reis em protagonizar a efêmera restauração da dinastia saxona na Inglaterra, compreendida entre o domínio Dinamarquês de 1016-1045 e a conquista da Inglaterra por William da Normandia.



—Acaso viola, saqueia e rouba como você? E o que une vocês? A cicatriz? Como meninos, jogando pacto de sangue? — disse com desprezo, humilhando a conexão.

A mandíbula de Rohan se apertou.

— Zomba do que não entende. Não tem importância para mim.

Isabel sentiu uma necessidade desesperadora de lhe golpear. Em lugar disso, começou a caminhar para o estábulo.

—Tenho que ver Russell.

Quando ele não fez nada para segui-la, Isabel apertou o passo. Encontrou-se na metade do caminho com Thomas.

—Milady, me permita lhe dar escolta — disse.

Isabel aceitou sua assistência assentindo com a cabeça. Os dois olharam sobre os ombros para ver Rohan caminhando a grandes passos pelo caminho.

—Ele te olha como um falcão a um camundongo, milady. Tenho notícias do Arlys.

O coração da Isabel se sacudiu no peito.

—Está vivo?

—Aye, e se prepara para nos liberar do jugo dos normandos.

Quando Isabel entrou no estábulo, encontrou-se com um dos homens de Rohan. Não era um cavaleiro a não ser um soldado a pé.

—Sou Lady Isabel e estou aqui para ver meu homem. Deixe-me passar.

O soldado olhou atrás dela para onde estava seguro que estava Rohan parado. Apertou os punhos enfurecidos por ter que pedir permissão para ver sua gente.

O guarda assentiu, e Isabel se apressou aonde Russell jazia sobre a palha. Thomas tinha desaparecido.

Ajoelhou-se junto ao menino dormido e lhe pôs uma mão suave nas costas. Ele fez uma careta e voltou à cabeça para ela.

—Milady. —se queixou— Queima como fogo.

Ela lhe fez calar.

—Vou limpar a zona de novo para depois aplicar mais bálsamo. Abrandará o ardor.

Pôs-se ao trabalho, e depois de pressionar compressas frias nas costas, Russell disse:

—O ardor se apaga.

—O bálsamo será melhor. —Enquanto o estendia sobre a pele em carne viva, ele tentou levantar-se sobre os cotovelos— Fica tranquilo, Russell, necessitará de suas forças.

—Milady, me perdõe por ter errado o alvo.

—Você não errou. O problema estava em seu objetivo. Juro-te que é a semente do diabo. Verdadeiramente duvido que um milhão de flechas pudessem abatê-lo.

—Temo por você. Te arruinará.

—Não se preocupe comigo, Russell. Farei o que posso para manter minha inocência. Não há nada que possa fazer.



—Vou matá-lo se vos tocar.

—Pare de falar como um bruto! Acabaria com você. Não poderia suportar te perder. Minha honra é minha para mantê-la. Necessitarei de forças: — se inclinou e lhe sussurrou ao ouvido—Arlys vem. —Russell se voltou e tentou checa-se com ela. Ela assentiu com a cabeça—Agora, descanse. Te verei pela manhã.

Isabel se levantou e recuou para abandonar o lugar. A escura sombra de Rohan avançou, interceptando-a. Conteve a respiração. Não o tinha ouvido. Tinha ele a ouvido? As pernas tremeram, mas rapidamente se acalmou.

—Me assustou.

Ele a pegou pelo braço e a conduziu para fora do estábulo para o castelo. Que se levantava alto e brilhante na curta distância. Rossmoor. Seu lugar de nascimento. Nas mãos de um estrangeiro. E um que não tinha nenhum respeito por seu povo ou suas tradições. O grande legado de seu bisavô ia morrer com ela e seu irmão.

—Eu não sou quem deve lhe dar aviso, Lady Isabel. Mas é jovem e sem experiência.

Isabel ficou em silêncio.

—Tratarei severamente a qualquer traidor.

—Estou segura de que atuarão primeiro e perguntarão depois de levar a cabo a covarde ação.

—Sou um homem paciente.

—É um bruto.

—Isso me manteve vivo.

Ao entrar no salão, Isabel esperava encontrar-se com abundante libertinagem. Em seu lugar, limpavam-se as mesas, as faxineiras se foram, as tochas foram atenuadas, e os cavaleiros, os que tinham as cicatrizes estavam reunidos em torno da chaminé.

—Saciaram-se seus homens de minha comida e de minhas faxineiras tão rápido? — perguntou em voz baixa.

—Rameiras e vinho não se mesclam, quando sem dúvida abundam os saxões.

Isabel lhe lançou um furioso olhar apartando-se de seu braço e se dirigiu para a cama de armar onde jazia Manhku sacudindo-se e dando voltas.

Ela empurrou passando pelos altos e duros ombros e se afundou de joelhos ao lado do africano. Quando pressionou a mão na frente, retrocedeu ante o calor. Olhou aos homens que a rodeavam.

—Arde de febre. Movam a cama para longe do fogo.

Os homens se apressaram a cumprir as ordens. Enquanto o faziam, Isabel correu à cozinha, onde tirou água fresca do poço e agarrou vários lençóis limpos de um gabinete.

Quando retornou, Rohan franzia o cenho, sem dúvida, zangado de que não lhe tivesse pedido permissão para sair do salão. Ela passou a seu lado e se sentou no chão, junto ao Manhku, imediatamente tirou-lhe a roupa. Quando não pôde lhe tirar a cota de malha pela cabeça, Ioan e Wulfson a ajudaram. À medida que tirava a última capa de roupa, Isabel ficou sem fôlego. Manhku tinha a mesma cicatriz no peito que Rohan. E ao aproximar-se, viu que também levava a cicatriz em forma de meia lua no queixo.



Ela pressionou a polpa do dedo, no ponto no pé da garganta onde começava a cicatriz da espada. A pele fina da cicatriz era dura e quente. A primeira reação foi de horror. Queria retroceder, apartar-se, mas não o fez. Um sentido lhe disse que todos estes homens levavam a marca, e se as repulsa-se por isso como se fosse uma maldição, nunca seria capaz de consertar a ofensa. A dor que sofreu ao recuperar-se de uma cicatriz deste tipo deve ter sido horrível.

Voltou-se para elevar a vista para o cavaleiro que tinha sacudido os alicerces de seu mundo. Olhava-a com duros e frios olhos. A frente franzida. Que classe de homens eram estes?

Rohan se ajoelhou e pôs a mão na frente de seu homem como se sua palavra não fosse suficientemente boa.

—A febre da raiva.

—Tenho medo de que a ferida se agrave.

Rohan a apanhou com os olhos nos seus.

—Meu machado evitará que o veneno se propague.

Isabel ficou boquiaberta ante a indiferente solução.

—Como pode ser tão cruel? Um cavaleiro sem uma perna é um sem identidade. Teria que pedir esmola nas ruas para comer.

Rohan ficou em pé.

—Manhku nunca terá que mendigar enquanto eu viva. Devo-lhe minha vida. Eu me ocuparei dele.

Isabel girou Manhku. Empapou a roupa na água fria e começou a banhá-lo. Durante muito tempo, os homens permaneceram em silêncio enquanto ela atendia o companheiro abatido. Era um silêncio estranho. E Isabel encontrou consolo no fato de que estes homens, todos ferozes assassinos, confiassem em suas mãos o seu homem. As mãos do inimigo. Olhou a cara do Manhku. E posto que tinha perdida a cor pela perda de sangue, deu-se conta pela primeira vez de uma série de tatuagens circulares nas bochechas. Voltou-se para olhar aos cavaleiros reunidos. Cada um deles diferentes a sua maneira, mas todos de algum jeito o mesmo.

Muito cansada para pensar mais, Isabel se inclinou para dedicar toda a atenção ao banho em água fria de Manhku. Tão atenta estava no que fazia que não ouviu os homens que tinha detrás deixarem o salão, até que pediu a Rohan ir trazer mais água e se atentou que se foram.

A água no balde se esquentou. Recolheu-o e se dirigiu rapidamente à cozinha para enchê-lo com água fria. Enquanto aproximava o cubo, um pequeno som por de trás lhe fez soltar a corda e virar-se. Rohan estava na porta, enchendo o espaço quase por completo.

—A malha esquentou a água. —disse.

Ele deu um passo para mais perto. Ao retornar para bordo do poço a mordeu no traseiro. O forte palpar do coração na garganta quase a asfixiou. Na tênue luz das finas velas, os olhos de Rohan brilharam como carvões fundidos. Estava presa.

—Eu... eu devo recolher mais água fria. —Isabel deu rapidamente à volta agarrando a manivela da corda e começou a girá-la.

A grande mão de Rohan deteve a sua. Ela se esticou e ao fazê-lo ele se aproximou mais. Tanto que podia sentir a grossa coluna de sua dignidade contra as costas. Seu calor e sua força a envolveram. Isabel fechou os olhos e apertou os dentes, não desejando experimentar de maneira nenhuma a forma que a fazia sentir o corpo.



—P-por favor. — sussurrou.

Deslizou a mão livre ao redor da cintura, e entrelaçou os dedos com os seu na manivela. Inclinando-se, acariciou-a com o nariz a orelha e Isabel quase desabou no chão. A força de vontade a impediu. Quando estendeu a grande mão através do ventre, pressionando a virilha firmemente contra as costas, Isabel gritou:

—Por favor!

—Aye, agrada-me, Isabel. Agrada-me muito.

Girou-a nos braços e se inclinou para beijá-la, mas Isabel se afastou e virou à cabeça. Os lábios se afundaram no calor do pescoço. Apesar de não querer desejar nenhuma parte dele contra ela, o calor se estendeu por todo o corpo deixando escapar um baixo gemido. Ao que parecia isso só aguçou seu apetite mais. Rohan a atraiu com mais força.

—Renda-se a mim, donzela. —exigiu com a voz rouca contra a garganta.

—Nay, não posso.

À medida que as palavras saíam da boca, pegou-a no seio, e Isabel chiou pela surpresa, mas o corpo se pressionou com veemência contra a palma.

O polegar acariciou de um lado a outro um tenso mamilo. Isabel se estremeceu pela vibração da sensação.

—Engana a si mesma, Isabel.

Ela lutou contra ele, suas palavras mordendo o orgulho com força. Abriu a boca para negar as palavras, mas se deteve quando ele pressionou a boca contra o mesmo mamilo que ele justamente tinha tateado. Isabel se esticou, a sensação era tão intensa e alheia a ela que não sabia como reagir. A boca se apertou firmemente através das coberturas de tecido. O corpo estremeceu, e sentiu um calor estendendo-se entre as pernas. Se sentia tão bem desta maneira, como se sentiriam se estivessem pele contra pele? A imagem a chocou.

—Diz nay com palavras, mas seu corpo implora o contrário.

A vergonha se filtrou na razão. Era Isabel do Alethorpe, Lady de Rossmoor. Seu sangue era um dos melhores na Saxônia. E aqui estava pendurada como uma fraca tola nas mãos de um invasor normando. E um bastardo normando nada menos!

O ardor se esfriou rapidamente.

—Me deixe, normando! Deixe minha dignidade! — Quando ele não moveu nem um músculo, Isabel escolheu outra linha de defesa— Recompensa minha atenção ao seu homem, me paquerando aqui, enquanto ele arde de febre?

Rohan se separou dela. O ar que passou como um assobio entre os corpos esfriou a ambos. Por isso, também, estava muito agradecida. Olhou-a profundamente com esses brilhantes olhos.

—Sua honra é sua responsabilidade, donzela. Não minha. Tome nota de minhas palavras, como é meu juramento, vou manter nosso acordo, mas não confunda. —retrocedeu— Agora, atenda a meu homem.

Deu a volta e partiu. Isabel permaneceu muito tempo lutando contra a raiva desse homem e o medo do poder carnal sobre ela.



Rohan tirou a roupa íntima, lavou o rosto e as mãos, e se deixou cair no colchão cheio de plumas. Sua comodidade foi a melhor que tinha tido a boa sorte de encontrar. Os lençóis estavam limpos e cheiravam a ervas frescas, e os travesseiros eram suaves. Entretanto, não pôde encontrar consolo neles. Estava acostumado a dormir no duro e rígido chão ou em uma cama de palha no salão de um senhor. Tinha sua própria vaga no castelo de William no Rouen, mas passava a maior parte do tempo com seus homens, seja na batalha ou praticando a arte da guerra.

Ficou de barriga para cima, cruzando os braços debaixo da cabeça, e olhando o desenho bordado no dossel. Um falcão rodeado de pássaros menores. A chaminé ardia brilhante, lançando sombras estranhas no tecido, esquentando a câmara. Mas foi o calor nas vísceras o que ardia mais quente. O pênis despertou quando pensou na moça de baixo.

Ha! Pelo contrário era uma bruxa!

Sua audácia lhe surpreendeu. Em todas suas viagens, nunca tinha tropeçado com uma mulher com tanto para perder atuando como se tivesse tudo no mundo para ganhar. Não sabia com quem tratava? Tinha matado homens por feitos menores que sua rabugice.

Os músculos se esticaram, e o pau estremeceu contra a coxa quando a imaginou nua e faminta por ele nesta mesma cama. Um homem podia perder a si mesmo durante quinze dias nesse exuberante corpo. Nunca havia tocado uma pele tão suave. Ou tinha tratado com um temperamento tão afiado. Rohan sorriu apesar do desconforto. Verdadeiramente, era uma garota valente, muito bem, mas sua audácia superava a sua em muito. Sentou-se na grande cama e quase esfregou as mãos com a previsão da rendição de seu amadurecido corpo ante ao seu. Sorriu abertamente e saiu da cama arrastando-se para o fogo para jogar mais lenha nas brasas. Sim, ia compartilhar esta cama mais de uma noite. Quem sabe se durante todo o inverno.

Rohan moveu às tapeçarias que cobriam as venezianas da janela. Afastando-as, abriu o fechamento de madeira e olhou com atenção para a noite. As estrelas levantavam brilhantes e claras no céu, a lua cheia iluminando o caminho. Passou o olhar sobre os bosques distantes e mais à frente do pátio e muro exterior do castelo. Os sentinelas iam e vinham, as grandes sombras escuras tomavam vida debaixo da luz da lua.

Um ligeiro movimento no estábulo lhe chamou a atenção. Uma pequena figura avançava pelo muro do pátio para o castelo. O sangue acelerou. Isabel.

Como ela havia assegurado ao guarda perto da porta da cozinha que iria recolher sanguessugas no pântano, permitiu-a passar. Tinha ganhado uma dura batalha para que o homem a deixasse sozinha. Mas quando lhe recordou que seu senhor, Sir Rohan, estava descansando e não desejaria ser incomodado por uma simples garota que procurava sanguessugas para salvar seu cavaleiro favorito, permitiu-a passar. À medida que entrou no salão, moveu-se para o lugar onde Manhku dava voltas sobre a cama de armar. A perna estava torcida, e a única esperança era que as sanguessugas purgassem o veneno da ferida.

Deslizou o olhar sobre a vintena ou mais de camas onde os homens passariam a noite perto da chaminé que ardia brilhante e cálida. Mais enchiam o estábulo. Os inimigos. Poderia Arlys expulsar a estes homens de seu lar?

Isabel colocou o cubo de sanguessugas ao lado do Manhku, tirou a vendagem, e lentamente aplicou as viscosas criaturas na torcida perna. Enquanto o fazia, perguntou-se sobre seu próprio destino. Seria o diabo dormindo na cama de seu pai a sua perdição? Romperia o juramento obrigando-a a separar as pernas para ele?



Fechou os olhos. Nay, não o faria! Obrigaria-lhe a cumprir com sua promessa. Abriu os olhos e se alegrou ao ver as sanguessugas travadas. Deveriam estar fartas para o amanhecer.

Isabel se sentou sobre os calcanhares e limpou as mãos em um trapo úmido. Aye, não só se ocuparia de que Sir Rohan mantivesse seu juramento, mas também ela manteria o seu. E apesar do medo que lhe inspirava o compromisso, lhe esquentou o corpo enquanto se perguntava que mais ele faria. Seria mais intenso do que experimentou na cozinha? Moveu a mão para tocar o pescoço, onde tinha pressionado os lábios. Os seios incharam e uma sensação de formigamento incitou os mamilos.

Desviou o olhar para a escada que conduzia à câmara do Lorde, e gritou. Rohan estava em pé no patamar, os olhos cravados nela.

Pouco a pouco, ele caminhou pelo amplo espaço, sem afastar o olhar do seu. A pele de Isabel se esquentou para rivalizar com as chamas que seguramente despediam de um estranho resplendor a seu redor. Rohan estava nu aos pés da escada, exceto pelos braies²⁰ que usava. A luz do fogo piscava sobre os planos e bordos de seu corpo, iluminando as antigas cicatrizes de guerra e as novas de Hastings. O tecido ao redor dos quadris se agitou e ela se sobressaltou dando um passo para trás roçando com o calcanhar as brasas da chaminé.

—Donzela, evita a minha cama.

Os olhos continuavam mantendo-a presa. Embora não fosse assim, ela não pode ser capaz de afastar os olhos dele. O comprido cabelo negro pendurava grosseiramente ao seu redor à maneira dos vikings. O largo e musculoso peito subia e descia em um ritmo rápido. O poder e o perigo formavam redemoinhos ao redor dele. Em sua presença, enquanto estava aterrada, soube que se alguma vez necessitasse de um campeão, este seria o homem que escolheria. Sua destreza era legendária.

O tecido ao redor dos quadris se elevou como se uma serpente se retorcesse debaixo dela. Agora, no lugar do medo, algo intenso e primitivo se moveu dentro dela. Não o questionou. Em seu lugar, imperturbável, ela seguiu lhe apreciando.

—Não pode se esconder do destino, mocinha. — disse Rohan brandamente, aproximando-se tão clandestinamente como um lobo espreitando um cervo.

Sem nenhum lugar aonde ir exceto dentro do fogo, Isabel se manteve firme, com o queixo alto e orgulhoso.

—Você não é meu destino.

—Esta noite eu sou. — Rohan riu em voz baixa, um som rouco, provocador e aterrador.

Ela passou por ele, sem vacilação no olhar.

—Não sucumbirei.

—Não será necessário.

Os músculos tremeram quando ele flexionou os largos braços. Isabel negou com a cabeça, aterrorizada do que a pudesse fazer, sabendo que se a pressionasse regularmente, apesar da vontade, voltaria-se tão viciante para ele como o vinho tinha sido para seu pai depois da morte de sua mãe. O orgulho padeceria muito por converter-se em sua disposta amante. Para não mencionar que não devia nunca envolver o coração, este homem a deixaria feita em pedaços no chão quando partisse à próxima conquista.

Como se o gesto fosse imobilizá-lo, Isabel estendeu a mão para lhe deter.

²⁰ Bermudas ou calças usadas na época medieval, ceroula.



—Senhor, rogo-lhe isso, não desonre minha pessoa. É tudo o que tenho para dar livremente.

Rohan franzindo o cenho, mas continuou indo até ela. Agarrando a mão, levou aos lábios embora não os pressionasse sobre a pele. Ela se esquentou pelo contato apesar de temê-lo. As sensações que ele despertou a enervaram tanto que quis gritar e correr para entrar no bosque tanto quanto pudesse.

—Não é uma desonra quando se dá por um juramento. Sua dignidade agüentaria se rompesse o compromisso?

Sacudiu a cabeça, zangada de que ele tivesse retorcido o assunto. Era uma mulher de palavra, e se fizesse um juramente, faria tudo o possível para mantê-lo. Isso não queria dizer que tivesse que aceitá-lo.

—Vejo que estamos de acordo, ao menos neste caso.

Pressionou os lábios sobre as pontas dos dedos. A calidez, e sim, a ternura a surpreenderam. Entretanto, o ardente olhar desses olhos a despojou de dignidade.

Isabel se esticou.

—Quero conservar minha inocência, senhor. —o tom não deixava lugar para brincadeiras. Foi uma declaração, assim como uma petição sincera.

Rohan sorriu, e ela soube que tinha perdido. E nos próximos minutos, ia perder mais.

—Minha Lady Isabel, você brinca se acha que eu penso em você inocentemente.

—Grosso! —disse entre dentes, e puxou a mão para tirá-la do agarre. Não conseguiu. Ele Apertou a mão ao redor da dela e a atraiu para ele, voltou a pousar os lábios na pele. Deslizou a língua através da palma da mão, e ela quase desmaiou. Quando ele afundou os dentes na parte carnuda da mão, gritou. Mas não de dor.

O olhar ardeu derretido, e as narinas flamejaram com o aumento da respiração.

—O que diz a respeito da forma que antes você pressionou esse lascivo corpo contra o meu?

Isabel abriu a boca para replicar, mas não encontrou nada para dizer. Como ia argumentar contra a verdade?

Ela retirou a palma e de repente ele a soltou.

—Como suspeitava. Deseja-me.

Humilhada no coração, Isabel fez o que qualquer donzela inocente faria a um grosseirão arrogante. Esbofeteou-lhe. Em um instante, aprisionou-a contra ele cravando o pau em seu ventre enquanto a apertava contra a dureza do peito. Ele gemeu diante do contato despertado contra ela, pressionando-a mais duramente os quadris.

—Recorde-se de como se sente, Isabel. Um dia logo me suplicará por isso.

Levantou a mão livre para lhe esbofetear outra vez pela crueldade, mas a agarrou e a afastou dele. Ele assinalou Manhku.

—Agradeça a ele o indulto desta noite. Tal como está, canso-me de seu espinhoso temperamento, e a noite se arrasta. Preciso do meu sono para atender um conflito saxão pela manhã.

Enquanto se afastava dela, Isabel lhe repreendeu:

—De fato, senhor, veremos no final quem ganha!



Rohan voltou-se completamente para ela.

—Lamente o dia que eu encontrar com um traidor em meu arredor. Sofrerá a morte de um traidor. Por minha própria mão.

Isabel se repreendeu silenciosamente pelo surto. Mordeu a língua, sem querer frustrar este homem ou lhe dar outra razão para suspeitar de um levantamento. Já havia dito muito.

—Por favor, Isabel, não caia nessa armadilha. Odiaria danificar tal beleza como a sua. Mas não duvide eu faria. — deslizou a mão ao redor do pescoço e a atraiu para si, a força de seu movimento quase a levantando dos pés. Os lábios simplesmente sobrevoaram por cima dos dela— Mas sem dúvida, em primeiro lugar quero tomar o que cobre tão excessivamente.

Isabel entreabriu os lábios enquanto lutava para respirar, e ele com a boca mais perto da sua, quase a tocando. O sangue acelerou, e o corpo ficou inerte em sua captura. Os seios doíam com uma sensação agora familiar. Umedeceu os lábios, tocou-se o lábio inferior com a ponta da língua. Ela sentiu como tremia o braço e como se esticava o corpo.

—Jesus — amaldiçoou Rohan, empurrando-o com tanta força que quase caiu no fogo. Ele a Agarrou pelo pulso para evitar que caísse, seus traços tensos como nuvens de tempestade no rosto

— Parta, bruxa, antes que te tome aqui e agora!

Isabel não perguntou onde devia ir, simplesmente passou correndo e subiu as escadas até o solar, empurrando a pesada porta de carvalho para fechá-la e a trancou.



CAPÍTULO 6

Isabel despertou com o som de um estrondo.

—Abra esta porta, moça!

Esfregando-os olhos com sono, jogou-se uma túnica por cima para abrir o pesado ferrolho. A porta se abriu de repente do exterior. O tempestuoso semblante de Rohan era um mau agouro para todos.

—Meu homem está acordado e gritando para Deus sabe lá o que. Lhe atenda.

Os guturais gritos do salão chegaram a seus ouvidos. Outras vozes tentavam lhe acalmar. Quanto mais tentavam, mais zangadas se voltavam às palavras estrangeiras do gigante. Rohan a agarrou pelo braço e a tirou da câmara.

—Se apresse antes que destrua o salão.

Um zombador sorriso se desdobrou nos lábios quando foi arrastada por todo do corredor e para descer a escada. Divertia-a ver este valente e terrível cavaleiro tão longe de sua controlada forma. Quase riu quando viu os outros em pé desamparadamente como nervosas noivas.

A cara da Isabel passou a ser séria quando se aproximou do gigante. Tirou a maioria dos curativos e todas as sanguessugas. Uma parte da cataplasma jazia sobre o chão. A cólera a levou para frente.

Quando o africano se moveu para levantar-se, ela gritou com uma voz segura e firme:

—Pare! —disse em francês, duvidando que ele entendesse inglês.

Dezenas de olhos seguiram o tom de voz, olhando-a e logo para o gigante para ver a reação. Estava com um humor severamente espinhoso pelo rude despertar e também porque este homem ia acabar com seus esforços de cura.

Os negros olhos do gigante se alargaram para seguidamente reduzir-se a perigosas frestas. Os lábios se separaram dos dentes afiados como de lobo até um ponto antinatural. Fez um grunhido baixo e ameaçador. Sem deixar-se intimidar pela postura, o temperamento de Isabel se soltou.

Caminhou para ele e lhe esbofeteou a mão que quase tinha retirado o curativo.

—Irresponsável! Deite! — Quando ele não se moveu, ela insistiu: — Te apliquei uma de minhas melhores beberagens para salvar sua perna, fui ao pântano na metade da noite para procurar sanguessugas, e perdi muito sono ontem à noite e esta manhã.

Ela desfez a maltrapilha atadura com movimentos rápidos e firmes. O dano era intenso. Ia necessitar de roupa nova e preparar uma cataplasma fresca. Levantou o olhar para ele.

—E me recompensa desta maneira?

Se não estivesse tão zangada, teria rido da expressão de assombro na cara tatuada. Não estava acostumado a ser tratado desta maneira, estava segura. Isabel olhou por cima do ombro para Rohan, que estava em igual estado de choque. Afastou os olhos dele para os homens ao redor. Cada um deles permanecia em atônito silêncio. Ignorando todos eles, Isabel voltou à atenção para o gigante, e franziu o cenho ante a tormenta que se abatia sobre o rosto.

Com as mãos nos quadris, perguntou-lhe:



—Quer caminhar com a ajuda de uma muleta? — Os negros lábios apertados se retiraram dos dentes afiados. Um grunhido profundo retumbou no peito. — Vou entender isso como um não. Agora, recoste-se para que possa reparar o que destruiu.

Quando ele fez gesto de levantar-se, Isabel expeliu um comprido suspiro, pegou a saia, e se dirigiu para ele. Colocando-lhe ambas as mãos sobre o peito, lançou-lhe para trás. Ele resistiu. Empurrou-lhe mais forte, quase se sentando em cima para conseguir o que queria. As suaves risadas dissimuladas flutuaram ao redor de seus ouvidos. Olhou para Rohan, que estava pregado no chão, com o rosto solene, os olhos risonhos. Ela se voltou para seus cavaleiros, que estavam agora espectadores do que supunha ser sua iminente derrota.

O rancor aumentou.

—Vocês não são homens de honra, e por minha parte, espero com interesse o dia em que vão partir para não voltar jamais!

Voltou-se para o gigante resmungão e lhe cravou os cotovelos no peito.

—Me dê sua palavra de que não interferirá com meu trabalho.

Entreabriu os olhos. Uma mulher menor ou talvez um tolo teria se jogado para trás. Mas Isabel não era dessa classe de mulheres. Estava em uma posição muito inapropriada para uma senhora, em cima de um conhecido assassino de saxões, entre cavaleiros endurecidos na batalha. Quando ele se negou a responder, Isabel trocou de tática. Assentindo com a cabeça, separou-se dele.

—Muito bem. —Uma vez completamente afastada da besta, estendeu a mão a Rohan. Ele arqueou uma sobrancelha— Seu machado, senhor.

Os homens detrás dela riram com satisfação, e o gigante grunhiu.

—Que planos têm para isso? —perguntou Rohan, a diversão evadindo seu tom.

—Desejo cortar a perna deste homem extremamente descortês. A causa está perdida, e tenho a minha própria gente para atender. Não tenho tempo para um paciente involuntário.

Rohan teve a delicadeza de franzir o cenho. Olhou a seu homem, e o gigante grunhiu outra vez, tratando de incorporar-se.

—Milady? —disse Thorin, dando um passo à frente. Os profundos olhos castanhos brilhavam a luz do fogo da manhã.

Percorreu-lhe com o olhar o rosto cheio de cicatrizes. Perguntou-se que outras cicatrizes teria sob o emplastro de couro. Pensou na dor que deve ter sofrido ao receber uma ferida desse tipo. Olhou para outros detrás de Thorin, perguntando-se de novo que horrível experiência os unia.

—Cavaleiro? —perguntou ela.

—Seguro o bruto enquanto lhe corta? —perguntou com a inexpressiva cara de um homem empenhado em um assunto muito sério.

Manhku se levantou disparado e gritou o Thorin em um rápido, estranho acento francês.

—Praga viking!

Os cavaleiros se dobraram em risada, rompendo a densa tensão no ar. Isabel agüentou calma, sem entender a camaradagem dos homens.

—Você brinca com a perna deste homem. —secou as mãos na túnica— Assim deixarei para que lhe cuidem. Já terminei.



—Cavaleiros aproximando-se! —gritou o sentinela da torre.

O entusiasmo entrou no peito cambaleando-se. Retornava seu pai para casa?

Como já estavam vestidos e com o cinto, Rohan e seus homens se apressaram a responder ao aviso. Isabel se perguntou se dormiam assim. O corpo esquentou ao recordar Rohan vestido a noite passada. Talvez não dormissem. Enquanto, Isabel seguia os cavaleiros, para ver quem chegava a Rossmoor a essa infame hora, Rohan se voltou para ela.

—Fica no salão, e vigie Manhku.

A frustração a estrangulou. Como se atrevia a lhe dar ordens?

E se seus familiares tinham vindo em busca de refúgio? Isabel voltou a olhar ao desamparado Manhku. Possivelmente lhe desse uma segunda oportunidade. Voltou o olhar ao portal entreaberto.

—Mas primeiro vou ver quem se aproxima.

Rodeado por seus homens, Rohan permaneceu em pé com a mão no punho da espada enquanto o esquadrão de cavaleiros normandos se aproximava. O estandarte de cor carmesim e negro com a imagem de um javali se agitava com arrogância no frio vento do inverno inglês. O mesmo brasão apanhou a luz do sol matutino na armadura do cavaleiro que ia à frente.

Uma ira que tinha acreditado esquecida se enterrou no ventre de Rohan. Agarrou o punho da espada tão forte que já não pôde sentir os dedos.

—Seu irmão monta como se fosse merecedor da coroa — disse Thorin ao lado de Rohan.

—Aye, e se houver uma maneira, deixa que Henri o encontre.

Rohan desceu ao pátio enquanto seus homens lhe seguiam.

O grande cavalo de guerra de Henri derrapou até deter-se uns centímetros de Rohan. Ficou imóvel. Em uma amostra de arrogante confiança, Henri tirou o capacete de plumas vermelhas da cabeça. Um rosto muito similar ao de Rohan olhou. A única diferença, ao menos na superfície, era que Henri não tinha nenhuma cicatriz. Seu rosto estava limpo, e Rohan soube como se veria se tivesse sido o filho de um casal casado ante os olhos de Deus.

O depreciativo olhar de Henri passou rapidamente de Rohan a cada um dos homens junto a ele antes de voltar para seu irmão. Em outra grande amostra de confiança, Henri desmontou. Quando os pés aterrissaram no paralelepípedo, zombou:

—Filhos da puta, todos vocês.

—Tome cuidado a quem chama puta, Henri. Embora não tenho um grande amor pela mulher que me pariu, William adora a sua tia.

Henri se deslumbrou e olhou além de Rohan, para o Rossmoor. Examinou durante um bom momento o impressionante edifício.

—Assim, como homens de confiança do bastardo, vós têm direito a terra?

—Eu faço o que meu senhor ordena. —respondeu Rohan.

Henri se deslumbrou, o encolhimento dos lábios tão similares aos de Rohan transformava as angulosas linhas da cara.



—A forma de seu senhor de entregar terras e títulos neste úmido pedaço a seus nobres, não é só ter uma espada e um cavalo a proteger.

Rohan tirou a espada e a sustentou em alto. A luz do sol dançando nas afiadas bordas.

—Minha Espada de Sangue cobriu bem minhas necessidades até o momento, Henri. —Rohan fez um gesto com a espada aos negros cavaleiros que o acompanhavam— Embora eu tenha crescido imune a seus insultos, meus irmãos não foram. Ande com cuidado para que não achem que sua língua seja um bocado tentadora para os cães de caça.

—Ameaça-me, bastardo?

Rohan se aproximou, com a ponta da espada apontando diretamente ao coração do Henri.

—Nunca ameço, irmão. Você de todas as pessoas conhecem esse pequeno fato a respeito de mim.

Henri deu um tapa na lâmina e fez um movimento para adiantar-se. Entretanto, a lâmina apenas se moveu na firme mão de Rohan. Seus homens fecharam-se acima. Os homens de Henri se moveram nervosos nas montarias.

—Não sentiria pena se te pressionasse sobre a ponta.

Henri retrocedeu um passo.

—Eu não discutirei com você, irmão. Além disso, este castelo é um chiqueiro. Há terras mais dignas de nobres mais honoráveis. Umas cujo sangue flua genuinamente na linhagem de seu senhor. Deixarei-lhe com suas pretensões, irmão, mas atenda a minhas palavras. Não será o senhor aqui ou...

Os olhos do Henri se ampliaram ao olhar além de Rohan. Nesse instante, Rohan soube o que cativou a seu irmão assim. Não confiando em seu nobre parente, Rohan deu um passo atrás dirigindo-se para a porta aberta onde Isabel aguardava. A ira lhe estalou no ventre.

—Disse que ficasse no salão.

—Decidi não fazer caso.

Isabel saiu velozmente dirigindo-se para onde estava Henri. Olhou ao cavaleiro que sorria zombateiramente para voltar a olhar ao carrancudo cavalheiro.

—Parecem gêmeos.

Rohan avançou para ocultá-la do luxurioso olhar de Henri. Mas seu irmão atuou com rapidez. Tomou a mão da Isabel, e fez uma pomposa reverência.

—Sou Henri de Monfort. Segundo filho do Conde de Moraine e Bellevue e Lorde de Moreau. Estou ao seu serviço, donzela.

Isabel fez uma reverência.

—Lady Isabel de Alethorpe, filha mais velha de Lorde Alefric de Alethorpe, Wilshire, e Dunleavy. Agradaria-me muito se você defendesse minha honra.

Rohan a arrebatou da apreensão de seu irmão. Seus homens alcançaram suas armas.

—Parta, Henri.

—De que fala a dama? —perguntou, já que um homem não podia negar-se a tal petição.

—De nada que te diz respeito.



Henri estudou seu irmão de perto. O temperamento de Rohan fervia. Seria certo que um nobre encontrasse uma cavalheiresca razão para lhe tirar a custódia da mulher. Entretanto, sabia que Henri a usaria cruelmente para depois entregar-la a seus homens para mais do mesmo. Isabel não conhecia quem estava tentando com suas artimanhas.

—Deveria dirigir uma petição a William em sua representação, irmão. Ele não gostará o quanto seus ligeiros cavaleiros, os de maior confiança, quem tem declarado sob juramento proteger aos fracos, especialmente a uma dama com título de nobreza, a tratem com mãos menos nobres.

—Alardeie perante William tudo o que desejar, Henri. A donzela está aqui em boas mãos.

Henri olhou para Isabel e sorriu.

—Têm outros parentes?

—Meu irmão Geoff e meu pai, senhor.

—Residem com você?

—Nay, ainda não puderam retornar de Hastings.

Os olhos de Henri se suavizaram. Avançou para Isabel, mas Ioan lhe bloqueou o caminho.

—Açoite irlandês, se afaste!

Wulfson grunhiu e se equilibrou pra diante de Rohan, as duas espadas preparadas para o ataque. Rohan agarrou o antebraço do homem mais jovem e lhe conteve.

—Não vale à pena, Wulf. Desperdiçariam um bom aço no coração de um descarado?

Rohan apertou a espada no peito de Henri pela segunda vez.

—Como é seu costume, criastes uma tormenta a seu passo. A dama é, sem dúvida, a herdeira do condado, mas dado que agora este está sob o estandarte de William, não depende de nós decidir o que fará com o senhorio ou mulher. Até que ele tome a decisão, irmão, não volte por aqui. Porque se o fizer não frearei meus homens.

Henri deu um passo para trás, examinando Isabel com um olhar audaz. A brisa pressionava a roupa contra o corpo, deixando pouco à imaginação. Os mamilos estavam claramente definidos contra a malha azul pálida da túnica. Com o cabelo solto e os pés descalços aparecendo por debaixo da prega, ela era realmente uma sedutora visão. O sangue de Rohan se esquentou. Ele deu uma olhada a seu irmão. O olhar no rosto do homem teve o efeito de lhe trocar o estado de ânimo. O sangue de Rohan se tornou glacial. Henri queria Isabel por um sem-fim de motivos, mas sobre tudo, como uma forma de lhe golpear duramente. E soube que Henri o faria, como sempre tinha feito quando Rohan se fixava em algo, utilizar qualquer meio necessário para tirar-lhe.

Rohan agarrou o braço de Isabel e a obrigou a permanecer a seu lado, reclamando-a oficialmente.

—Ela é de minha propriedade, Henri. Encontre a sua própria moça com quem passar as noites de inverno.

Isabel ficou rígida, e a agarrou pelo braço com mais força para impedir o rapto. Conteve a respiração, rezando para que ela lhe dessa atenção desta vez.

Henri montou de novo o cavalo e voltou para olhar para Isabel. Deu-a todas as oportunidades para negar a reclamação de Rohan sobre ela. Deve ter sentido a escuridão que residia no coração de Henri, porque não disse nada.

Por último, Henri voltou a olhar a Rohan lhe dizendo:



—Não esqueci, que ainda têm uma dívida comigo por Eleanor, Rohan. Esqueceste?

Isabel tremia junto a ele. Pelo frio ou pelas palavras de Henri, não sabia.

—Clama por algo imaginário. Não lhe devo nada. —respondeu Rohan.

Henri pôs-se a rir enquanto segurava o elmo.

—Aye, deve a meu herdeiro, irmão, e por isso exigirei um alto preço. —saudou a Isabel e sorriu— Nos veremos de novo, Lady Isabel. —se voltou para seu irmão— Quanto a você, irmão? Reclamei Dunsworth e Sealyham em nome de Monfort. Tenho os nobres como reféns para William. Não tenho nenhuma dúvida de que ele me outorgará os títulos. Vou necessitar de uma prometida com títulos de nobreza. E como nosso pai lhe enviou uma considerável tarifa ao duque para ajudar em sua causa, estou seguro de que me permitirá escolher. —os olhos de Henri percorreram Lady Isabel— Escolherei a flor mais formosa de toda a Inglaterra, irmão. Mantenha a salvo de seus gostos até que eu venha por ela. —agarrou as rédeas do cavalo e partiu trovejando na fria névoa matutina.

Rohan ficou rígido enquanto a fúria lhe alagava o corpo. Henri fazia Rohan sentir, apesar de todos os lucros em sua vida, que não era digno nem para lhe limpar as esporas. Voltou-se a olhar Lady Isabel. As bochechas rosadas. Os sensuais lábios entreabertos, o quente fôlego gelado com o frio do ar. Olhou-a aos grandes olhos violetas tal como lhe olhou para avaliar as mentiras de seu irmão. O sangue lhe acelerou. Henri falou meias verdades, mas não importava. Poderia terminar como dama de Henri, mas a veria sua na cama primeiro.

Zangado, Rohan a agarrou pelo braço e a arrastou de novo ao salão. Seus homens lhe seguiram mantendo a distância.

Isabel tratou sem êxito soltar a pressão de aço de Rohan. Quando chegaram à mesa do senhor, cravou nela um olhar assassino. Ela não tinha visto sua fúria chegar a essas alturas.

—Vá por o café da manhã.

Isabel jogou um rápido olhar a Manhku, quem jazia em silêncio na cama sem apartar nunca o olhar da figura de seu senhor. Isabel pediu que o café da manhã fosse servido. Os cavaleiros pareceram concentrar em Rohan de uma vez, as vozes altas e o claro desprezo pelo nobre. Enquanto passava inadvertida, Isabel escapou do salão para sua câmara, chamando Enid pelo caminho.

A faxineira saiu correndo detrás dela, igual Lyn e Mari. Enid pôs o pesado ferrolho em seu lugar e ficou de costas à porta tremendo como uma folha ao vento. O temperamento de Isabel se acendeu quando Mari e Lyn se abraçaram uma à outra com os olhos muito abertos sobre a cama.

—Não fiquem como patéticos ratos assustados. — Estava o mundo do avesso procurando que ele a guiasse? Eram todos idiotas que não podiam atender nem sequer as mínimas demandas?

—Milady, os normandos nos assustam e o que acaba de ir? Ele leva a marca do diabo. — gemeu Lyn.

Enid fez a cabeça balançar como uma galinha, e Mari sorveu o nariz estando de acordo.

Isabel se serenou. Não estava zangada com elas. Estava indignada de que a Inglaterra estivesse, no momento, perdida nas mãos de um bastardo normando. Enquanto que seu pai e seu irmão, se não tinham perdido a vida no Senlac Hill, estivessem mortos ou tão seriamente feridos gravemente que eram incapazes de mandá-la um aviso. Isabel estava zangada que os invasores tivessem dizimado o povo e os aldeãos. Estava enfurecida de que o normando, do Monfort, pensasse



que ia cair como uma rameira sobre ele porque tinha um título e seu pai tinha o apoio de William. E estava mais irritada ainda com seu arrogante irmão, que era conhecido como *La Lambe Noir*, por aterrorizá-la mais do que qualquer homem devesse.

Assim, se ela tinha medo, é obvio, os serventes estavam aterrorizados. Mas, como ela, teriam que superar o desgosto. Isabel olhou fixamente a Lyn e Mari.

—Lyn, Mari? Entregaram-se a noite passada aos normandos?

Os grandes olhos marrons de Lyn se abriram.

—Só fingi que gostava, milady. Tinha medo de que se mostrasse meu desprezo como você fez, minha cara encontraria um punho.

Um forte golpe na porta sobressaltou a todas. Isabel franziu o cenho e correu de novo o ferrolho, para encontrar entre todas as pessoas Russell, em pé na soleira.

—Russell! O que está fazendo aqui? —examinou-lhe. Ele se agüentava em pé, ligeiramente inclinado, trazendo posta uma áspera túnica folgada sem prendê-la.

—Não sou alguém para estar deitado e chorando como uma mulher, milady.

Isabel dissimulou um sorriso. Apesar da máscara de coragem de Russell, ele fez uma careta quando se moveu.

—Aye, não o é. O que te traz aqui?

—O cavalheiro bastardo a convocou para começar o café da manhã.

A ira da Isabel se elevou de novo.

—Lhe diga que... - considerou cuidadosamente as palavras.

O impulso foi lhe lançar a petição à cara. Não tinha direito de pedi-la que se unisse a ele. Ainda era seu lar e era a senhora. O protocolo ditava que lhe convidasse. Ha! Convidar os invasores para comer? Nunca. Não depois do brutal trato de antes. E diante de seu irmão e seus homens? Nay, ela não seria seu móvel.

—apresentarei-me quando estiver pronta. —disse a Russell. Ele perdeu a cor. Ser o mensageiro de tais notícias não era um bom agouro para o portador. Entretanto, insistiu em atuar como um homem. Faria-o bem. —Vá, Russ, e faça tão rápido como puder para sair de uma vez que a última palavra saia de sua boca.

Quando a porta se fechou atrás do menino, Isabel se dirigiu à faxineira.

—Faça que me preparem um banho quente. O fedor dos normandos se prende muito a mim.

Quando Enid despejou o último cubo de água quente na tina de cobre, Isabel se afundou no suave calor, roubando um momento para desfrutar do luxo da água com sabão perfumado. Normalmente, não se banhava pela manhã, mas estes não eram tempos normais. De fato, estes tempos eram dos que se tiravam dos pesadelos. Fechou os olhos e se despediu da criada, querendo tranquilidade para ela mesma e seus pensamentos antes de ter que enfrentar à besta de novo. O ruído surdo da porta a disse que tinha privacidade.

Suspirando profundamente, Isabel se afundou mais ainda na água calmante. Tinha a mente em redemoinhos com os acontecimentos da manhã. Henri a aterrorizou de um modo que seu irmão de nascimento não fazia. Havia algo muito mais escuro que guiava Henri. Um pouco não humano. Os olhos



tinham o olhar frio e vazio de um animal raivoso. Estremeceu-se a pesar do calor da água. Nunca consentiria em ser sua esposa. Outro calafrio a percorreu a pele. Não importa se negasse ou não. Se fosse a vontade de William, então seria entregue.

Qual era a vontade de Rohan? Ela reconheceu a reclamação frente a seus homens e Henri pelo que era. O orgulho ferido de um homem. Puro e simples. Que ele ficava com algo que o nobre irmão cobiçava. Ele a veria arruinada, igualmente, não lhe cabia dúvida alguma.

Bastardo! Como se atrevia a usá-la para incomodar seu inimigo? Como se atrevia a jogar com seus sentimentos? Como se atrevia a tirar dela o que não era seu para agarrá-la?

Incorporou-se na banheira, não o bastante tranquila para relaxar-se. No momento em que o ar fresco tocou a pele quente, lhe endureceram os mamilos. Mas não foi pelo frio do ar. Isabel tomou um profundo fôlego e travou com os leoninos olhos do outro lado da câmara. Rohan estava apoiado contra a parede, os braços cruzados sobre o peito, um sorriso lento saindo dos lábios.

—Não se detenha por mim, mocinha. Estou desfrutando da paisagem.

—Olhe tudo o que desejar, normando, porque é tudo o que receberá.



CAPÍTULO 7

Rohan sorriu abertamente ante suas palavras. Ambos sabiam que não amparavam nenhuma verdade. Quando o sorriso morreu, o calor lhe estalou nas vísceras ante a visão. Ficou imóvel como se que qualquer movimento a fizesse desaparecer. Era encantadora. Não era um homem de muitas palavras, mas mesmo que fosse, a imagem que tinha diante dele teria o deixado mudo.

A rosada pele se ruborizava sob o olhar. Uns generosos seios amadurecidos que morreria para tocar, trementes apenas debaixo da superfície da água, fora da vista. O sangue lhe corria com veemência. Tinha visto o suficiente para saber o que jazia oculto sob a barreira transparente.

O dinamismo que lhe embargava cada vez que punha os olhos sobre a donzela saxã lhe desconcertava tanto como lhe excitava. A sensação era aquela mesma quando entrava em combate. Cada sentido, cada instinto, cada polegada do corpo e pensamentos estavam abertos e conscientes, a antecipação aafiando um apetite voraz.

Depois. O choque.

E finalmente. A emoção da vitória.

Quande Rohan se via disposto e preparado para saquear o disposto corpo da donzela, a risada cáustica de Henri se infiltrou na cena. «*William me dará isso, irmão. Afaste-se para que possa reclamar o que é meu*».

Durante um momento, a fúria nublou a vista de Rohan. A profundidade do ódio por seu irmão menor lhe apunhalava como o brilho de uma espada inundando-se nas vísceras. Piscou, disposto a fazer retroceder a venenosa emoção. Concentrou-se de novo no quadro frente a si. Aye, ela era mais agradável à vista que qualquer visão de seu irmão ciumento. Seus homens e ele eram os cavaleiros de maior confiança de William. Nem sequer Henri podia dizer outra coisa. Suas lealdades eram indisputáveis. Como era William a seus súditos leais. Apartou as palavras de Henri da cabeça. Teria este senhorio, e tudo o que vinha com ele. Incluindo Lady Isabel.

Rohan deixou cair os braços e caminhou lentamente para ela, um caçador com a presa claramente à vista.

—Se detenha. —sussurrou ela.

—Não sou Manhku. —Rohan se aproximou, o aroma dela flutuando no ar, lhe tentando mais. Como ela se afundou mais na tina, caminhou a seu redor, querendo admirá-la de todos os ângulos além de desequilibrá-la. Não lhe faria nenhum bem que ela tivesse seus movimentos claramente à vista. Sorriu, esquentando o jogo. Ela era como qualquer das coisas que desejava e resistiam. Uma provocação para vencer e depois utilizá-lo até que algum outro desafio lhe chamasse a atenção.

Cruzando os braços sobre o peito, Isabel girou na pequena banheira, mantendo um cauteloso olho sobre ele. Este sorriu mais amplamente enquanto se agachava junto a ela. O pulso vibrava furiosamente na veia vital do pescoço. Ele alargou a mão e lhe passou um dedo ao longo da suave umidade da clavícula. O corpo estremeceu, a sensação viajando desde seu corpo ao dele. O pau se inchou de antecipação. O sorriso quase lhe partiu a cara.

—Admita, donzela, têm curiosidade. Deseja-me para apagar o calor que sente por mim.

Ela lhe golpeou a mão apartando-a, o gesto mostrou os seios durante um breve instante. Rapidamente, voltou-se a cobrir. Os olhos despediam fogo. Ele daria o braço esquerdo para que eles brilhassem assim... de desejo por ele.



—Não desejo nada de você exceto ver o seu traseiro enquanto voltam para seu lar em seu país.

Rohan não se intimidou. Tinha passado muito tempo desde sua última mulher. E no fundo mesmo da mente, o desafio de Henri estimulava sua natureza possessiva.

Sentou-se escarranchado sobre a tina apoiando-se com os largos braços, provocando que a tímida donzela se retorcesse, o movimento salpicou água por todos os lados, nas coxas dele e ao chão.

—Até que eu queira, és minha. Agora, deixe cair para trás e baixe as mãos. Quero uma amostra do que desfrutarei esta véspera.

Isabel abriu os olhos amplamente. Girou o corpo tão longe dele como podia nos limites da Cuba.

—Não farei tal...

Rohan deslizou as mãos na água e as envolveu ao redor da cintura, levando ela para ele enquanto se levantava. Ela gritava e se retorcia nos braços, com a pele escorregadia pelo sabão. Sustentou-a mais fortemente. Os seios se bambolevam contra o peito e os quadris giravam enquanto tentava apartar-se dele acendendo um fogo abrasador. Elevou-a, sem ser capaz já de frear a fome por ela. Girando-a nos braços, Rohan levantou Isabel e apertou a boca sobre um impertinente mamilo.

Isabel gritou e ficou rígida entre os braços. Ele aumentou a pressão, atraindo-a mais perto. Uma quente quebra de onda de desejo lhe atravessou as extremidades, estrelando-se contra o ventre. O pau ficou duro até lhe doer. Como o corpo dela se arqueava contra ele e lhe empurrava os ombros com as mãos, os lábios de Rohan amamentaram como um homem esfomeado. O desejo se enfrentava com a ira, não só por Henri por meter-se aqui, mas por Isabel ser o objeto de seus desejos. Afundava os dedos na pele quente. Era tão suave e delicada que rivalizava com a seda das mais finas roupagens. Passava os lábios de um inchado mamilo a outro, lhes concedendo a mesma atenção. Esfregou a cara entre os generosos peitos, com os dentes mordendo os montículos enquanto com as mãos a moldava o traseiro, cravando os dedos na succulenta carne, pressionando-a fortemente contra a ereção, desejando o socorro que não estava disposta a lhe dar, mas que estava disposto a tomar.

O corpo dela se esquentava contra o seu, podia senti-lo. Deslizou a mão direita pelo plano ventre para o suave montículo de baixo. Isabel expulsou um áspero fôlego e se afrouxou em seu feroz abraço. Ele sorriu.

Rendição.

Levantou a cabeça, para lhe dizer que não podia lhe prometer doçura. Mas as palavras se entupiram na garganta. Deu-lhe um murro no queixo, o golpe foi contundente para ele pelo inesperado e pela força do mesmo, apesar de ser uma mulher. Afrouxou os braços ligeiramente, e isso foi tudo o que ela necessitou para afastar o corpo escorregadio dele. Como um coelho, saltou da banheira e correu para a porta.

—Meus homens desfrutarão da vista, donzela.

Isabel deu a volta ante a porta, mais que consciente da falta de roupas. O calor do corpo a preservava da frieza do quarto. Tentou cobrir-se, as mãos e os braços ineficazes para se proteger do ardente olhar do alto guerreiro. Este a percorreu da cabeça aos pés, depois de novo para cima, retardando nos quadris e nos peitos que ainda ardiam pela marca de seus lábios.



Sorriu lentamente, esfregando o queixo onde lhe tinha golpeado. Não tinha tido outra opção, era a única ação que um homem como ele entendia. E dessa compressão, outra surgiu. Era um guerreiro, um mercenário, um homem que pagavam para matar, um homem que pagava por sua lealdade. Além do dinheiro, só respeitava o valor.

Isabel se ergueu em toda sua estatura, por escassa que fosse, e deixou cair os braços aos lados. Os peitos tremiam enquanto se elevavam para ele, mas estava decidida a ficar cara a cara com esse cavalheiro. Poderia ser capaz de dominá-la pela força bruta, mas jamais poderia dominá-la o coração ou à vontade.

Lhe deu uma grande satisfação ver que a expressão dele trocava do desfrute à cautela.

—Que cilada prepara agora, moça?

Isabel negou com a cabeça, as úmidas mechas do cabelo colavam nas costas.

—Não tenho nenhuma cilada, senhor. Demonstraste-me, e as palavras de seu irmão confirmam o fato, que é o roceiro que proclama sua reputação. Não é um nobre cavalheiro, a não ser um mercenário cuja lealdade se compra. Assim tome o que quiser de mim, e saiba que nunca foi outorgado livremente. Você não vale a pena o suficiente para que desse boas-vindas a seu toque.

—Se fosse de nobre berço, sua seria opinião diferente?

Isabel se conteve ante a pergunta.

—O valor de um homem não é se seus pais se casaram aos olhos de Deus e ao rei. O verdadeiro valor de um homem vem dado por suas obras.

Rohan franziu o cenho e se aproximou. Ela levantou mais alto o queixo. E que o Senhor a ajudasse, mas uma quente emoção correu por cada polegada de seu ser. Essa estranha sensação tinha nascido entre as coxas quando os lábios dele a tocaram os seios na banheira. Quando se amamentou e cravou os dedos nas nádegas, ela... Isabel fechou fortemente os olhos.

Quando os abriu, Rohan estava em pé a só uma mão de distância. Ele estendeu uma mão aberta e a colocou sobre o seio direito. O coração deu agitadas contra ele, e soube que havia sentido tão solidamente como ela. Como se isso não fosse suficiente, para uma completa mortificação, o mamilo se enrugou. Ele sorriu brandamente.

—Um corpo não mente, Isabel.

Passou-a um braço pela cintura e a atraiu fortemente contra o peito. As pernas dela tremiam, e se não a tivesse sustentado com tanta força, teria caído ao chão.

—Não se deixe enganar, o único intercâmbio entre nós quando a tomar será a satisfação mútua. —deixou cair a cabeça sobre o pescoço. Pressionou o nariz brandamente contra a pele dali, inalando profundamente— Seu aroma virá comigo este dia como aviso do que espera a ambos esta noite. Esteja disponível.

Soltou-a e se foi.

Isabel conteve a respiração, apertando a mandíbula para que os dentes não tagarelassem. Todo o corpo tremia como se várias mãos a dominassem os braços e a agitassem pra frente e pra trás. Voltou-se a olhar a porta pela qual acabava de sair Rohan e soube com o coração encolhido que era uma mulher marcada.



Quando ela entrou no grande salão um pouco depois, renunciando ao resto do banho, Isabel se encontrou com vários olhares. Com o cabelo úmido e o rubor acentuado, não tinha que adivinhar o que estava na mente de cada homem. Especialmente porque as roupas de Rohan estavam tão úmidas como seu cabelo.

O calor se estendeu pela pele quando os olhos se enfrentaram. Rohan cravava um pedaço de carne fria com a adaga e a comia com indiferença enquanto a olhava de cima abaixo. Isabel jogou os ombros para trás e lhe ignorou. Pelo contrário, ficou olhando a seus cavaleiros, que a observavam em sua maior parte tão grosseiramente como seu líder. Até o último deles, incluindo Rorick, encontrou um olhar desafiante antes de voltar para a comida. Ela se voltou para encontrar os penetrantes olhos do africano olhando-a cismadamente.

Ele franziu o cenho quando ela arqueou uma sobrancelha para ele, lhe desafiando a adicionar o insulto à ofensa. Altivamente, passou junto a ele e entrou nas cozinhas. Quando saiu vários minutos mais tarde com um prato moderadamente cheio, encontrou-se com o que chamavam Warner trocando as ataduras de Manhku, as mesmas sujas que havia arrancado antes. O africano resmungou e empurrou afastando o homem.

—Pelos dentes de Deus, homem, essas ataduras não prestam! Devo lhes separar a perna de seu cu agora, ou me deixará cuidar?

Rohan pôs-se a rir e ficou em pé, aproximando-se de seu cavaleiro. Pôs uma mão sobre o ombro do homem enquanto este ficava em pé e se separava do gigante.

—Talvez precise ver a ponta de sua lâmina, Warner, para saber que querem ajudar.

—Ele cortaria a perna incorreta! —Manhku se virou para trás.

Warner sacudiu a cabeça e assinalou o membro mutilado.

—Se cuide você mesmo, então, pagão, e se contente. Como Lady Isabel, não tenho mais interesse em você.

Warner se pôs do outro lado de Rohan. Isabel continuou até o final da única mesa vazia do salão. Infelizmente, também era a mesa do senhor e a mais próxima da chaminé. E Rohan.

Ele se voltou e a olhou franzidamente enquanto ela mordiscava uma parte de pão duro.

—Meu homem necessita que suas bandagens sejam trocadas.

Isabel se encolheu de ombros e mastigou lentamente. Olhou a mão, depois a cara dele, descansou o olhar brevemente sobre o inchaço da mandíbula.

—Sua mandíbula pode estar torta, mas parece que suas mãos estão em bom estado. Faça você mesmo.

Warner golpeou energicamente as costas de Rohan.

—Ha! Ferido por uma mulher!

Rohan esfregou a mandíbula torcida. Era óbvio que tinha sido golpeado. Sorriu, com o humor restaurado.

—Ela maneja os lábios tão expertamente como eu minha espada.

Isabel ofegou, engasgando com a parte do pão que mastigava.

—Não fiz tal coisa! —tossiu.



Rohan fez gesto de aproximar-se, mas lhe indicou que se afastasse. Corajosamente, se arrumou para recuperar o fôlego.

—Aproxima-se um homem! —O grito provinha da torre.

Rohan vacilou enquanto Isabel continuava recompondo-se. Ela assentiu e tomou um comprido gole da taça dele. Rohan passou perto dela, acompanhado pelo som chiado de metal e couro enquanto seus homens lhe seguiam para o pátio. Isabel ficou sentada durante um momento, rezando para que o homem tivesse boas notícias de seu pai e seu irmão. Não sabia quantas más notícias mais poderia admitir sem chegar a ficar como Lyn e Mari.

Tomando uma grande baforada de ar, inalou e exalou lentamente e se moveu com rapidez para o pátio. A cada passo, o coração acelerava, esperando e rezando que fosse seu pai ou seu irmão que voltava para o lar.

Em seu lugar, a vista que recebeu era realmente horrível. Abel, o mordomo de seu pai, esmigalhado, ensangüentado, e com o braço direito convertido em um coto, tropeçando no pátio, depois caindo sobre os joelhos no chão antes de cair de boca sobre a dura pedra.

—É Abel! —gritou Isabel, empurrando para passar pelos maciços ombros dos homens. Deixou-se cair de joelhos e com a ajuda de Rohan lhe virou. Uma branca máscara de morte lhe dava cor. O braço, embora imóvel, sangrava. A emoção se apoderou de Isabel. Abel tinha sido um homem leal. — Abel. — sussurrou, lhe passando a mão pela testa ensangüentada e incrustada de sujeira— Como arranhou estas feridas?

Abriu os olhos, e com uma força que a surpreendeu, tomou a mão apertando-a contra o peito.

—Os assaltantes, milady.

Isabel ofegou.

—Quando, Abel? Onde? —ficou calado, mas o fôlego lhe soprava a mão. Agarrou-lhe a túnica e lhe sacudiu. — Onde? — Gritou com a voz a beira da histeria.

—Na clareira do bosque, perto do rio. —murmurou.

Rohan ficou em pé.

—Conhecem esse lugar?

—Aye, é a várias léguas daqui.

Rohan se voltou para seus homens.

—Às armas. —Enquanto eles se dedicavam a aperfeiçoar suas montarias, Rohan se voltou para a Isabel— Me Fale dos assaltantes.

Ela tragou saliva com dificuldade e se inclinou de novo para Abel.

—Chegaram faz duas semanas justo depois de recebermos notícias da queda de Harold. Pareciam mais empenhados na destruição que em outra coisa. Tomaram o que necessitaram até que necessitassem de novo. Dois dias antes de vocês chegarem, eram tão ousados que chegaram até os limites da aldeia e atacaram. Podem ter sido os responsáveis pelo que ocorreu a seu homem.

—Levam brasão?

—Nay, cobrem o rosto com capuzes escuros, e não hasteiam nenhum estandarte. Acredito que talvez possam ser vikings do Stamford Bridge procurando vingança.



—Serão desmascarados este dia.

Isabel ficou em pé e lhe agarrou o braço.

— Deixe-me lhes mostrar o caminho correto. Tenho uma égua robusta.

Os olhos de Rohan se abriram amplamente com surpresa. Quase sorriu.

—Nunca deixa de me surpreender, donzela. Procurarei que fique aqui.

—Mas há várias clareiras. Conheço...

—Eu lhes mostrarei o caminho. — disse Russell, dando um passo adiante.

Rohan franziu o cenho, olhando fixamente ao moço. Mas o jovem olhou para Rohan com uma tranqüila força.

—Como está suas costas?

—Não dói.

Rohan soprou, mas assentiu com a cabeça.

—Se acredita que têm o que se necessita para montar comigo, então localizem uma montaria adequada. Vá com o Hugh, meu escudeiro. Equipará-lhe adequadamente.

Rohan se voltou para a Isabel, que tinha caído ao lado do homem arrebatado. Levantou o olhar com lágrimas nos olhos.

—Abel deu seu último sacrifício por meu pai. — Fechou-lhe os olhos e fez o sinal da cruz várias vezes.

Rohan a ajudou a ficar em pé.

—Fica no interior da guarida do castelo, Isabel. Não sei se estes salteadores pretendem nos atrair. Terei um montão de homens para que lhes guardem e protejam, mas há muito perigo ao seu redor.

Isabel explorou seus olhos, pareciam enternecer-se. Apesar da dureza de suas palavras e atos, talvez tivesse um pouco de afeto por ela? Se fosse certo, isso lhe faria menos suscetível a ele. Quando ela não respondeu, ele disse com dureza:

—Não discuta. Por muitas razões, não desejo ter que pagar um resgate por você.

Antes que ela pudesse lhe dar uma afiada palavra em conseqüência de seus dardos insensíveis, Rohan partiu.

Momentos depois, os bárbaros do diabo galopavam afastando-se de Rossmoor. Durante um longo momento, Isabel ficou em pé e observou a escura massa de homens, cavalos e armamento, desaparecer na espessura do bosque. Se havia uma coisa bem vinda da presença de Rohan, era que os assaltantes pensariam duas vezes antes de lhes atacar de novo, e admitiu que era melhor que estivessem nas mãos de Rohan e não nas do diabo de Henri do Monfort.

Na sua primeira investida, Isabel sabia muito bem que já não haveria mais a magra pele entre as coxas que a fazia virgem. Estremeceu-se e passou as mãos acima e abaixo pelo fino tecido da túnica. Seja como for, sabia que os dias de permanecer intacta eram contados. Com juramento ou não, podia ver o normando arrastando-a na ardente agonia da paixão.

Um forte vento sacudiu as roupas, trazendo-a de volta ao presente. Isabel levantou a vista para os vários aldeãos que a olhavam fixamente. Os olhos foram para Abel, depois ao grupo de homens.



—Lhe levem a sua esposa, e procurem que seja enterrado.

Com o coração oprimido, Isabel retornou ao salão. Um sacerdote. Deviam ter um sacerdote para benzer as muitas tumbas.



CAPÍTULO 8

—*Milady!* —gritou uma voz de homem.

Isabel deu a volta para ver Ralph, o ferreiro, cruzando correndo o muro exterior do castelo, movendo o pescoço para frente e para trás como uma corda balançando-se. Encolhendo-se de ombros como se tentasse fazer-se pequeno e insignificante, apertava-se contra o muro de pedra quando entrou em pátio, sem deixar de olhar atemorizado.

Vários homens de Rohan franziram o cenho ao seu passo, e um, o cavaleiro Warner, manteve um olho cauteloso sobre o ferreiro. Isabel correu para ele. Logo que ele pôde ouvi-la, disse:

—Aja como se viesse ao castelo todo dia, Ralph. Atrai muita atenção sobre você com seus movimentos nervosos.

Isabel se voltou então. Enquanto ele a alcançava e freava até um lento passo, sem pressas, caminhou para o grande torreão.

—Me perdoe, Lady Isabel. —soprou Ralph, sem fôlego— Mas não acostumo com esses estrangeiros em meu lar.

Isabel assentiu com a cabeça, mas manteve o ritmo lento e uniforme.

—Entendo, mas enquanto estiverem aqui, não devemos lhes dar motivos para fazer mais dano do que já fazem.

Ralph cuspiu.

—Se tivesse uma espada!

Isabel lhe fez calar e entraram no grande salão, detendo-se diante da chaminé que esquentava a parte traseira da sala. Ali também era onde comiam os aldeãos, aonde vinham a consultar os assuntos do Lorde e onde estavam atados os cães de caça. Na parte superior, onde descansava Manhku, junto à mesa do senhor, era onde residiam os nobres. E, pensou Isabel, e os normandos que atuavam como se tudo fosse deles. E William ainda tinha que ser coroado!

Isabel se inclinou para soltar os vários cães. Quando fez isso, Ralph se moveu mais perto e sussurrou:

—*Milady*, muitos dos aldeãos se escondem nos bosques, perto das covas. Estão famintos e muitos estão feridos. És nossa única esperança.

Ela se voltou a olhá-lo e quase chiou. Warner estava em pé a uns poucos palmos de Ralph. Acariciava o punho da espada, estreitando os escuros olhos, e aproximando-se mais ainda.

—Está a privacidade agora contra a lei normanda? —perguntou Isabel intencionalmente em inglês.

O cenho de Warner se aprofundou.

—Agradaria-me, Lady Isabel, que falasse em minha língua. —respondeu o cavaleiro em francês.

Isabel assentiu com a cabeça, confirmando suas suspeitas. Sir Warner não falava seu idioma.

—Vos rogo que me desculpe, Cavaleiro. Perguntava-me se a privacidade estava agora contra a lei normanda.



Warner assentiu e esboçou um sorriso torcido. A cicatriz do queixo se esticou com o gesto. Era um homem bonito que, em outras circunstâncias, Isabel poderia ver-se admirando. De todos os homens de Rohan, parecia ser o mais interessado em reduzir a grande brecha que separava os normandos e os saxões, enquanto que Rohan parecia estar mais decidido a ampliá-la.

—Nay, Lady Isabel. Em tempos de guerra, a etiqueta não existe. Nem sequer no campo de batalha.

Isabel fez uma reverência e esboçou um forçado sorriso corriqueiro.

—É obvio, Sir Warner. Quão tolo de minha parte esperar mais de um normando. —lhe olhou diretamente nos olhos— Se me perdoarem, meu homem, Ralph, traz-me notícias da aldeia. Só fala inglês.

Warner assentiu, mas não se separou deles. Pelo contrário, apoiou-se contra a chaminé e se agachou para acariciar um cão atrás das orelhas.

—Sintam-se livres para falar de seus assuntos.

Isabel deu as costas ao arrogante cavaleiro. Seria a última a rir de todos eles. Em inglês, disse ao Ralph:

—Não entende nossa gentil língua. Fale-me livremente, mas faça de uma maneira que pareça que estamos falando da atividade diária do Alethorpe.

Ralph assentiu, e antes que começasse, jogou um cauteloso olhar ao cavaleiro, que lhe olhava com frio desdém.

—Nas profundidades do grande bosque de Menloc, um grupo de Wilshire se reúne, assim como muitas pessoas de nossa aldeia. Temem aos normandos. Estão cansados e famintos, e muitos têm feridas infectadas.

Com a ponta do escarpín, Isabel empurrou uma brasa que tinha saltado da chaminé ao chão de pedra, perto do pé. Em um lento movimento lhe esmagou, apagando o calor da brasa.

—Não posso levar comida, Ralph, mas, —mordeu o lábio inferior e tentou com força não olhar ao cavaleiro normando— me parece que tenho um modo de esvaziar as despensas sob os narizes dos normandos. Vou recolher a cesta de cura. Depois, reunirei-me com você depois do estábulo junto ao muro sul.

—Aye, perto dos escombros da abertura.

Isabel assentiu. Ralph lançou um estreito olhar a Warner, que estava em pé olhando a ambos como se tivesse entendido cada palavra que haviam dito. Isabel sentiu que lhe ardiam as bochechas. Era difícil manter a calma quando estava a ponto de desafiar as ordens de Rohan.

—Os normandos te vigiam bem. Como te liberarão desta sombra indesejada?

Isabel sorriu e lhe pôs a mão sobre o antebraço.

—Deixe isso comigo. Agora, me permita influenciar o normando.

Isabel se voltou com o rosto sereno a Warner. Imediatamente, ele ficou rígido. Ela sorriu e disse brandamente em francês:

—Não têm nada que temer de mim, Sir Warner. Só lhe peço um pequeno favor. —eticamente, ele assentiu para que ela continuasse— Sir Warner, Ralph me explicou que há muitos aldeãos doentes e não comeram em vários dias. Nossas despensas estão cheias. Peço-lhe que me dê permissão para dispor delas para alimentar a minha gente.



Warner franziu o cenho, a incerteza lhe nublava a face.

Isabel lhe tocou o braço.

—Senhor, a gente requer alimento para sobreviver.

Warner continuou lhe franzindo o cenho. Estava claro que não confiava nela.

—Poderiam vocês e seus companheiros cavaleiros cuidar dos campos e das ovelhas quando não ficarem aldeãos para atendê-los?

Ela soube que no momento tinha ganhado. Ele se endireitou e os olhos se aclararam.

—Porei um homem nisso.

Isabel pressionou a mão mais firmemente no braço.

—Não é necessário. Seus normandos assustam a minha gente. Permita que Ralph vá sozinho para que possam comer em paz. —quando ele não disse uma palavra mais, sorriu e lhe apertou o braço, depois retrocedeu— Meus agradecimentos, Sir Warner.

Isabel se apressou a informar a Ralph do que falava.

—Vá a várias famílias, e quando for o momento correto, esconda-se atrás de uma das cabanas, e se reúna comigo com o carro.

Os olhos de Ralph dançaram com humor, mas Isabel lhe dirigiu um severo olhar. Não precisava alertar ao normando de que estava sendo enganado como um tolo. Enquanto Ralph se dirigia para a cozinha, Isabel se deslocou para a grande chaminé e ao sarraceno. Warner a seguia muito de perto.

Isabel ficou olhando o gigante dormido. A ferida estava aberta, mas não supurava tanto. Inclinou-se para sua tarefa. Várias vezes, enquanto limpava, emplastava e depois enfaixava a perna, o africano se moveu. Quando envolveu fortemente o último dos tecidos, os olhos escuros dele se abriram, e lhe franziu o cenho.

—Não se levante Manhku, ou perderá a perna.

Ele grunhiu brandamente, mais como um cachorrinho que como um cão grande, mas fechou os olhos, e logo seus roncos encheram o salão. Isabel levantou o olhar para Warner, que lhe oferecia a mão. Ela pôs a mão sobre a dele, e se levantou.

—Obrigado, Sir Warner. Agora, se me desculpar, eu gostaria de trocar de roupas e me refrescar. Tenho muito que necessita minha atenção este dia.

—Me foi confiado garantir sua segurança hoje, donzela. Não me faça ficar como um tolo aos olhos de Rohan.

Uma rápida pontada de culpa revoou através do peito de Isabel. Mas seu caminho era claro. Sua gente estava em primeiro lugar, e não havia Sir Warner dito uns momentos antes que não havia regras de etiqueta na guerra?

—Dúvido, Sir Warner, que alguma vez possa parecer um tolo para Rohan.

Isabel agarrou o cesto de ervas e correu pela grande escada até a câmara da senhora, onde rapidamente pôs roupas mais resistentes.

Momentos depois, com a cesta cheia e carregada de ervas, bálsamos e tecidos, Isabel se deslizou para fora da sala. Jogando um cauteloso olhar sobre o ombro, conteve a respiração. Warner estava em pé, ao final do corredor que levava a escada. Em um movimento lento para trás, Isabel



percorreu o corredor. Quando Warner se voltou, ela se apertou contra um vazio pouco profundo. O coração pulsava tão forte no peito que estava segura que rasgaria abrindo-a. As duras pedras frias cravavam nas costas.

Depois de vários longos instantes, quando não surgiu nenhum som, atreveu-se a olhar. Com Warner de costas de novo para ela, Isabel se lançou pela curva do corredor para a escada contígua. De um lado, havia uma grossa porta de madeira que levava às antigas câmaras do torreão e baixava às cozinhas. Algumas ainda eram aptas para se habitar, mas a maioria eram usadas para armazenar. Do outro lado da porta havia pedra.

Isabel se elevou tanto como pôde sobre os dedos dos pés e examinou ao longo da borda que sobressaía um resistente bloco esculpido. Pressionou as pontas dos dedos para cima e para baixo até que ouviu um pequeno estalo. Sorriu. Vários blocos grandes se moveram para frente, uma porta, que conduzia a uma passagem secreta para os fundos do castelo e bosques.

Seu sorriso se estendeu quando recordou seu travesso irmão. Tão próximos em idade como eram, Geoff sempre a tinha incluído em suas aventuras. Em uma delas, tinham descoberto por acidente a passagem secreta. Muitas vezes, esconderam-se de seu pai nas escuras curvas da úmida escada quando irrompia no grande salão exigindo que seus filhos realizassem repugnantes tarefas.

Doía-lhe o coração por seu irmão. Quando tinha ido ser treinado com Harold, ficou devastada. Mas Geoff havia regressado regularmente, e uma vez que ganhou as esporas, residia mais freqüentemente no Rossmoor.

Rapidamente, deslizou-se através da estreita abertura até a escura e úmida escada. Isabel quase deixou cair sua cesta ante o odioso fedor dos excrementos que lhe assaltou os sentidos. A descida para o poço negro corria por essa passagem. Engasgou-se várias vezes antes de recompor-se e medir o passo pelas escorregadias escadas, usando a parede como guia.

Ainda contendo o fôlego, Isabel chegou à parte inferior da escada. Muito lentamente, mediu procurando a fechadura que lhe abriria a porta ao exterior. O frio ar se jogou sobre ela, e Isabel o tragou a grandes baforadas. A luz do sol se filtrava através das densas sarças de amoreira que protegiam a porta de pedra da vista.

Benzeu-se rapidamente enquanto lhe mandava um silencioso agradecimento a seu bisavô Leofric. Quando construiu Rossmoor, assegurou-se que se a família nórdica de sua esposa viesse sem convite, teria uma rota de escapamento. E agora servia para Isabel também.

Devido ao lugar onde estava situar a entrada, tudo o que Isabel tinha que fazer era mover-se ao longo das paredes do senhorio aos altos muros de pedra que rodeavam Rossmoor. Escondendo-se detrás de outra grande amoreira, havia um passadiço através do muro de pedra para a periferia do bosque. Encontrou o fecho e deslizou para o outro lado para reunir-se com Ralph que a esperava.

—Não encontrou nenhum normando? —perguntou Isabel, surpreendida de encontrar o ferreiro esperando tão logo com uma carreta de madeira cheia de comida.

—Os normandos podem ter seu próprio fedor, mas não podem tolerar o fedor da cabana do curtidor. Ali fiz minha terceira parada. Sem dúvida, ainda estão vomitando a comida da manhã.

Isabel sorriu e adotou um ritmo paralelo ao lado de Ralph enquanto ele empurrava o carro para o espesso bosque de árvores.

—Poderemos não igualar aos ferozes cavaleiros normandos em armamento e cavalos, mas lhes ultrapassamos com nosso engenho. Esperemos que o resto dos saxões sejam tão ardilosos como nós, Ralph.



Rohan estava sentado escarranchado sobre o Mordred, o bosque estava silencioso e taciturno ao redor, com o nariz elevado no fresco ar de novembro. Como as de um lobo, as arestas nasais lhe tremiam, depois flamejaram. Sua presa estava perto. Podia cheirar o fedor de seu temor.

Não ficava nada do pequeno acampamento que os aldeãos tinham feito. Só terra empapada em sangue e frias cinzas contavam sua história. Nem sequer havia restos de roupa ou um prato de comida. Era como se tivessem sido arrancados por uma mão do céu.

Rohan levantou o olhar através do espesso dossel das árvores. A luz do sol se filtrava através dos sombrios ramos, projetando uma sombra mortal sobre o silêncio espectral.

—Vigiam-nos, Rohan. —disse Thorin do lado direito.

Rohan assentiu, estreitando os olhos para ver mais claramente entre as espessas sarças. Estavam em desvantagem. Seus homens eram melhores em campo aberto, onde manobravam facilmente com os grandes corcéis. Tal como estavam, os cavaleiros da Espada de Sangue teriam muitas dificuldades para dirigir as grandes espadas e tochas de batalha de uma maneira digna. As montarias podiam subir sobre o próximo homem, e a confusão suprema reinaria.

Rohan nunca se apartou de uma luta em sua vida, mas seu instinto lhe dizia que, em caso de pressionar os bandidos nesse terreno, a perda de seus homens seria considerável.

—Aye, vigiam-nos e esperam que nos reagrupemos. Não é a melhor das posições para nós, meu amigo.

—Poderíamos nos matar uns aos outros em nossos esforços por acabar com eles.

Rohan assentiu.

—É uma loucura para eles subestimar o poder de nosso arsenal: —sorriu e disse— lhes demos uma prova do que somos capazes de fazer.

Thorin sorriu por sua vez.

—Aye, meus arcos gritam por atenção.

Rohan tirou o comprido arco da caixa de couro que balançou sobre a sela. Em lugar de uma flecha, agarrou três e as preparou.

Os homens seguiram seu exemplo. Dado que o bosque era muito espesso e os covardes assaltantes se escondiam sob ele, Rohan apontou com o trio de flechas em um ângulo que teria o máximo impacto e penetração.

Lançou, e igualmente fizeram seus homens. O assobio das flechas bem dirigidas agitou no ar em um som horrível, seguido do profundo grito visceral de batalha de Rohan. Segundos depois, algazarra humanas estouraram da espessura. Rohan e seus homens agarraram mais flecha e as fizeram voar.

Mais gritos surgiram dos arbustos. O bosque se agitou enquanto os corpos dos covardes caíam ou se voltavam para fugir na profundidade. Rohan sentado escarranchado em seus arreios sem intenção de segui-los mais profundamente no bosque. Tirou outras três flechas da aljava e as preparou. Desta vez, dirigiu-as para um ângulo mais alto, dando às flechas uma curva mais articulada para alcançar os assaltantes que fugiam. Uma vez mais, os homens seguiram seu exemplo. O doce assobio das flechas quando eram lançadas ao céu deu calafrios em Rohan. Embora, como cavaleiro, a primeira e principal era uma espada feita para sua mão, seus homens e ele eram também peritos arqueiros e



tinham aprendido bem a habilidade. Tinha-lhes vindo em sua ajuda mais vezes das que podia contar. Porque às vezes, uma espada ou um machado não eram a arma para ver seu trabalho realizado.

Mais desordens estouraram, desta vez, do mais profundo do bosque.

Quando várias encurradas mais de flechas não trouxeram uivos de dor, Rohan assentiu, satisfeito de que, embora não tivessem eliminado aos destrutivos assaltantes, fizeram dano suficiente para evitar qualquer outro ataque no momento.

Rohan se voltou na sela e olhou para baixo, ao arrivista escudeiro de Lady Isabel.

—Poderia aprender muito em breve, menino, que os cavaleiros normandos estão treinados em todos os tipos das armas.

Russell trouxe com dificuldade e assentiu.

Rohan deu a volta em Mordred e elevou uma mão para seus homens.

—Não há nada mais que tenhamos a fazer aqui. Patrulhem estas terras que conquistamos antes que voltemos para o Rossmoor.

O sangue de Rohan se esquentou quando falou de Rossmoor. Mas não era pelo impressionante edifício de pedra. Nay, era pela teimosa moça que se fazia chamar a dama do senhorio. Para seu assombro, encontrava-se pensando na donzela e a agitação que tecia nele era mais que a emoção da caça.

Sacudiu a cabeça odiando-se. Não era a não ser uma das muitas mulheres que poderia fazer girar a cabeça de um homem. E havia vintenas mais como ela nesta terra esquecida de Deus.

Enquanto Ralph a conduzia mais profundamente no bosque gelado, Isabel se deu conta da tranqüilidade que lhes rodeava. Era como se caminhasse por um cemitério. O ar aqui era mais frio, a cor apagada. A gelada manhã se atrasava, marcando seu passo com o suave rangido da grama gelada. As aves que estava acostumada a escutar cantando alegremente sob o brilho do sol estavam em silêncio. Era como se lhes tivessem arrancado a alegria.

Isabel podia bem ver a relação. Em menos de dois meses, sua vida e as vidas de todos os saxões tinham sido retorcidas de dentro a fora. Um estrangeiro reclamava o trono da Inglaterra. Seu pai e seu irmão foram à guerra, talvez ambos estivessem mortos, suas terras e sua gente dizimados por covardes assaltantes e, depois, a chegada dos normandos.

Estremeceu-se com força e apertou a capa forrada de pele mais forte sobre os ombros. Um triste sorriso lhe cruzou o rosto. O manto era de fino visom nórdico. Completamente forrado, o material exterior era veludo luxuosamente bordado. Um presente de seu pai no San Miguel passado. Tinha-o mandado para ela. Como parte de seu enxoval de bodas. Tinha insistido que tomasse como um breve presente de um pai envelhecido. Estivera feliz de aceitá-lo.

Isabel trouxe com dificuldade. A data das bodas estava planejada para a matança da primavera. Viria Arlys por ela? Exigiria que fosse entregue como tinha sido prometido por seu pai?

Tinha sido paciente todos esses anos. Seu contrato de noivado se forjou quando não era mais que uma jovem menina. Dois anos depois de seus primeiros passos, tinha sido prometida como esposa do conde. Mas com sua mãe morrendo antes da data original das bodas, seu pai duvidou. Não podia suportar perder a sua esposa e sua filha no mesmo ano. Insistiu que Isabel ficasse como à senhora do castelo até que Geoff arranjasse uma esposa. Arlys não estava feliz e inclusive solicitou a Edward que obrigasse a Alefric a honrar o contrato que tinha sido assinado originalmente.



Mas Alefric era o padrinho de vários dos favoritos da corte de Edward. Alefric também era um patrono benévolo dos Santos e tinha permanecido firme ao lado de Edward quando Godwin²¹ tinha provocado uma guerra civil.

De modo que Arlys estava condenado a perder em sua petição. Para demonstrar sua boa fé, Alefric deu ao conde uma porção do dote dela em Mercia. O total do dote, um dos mais ricos jamais recordados, seguiria no dia das bodas. A ira lhe turvou o ventre. Oxalá ainda conservasse essas terras! Ao menos, sabia que o tesouro de seu pai estava bem escondido nas profundezas das cavernas. Alguns meses antes da morte de Edward, Alefric, sendo o homem sábio que era e acautelando o futuro, tinha mudado o cofre de prata para as cavernas. Quando ouviram os intentos de William de navegar até as costas da Inglaterra e reclamar o trono, lançaram um suspiro de alívio. Rossmoor poderia ser tomado, mas a prata poderia lhes servir para comprar uma passagem para climas mais amistosos em caso de necessidade.

Mas até esse momento, o dinheiro esperaria no profundo das cavernas de Menloc a volta do senhor.

A Isabel não gostava das cavernas escuras e úmidas. Os morcegos eram muitos e ferozes. As histórias de almas perdidas que vagavam pelas profundas fendas clamando por outros, tinham-na aterrorizado na infância.

E os sussurros sobre a bruxa cresciam em cada ano que passava. Dizia-se que era a principal responsável pelas almas perdidas, que era mais poderosa que qualquer guerreiro e que tecia as roupas com o cabelo de suas vítimas. Isabel tinha protestado quando seu pai tinha adotado as cavernas como esconderijo para sua prata.

—Mas, Pai. —tinha chorado— A bruxa lhes cortará a cabeça e a acrescentará a sua coleção!

—Nay, filha. —fazendo a calar— Sei do que falo. Agora, vamos preparar a tarefa.

E assim se fez.

Ao menos, pensava Isabel, não estava tudo perdido. Talvez, se seu compromisso com Arlys fosse anulado, ela poderia agitar a prata sob o nariz de um novo marido em potencial. Deixou escapar um comprido suspiro. Ocorreu-lhe então que não estava infeliz por não se casar com Arlys. Não podia dizer exatamente o porquê, mas sabia que parte disso era que ele era mais velho, e tinha gasto a maior parte de sua vida na corte em lugar de atender suas comarcas, mas essas eram razões tolas. Arlys era, ou tinha sido, um poderoso senhor feudal. Era um bom partido para alguém na situação dela. Unidos, seriam um casal formidável. Entre os mais ricos da Inglaterra.

Isabel suspirou e olhou seu fôlego obscurecer-se na frieza do ar. Mas Arlys não a agitava o coração. E seu toque não lhe suscitava o mesmo calor que o de Rohan. Aye, Rohan a perturbava em muitos níveis, e que a Sagrada Mãe a perdoasse, mas em mais de umas poucas ocasiões, seus pensamentos conjuravam seu poderoso corpo nu.

Isabel tropeçou, e se não se agarrasse firmemente ao carrinho de mão, teria caído no duro chão.

—Tranquelize-se, milady. — disse Ralph, estabilizando-a— Já estamos quase chegando.

E assim, Isabel empurrou os preocupantes pensamentos do escuro cavaleiro para longe dela.

²¹ **Godwin** medio hermano de Edward. Se aseguró el poder en el reino al casar a su hija mayor con Edward (23 de enero de 1045). Pronto se convierte en el líder de la oposición a la influencia cada vez mayor de los normandos en Inglaterra



CAPÍTULO 9

Uma pequena clareira apareceu na espessa floresta das árvores. Uma grande fogueira ardia no centro. Várias pequenas choças improvisadas, tão perto das chamas como a segurança o permitia, aproveitavam o escasso calor, formando uma semicircunferência rodeada a seu redor. Várias pessoas elevaram a vista, desoladas e desesperadas, caras tão pálidas como a turfa geada. Os de Alethorpe que Isabel reconheceu imediatamente e os de Wilshire, que ficava a dois dias a cavalo de Rossmoor.

Quando o reconhecimento se fez evidente para os aldeãos, os rostos se transformaram do desespero à pura alegria.

—Milady, milady!

Gritaram a coro envolvendo-a em uma massa de assustada e cansada humanidade. O coração de Isabel se encheu de amor, e enquanto os abraçava, quentes lágrimas se arrastavam pelas bochechas. Temia falar por medo de que a voz a quebrasse e pudessem pensar que era débil. Em lugar disso, manteve a cabeça inclinada e limpou as lágrimas com a manga da túnica.

Uma vez que se recuperou, Isabel retrocedeu pintando um feroz sorriso.

—Tenham fé! Lorde Alefric e Sir Geoff ainda não retornaram. Quando o fizerem, veremos nossas terras outra vez assentadas. Até então, me permitam lhes atender insistindo a todos para vir ao Alethorpe.

Várias pessoas gritaram de medo.

—Os normandos!

Isabel assentiu.

—Aye, os normandos seguem em meu salão, mas não estão empenhados na mesma destruição que os assaltantes. Ao menos por agora, os normandos lhes protegerão. É mais do que têm aqui.

—Milady, os normandos nos cortariam a garganta enquanto dormimos. —disse Ralph, com desprezo em cada palavra— Prefiro ficar aqui a retornar.

Isabel dirigiu um olhar de assombro ao ferreiro.

—Ralph! Abandonaria a sua esposa e filhas na aldeia?

Ele negou com a cabeça, os olhos escuros duros.

—Eu gostaria de trazê-las aqui.

—É uma loucura. Os assaltantes são muitos. Mutilam e saqueiam. Pereceriam aqui sem comida.

—Tenho uma lança forte. Outros têm arcos.

—Aye, e são capazes. E enquanto que eu lhes permito caçar dois dias ao mês nos bosques do senhor, os normandos podem não ser tão generosos. Os armazéns e despensas no Rossmoor estão saturados. O normando prometeu preencher o defumadouro quando se esgotar.

Ralph sacudiu a cabeça. O cenho franzido.

— Fostes influenciada pelos normandos, milady?



Isabel ficou sem fôlego, surpreendida pela acusação.

—Nay! Penso só em sua segurança e na dos outros. Aqui, no meio do bosque, são uma presa fácil para a fome e os assaltantes. No Rossmoor, têm uma oportunidade. —Isabel tirou a pesada lona da carregada carreta— Mildred, —disse à velha parteira— ajude Blythe a distribuir os mantimentos que trouxemos. Racione. Não posso garantir quando será a próxima vez.

A mulher inclinou a cabeça e pôs-se à tarefa.

Isabel se voltou para Ralph.

—Me leve até os feridos.

Seguiu-lhe até um conjunto de cabanas maiores detrás das menores. Quando se agachou, apartando o rasgado tecido que atuava como uma porta, o fedor que recebeu o nariz fez que a bÍlis subisse. Deteve-se a meio passo e se esforçou para conter o escasso café da manhã.

Ralph a estabilizou.

—Algumas das feridas estão ulceradas muito tempo, milady. Temo-me que estão ao longe de curar-se.

Isabel assentiu e fez sinais a Brice, o robusto neto de Mildred, para que a seguisse até fora, ao ar fresco.

—Traga as camas de arma aqui fora, perto do fogo. Ponha pra esquentar dois caldeirões para ferver água.

Voltou-se para cumprir as ordens, mas ela lhe agarrou pelo ombro. Ele voltou os escuros olhos marrons para ela.

—E Brice, me traga um machado bem afiado e uma adaga.

O moço empalideceu consideravelmente, mas assentiu com a cabeça e se apressou a cumprir as demandas.

—Tem estômago para isso, milady? —perguntou Ralph detrás.

Endireitando as costas Isabel se voltou e olhou aos olhos escuros, só para encontrar a preocupação por seu bem-estar.

—Aye, não tenho outra opção. Podem perder um membro ou perder a vida. Darei a cada um a escolha.

Assim é como devia ser. Quando Paul, o irmão de Ralph, foi levado ante ela e depositado na cama de armar, desmaiou pela dor do braço que o incomodava. Isabel apartou o áspero tecido cravado na profunda ferida do antebraço. O fedor saiu da ferida causada pelo coice de um cavalo de guerra. Isabel respirou pela boca. A pele ao redor da ferida era negra. O pus espesso, amarelo e verde, brotava da extensão inflamada. A infecção se estendeu até o cotovelo.

Tocou-lhe a frente. Ardia pela febre. Isabel apertou a mão na bochecha. Ele abriu os olhos. Sombrio e sem esperança, olhou-a.

—Paul, não posso salvar seu braço. Mas posso salvar sua vida se me permite... —tragou saliva— se me permite amputá-lo. É a única forma de evitar que o veneno se propague.

Ele assentiu com a cabeça e fechou os olhos. Isabel levantou o olhar para Ralph, que se ajoelhou a seu lado.



—Vou necessitar de sua força, Ralph. Para separar o braço limpamente será necessário mais que uma afiada lâmina e minhas escassas forças.

—Me diga o que fazer.

Isabel ficou a trabalhar. Formou um torniquete várias polegadas acima da negra carne, lhe dando tempo para que adormecesse a parte do braço envenenado de Paul. Pediu cordas e lhe deram de vários comprimentos. Atou uma a cada um dos tornozelos de Paul e outras duas aos pulsos. Os homens mais robustos o seguravam tensamente a fim de que não pudesse mover-se agitadamente e impedisse a pontaria de Ralph. Por último, encontrou um grosso ramo e deu ao homem pra morder.

—Peço-lhe perdão, Ralph, por te pedir tal coisa. Se tivesse a força necessária, eu mesma faria. —disse Isabel em voz baixa.

—Sinto-me honrado, milady.

Ela voltou à vista para Paul que apesar de sua desesperada situação, estava totalmente acordado. O temor no rosto era quase suficiente para que Isabel partisse dando meia volta. Mas se manteve firme. Benzeu-se e disse uma silenciosa oração.

—É o melhor, Paul. Cauterizarei o coto e a dor afrouxará, assim como também a febre.

Ele assentiu com a cabeça.

—Faça já!

Isabel deu o sinal aos homens, e puxaram as tensas extremidades. Ralph levantou o machado e, em um rápido ataque, deixou-o cair, cortando o braço pela metade. Paul gritou, perturbando a tranqüilidade misteriosa do bosque circundante. Isabel não pôde agüentar a bÍlis nesse momento. Tão discretamente como pôde, lançou o que restava do café da manhã na dura terra. Limpou a boca com a manga e se inclinou à tarefa da cauterização da ferida.

E assim transcorreu a tarde. Não contou os membros amputados, os dedos da mão ou dos pés. Não contou os pálidos rostos sem vida que não puderam salvar. Não contou às vezes que pensava que não poderia suportar outra ferida ou banhar outro corpo com furiosa febre.

Quando o último de sua gente foi atendido, Isabel olhou Ralph, que parecia tão cansado como ela se sentia.

—Ralph, parece que os assaltantes estavam mais interessados em mutilar que matar. Que classe de homem faz isto?

O velho ferreiro se agachou junto a ela. Ficou com o olhar fixo no fogo durante muito tempo, sem falar. Tomou as mãos nodosas, as linhas nelas eram profundas e rachadas.

—Os homens estavam bem armados e eram peritos na arte da guerra. Juraria que alguns eram de sangue viking, mas não levavam cores. —a olhou— Na verdade, não poderia dizer de onde vieram.

Isabel pôs uma reconfortante mão sobre o robusto braço do homem.

—O sangue viking é profundo entre nosso povo, Ralph. Poderiam ser parentes?

O ferreiro franziu o cenho e sacudiu a cabeça, mas voltou um zangado olhar para ela.

—Quem mataria a sua própria família?

Isabel pensou na resposta. Não gostava do que era óbvio.



—Não é tão difícil de imaginar nestes tempos. O próprio irmão de Harold tentou lhe matar pela coroa. Com as ofensas dos normandos, temo que veremos muitos estrangeiros abarrotando nossa terra, a maioria mais que dispostos a matar por um pedaço dela. Inclusive o próprio irmão de du Luc lhe desafiou.

Ao pensar em Rohan o corpo estremeceu. Tão envolta tinha estado em suas tarefas que não lhe tinha dedicado um pensamento desde a chegada à clareira. Olhou para o céu escuro. Ele teria retornado ao Rossmoor a esta hora. Tremia ao pensar em sua fúria quando descobrisse que se foi.

Isabel sorriu tristemente ao velho aldeão que estava ao seu lado. Aye, não havia outra opção. Aceitaria a ira de Rohan mil vezes mais. Não sentia remorsos por ter vindo até a clareira. E certamente, lutaria para vir de novo.

—Reze para que esse cavaleiro Rohan seja bom para uma coisa, para livrar os bosques desta praga.

Ralph soprou e cuspiu no chão. Abruptamente, levantou-se.

—Porcos normandos! Quem é este William, de todos os modos? Não tem nenhum laço de sangue com nossa terra. Não é mais que o neto bastardo de um curtidor.

Isabel assentiu com a cabeça e ficou em pé assistindo Ralph. Enquanto sacudia as folhas secas e a sujeira da túnica, disse:

—Aye, ele é tudo isso, Ralph, mas tome cuidado. A Espada Negra, que agora cruza nossa terra reclama também que é neto desse mesmo curtidor. Vos rogo que fie muito fino até que tenhamos uma base firme nesta guerra. Tenhamos paciência e observemos esta farsa até o final. Muita coisa pode acontecer aos dois bastardos que ultrajaram nossos direitos de nascimento.

Os escuros olhos de Ralph brilharam com desafio.

—Lorde Arlys está perto, Lady Isabel. Está reunindo seus homens, aguardando uma melhor oportunidade e vigiando. Ganharemos finalmente.

Com as palavras, o ventre de Isabel pouco a pouco se agitou.

—Me contem sobre Lorde Arlys. Onde está?

—Só ouvi que não tinha homens para resistir o assalto ao Dunsworth, mas escapou com vida. O castelo foi reduzido a escombros, e Lady Elspeth está cativa esperando o resgate. Ouvi que o jovem Lorde Edward não se encontrava ali.

Isabel ficou sem fôlego. Pobre Elspeth! A irmã do Arlys tinha tão somente dez anos, e o doce Edward? Onde podia estar? Arlys tinha escondido o moço? Em silêncio, Isabel se benzeu e se deu conta de que era mais afortunada que a maioria das donzelas saxonas. Rohan era um brutal guerreiro. Certo que não tinha nenhuma compaixão por ela nem por sua gente. Mas não a tinha forçado, nem tinha destruído Rossmoor ou a aldeia. Certamente, só um tolo faria isso. Pois só teria que ser reconstruído.

Isabel olhou ao redor do tranquilo acampamento. Os baixos gemidos desses feridos sobreviventes se acalmaram e os assombrados rostos dos meninos estavam agora relegados às sombras em um fatigado sonho. Atentou-se a uma jovem mãe sentando-se muito perto do fogo com seu bebê recém-nascido fortemente pego contra o peito, tratando corajosamente de manter o menino quente. Isabel se agachou e tomou a capa forrada de pele de onde a tinha deixado e se aproximou da jovem mulher. Os íntimos olhos olhavam com desesperança. Isabel sorriu e, ajoelhando-se ao lado da garota, envolveu com o rico objeto ao redor dela e do bebê.

—Aqui, estarão mais quentes agora. —nos olhos da garota fluíram as lágrimas. O sorriso de Isabel se ampliou e conteve o próprio ataque de lágrimas— Deus vela por você e seu bebê.



Isabel se levantou e se voltou para Ralph e Mildred, que a olhavam com expressões surpreendidas.

Isabel se encolheu de ombros.

—Estamos nisto juntos. Espero que, se alguma vez necessitar de uma palavra amável, alguém responda e apazigue meus temores. —Isabel esfregou as mãos para cima e para baixo pelos braços— Ralph, têm notícias do Padre Michael? Há muitas tumbas para ser bentas. Não é justo que pessoas inocentes devam fazer sem a absolvição.

—O bom frade não lhe vejo desde a primeira incursão no Alethorpe.

—Acha que foi assassinado?

—Não sei, milady.

Isabel pensou no assunto. Se o padre Michael certamente estivesse morto, então, teria que viajar a abadia de Dunleavy e pedir que um dos frades viesse benzer as tumbas. Era uma viagem de dois dias para lá. Mas ela não podia ir sem escolta. Rohan a daria? Acaso lhe importava que sua valente gente jazessem sem a absolvição da confissão? Não, não ia acreditar uma coisa tão vil, nem sequer de um normando. Teria ao padre, embora tivesse que sair às escondidas sob o manto da noite e encontrar um ela mesma.

Rohan galopou com o passar do caminho bem forjado para Rossmoor sentindo-se vitorioso. Tinham ganhado finalmente. E com a ausência dos assaltantes, poderia encorajar aos que tinham fugido para os bosques a retornar sob seu amparo.

Poderia ser outro bom dia para celebrar. Ele sorriu por debaixo do casco. E uma boa noite para saborear mais a fundo a doçura de Lady Isabel. Esquentou-lhe o sangue. Aye, admitiu que seria difícil não afundar-se profundamente entre as coxas, mas possuía um autocontrole supremo. Havia outras formas de encontrar a liberação. E contava instruir a pouco disposta donzela em cada uma delas.

Quando a espessa névoa se abriu e Rossmoor apareceu à vista, o peito de Rohan se encheu de orgulho. A extensa fortificação de pedra era uma peça muito fina de arquitetura. Os luxos que abundavam dentro eram melhores do que alguma vez tivesse experiente. As terras circundantes estavam repletas de recursos naturais. Aye, Alethorpe era uma jóia na coroa da Inglaterra.

A excitação pulsou através dele. Se fosse afortunado, isso e tudo o que lhe rodeava, algum dia seria dele.

Quande Rohan se deteve de repente no pátio, o estado de ânimo instantaneamente se azedou e o instinto guerreiro deu uma labareda. Algo estava errado. Warner passeava para cima e para baixo fazendo uma profunda cunha na pedra. Rohan desmontou. Hugh agarrou as rédeas do Mordred e partiu com o enorme *negro*. Os olhos de Rohan examinaram a zona em busca de Isabel. A ira aumentou quando ficou evidente que ela não estava presente.

—Por que não está protegendo à dama? —exigiu Rohan, retirando o elmo da cabeça. Enquanto empurrava para trás o capuz, soube no momento que Warner o olhou com espantados olhos que a senhora se foi. Um remoinho de emoções que não podia nomear se precipitou no interior de Rohan. O medo que Warner demonstrava dele significava o pior. Tinha caído em mãos de um invasor?

O sangue de Rohan gelou no corpo. Tinha Henri retornado?

—Onde está? —exigiu, dando um passo para mais perto de seu homem.



Nunca em sua vida tinha ocorrido a Rohan golpear a um de seus homens por uma mulher, mas se Warner...

—Ela me escapou, Rohan. Enganou-me!

Rohan agarrou a Warner pelos ombros e lhe sacudiu como a um rato.

—Onde está ela?

Thorin se aproximou de Rohan. Afastando a mão, rompeu o empunhe de ferro sobre Warner.

—Ela me disse que sua gente necessitava comida. Pediu-me permissão para tirar da despensa. A dei. Logo me disse que tinha que procurar mais ervas em sua câmara. Vi-a subir as escadas, Rohan. Fiquei no extremo do corredor e esperei sua volta. Ela não passou por mim! Revolvi este castelo a fundo. Desapareceu no ar! Seu homem Ralph, quem devia ajudá-la para alimentar aos caipiras, desapareceu igualmente.

Rohan conheceu uma fúria tão completa que por um momento não viu mais que negro. Em um esforço supremo conteve a cólera. Com uma voz lenta, ameaçadora, perguntou-lhe:

—Percorrestes o perímetro? Ela terá tido que ir por cima do muro ou perto dele.

—Aye, atrás do estábulo havia dois conjuntos de rastros e as rodas de uma carreta. Mas perdi a pista no bosque.

Rohan sibilou a Hugh quem quase tinha alcançado o estábulo.

—Monte. —disse a Warner. Voltou-se para Thorin e lhe agarrou no ombro— Permaneçam de guarda aqui, meu amigo. Voltarei, se Deus quiser, com a donzela.

Quando Hugh voltou com o *negro*, Rohan saltou sobre o lombo com muito entusiasmo para um homem que tinha pensado em nada mais que descansar o corpo fatigado e encher o estomago. Thorin observava com interesse. Rohan captou o olhar. E sorriu.

—Não leia mais em minha preocupação do que realmente há, Thorin. A moça é um peão importante neste mortal jogo que gasto com meu irmão. Eu gostaria de vê-la aqui inclinando o tabuleiro a meu favor.

Thorin sorriu abertamente e assentiu.

—Se você diz isso, Rohan.

Rohan freou o cavalo e chamou Ioan e Stefan, que também haviam tornado a montar.

—Vamos encontrar à moça a fim de que possamos voltar para outro festim.



CAPÍTULO 10

Enquanto Isabel colocava os artigos que havia dentro da pequena carreta, temia o comprido e frio caminho de volta ao Rossmoor. Ralph tinha construído várias tochas à mão, mas duvidava de que agüentassem todo o trajeto. O sol se pôs, e com a espessa capa de névoa, o caminho seria mais difícil de distinguir.

—Milady. —disse Mildred—Você não deveria viajar. Os lobos rondam tão famintos como nós. É muito perigoso. É melhor que espere até o amanhecer.

Mildred tinha razão. Entretanto, Isabel sabia que tinha que voltar para Rossmoor logo que fosse possível. Seu povo sofreria sob a irascível mão da Espada Negra. E ela não carregaria essa dor na consciência.

—Nay. Eu...

Isabel se deteve. O chão sob os pés retumbava como se a terra partir-se em duas. Escutou um estrondo procedente do caminho por onde ela tinha chegado. Olhou para cima, e na bruma da espessa névoa, brilhava o resplendor do fogo.

O estrondo era mais forte, e o resplendor se fazia mais brilhante. Freneticamente dirigiu o olhar sobre os aldeãos, mas tinham desaparecido na névoa detrás dela. Estava sozinha no acampamento. Só enquanto o inferno vinha em cima.

E então surgiram. Quatro cavalheiros negros, cada um montado em um cavalo igualmente negro e com uma tocha ardente na mão. Vestidos com cotas de malha e preparados para a batalha, avançavam pelo caminho. O único à frente, o maior e, sabia, o mais perigoso de todos, deteve-se só a uns passos dela.

Nesse momento, soube o que a lebre devia sentir. Seu destino estava decidido, sentia um arrepiante terror acumulando-se no peito. Abriu a boca para defender-se, mas não pôde dizer nenhuma palavra. Em lugar disso, enfrentou o olhar dourado que brilhava atrás do casco negro. Uma rajada de vento soprou se chocando contra ela, como se a golpeasse em castigo por seu desafio.

Isabel tremeu com força, o espasmo percorrendo-a por todo o corpo. A mandíbula tão apertada, que pensou que poderia romper-se. Embora não os olhasse diretamente, podia perceber os homens de Rohan desdobrar-se detrás dele.

Enquanto ele continuava olhando-a furiosamente nos olhos, Isabel recuperou a determinação.

—Tem que me seguir em todas as partes?

—Lhe ordenei para permanecer em Rossmoor! —rugiu Rohan.

Outra rajada de ar frio se estrelou contra ela, esta vez desde atrás, como se a incitasse.

—Não é meu dono, normando.

Rohan se voltou ligeiramente para a esquerda lançando a resplandecente tocha a Warner, quem tinha uma expressão interessante no rosto. Era um olhar de enorme alívio mesclado com uma grande fúria. Isabel sorriu e fez ao cavaleiro uma profunda reverência.

—Quero lhe agradecer, Sir Warner, pela despesa.



Seus olhos se entreabriram. Ela se voltou para a pessoa que lhe dava mais motivos de frustração que qualquer outro ser humano sobre a terra. Rohan instou os arreios para diante. Ao inclinar-se para recolher Isabel do chão, um guincho rasgou o ar.

Como uma flecha, Brice saiu disparado da cabana mais próxima para lançar-se sobre Rohan. Warner balançou a tocha em um movimento lento. O jovem gritou de dor quando saiu voando para trás e caiu de costas com um golpe esmagador. Isabel foi ajudá-lo, mas antes de chegar a ele, Rohan se inclinou e a içou com o braço direito. Jogou-a sobre o grosso pescoço do cavalo. Ela chutou e gritou até endireitar-se. Em uma posição muito incômoda com as pernas escarranchadas, enfrentou o furioso cavaleiro.

Tinha os lábios franzidos em uma careta divertida. Se ele não tivesse levado o elmo, lhe teria golpeado. Rohan tirou completamente o elmo e o lançou a loan, que tinha se aproximado. Isabel tremeu sob a feroz inquisição. Depois que ele empurrou para trás o capuz com a mão esquerda, agarrou-a com ambas as mãos pelos ombros e a sacudiu.

—Eu sou seu dono, Isabel. Possuo tudo o que seus olhos podem ver. Proibi que deixasse o castelo hoje. Entretanto, desafia-me.

—Não sou escrava de ninguém. — ela respirou.

Os olhos de Rohan se escureceram.

—Aye, és minha, e será muito melhor quanto antes o aceite.

Os olhos ardiam sobre os dela como se quisesse marca-la dessa maneira. Ficou tensa quando baixou o olhar aos lábios. E inconscientemente, os lambeu.

Rohan gemeu.

—Aye, sou seu dono, donzela, e o reclamarei assim publicamente para que todo seu povo saiba.

Apertou os lábios contra os seus. Aturdida, Isabel se pendurava como uma parte de corda inerte entre seus braços, enquanto os lábios de Rohan a saqueavam a boca. A grande mão se estendia através da curva do seio, esquentando-a mais do que o faria uma fogueira. Ele aumentou a pressão, e o corpo reagiu como se tivesse sido golpeado por um raio. Ela abriu os olhos e se retorceu. O cavalo chutou o duro chão debaixo deles. Tão rápido como começou, o beijo terminou. A vergonha a esquentava as bochechas.

Então contra-atacou da única forma que sabia, com a língua.

—Não serei a amante de um bastardo!

Os olhos de Rohan brilharam furiosos.

—Como minha serve, não tem outra opção. —a levantou a uma grande altura por cima do pescoço do cavalo e girando-a no ar a reacomodou diante dele. Ele assinalou a Brice, que estava agachado na terra fria e dura.

—Quem é ele?

—B...Brice.

—De onde vem?

Isabel, meio girada na cela apanhou o olhar zangado.

—Alethorpe.



Por cima de sua cabeça, os olhos de Rohan examinavam as cabanas.

—Que lugar é este?

Isabel paralisou, pesquisou a borda do bosque. A intuição lhe dizia que sua gente não tinha ido muito longe, e que todos os feridos ainda permaneciam nas choças.

—Um refúgio. —respondeu em voz baixa.

—Dos salteadores, donzela, ou de mim?

—De ambos. —lhe respondeu com honestidade.

Rohan dirigiu as rédeas do cavalo, e em um giro perfeito sobre suas patas traseiras, o garanhão cavalgou para o limite do acampamento. Isabel gritou quando estavam a ponto de adentarem na escuridão do bosque. Rohan se deteve no fim. Lentamente, fez o cavalo girar ao redor. Ela sentia a força de sua cólera rodeando-a. Nervosa, pesquisou a clareira. Nenhum rosto se via à exceção do de Brice, que não se atrevia a afastar-se de Warner.

Isabel levou a mão ao pescoço. Os habitantes do povo poderiam ser invisíveis, mas sabia que estavam observando. O cavalo trotou para a choça maior, onde estavam os feridos. Ficou rígida. O que faria com eles? Poria fim a sua miséria?

Frente às margens do bosque, Rohan se deteve junto à choça.

—Venham conhecer o seu novo senhor, saxões! —convocou Rohan na escuridão. As aves que aninhavam nas árvores circundantes arrepiaram as plumas. As folhas caídas sussurravam no chão. O chiado de uma coruja cortou através da tensão no ar. Quando o silêncio continuou, Rohan gritou — Sejam valentes! Saíam de seus esconderijos e escutem minhas palavras.

Como o silêncio foi a única resposta, Ioan disse:

—Vamos às choças com as tochas, Rohan?

—Nay! —gritou Isabel. Voltou-se tudo o que pôde na cela, que não era muito, e se agarrou ao ombro de Rohan— Por favor, eles temem você. Rogo-lhe isso, não mais derramamento de sangue.

Rohan grunhiu por baixo. A vibração disso lhe pulsou pelo braço, o qual tinha apertado ao redor da cintura.

—Uma vez mais, pede algo que não é seu, sem nada para dar em troca.

Quentes lágrimas brotaram dos olhos. Não podia permitir que ele e seus homens destruíssem o que tinha trabalhado tão duro pra salvar este dia.

—Tenha piedade de meu povo, Rohan. Salve-os, e você pode me tomar aqui, agora, nesta cela!

Entreabriu os olhos.

—Sua gente é minha agora, Isabel. Farei todo o possível para protegê-los. Entretanto, você é muito teimosa para se dar conta.

Ela conteve a respiração ante as palavras.

—Não têm intenção de lhes fazer mal?

—Só se tentarem me fazer mal. —assinalou a Brice, que jazia imóvel como um cadáver— Que castigo deveria receber por saltar-se sobre mim?

—Nenhum. Só tentava me salvar.



—Eu não teria feito mal. Na realidade, por que acha que estou aqui?

—Para encontrar uma garota que te acompanhe durante a noite!

Rohan jogou a cabeça pra trás e riu. O som era alegria pura. Isabel franziu o cenho até que ele se deteve.

—Você zomba de mim, senhor. Não é aconselhável frente a minha gente.

Rohan se acalmou.

—Eu não lhes temo. E veriam a si mesmos sob minha lâmina.

—Lhes digam que não têm o desejo de lhes fazer mal.

Rohan franziu o cenho.

—Eu lhes direi o que eu queira. —a forçou a aproximar-se para fazer frente ao acampamento

—Dêem um passo adiante, saxões, e ouçam minhas palavras! Sou Rohan du Luc. Reclamo estas terras e às pessoas nelas em nome de William Duque da Normandia, que será coroado rei. Jurem-lhe lealdade, e terão seu amparo, e com ele, o meu!

Brice foi o primeiro a oferecer juramento. Rapidamente foi seguido por outros aldeãos, a maioria deles do Wilshire. Quando Ralph se adiantou com Mildred, Isabel se esticou. Nos olhos de Ralph não havia nada mais que desprezo. E se fosse possível, o corpo de Rohan se endureceu ainda mais, como aço lavrado. Ainda havia vários pares de olhos que olhavam do bosque. Estariam o suficientemente molestos para atacar? Um pensamento repentino aterrorizou Isabel. O que ocorreria se este cavaleiro favorecido, de fato, primo de William, caísse sob a mão de um rebelde saxão? A terrível visão de mais massacre a estalou na mente.

—Ralph. —declarou da cela onde Rohan a detinha— Por favor, não deve derramar-se mais sangue hoje.

O ferreiro assentiu e se voltou para Rohan.

—Sou Ralph, ferreiro do Alethorpe. Ofereço minha lealdade a William, mas em troca espero que minha família não seja machucada.

Rohan assentiu.

—Aceito os termos, Ralph. Entretanto, procure que não haja motivos para que sua família sofra.

À medida que cada homem e mulher dava o juramento a Rohan, Isabel sentiu que a tensão abandonava o corpo. Mas cada vez que se acomodava na cela, encontrava-se roçando o peito e as coxas de Rohan. Em várias ocasiões, sentiu-o endurecer atrás dela.

Quando o último aldeão chegou a ajoelhar-se ante Rohan, Isabel já não pôde sustentar mais a rígida postura. Relaxou-se contra a cota de malha do duro peito atrás dela. Rohan a passou um braço ao redor da cintura e a atraiu apertadamente para seu corpo.

—Sir Warner. — Rohan chamou ao cavaleiro que jogava em um pequeno monte as armas obtidas das choças e dos aldeãos. Warner olhou para Rohan— Dado que seus negligentes atos nos conduziram aqui esta noite, peço-lhe que vele por esta gente até a manhã, então enviarei mais homens para que lhes acompanhem junto a estas pobres almas de novo a Rossmoor.

Ioan soprou de regozijo. Warner franziu o cenho. Rohan girou de flanco na cela.

—Ele necessitará companhia, Ioan. É bom que se ofereça como voluntário.



—Mas...

Rohan riu e se agachou para agarrar a tocha que Warner tinha apagado. Fez um sinal ao cavalo para que se aproximasse do fogo, onde afundou a ponta negra como azeviche nele. Imediatamente, acendeu-se. Dirigiu-se a Stefan.

—Vão com outra tocha, e se ponha a cavalgar. —antes de voltar-se para sair, Rohan lançou um alforje ao Warner, quem estava com o cenho franzido no centro do acampamento.

—Boa noite, meu amigo. — fazendo girar o cavalo e com a tocha segura no alto, Rohan se adentrou na escuridão do bosque.

Depois de várias léguas Rohan finalmente sentiu o corpo de Isabel relaxar contra o seu. Sabia que se tratava mais do esgotamento que da comodidade. Seguia tendo o braço apertado ao redor de seu suave calor. Ele tinha se despojado do manto e o envolveu de forma segura ao redor do tremente corpo. Agora ela ardia como uma brasa contra o peito e as coxas. A virilha se contraiu, e apesar de sua própria fadiga, não queria nada mais que descer do Mordred para um lado do caminho e colocar o manto no chão para ambos.

Tencionou a mandíbula ao recordar a sensação de puro júbilo quando entrou nesse acampamento para encontrá-la em pé sozinha, empapada de sangue e desafiante, junto ao fogo aceso, tal como a tinha encontrado quando penetrou através das portas de Rossmoor. Uma vez mais, seu povo a tinha abandonado, e uma vez mais, ela se manteve firme contra o esquadrão da morte mais célebre de William. *Les morts* não era um nome obtido por viver uma vida passiva.

Depois de resgatar William de uma morte garantida quando tentava esmagar uma rebelião na Bretanha na sua volta dos duros anos na Iberia, Rohan, junto com os cavaleiros sobreviventes, recebeu a mais alta honra como guarda pessoal do próprio William. Este tinha sido muito reticente com o pesnamento de enviar Rohan e seus homens à campina inglesa depois do Senlac. O duque confiava em poucos homens para assegurar-se desta terra, avaliou o preço de manter Rohan e suas Espadas de Sangue ao alcance da mão ou as lançar extensamente para ocupar-se dos assuntos do duque. Ao final, William optou por enviar os morts como um punho para esmagar aos saxões rebeldes, até que fosse coroado. Uma vez coroado, ia convocar seus homens de confiança, e decidiria sobre o futuro da *Les morts* e da Inglaterra juntos.

Isabel se enrolou mais contra as coxas de Rohan. A metade girada para ele, com a mão descansando muito perto do engrossamento da virilha. A pesar da dor agriçoce que sua presença lhe causava, Rohan apertou o flexível corpo, mais perto do dele. Com uma mão sustentando a tocha em alto e a outra em torno de Isabel, deu ao Mordred o sinal, sabendo que a besta os levaria a casa a toda pressa. A chamada de um estábulo quente e um manjedouro cheio era a única guia que Mordred necessitava. Rohan olhou para frente a Stefan, que iluminava o caminho com a tocha.

Com cada movimento das poderosas ancas do cavalo, os quadris de Rohan se mobilizavam contra as costas da donzela adormecida. Em cada movimento, lhe esticavam os músculos, e com cada movimento o desejo de saciar-se entre suas coxas se fazia mais forte.

Como o ritmo era lento, Rohan não pôde manter a mão em território neutro. As pontas dos dedos se estenderam através da curva baixa do cheio peito ea Isabel. Quando ela se retorceu na cadeira, o traseiro lhe pressionou mais firmemente a florescente ereção, e ele gemeu.

Moveu a mão mais acima e tomou toda a plenitude. Fechou os olhos e se imaginou pressionando o doce pico rosado com os lábios. Aye, ela tinha os seios de uma deusa. Cheios,



amadurecidos, suaves e cremosos. Alimento perfeito para o desfrute de um homem. Rohan considerou cuidadosamente esse pensamento. Embora não fosse um amante desconsiderado, estava mais inclinado a satisfazer suas próprias necessidades. Sobre tudo devido a limitações de tempo. Não havia tempo para cortejar uma donzela na seqüela de uma batalha. Entretanto havia mais de uma atrativa empregada na corte de William, onde era costume tomar as coisas com mais lentidão na cama. Ele tinha demorado, em sua maior parte para seu próprio benefício, mas nenhuma tinha atraído sua atenção mais de uma ou duas noites. Encontrava-se deixando a cama logo que a ação terminava, não tinha inclinação para as mulheres empenhadas em manter pequenas conversações depois do ato.

Nay, ele se sentia mais cômodo falando com seus homens, onde sabia que as palavras diziam o que eram destinadas a expressar e não falavam em adivinhações ou jogos de adivinhações, como as donzelas estavam acostumadas. Encontrava o alívio em uma mulher no dormitório e não tinha nenhum desejo de uma maior interação.

Rohan pressionou os lábios na delicada concha da orelha da Isabel. Mordiscou o lóbulo e decidiu que talvez quisesse aprender mais das donzelas e suas maneiras este inverno. Quando o corpo dela se arqueou e um suave gemido escapou dos lábios pelo contato, Rohan se animou a fazer mais. Deslizou a língua para passar no bordo interior da orelha e pressionou a mão firmemente no seio. Sentiu o franzido mamilo sob as pontas dos dedos. Ele respondeu com um impulso dos quadris contra suas costas. A mão de Isabel se apertou ao redor da coxa. Quando ela moveu a outra mão para a outra coxa e pressionou a carne, ele empurrou com mais força contra suas costas. Apertou-a no seio, e deixou cair os lábios sobre a suave parte de atrás da orelha.

O corpo de Isabel ficou rígido.

—A bela adormecida acorda. —sussurrou Rohan contra a pele. O corpo dela tremia, entretanto, não se afastou. Ele tomou à dianteira e a beijou no pescoço, passando a língua ao longo de sua cálida pele— Nunca toquei uma mulher tão suave como você, Isabel. Faz-me esquecer que somos inimigos.

Quando não resistiu, ele fez algo que lhe assombrou mais do que surpreendeu Isabel. Assobiou a Stefan. O jovem cavalheiro desacelerou e se voltou para Rohan.

—Aye?

Rohan avançou até ele e lhe entregou a tocha. Necessitaria das duas mãos para o que queria fazer à donzela.

—Tome isto, e me espere mais adiante. Só demorarei um momento.

Stefan olhou para Isabel, em seguida, a Rohan, mas tomou a tocha e assentiu. Ele simplesmente cavalgou com o passar do caminho, as tochas emitindo um tênue resplendor em Rohan sentado escarranchado sobre os arreios. Apartou o manto do corpo de Isabel para levantá-la e girar o rosto para ele. Envolveu o manto de novo sobre os ombros. Para lhe dar calor, mas mais para protegê-la dos indiscretos olhares de Stefan.

Ele retrocedeu na cela para lhe dar mais espaço, mas para o que tinha em mente, requeria aproximação. Na pálida luz da lua minguante iluminando o caminho, Isabel lhe olhava com olhos assustados. A fadiga manchava de púrpura a pele sob os cílios, mas não podia evitá-lo.

Ele a passou um braço ao redor da cintura e a atraiu com força contra o peito.

—Você passará esta noite em minha cama, Isabel. E todas as noites seguintes até que eu diga o contrário.

Ela ficou rígida.



—Até que se canse de mim e me largue?

Rohan sorriu. Com os dentes, tirou a luva da mão direita e a desceu para o seio. Acariciou-a com o polegar um impudico mamilo, tenso contra o áspero tecido da túnica. Isabel ofegou e apertou os olhos. Quando moveu a mão para a coxa e a levantou a túnica, abriu os olhos. A cólera enervava.

—Me tomara sobre este cavalo?

—Nay, só desejo saciar um pouco minha fome.

Ele apenas a estreitou contra si, aproveitou o momento, esmagando os lábios contra os seus.



CAPÍTULO 11

O impacto do beijo de Rohan deixou Isabel frouxa e ofegante se não estivesse tão fatigada, disse-se a si mesmo, teria lutado contra ele, mas ela utilizava isso como desculpa para sucumbir à persuasão carnal. De fato, em lugar de sentir-se esgotada, sentiu que um novo fluxo de energia a enchia.

Rohan a apertou no braço como uma barra de aço ao redor da cintura, atraindo-a com mais força contra ele enquanto que com os lábios saqueava e tomava o que a mente dela queria reter tão desesperadamente. Deslizou lenta e sensualmente a língua pelos lábios, mergulhando na boca, tocando brandamente a dela. A intimidade do contato sacudiu sua determinação. A grande mão avançava lentamente pela perna subindo pela coxa, os dedos lentamente rodeando a pele, deixando-a quente em seu rastro.

Uma tensão pouco familiar no ventre a assustou, mas mais que isso, excitou-a. Sentia-se líquida, flexível, como cera de abelha quente em suas mãos. O espaço entre as coxas se fez mais quente, e sentiu a umidade ali. Rohan deslizou a mão um pouco mais acima da perna, e quando pressionou a palma contra o sensível montículo, quase saiu disparada da cela. Quando rebolou contra ele, pressionou a ponta do dedo na molhada abertura. Ela gemia agarrando-se aos ombros para evitar cair sobre o duro chão.

—Jesus! —amaldiçoou Rohan apartando-a bruscamente dele.

Isabel abriu a boca para exigir saber o que tinha feito errado, mas o calor se estendeu pelas bochechas. Santa Mãe, havia se convertido em uma disposta parceira em seu jogo carnal!

Rohan a trocou de posição para que olhasse para frente e longe dele. Recolheu as rédeas e aproximou do cavalo de guerra da frente. Sem dizer uma palavra, tomou a tocha da mão do Stefan, fincou as esporas nos flancos do cavalo, e se precipitou para Rossmoor.

Isabel se mantinha rígida e confusa na cela. Os lábios palpitavam pelo assalto, sentia os seios pesados pelo toque, e embaixo? Isabel fechou os olhos. Doía-lhe. E apesar da ignorância, soube que só Rohan poderia sufocar a sensação.

Isabel abriu os olhos na escuridão da noite. Apertou mais o manto sobre os ombros. A confusão reinava em sua cabeça. O que tinha acontecido realmente? Por que tinha se zangado Rohan com ela? Era ela quem devia sentir-se furiosa! Como se atrevia a tocá-la dessa maneira, conseguindo a resposta que tinha provocado, para depois apartá-la como se tivesse varíola?

Tinha respondido mal? O sangue nórdico correu quente nas veias, temperando sua judiciosa e bem educada formação. Era uma mulher apaixonada por natureza. Ao que parecia era também neste aspecto.

A frustração se acumulou. Se tanto lhe desgostou sua resposta, então possivelmente não deveria tocá-la assim! Isabel sorriu no ar frio da noite. Que colha mais do que semeou! Para virar a mesa, Isabel se recostou em Rohan. O objetivo era frustrá-lo mais, mas o efeito residual foi que o corpo irradiava calor. No momento que se inclinou contra ele, pôs o corpo rígido. Sua fúria irradiou para ela como um enxame de abelhas furiosas. Nunca entenderia a forma de ser de um homem.



Durante um longo momento, Isabel pensou no que tinha acontecido, mas a fadiga se apoderou dela, e logo o movimento do cavalo e a calidez do homem que a contra gosto a sustentava contra o peito, acalmou-a até um profundo sonho.

Ele ouviu o vigia avisar de sua aproximação antes que visse a torre do Rossmoor. Ao passar pela aldeia, várias pessoas saíram para ver Rohan com sua senhora nos braços, cavalgando pelas ruas até o castelo. Inclusive depois de que chegasse e fizesse uma abrupta parada atirando as rédeas a Hugo, Isabel continuou dormindo profundamente contra o peito. Com cuidado, para não despertá-la, deslizou-se da cela com ela nos braços e caminhou a grandes pernadas para o salão. Rohan franziu o cenho quando seus homens levantaram a vista das jarras de cerveja. Vários deles percorreram com o olhar a carga que levava nos braços e sorriram zombeteiramente. Poderia ler seus pensamentos tão facilmente como se os houvessem dito em voz alta. Eles pensavam que estava atordoado pela donzela. Estavam equivocados. Aye, queria-a, não discutiria esse fato, mas mais que isso, Isabel simboliza o que todos eles desejavam. Uma dama que possuía título de nobreza e terras. Ela era da Inglaterra, e possuía-la queria dizer que ele possuiria o que ela tinha. Nesse momento lhe ocorreu que ele queria o mesmo respeito que seu povo tão generosamente outorgava a ela.

Seria um digno senhor. E com uma dama como Isabel, como esposa, seu legado começaria. As palavras de A'isha o obcecavam. Ele devia matar aos parentes da mulher que conceberia seus filhos. Baixou o olhar para o rosto adormecido. Aye, essa parte da profecia era certa. E nunca lhe perdoaria por isso. Apesar das circunstâncias.

Rohan passou junto a seus boquiabertos homens e subiu pela escada onde foi recebido por Enid. Ela o seguiu à câmara. Brandamente, pôs a Isabel na grande cama.

—Cuide de sua senhora.

Então se voltou e baixou de novo ao salão, onde foi recebido com abertos sorrisos e sacudidas de cabeça.

Thorin lhe colocou uma jarra bem cheia na mão. Rohan deu um bom gole da forte cerveja. Serviu-se de outra. Antes de sentar-se à mesa, olhou para onde Manhku dormia placidamente. Rohan franziu o cenho. Outra inquieta alma salva por Lady Isabel. Não tinha nenhuma dúvida de que alguém logo a nomearia para a santidade.

Com entusiasmo, Rohan se sentou ante o prato cheio que Lyn lhe pôs diante e comeu. Stefan, já jantado, sentou-se a seu lado.

—Stefan estava dizendo que você e a senhora se detiveram no caminho para um pequeno interlúdio — Rorick lhe deu uma cotovelada.

Rohan franziu o cenho e ficou olhando o homem mais jovem.

—Fizeram-no?

Stefan sorriu e mordeu um pedaço de carne de veado.

—Aye, acredita que não me voltei para dar uma olhada?

Thorin aplaudiu ao jovem nas costas.

—No fundo é um *voyeur*, verdadeiro, moço?

Stefan arrancou um pedaço de pão e o molhou no rico caldo da carne guisada. Mastigou pensativamente e negou com a cabeça.

—Nay, prefiro desfrutar, não olhar. Mas pela forma em que Rohan voa perto de Lady Isabel, olhar é tudo o que obteremos, né, Rohan? Parece-me que não está acostumado a compartilhar.



Rohan olhou a seus homens. Todos lhe observavam espectadores pela resposta. Colocou um pedaço de pão no guisado, continuando, mastigou-o lentamente. Tragou saliva e seguiu com um comprido gole de cerveja. Rohan escolheu cuidadosamente as palavras. Não poderia dizer que se tornou indulgente com uma mulher. Porque um homem que se deixava guiar pelo pau não era digno de liderar.

—Admito que a dama chamou minha atenção. Mas confiem em mim, homens, quando lhes digo, que é só a emoção da caçada o que me atrai. Uma vez que tenha apanhado a moça, se ela se fixar em qualquer um de vós caipiras, têm liberdade para persegui-la.

Thorin franziu o cenho. Colocou um pé sobre o banco da mesa de Rohan e apoiou o musculoso braço no joelho. Ficou olhando fixamente ao homem mais jovem.

—Lady Isabel nasceu como uma gentil dama, Rohan. Em suas veias corre o sangue mais fino da Saxônia, da Noruega e inclusive da Normandia. Faria bem em deixá-la como esta. Manchada nos arrastará a todos na desonra.

Rohan se engasgou com a carne ante as palavras de Thorin. Rorick lhe golpeou nas costas. Rohan conteve a respiração e tomou um gole de cerveja. Por último, através dos olhos chorosos, disse:

—O que disse? Diz o homem que deixa um rastro de desvirginamentos da Noruega a Constantinopla e de retorno a Inglaterra?

Thorin franziu o cenho.

—Não falemos de meus erros, Rohan, mas sim de prevenir um aqui. Procure outra moça para saciar sua luxúria. Deixe Lady Isabel intacta.

Rohan deixou com um golpe a jarra sobre a mesa, a força a rompeu em várias partes.

—Tive suficiente de seu conselho paternal. Stefan lhe dará os detalhes de nossa viagem desta noite. Se prepare para partir a primeira hora com vários carros para recolher os desencaminhados aldeãos.

Rohan se separou da mesa e se inclinou rigidamente para seus homens.

—Boa noite, senhores. Que suas frias camas de palha lhes sirvam bem nesta gelada noite.

Então se voltou e se dirigiu irritadamente pela escada para sua câmara. Fechando de repente a porta. A ação sobressaltou à desvelada Isabel.

Com os olhos muito aberto, os lábios vermelhos entreabertos, e o cabelo com brilhos dourados formando redemoinhos a seu redor, a selvagem visão lhe esquentou o sangue. Aproximou-se e começou a desprender-se dos aparatos de seu ofício. Percebeu um prato cheio de comida na mesa que havia ao lado da cama e um grande caldeirão de água fumegante sobre o fogo aceso com uma pilha de roupas limpas colocadas perto. Hugh sabia que ele nunca se deitava com a imundície do dia pregada.

—Sou só eu, Isabel. Volte a dormir. —rugiu Rohan.

Ele franziu o cenho quando ela negou com a cabeça e se deslizou para fora da cama.

—Tenho que trocar minha roupa e me banhar. O fedor da morte se pregou em mim. — aproximando-se da porta se voltou para ele— Posso ir a minha câmara?

Depois de ter retirado a capa e a cota de malha, Rohan se aproximou dela.

—Não sou como Warner. Acompanharei-te.



A ira flamejou nos olhos, mas Isabel se conteve de discutir. Depois de que recolhesse a roupa limpa, voltou-se para ele e arqueou uma sobrancelha.

—Eu gostaria de privacidade para tomar um banho e me trocar.

—Nay, perdeu todo o direito a sua intimidade quando enganou hoje Warner. Será vigiada tão estreitamente, como um falcão vigia sua próxima comida.

Isabel passou com altivez na frente dele e retornou à câmara do Lorde. Como se ele não estivesse presente, dispôs-se a servir com uma concha de sopa a água quente do caldeirão em uma bacia profunda, vertendo água fresca do cântaro para temperá-la. Com a roupa branca na mão se voltou para Rohan, que estava tranqüilamente contemplando-a. Inclusive em seu desalinhado estado estava mais formosa que qualquer mulher que tivesse jamais visto. Entrecerrou os olhos quando lhe chegou o pensamento. Aye, e enquanto ela era uma beleza natural, foi seu ventre resistente o que mais lhe atraíu.

Separou o olhar dela e lentamente o deslizou até seus firmes peitos. Ele sorriu quando ficou tensa. Foi baixando a vista até a magra cintura para descansar sobre o ventre. Aye, embora fosse uma menina, os quadris se expandiam com espaço suficiente para sustentar a muitos vigorosos filhos. Os olhos viajaram de retorno até encontrar-se com seu gélido olhar. Ampliou o sorriso. O cenho se franziu mais profundo.

A contra gosto, Rohan apartou o olhar do seu.

—Limpe-se, Isabel. Eu me banharei depois de meu tempo de lazer.

O tempo de lazer, Isabel logo descobriu, consistia em estar na grande cadeira de seu pai, bebendo cerveja enquanto a observava despir-se e lavar-se à luz do fogo. Não podia remediá-lo. Não havia nenhum lugar que pudesse esconder-se de seus olhos. Assim que se manteve em pé, alta e orgulhosa diante dele, lhe desafiando com o olhar que a tocasse.

Quando pressionou o pano branco e úmido contra os seios, fechou os olhos. A pressão de sua própria mão enquanto estava sob o atento olhar a pôs nervosa. Os mamilos se endureceram e quando apartou o tecido, Rohan a amaldiçoou em voz baixa. Atirou a taça no fogo e saiu da habitação, fechando com um golpe a porta detrás dele.

Suas ações a sobressaltaram, ainda assim sentiu como se o calor do quarto tivesse saído com ele. Tremendo, Isabel terminou o asseio e deslizou uma regata limpa pela cabeça, para deslizar-se entre os lençóis e as peles na cama.

Rohan se alegrou de ver que seus homens se deitaram para passar a noite. Salvo por umas quantas tochas, a luz do salão se atenuou grandemente. Foi para onde dormia Manhku ao lado da grande chaminé. Sentindo-se tão inquieto como um lobo solitário que começou a passear-se ante o fogo.

—Pelo sangue de Deus! —amaldiçoou, dando um murro na palma aberta. A mulher não conhecia o efeito que tinha sobre um homem? Como podia esperar ela que se sentasse passivamente como um trapo flácido? E como podia exigir tal coisa? Tinha-lhe dado seu juramento! Tinha direito a seu corpo. Por suas próprias palavras, lhe concedeu permissão.

Então, por que estava aqui embaixo com sua gente e não ali em cima na cama do senhor, tomando o que era seu de direito tomar?



Rohan franziu o cenho olhando Thorin que roncava não longe de onde Manhku dormia. O sermão ético do cavaleiro mais velho caiu em ouvidos surdos. Não havia regras na guerra. A sobrevivência do mais forte sempre tinha sido seu lema. Se não tivesse sido assim, teria perecido no inferno na Iberia.

Decidido, Rohan deu meia volta e subiu as escadas de três em três de volta à câmara de tortura.

Abriu a porta com mais força do que necessária. Os olhos percorreram a habitação procurando a donzela. Como parecia que tinha desaparecido, correu para a cama. Deteve-se em seco. Tão grande era a cama, e tão pequena era ela, que logo que podia ver sua forma curvada profundamente sob as peles. Mas, o cabelo dourado derramando-se como um auréola ao redor da cabeça e os ombros sobre os travesseiros a delatou.

O calor se elevou na virilha. Rohan fechou a porta com os pés e tirando as roupas se banhou rapidamente. Antes de deslizar-se nu junto à moça, arrojou mais lenha ao fogo. Avivou-se com um renovado calor, igualmente o que fez seu pau.

Isabel fez um valente esforço para manter a respiração e os batimentos do coração a um ritmo regular. Quando Rohan retornou à câmara e ante a abrupta entrada, o coração deu um salto até o alto da garganta que quase a sufoca. Rezou para que não a pressionasse assim fingiu dormir. Ela pensou que tinha ganhado a batalha, pois quando ele se deitou no leito não se aproximou do seu lado. Ficou rígido no outro extremo da cama. Suas ações, uma vez mais, confundiram-na. Ela o repulsava tanto?

Rohan girou para seu lado. Podia sentir o olhar ardente nela.

—Sei que não dorme, Isabel. —disse em voz baixa.

As pálpebras revoaram em um intento de continuar com o ardil. Ele se aproximou. Agora podia sentir o calor de seu corpo acariciando-a. Isabel seguiu respirando tão uniformemente como pôde. Rohan retirou as peles e os lençóis que ela tinha levantado até o pescoço.

Isabel sentiu como os peitos tremeram e soube que, a menos que fosse cego, ele perceberia. Pressionou com a ponta do dedo o mamilo esquerdo. Imediatamente, endureceu-se como pedra. Rohan se aproximou mais ainda. Agora ela sentiu a rajada suave de fôlego na bochecha.

—Não pode fugir de seu próprio juramento, donzela. —substituiu o dedo pelos lábios.

Isabel se esticou e apertou os fechados olhos. O impulso de lhe pressionar a cabeça com mais força no peito motivou que a determinação de Isabel se garantisse. Tinha as costas tão rígida que acreditou que se quebraria completamente pela metade.

Os lábios de Rohan viajaram do exuberante peito até a garganta. Apertou os lábios sobre a grossa veia daí. Podia sentir o pulso da mesma contra o tato.

—O que aconteceu com a ardente mulher de minha cela? —sussurrou contra a pele.

Calafrios de prazer correram através de cada polegada de seu ser. Apertou mais os olhos. Mordeu o lábio inferior para não gritar de doloroso prazer.

Isabel abriu a boca para lhe dizer que lutaria contra ele com cada fragmento de força que possuía, mas as palavras se obstruíram na garganta. Com os lábios a mordeu no queixo e com a língua lambeu o lábio inferior.

—Me diga, Isa, onde se foi?



Uma onda profunda de desejo colidiu através dela ante a abreviatura de seu nome. Ninguém, nem sequer seu pai, tinha-a chamado Isa. O som do mesmo em seus lábios a fazia sentir-se tão formosa que sem motivo quase gritou.

—Ela... ela desapareceu. —murmurou Isabel, não confiando em que a voz saísse mais alta.

—Traga-a de volta.

Isabel negou com a cabeça, ainda negando-se a abrir os olhos.

—Nay. Nunca voltará.

Rohan se retirou dela. Podia sentir seus olhos sobre ela.

—Por quê?

Com valentia, Isabel abriu os olhos. Ela conteve a respiração. O cabelo escuro de Rohan lhe caía sobre os ombros. Os olhos dourados ardiam tão brilhantes que rivalizavam com a estrela do norte em resplendor. Nas sombras do fogo, ele parecia um deus feroz cobrando vida.

—Ela... eu... porque você não gosta!

E pronto, disse. Uma quebra de onda de vergonha a alagou. As bochechas ruborizaram. Com suas palavras, admitiu que lhe desagradar era algo que a incomodava.

Rohan a olhou surpreso. Com as escuras sobrancelhas franzidas.

—Sua dedução está além da minha, Isabel. Além de sua língua mordaz, seu temperamento instável, e a negativa a prestar atenção em minhas palavras, não há nada a respeito de você que me desagrade.

O sutil insulto a motivou a revelar o que realmente lhe preocupava.

—Por que me afastou tão bruscamente?

A expressão de Rohan era de confusão, mas logo se obscureceu quando se deu conta de qual era a resposta a sua pergunta. Franziu o cenho e se afastou dela. Isabel estava assolada. Separou-se dele lhe dando as costas, zangada consigo mesma por ser vulnerável a este homem.

—Isabel. —disse Rohan detrás— Não há nada que não me agrade em você. Foi minha própria frustração.

Ela virou e o enfrentou.

—Você fala com charadas.

Rohan sorriu como alguém seguro de si mesmo, e os sinos de alarme soaram na cabeça. Aproximou-se e deslizou a mão cheia de cicatrizes ao longo da curva do quadril e a apertou.

—Estava úmida para mim, Isabel. —As bochechas a flamejaram e tratou de afastar-se. Ele apertou a mão sobre ela com mais força— Nay, perguntastes e agora vais escutar-me.

Pegou a mão e a levou contra o peito nu. O calor do corpo a surpreendeu. A sensação da cicatriz irregular não provocou repulsão como tinha pensado que podia ocorrê-la. Rohan foi deslizando a mão dela pela superfície contornada do duro abdômen. Ela se sobressaltou quando a empurrou patra mais abaixo. Estreitou a mão sobre a dela mais apertadamente. Quando as pontas dos dedos lhe roçaram a cabeça do pênis, susurrou em uma respiração profunda, mas com voz rouca, disse:

—É doloroso Isa e embora haja formas para aliviar a dor, só há uma que desejo ardentemente.

Olhou-lhe no rosto.



—O que esta dizendo?

Rohan apertou os dentes e sacudiu a cabeça.

—Não posso acreditar que seja tão inocente sobre os sinais entre homens e mulheres, Isabel.

Ela retirou a mão bruscamente.

—Sou perfeitamente consciente do que um homem procura em uma mulher e o que esse ato envolve. E visto que não vejo o porquê de tanto alvoroço, eu sei que os homens tendem a agir sem refletir quando uma mulher move o traseiro diante de seus narizes.

Rohan se recostou e apertou a mão sobre os olhos.

—Pelos dentes de Deus, mulher! Às vezes é mais que um simples balanço do *derriere*²².

—Não me balancei diante de você, senhor!

Baixou a mão, girou a cabeça no travesseiro e olhou pra ela.

—Aye, fez isso e muito mais.

A indignação aumentou a uma velocidade vertiginosa.

—Como pode dizer semelhante coisa? É mentira!

Rohan esboçou um tenso sorriso.

—Voce me respondeu, Isabel. Seu corpo estava preparado para mim.

—Nay!

—Quando te toquei o monte estava úmido por mim. Assim é como um homem sabe que uma mulher lhe deseja.

O rubor a cobriu o rosto. Podia sentir como viajava do pescoço ao peito.

—És um bruto ao dizer uma coisa tão terrível!

Deu-lhe um murro no peito. O duro aço dos músculos machucou a mão. Agiu como se não houvesse sentido o golpe.

Rohan começou a vira para deitar-se na cama. Uma vez mais, apertou a mão sobre os olhos e se esfregou como se doessem.

—Donzela, tentaria até mesmo São Miguel com suas artimanhas. —deixou de esfregar os olhos, mas manteve a mão sobre eles expelindo um comprido suspiro— Só sou um simples homem mortal que se encontra com o pênis duro cada vez que me toca. Me perdoe se te desagrada minhas ações.

Isabel lhe empurrou pelo ombro.

—Repreende-me por sua suja grosseria? Eu não te pedi que entrasse em meu lar e me tratasse como uma vulgar serviçal! Não é minha culpa se você não foi capaz de controlar seus pensamentos lascivos. Vá saciar sua luxúria com uma que vos de boas-vindas!

Isabel se separou dele.

²² **Derriere:** No original em Frances “Traseiro”. (N.T.)



Agarrou-a pelo braço e com um rápido movimento a virou de costas acomodando-se entre suas coxas. A ponta do grosso pênis pressionava contra o montículo. A única coisa que impedia de entrar nela era a fina malha da regata. Instantaneamente Isabel ficou imóvel.

Os olhos arderam e encaixou a mandíbula em um terrível ajuste para ter controle de si mesmo.

Isabel respirava com força.

—me deixe. —disse ela em voz baixa.

—Faz que seja impossível —murmurou com voz rouca, então a beijou.

A envolvia completamente, tanto era assim, que sentia como se estivesse se afogando. Cravava os dedos profundamente no cabelo, fixando-a no travesseiro. As coxas aprisionavam as agitadas pernas dentro das peles e com as mãos lhe empurrava com força sem nenhum resultado.

Os lábios estavam quentes, tão quentes que chamuscavam a carne. Quando se arqueou contra ele em um intento de afastá-lo, Rohan gemeu, e pensou que o tinha ferido. Arqueou-se de novo e desta vez se deu conta de que só tinha avivado o fogo. Ele se apartou um pouco e rasgou a frente da regata. Os seios apareceram de repente e ele avidamente pegou a um mamilo para amamentar-se.

Isabel tomou grandes goles de ar, lutando pelo controle de seu corpo. Parecia que cada movimento que fazia estimulava sua irrefletida intenção de violá-la.

Se ficasse quieta ele tomaria tudo dela. Se resistisse, veria-se completamente desonrada. Era como se a Espada Negra tivesse perdido todo controle.

O pânico a atravessou. Sob as carícias e beijos acesos, o corpo acolheu com entusiasmo seu jogo e a umidade que ele falou antes retornou com vontades. Aye, tinha o corpo preparado para ele, embora o coração não o estivesse. A escorregadia abertura lhe embalava como uma mãe faria com seu bebê recém-nascido.

A idéia de um filho bastardo a gelou até os ossos.

—Nay! —gritou tão forte como pôde— Deixe-Me intacta!

A boca de Rohan desceu sobre a sua, silenciando os gritos. Moveu as coxas afastando-lhe com os joelhos, e quando sentiu a larga ponta do pênis pressionando a entrada, o pavor a tomou. Ela apartou a boca de seus lábios.

—Por favor! Rohan! —gritou desesperadamente— Por favor, faça honra a seu juramento para mim!

O corpo ficou rígido e durante um comprido momento ele não se moveu. Quando se afastou, os olhos tinham o olhar vidrado de um louco. Sacudiu a cabeça, e a lucidez pouco a pouco voltou para rosto. O peito subia e baixava como se tivesse cruzado uma grande corrida.

As chamas da chaminé ardiam fortes e ambiciosas. O calor carregava a habitação, pelo fogo e pelos ocupantes da cama.

Rohan a tocou a bochecha.

—Me perdoe, Isabel. Não sei o que me passou.

A simples desculpa a assombrou. Era a última coisa que esperava dele.

Ele se recostou de barriga para cima e olhou fixamente para cima. Isabel pegou os restos da regata para cobrir os seios e olhou fixamente ao homem que um segundo antes quase a tinha violado. Em lugar de temor e ira para ele, a curiosidade a embargou. Que classe de homem era?



—Rohan, que demônios lhe persegue?

Ele soltou uma gargalhada, um som brutal. Ele seguiu olhando o dossel.

—O que lhe faz pensar que os demônios me atormentam?

Ela estendeu a mão para o peito e riscou a cicatriz. Sem olhá-la, agarrou-a pela mão com a mão esquerda cheia de cicatrizes, detendo o movimento.

—A cicatriz em seu peito. —Pouco a pouco, girou a mão na dele e pressionou os dedos sobre as grossas cicatrizes na palma— As cicatrizes aqui. Diga-me o que te aconteceu.

Rohan girou um pouco para olhá-la. Isabel ficou sem fôlego. Tinham-lhe escurecido os olhos, e para tal poderoso cavaleiro, a dor lhe nublava o rosto. Desapareceu tão rapidamente como apareceu. Isabel não teve dúvidas de que este homem tinha sido torturado tão sem piedade como um homem poderia sê-lo e sobreviver. Mas o que passava com a tortura em seu coração? Deixou uma amada atrás? Uma espetada repentina de ciúmes a agitou o ventre. Então recordou que ele era um bastardo para o mundo. Mais se o pai não reconhecia o laço de união, mas sua mãe? Era a tia do Conquistador. Sem dúvida, teve um pouco de compaixão por seu filho. Um menino era o mais inocente de todos.

—Deixastes para trás o amor de uma dama? —perguntou brandamente Isabel.

Rohan parecia olhar através dela.

—Nay. —disse, a palavra apenas audível.

Isabel se sentiu obrigada a aproximar-se mais a ele, embora tivesse medo de que qualquer contato avivasse suas paixões. Assim é que acomodou a cabeça no travesseiro a seu lado.

—Sua mãe ainda vive?

Imediatamente, o corpo se pôs rígido.

Antes que pudesse responder, Isabel disse:

—Me perdoe, Rohan, era só curiosidade. Não era minha intenção revolver uma velha ferida.

Ele virou, dando-a as costas.

—Se ela vive, não é minha preocupação. —grunhiu antes de que o sonho lhe reclamasse.



CAPÍTULO 12

Uma dura voz seguida da sacudida do grosso colchão despertou Isabel do profundo sonho. Estavam sob ataque? Saiu das peles quentes pronta para sacudir Rohan e despertar. Mas a voz e o movimento do grande leito provinham do intranquilo cavalheiro. Sacudia-se em sonhos, com os punhos apertados aos flancos, o corpo tenso como se alguma força maior lhe segurasse.

O suor lhe cobria a testa no frio ar do quarto. Tirou-lhe todas as peles do corpo e jazia nu e exposto sobre o colchão. Duras palavras em um idioma que não entendia saíam dele. As veias do pescoço realçavam enquanto fazia uma careta de dor.

—Verei-lhe no inferno, Tariq! —gritou, depois elevou os braços sobre o rosto como se protegesse de algum mal.

Isabel pressionou uma mão calmante sobre o ombro de Rohan.

—Rohan. —disse em voz baixa. Afastou a mão como se fosse fogo. Os olhos, agora abertos, olhavam-na grosseiramente. — Rohan, não é mais que um pesadelo noturno o que vos afeta. —lhe tranqüilizou.

Agarrou-a pelos ombros.

—A'isha?

O peito da Isabel se apertou.

—Nay, Rohan, sou eu, Isabel.

Os olhos perderam parte da selvageria. Relaxou as mãos e a soltou, depois se recostou sobre as peles. Fechou os olhos, e quando os abriu de novo, a fúria se foi.

Isabel deslizou da cama e jogou mais lenha sobre o escasso fogo, continuando, serviu um gole de vinho de uma jarra sobre a mesa. Moveu-se em torno da cama ao lado de Rohan e o entregou a ele. Ele o devolveu. Os olhos a examinaram.

—Fiz-lhe mal?

Negou com a cabeça.

—Nay. Mas despertei com seus gritos e sacudidas.

—As batalhas lutadas há muito tempo permanecem em minha cabeça.

Isabel voltou para seu lugar na cama e se deslizou entre os lençóis e as peles.

—Eles visitam com frequência?

Rohan se recostou sobre o travesseiro e fechou os olhos.

—Graças a Deus, não.



Rohan despertou antes que o galo anunciasse o novo dia. A dor na virilha pela mulher que jazia dormida ao seu lado era muito incômodo para ser ignorada. Entretanto a puxou aproximando-a. Pressionou-lhe o peito com a pequena e delicada mão. O quente fôlego brincava com a pele. Rohan olhou o dossel, apertando a mandíbula. Tinha tido outra vez um pesadelo. Tinham passado muitos anos desde o último. Que Isabel fosse testemunha disso lhe envergonhava. Entretanto tinha sido um consolo para ele. Era a primeira vez que tinha sido capaz de dormir em tão pouco tempo depois. Depois de outros episódios, levantou-se e tinha temido dormir a noite seguinte. Sempre era o mesmo sonho. Sempre lhe levava de novo a essa desprezível cela. Sempre terminava com a morte de A'isha.

Isabel se acomodou mais perto dele. Enquanto ela se recolocava, a mão se moveu para baixo pelo ventre. Rohan ficou imóvel. A mão permanecia sobre o grosso pênis. Jesus! Em um lento e leve movimento que não pôde controlar, moveu os quadris contra a mão. Os dedos dela tremeram, e Rohan sabia que se derramaria sobre ela com o seguinte movimento. Apertou a mandíbula. Ela era muita distração. E depois da última noite, embora não tinham sido tão íntimos como um homem e uma mulher podiam sê-lo a um nível físico, sentia que de algum jeito tinham cruzado juntos uma ponte emocional. Isso lhe acovardou. Sobre tudo porque não entendia essa sensação nova de intimidade com uma mulher, em que não estivessem implicadas partes do corpo. E mais que isso, temia que seus homens o vissem e percebessem como uma debilidade. Rohan se deslizou afastando-se de seu calidez. Talvez devesse procurar seu prometido e acordar para que a levasse. Mas a idéia dela afastando-se dele não era mais fácil de aceitar que sua debilidade por ela.

Rohan ficou em pé nu na habitação, olhando a forma adormecida de Isabel. Não sentia o frio cruel do ar. O corpo vibrava, muito quente pela mulher a não mais de uns passos de distância. A mulher que lhe rondava os sonhos de noite e os pensamentos de dia. A mulher que, em caso de continuar com ela como estavam, seria seu fim.

Estavam em guerra. Não podia permitir o luxo de distrair-se.

Rohan sacudiu a cabeça. Quando ela tinha se convertido em seu calcanhar de Aquiles, não sabia, mas se asseguraria de que a seguinte vez que se reunissem, compreendesse em termos muito claros que a única coisa queria dela era uma serviçal obediente as suas ordens. Encolheu-se quando pensou nas conseqüências que sobreviriam.

Andou até a chaminé e jogou vários troncos às brasas. Ao final, seria o melhor para os dois.

A manhã chegou muito cedo para Isabel. Quando despertou, soube sem necessidade de abrir os olhos que Rohan não estava na câmara. Durante um comprido momento, ficou quieta, pensando no dia e na noite que tinha passado com ele. O corpo inteiro zumbia. Era um homem complexo, que a quase cada oportunidade manobrava as pranchas contra ela. Quando lhe picava, ele desviava, e era um guerreiro muito mais experiente que ela. Deu a volta para olhar o seu lado da cama. A forma de sua cabeça ainda curvava o travesseiro. Estirou-se e a tocou. Fria. Mas a levou ao nariz e inalou o forte aroma masculino. Era exclusivamente dele, e se encontrou respondendo ante ele.

Isabel se voltou para o fogo bem alimentado e sorriu, pensando na consideração dele, ao menos em uma pequena coisa. Apesar dos tapetes de rica lã que cobriam a maior parte do chão e as ricas tapeçarias que penduravam dos altos muros da estadia, ainda era frio apesar da ajuda do fogo. Isabel se apressou e se ocupou do asseio matutino, sem esperar Enid. Enquanto fixava o cinturão de couro finamente tecido ao redor dos quadris, a faxineira se adentrou.

Isabel franziu o cenho.



—Demorou muito, Enid. Já terminei aqui.

—Minhas desculpas, milady, mas Astrid necessitou ajuda na cozinha. Os normandos estavam incomumente famintos esta manhã.

Isabel estremeceu, conhecendo completamente bem o apetite de certo normando.

—Estão ainda nisso?

—Restaram alguns, mas a maioria saiu pra buscar os aldeãos da clareira.

Isabel se perguntou se Rohan estava entre os homens que cavalgavam no bosque. Negou-se a perguntá-lo. Descobriria muito em breve. Desceu ao salão e o encontrou deserto, salvo pelo africano, que franziu o cenho quando ela olhou em sua direção. Caipira ingrato. Ocorreu a Isabel que não havia nenhum guarda rondando. Tinha Rohan perdido o interesse nela tão depressa? Ou o homem que tinha designado era preguiçoso? Ou pior, acreditava que a tinha bem agarrada agora?

Encolheu-se de ombros. Não importava. Estava agradecida de que nenhum cavaleiro corpulento a seguisse todos os movimentos. Pegou um pouco de pão e queijo de um prato e ficou em pé ao lado de Manhku, que continuava franzindo o cenho.

—Pode me olhar como se fosse a responsável por suas feridas, sarraceno. —disse em francês— Mas se não controlar suas maneiras, despertará uma manhã e encontrará sua perna sobre a palha perto de você.

Manhku resmungou, mas se deitou sobre a cama. Lhe deixaria cozinhar durante uns poucos minutos mais enquanto rompia o jejum, depois lhe atenderia.

Quando Isabel se sentou na ampla mesa de cavalete, as portas do torreão se abriram com tal força que saltou do assento. Rohan irrompeu no interior, a névoa matutina formava redemoinhos ao redor dos grandes ombros. O fôlego se enroscava nas orelhas. Parecia um dragão respirando fogo. O corpo esquentou. Quando posou o olhar sobre ela, moveu-se no assento. Ele franziu o cenho. Vários de seus homens se apressavam atrás dele. Todos com a cota de malha e armados até os dentes. Como era seu costume. Salvo pelas vezes nas câmaras, Isabel não tinha visto Rohan com nada mais que a cota de malha. O mesmo acontecia com seus homens.

Isabel se voltou com um tímido sorriso a Rohan, mas as cruéis palavras o apagaram.

—Dei-lhe as câmaras do senhor, alimentei seus requerimentos carnis, e agora se acha a rainha do reino, não se levanta até que o sol esteja alto?

Isabel se engasgou com o grosso pão na garganta. Rorick franziu o cenho, como fez Thorin. Wulfson se deteve em seco e ficou olhando assombrado a Rohan. Rhys e Stefan sacudiam a cabeça, mas continuaram para a crepitante chaminé.

A humilhação cruzou fortemente em Isabel. Zangada, ficou em pé, empurrando a cadeira para trás tão forte que caiu, golpeando o chão com um grande estrépito. A ira se infundia com cada polegada de seu ser. Cuspiu o pedaço de pão na mão. Com medo de engolir na afronta que ia seguir, certamente se engasgaria até morrer. Atirou ao chão. Um cão faminto agarrou. Isabel enquadrou os ombros, e, não disposta a ser humilhada ante os homens de Rohan, moveu-se para ele, detendo-se só uns passos onde estava em pé tão presunçoso.

—Não me fale dos dons que me obriga a suportar. —espetou— Só *tirastes* de mim. Se a noite passada não lhe tivesse recordado tão alto seu juramento para mim, poderia neste mesmo momento levar a seu filho. —Moveu-se mais perto e lhe disse muito baixo, mas o bastante claro para que a todos ouvissem— E ainda mais, senhor cavalheiresco, seu filho não me agradaria absolutamente!



Rohan estreitou os olhos, e soube, quando sua pele empalideceu, que tinha cruzado uma linha. Mas não permitiria nem a ele, nem a nenhum homem ou mulher desmerecer seu bom nome com verdades pela metade. Dor, irritação e confusão mesclavam em uma bola emocional no ventre. O que tinha acreditado ser uma noite mais do que íntima apesar de que quase a violará, ele a via com uma luz totalmente diferente.

Assim seja.

—Poderia estar inclusive levando um menino sem que se saiba. —disse Rohan.

Isabel lhe deu uma bofetada.

—É um caipira e um ignorante. Não é digno nem de me limpar meus pés! —elevou a mão para golpeá-los de novo, mas dessa vez a agarrou pelo pulso.

—Cuidado, Lady Isabel, sou um cavaleiro de William, que não vê com bons olhos que seus súditos sejam agredidos.

Ela puxou a mão e cuspiu aos pés.

—Eu não aceitaria de bom grado que uns cavaleiros mal nascido manchassem meu bom nome, especialmente um que não é bem-vindo em meu lar!

—Suas considerações para mim não significam nada, donzela. Agora, não é nada a não ser uma escrava.

Isabel ofegou ante as duras palavras. Quentes lágrimas alagaram os olhos. Olhou-lhe à cara, procurando algum sinal de que brincava com ela. Não encontrou nenhuma.

—É cruel, Rohan. Que Deus vos livre da dor que tão livremente causa a outros. —se voltou e começou a andar para as escadas, mas a afiada ordem de Rohan a deteve.

—Alto, escrava.

Isabel ficou rígida antes de voltar-se para lhe encarar. Através das lágrimas, viu os cavaleiros de Rohan olhando-a fixamente, cada um deles sustentando o mesmo olhar pétreo que seu senhor. Era de todos os modos, o esquadrão da morte de William. Nenhum deles tinha nada de gentil.

—Meu Lorde? —perguntou em voz baixa.

—Não recebestes permissão para ir.

—Poderia me dar sua permissão, milord, para comprovar as atividades do castelo?

—Fumaça no bosque! —gritou o vigia.

Rohan se separou dela e correu para a parte inferior da escada da torre enquanto o guarda descia.

—Fumaça, Rohan, nuvens negras recentes a duas léguas além da estrada sul ao Wilshire.

—É o pequeno assentamento de Siward. As famílias que escavam a pedra calcária das covas vivem ali. —disse Isabel. Retorcia as mãos— As cabanas são feitas principalmente de pedra, mas os tetos são de palha. A palha arde com fumaça branca.

—Às armas, homens! —anunciou Rohan.

Olhou para ela e abriu a boca como se fosse dizer algo, mas apertou os lábios, separou-se dela, e saiu ao pátio. Isabel se surpreendeu ao ver Russell vestido e sustentando as rédeas do grande corcel de Rohan. Também ia vestido com um traje similar ao dos cavaleiros.



Antes que entregasse as armas a Rohan, Russell compartilhou um rápido sorriso com Isabel. Confusa, viu os olhos do escudeiro seguir o alto cavaleiro algo parecido à adoração. Rapidamente, Russ montou um pequeno cavalo detrás de Rohan e se voltou para a horda enquanto eles já cavalgavam dirigindo-se à aldeia.

Não fazia só uns dias que esse mesmo cavaleiro que agora admirava quase lhe tinha arrancado a carne das costas? Isabel sacudiu a cabeça, uma vez mais frustrada pelas maneiras dos homens e a brutalidade de um em particular. A ira aumentou quando viu os cavalos negros e os cavaleiros desaparecer sobre a crista da última colina. Chutou com indignação uma pedra no chão e ao fazê-lo esmagou os dedos. Amaldiçoou e voltou para o grande salão e captou os olhos de vários homens de Rohan vigiando-a. Assim, ainda a vigiava, não? Procuraria lhes humilhar como fez com Warner. Não porque soubesse aonde ir, a não ser para provar que podia. Isabel fechou de uma portada a pesada porta de carvalho e se dirigiu furiosa para a cozinha. Os aldeões chegariam logo com Ioan e Warner, e estariam famintos. Devia providencia que dispusessem cabanas para eles. Uma vez que Isabel teve os serventes trabalhando duramente, voltou para o salão vazio. Vazio exceto pelo africano. A ira irrompeu de novo enquanto olhava ao néscio homem tentando levantar-se com a ajuda de uma lança curta. A madeira se inclinava sob o peso. Uma sombria mancha carmesim empanava as ataduras. Exasperada e procurando uma maneira de vingar-se de Rohan, Isabel escolheu a melhor opção.

Dirigiu-se ao homem e lhe tirou a lança, lhe fazendo perder o equilíbrio. Caiu para trás sobre a cama, e enquanto o fazia, lançou um comprido braço para ela, agarrando-a pela garganta enquanto caía para trás. A ação a deixou sem fôlego, cortando o grito de socorro.

Manhku a rodou de lado, tomando o grosso do impacto, mas não a deixou ir. Em seu lugar, rodou sobre ela, a cara era uma sombra assassina de púrpura. Agarrou-a pelo pescoço com a outra mão, e com um lento estreitamento, apertou as mãos. Isabel se agitava e lhe chutava, tentando gritar, mas nenhum som saiu. No entanto, Manhku não cedia. Com o salão vazio, ninguém iria a sua ajuda. Viu a lança à direita e se estirou para ela. Manhku a golpeou a mão. Então, abruptamente a soltou e se apartou. Com as mãos e os joelhos no chão, cravou os dedos sobre as esteiras, Isabel tossiu e exalou, tentando com força recuperar o fôlego. Ardia-lhe a garganta, e se sentiu como se a tivesse fechado completamente. Com os olhos chorosos, engatinhou se afastando do gigante, ofegando e tossindo e tentando não perder o precário sustento sobre seu controle.

Encostou-se ao canto de madeira da mesa. Cautelosamente, viu a cara do homem passar de irracional selvageria à incerteza. Parecia confuso e olhava ao redor, como se acabasse de dar-se conta de onde estava. Franzia as escuras sobrancelhas, os dentes afiados brilhavam. Esfregou a coxa onde a vendagem agora emanava sangue fresco. Murmurou algo na estranha língua, e depois olhou a ela.

Durante um comprido momento, olhou-a fixamente, depois fez a última coisa que esperava dele. Ofereceu a mão. Isabel negou com a cabeça e se apertou mais forte contra o pé da mesa que lhe cravava.

Esfregou o pescoço palpitante. Tentou tragar, mas dolorosos fragmentos lhe cravaram na garganta. Manhku estreitou os olhos perigosamente. Agarrou a lança. Viu-lhe lutar contra a dor, mas conseguiu ficar em pé. O agarre era vacilante, e o suor lhe caía pelo rosto, mas não caiu. Ela retrocedeu encolhendo-se mais até que quase estava completamente debaixo da mesa.

Com um lento passo pouco natural, mancou até ela. Quando se atreveu a captar seu olhar, o pânico se dissolveu. O orgulho de Manhku sofria muito. Podia vê-lo nos olhos pela maneira em que lutava com o que devia ser uma dor insuportável. E se envergonhou por lhe haver atirado ao chão. E mais agora, sendo testemunha dos dolorosos intentos de ficar em pé e caminhar. Aye, era um homem, um guerreiro, e ela, uma humilde mulher, a seus olhos, tinha-lhe envergonhado.



Isabel saiu de debaixo da mesa, afastando o temor para um lado de momento. Não era de pedir desculpas, inclusive quando era necessário. Era uma teimosa nervura orgulhosa que seu pai tinha tentado por todos os meios erradicar. Mas em vão.

Manhku se inclinou para diante, a lança inclinando-se sob a tensão do grande corpo, e estendeu a enorme mão. Isabel tragou com dificuldade e procurou a artimanha no rosto. Não a encontrou. Silenciosamente, os olhos se arrependiam de seus atos. Tomando um profundo fôlego, depois soltando-o lentamente, Isabel aceitou a oferta. Deslizou a mão na sua. Manhku a levantou com a facilidade de uma mãe levantando um bebê de fraldas.

Brandamente, a pôs em um banco, depois se voltou e mancou de novo para sua cama, onde tentou várias vezes sentar-se sem cair. Ela correu em sua ajuda, mas foi imediatamente apartada.

Faria-o ele mesmo. Isabel ficou em pé detrás.

Uma vez que Manhku se acomodou, Isabel foi conseguir os artigos que necessitaria para estancar a ferida.

Quando se aproximou dele vários minutos depois, carregada com a cesta de ervas e tecidos, ele franziu o cenho, e apesar da lesão que tinha sofrido em suas mãos, franziu-lhe o cenho com igual força. Esclarecendo-a garganta e ignorando a estreiteza da mesma, ajoelhou-se ao lado dele e disse:

—Temo que seria pior como mendigo tendo uma só perna. Agora, se deite e me deixe atender sua perna.

Manhku assentiu e relaxou sobre a cama. Deixou escapar um comprido fôlego enquanto ela se inclinava sobre a tarefa. Não lhe deu trabalho enquanto limpava agressivamente e voltava a enfaixar a ferida. Apesar do dano, estava contente com o progresso. Passariam meses antes que tivesse pleno uso. Enquanto se inclinava sobre ele, atando os extremos das vendagens, ele alargou uma mão e lhe tocou com a ponta de um dedo o pescoço. Isabel estremeceu ante o contato, que não era normal na interação com os homens.

—Dói? —perguntou ele em francês.

Uma repentina cascata de ardentes lágrimas se desprende dos olhos. A pergunta de Manhku combinada com o cruel trato de Rohan e a devastação de sua gente se mesclava em um bálsamo duro de tragar. Já não tinha o controle de sua própria vida, mas sim estava submetida a homens que não conheciam a mais elementar das cortesias. Secou uma lágrima e negou com a cabeça.

—Nay. Necessitaria um homem muito mais forte que você para me fazer mal.

Manhku sorriu. Um som baixo, que Isabel assumiu que servia a modo de risada, retumbou-lhe profundamente no peito.

—Beeeeeem. —disse ele, depois se afundou de novo na cama e fechou os olhos.

Isabel ficou em pé, e durante um bom e comprido momento o olhou. Quando se agachou e lhe cobriu com o manto, sabia que estava louca. Que classe de saxã era que mimava assim ao inimigo?

Quando o vigia gritou que se aproximavam cavaleiros, Isabel não lhe dedicou mais pensamentos a sua precária situação. Como fazia cada vez que ouvia da chegada de cavaleiros, o coração saltou, e o estômago zumbiu como se tivesse abelhas. Poderia ser esse o dia em que seu pai e seu irmão retornariam?

Abriu a grande porta e saiu correndo para pátio.





CAPÍTULO 13

A vista que se expôs ante Rohan enquanto galopavam pela pequena aldeia de Siward lhe revolveu o estômago. Primeiro lhe tinha chegado o fedor. O rançoso aroma de carne queimada muito familiar. Desde que foi marcado com ferro candente pela mão do sarraceno, era um aroma que imediatamente lhe levava de volta ao Jubb, e a todas as lembranças que lhe estremeciam a bílis.

Rohan atirou as rédeas no cavalo até deter-se com uma derrapagem. Aye, inclusive para ele, guerreiro curtido na batalha, a horrível vista que lhe deu a boa-vinda lhe fez perguntar-se sobre o inferno em que se converteu esta terra.

Uma pilha de corpos nus e desmembrados, tinham sido queimados sobre uns grossos penachos de palha. Mordred bufou e deu coices no duro chão. Os homens de Rohan se desdobraram para ambos os lados. Contra a mortal quietude, o som de Hugh e do novo escudeiro, Russell, vomitando as tripas se mesclavam com o crepitar do fogo enquanto consumia o açougue, enviando um intenso calafrio ao sangue de Rohan. Não tinha nenhuma pressa. Não havia nenhum corpo que salvar. Conduziu seu cavalo para mais adiante. Braços e pernas se sobressaíam da fumaça. Troncos esquartejados, com as vísceras pendurando, ferviam no fogo. As cabeças? Não havia nenhuma. Os olhos de Rohan pesquisaram o perímetro da aldeia. Havia abutres dando voltas em círculos um pouco mais longe. Induziu o cavalo além da fogueira humana, rodeando o conjunto de pequenas cabanas até uma construção maior que parecia ser o estábulo.

Os cabelos da nuca arrepiaram. Ali, sobre as pontas das lanças estavam às cabeças. Homens, mulheres e meninos com olhos arrancados, e os narizes cortados e acumulados na suja base das lanças.

Uma fúria profunda ferveu a fogo lento nas vísceras. Rohan atirou as rédeas no cavalo e voltou de novo com seus homens. Thorin e os outros cavaleiros tinham desmontado. O escudeiro seguia dobrado em dois, de costas à matança.

—Revisem as cabanas em busca de sobreviventes.

Embora Rohan desse a ordem, sabia que era em vão. Por um comprido momento ficou parado em meio da pequena aldeia, e percorreu o bosque que rodeava. Os covardes há muito que se foram. Sentia-o nos ossos. Também sabia que ainda não se livraram deles.

Rohan começou a deslocar-se lentamente ao redor do terreno, em busca de provas da identidade dos culpados. Não eram soldados a pé. Havia vários rastros de ferraduras marcadas no chão mais brando. O tamanho era o de um cavalo de guerra. Até onde sabia, os únicos da região pertenciam aos cavaleiros. Os saxões e vikings, conhecidos por este tipo de matança, lutavam a pé.

A suspeita lhe surgiu no coração. Poderia um normando ter causado tal destruição?

—Olhem. —disse Rohan a Thorin enquanto se aproximava dele, assinalando o rastro de uma ferradura de grande tamanho— É tão grande como a do Mordred!

—Aye, há mais no outro lado.

Rohan olhou a sua direita.

—Normandos?

—Talvez. Ou cavaleiros saxões. Havia muitos no Senlac. Quem sabe se deixamos alguns?

Rohan assentiu. Thorin dizia a verdade. Enquanto que os saxões não eram famosos por sua cavalaria, mas tinham-a. Um pensamento repentino chegou ao Rohan.



—Possivelmente o prometido da senhora fez uma declaração.

—É uma possibilidade. Aqui não há nada de valor. O covarde fez um bom trabalho devastando a aldeia de bens disponíveis. Mas me parece que se inclinou mais pela simples destruição, que o roubo.

Rohan assentiu.

—Aye, a violência disto grita raiva. Quem é o responsável atuou com ira.

—Quem estaria mais zangado que alguém cuja dama foi humilhada publicamente? — perguntou Wulfson detrás de Rohan.

Rohan se voltou para seu amigo e franziu o cenho. Wulfson estava firmemente ao lado de Thorin. Os dois homens lhe olharam fixamente, esperando uma resposta.

—A dama ainda está intacta!

A força das palavras de Rohan deteve o resto de seus homens enquanto se moviam ao redor do acampamento.

—Isso pode ser verdade, Rohan, mas não é nenhum segredo que dorme em sua cama. Se prepare para pagar o preço de tal delito.

—É minha serva. Não há pena que pagar. —grunhiu— Agora, deixem de intrometer-se! — empurrou o par de homens que tinham sobrevivido ao inferno e retornado com ele. De todas as pessoas nesta terra, só eles poderiam entender suas reservas quando se tratava de uma mulher, independentemente da formosura ou título.

Rohan montou o grande cavalo de batalha e disse aos escudeiros:

—Agarrem as cabeças e as queimem!

Russell se dobrou ante a ordem, e Hugh pareceu como se fosse a seguir seu exemplo. Rohan zombou de sua debilidade.

—O homem de guerra. Se não pode manter-se erguido, talvez devesse pegar uma agulha e instruir-se no bordado das damas.

Zangado, atirou as rédeas do cavalo e se moveu ao redor do perímetro do acampamento, até que encontrou o caminho que procurava.

—Vamos montar, homens. Quem sabe se com um pouco de sorte nos encontramos com estes bandidos.

Rohan não esperou a resposta de seus homens. Precipitou-se pelo estreito atalho, empenhado em aliviar a fúria enterrando a espada nas vísceras do inimigo.

Isabel correu do pátio para o muro exterior do castelo para ver Ioan e Warner guiando a sua gente da calreira, os que podiam caminhar foram de um lado, enquanto traziam as carretas carregadas com feridos na parte dianteira. Isabel ordenou a Ioan e Warner que os levassem a grande cabana abandonada por uma numerosa família. Serviria como uma espécie de ambulatório. Em questão de minutos começou a atender outra vez esses que tinha cuidado no dia anterior, e com muito poucas exceções, mostrou-se satisfeita com seu trabalho.



Enid, Lyn, Mari, e Sara deram lugar às pessoas de Wilshire. Eram um lote anti-social, não estavam familiarizados com o ambiente. A maioria nunca tinha deixado sua aldeia, muito menos aventurado até o Alethorpe. Wilshire era a menor de todas as explorações de seu pai, mas o senhorio era robusto e as terras ricas em minerais. Os bosques estavam repletos de caça. Foi uma das reservas de caça favoritas de Edward, e a seguir, de Harold. Quando a comitiva do Rei chegava para ficar no Rossmoor sempre era o pior momento.

Havia muito que preparar, e os cortesãos do rei requeriam mantimentos e refúgio. Entretanto, seu pai nunca se queixou dos custos dessas visitas. Com gosto lhes servia com talheres de prata, e foi um anfitrião do mais gentil. A última vez que Harold esteve foi em julho. Uma visita breve. E mais que uma simples excursão de caça. Harold tinha visitado seu senhor mais leal, Alefric, para aumentar as armas e o compromisso de seus soldados. Alefric tinha muitos aliados no norte, e inclusive até no sul da Normandia, pelo lado de sua difunta esposa. Harold estava contando em grande medida com eles. Seu pai não lhe desfalcou. Enviou quase trezentos homens com Geoff ao Stamford Bridge, e outros cem seguiram ao Senlac Hill. Desde onde só um punhado de homens tinha retornado, e sem nenhuma palavra de seu pai, o qual a incomodava enormemente. A cada dia que passava Isabel perdia a esperança de ver seu pai, ou a seu irmão, com vida.

Voltou para suas tarefas. Os feridos deviam ser atendidos, e daria refúgio e comida às famílias deslocadas de Wilshire. Havia um número considerável de artesãos entre os sobreviventes, e várias mulheres que seriam capazes de dar um bom jeito na casa. Mas Isabel esperou antes de lhes apurar com deveres. Estavam tão traumatizados, caminhavam como se estivessem na névoa. Necessitavam tempo para atenuar as cicatrizes da mente. Haveria muito tempo para lhes pôr pra trabalhar. Um dia ou dois não importava.

Enquanto estava em pé no pátio esfregando a leve dor de costas, Isabel refletiu sobre Rohan. Deliberadamente o tinha afastado dos pensamentos a maior parte do dia. Não obstante, indevidamente, escorregou de novo neles. E cada vez que o fazia, a ira estalava.

Isabel sentiu a imperiosa necessidade de um poder maior que o seu, ou de qualquer homem mortal. Quando dispôs de um momento no qual ninguém puxava sua manga por um conselho ou para limpar uma infectada ferida, escapou para capela.

Sorriu enquanto se sentava no primeiro banco e viu que alguma alma piedosa tinha acendido várias velas. Os músculos se relaxaram no mais sagrado dos lugares. Sempre tinha encontrado consolo aqui. Benzeu-se e se afundou de joelhos. Fechou os olhos com força e orou por um sacerdote. Rezou por seu pai e seu irmão, e orou por toda a Inglaterra, e estava a ponto de dizer amém quando se benzeu de novo e implorou pela alma negra de Rohan.

Quando acendeu várias velas mais, o grito do vigia anunciando que se aproximavam cavaleiros eliminou o tenso alívio. Sabia que os cavaleiros não seriam bem-vindos. Pela primeira vez nesse dia, Isabel esperou com ilusão o regresso precipitado de Rohan. Andou até a porta da capela e a abriu para olhar para fora às escondidas. O coração deu um tombo. Henri.

Caminhava a grandes passos diretamente para ela. Isabel deu a volta e retornou rapidamente ao banco no qual antes se sentou. Caindo de joelhos se benzeu várias vezes. Henri não se atreveria a machucá-la na casa de Deus.

A porta se abriu com uma portada. O som a fez girar para olhar para um homem que se parecia com Rohan em todos os aspectos, exceto um. Os olhos de Henri eram quase marrons, e o rosto não apresentava cicatrizes. Mas havia algo mais. Enquanto retirava o casco da cabeça e apartava para trás o capuz, o cabelo curto ao estilo normando estava preso à frente. Ardiam-lhe os olhos a fogo lento. Apesar disso, detrás da paixão superficial, uma fria maldade espreitava.



—Milord. —suspirou Isabel fingindo surpresa e calma. Sorriu e lhe fez uma breve reverência— Não esperava te ver de novo tão depressa. Rohan cavalga para o sul, mas sua volta é iminente.

Henri pegou sua mão e a levou aos lábios. Esperava que fosse frio como seu coração, mas eram surpreendentemente quentes. A mão tremeu. Não pela emoção que o irmão provocava nela, mas sim por medo.

—Não vim ver meu irmão bastardo, Lady Isabel. Admito, vim por você. Não podia esperar para te ver de novo, donzela. Sua beleza perseguiu meus sonhos.

Isabel tratou de apartar a mão, mas ele apertou os dedos ao redor dela. Atraiu-a mais. Cheirava a cavalo suado, couro e cerveja, mas por baixo destes aromas estava o fedor da morte. Isabel puxou bruscamente a mão apartando-a dele e se afastou, pondo o banco entre eles.

—Não sou uma pessoa que se desfaz com palavras. Diga-me o que deseja, e se estiver em minhas mãos lhe dar isso então verei você ir embora.

Ele sorriu. Os dentes eram tão brancos e retos como os de seu irmão.

—Te amo. —disse em voz baixa. Isabel negou com a cabeça— Aye, Isabel. E te quero agora. Venha comigo, não temos muito tempo.

Sacudiu a cabeça de novo, sem acreditar no que estava acontecendo.

Henri se lançou através do banco com tal rapidez que Isabel gritou. Agarrou-a pela cintura e puxou ela contra o peito enquanto lutava com ele. Ela abriu a boca para gritar, ele a beijou. Isabel lutou mais intensamente. Afastou a cabeça, mas ele a agarrou pelo cabelo e puxou com tanta força que arqueou as costas fazendo que os seios se esmagassem contra ele. Pôs os braços detrás das costas, e com a mão esquerda a agarrou pelos pulsos. Com a mão direita a agarrou no seio e o apertou. Isabel gritou e lhe pisoteou no pé. Ela uivou de dor, a bota era dura.

Henri riu de seu lamentável intento de lhe parar. Colocou o joelho entre as coxas e subiu a saia.

—É profanação! —gritou-lhe— Estamos na casa de Deus.

—Talvez seu Deus, donzela, mas não o meu.

Henri a moveu para o altar e o limpou com um longo varrido do braço. Empurrou-a colocando-a em cima. Isabel deu a volta apartando-se, e em silêncio implorou o perdão de Deus quando agarrou a taça destinada para o vinho de comunhão. Ele deu um forte puxão para girá-la e olha-la de frente. Com todas as forças Isabel o golpeou com a pesada taça na cabeça. Uivando de dor afrouxou a mão e foi suficiente. Isabel se apartou longe dele pelo outro lado do altar, e correu para a porta.

—Putá sedenta de sangue. —gritou.

Isabel atravessou o pátio, e em lugar de dirigir-se diretamente ao castelo onde podiam apanhá-la, correu à aldeia. Vários dos homens de Henri que pareciam descansar, levantaram-se com gentileza quando a viram correr dessa maneira.

—Agarrem-na! —gritou Henri detrás dela. Isabel era ligeira e veloz, eles pesados e entorpecidos pelas cotas de malhas. Passou velozmente entre dois homens que se equilibraram sobre ela. Qualquer outro dia teria achado divertido que os corpos chocassem um contra o outro. Isabel seguiu correndo para o muro exterior do castelo, onde várias pessoas estavam paradas olhando o desenvolvimento do drama. O aviso do vigia anunciando cavaleiros aproximando-se no horizonte a



motivou a avançar mais rápido. Não se atrevia a esperar o resgate. Poderiam ser mais homens de Henri.

Na louca fuga, ouviu estridentes vozes saxonas brotando não muito longe. Querido Deus, sua gente estava lutando contra Henri! Não tinham nenhuma possibilidade. Mas não podia lhes ajudar. Devia afastar Henri e seus homens da aldeia tanto quanto fosse possível.

Quando Isabel rodeu uma pequena colina, atreveu-se a olhar por cima do ombro. Gritou. Ela era a metade do tamanho do cavaleiro de bom berço, e não carregava a pesada malha, mas inclusive sem o completo traje de combate, Henri era um homem grande, forte, com largas e firmes pernas. Estava detrás dela. E atrás de Henri um enxame de sua gente caindo sobre dois dos homens de Henri. Dois mais seguiram a seu senhor.

Isabel ziguezagueava monte abaixo, longe dos aldeãos, e esperando que outros se mantivessem afastados de Henri e seus homens. Porque se aproximasse muito, os normandos certamente lhes fariam pedaços. A linha de árvores estava à frente. Se pudesse chegar a elas teria uma oportunidade. Tão logo passou o limite da aldeia e entrou nas árvores, Isabel tropeçou em um tronco que não viu. Caiu no chão e começou a rodar. Incorporando-se com um salto continuou a fuga. Mas já era muito tarde. Henri a agarrou. O grande peso a golpeou ruidosamente contra a dura terra de novembro. A força do golpe a deixou sem fôlego, e só viu o negro. Isabel apertou os olhos, logo os abriu. Henri sorria por cima dela.

—Apostaria, Isabel, que é mais diversão do que esperava. —a agarrou pelo cabelo e puxou até levantá-la— A tomarei aqui no chão, como um cervo possui a uma gama.

Arrastou-a para as árvores. Isabel tropeçou enquanto a empurrava com mais força. Uma vez que tinham penetrado a linha das árvores, a fez voltar-se de costas, e enquanto a sustentava, com uma mão afastou as vestimentas para um lado. Empurrou-a no chão, e ela fechou os olhos não querendo ver seu devorador membro.

—Será um grande prazer endossar a meu irmão o meu bastardo.

Henri caiu de joelhos e se lançou em cima dela. Tinha a intenção de tomá-la por trás! Agarrou a prega do vestido e o separou de um puxão, deixando descoberto o traseiro.

—Dará-me grande prazer lhe castrar, Henri. —disse Rohan detrás deles.

Isabel gritou e começou a rodar para afastar-se do irmão de coração enegrecido. Henri a agarrou e a apertou uma adaga no pescoço.

—Aye, mas a que custo, irmão?

Rohan desmontou do grande cavalo. Não estava sozinho. Seus cavaleiros se desdobraram detrás dele, todos com flechas dentadas preparadas nos largos arcos. Eram um espetáculo mais que impressionante.

Os homens de Henri que se somaram à perseguição deram um passo atrás.

—Machuque a donzela, e o pagará com sua vida. —disse Rohan com calma.

—Tão simples? —perguntou Henri.

Rohan assentiu.

—Aye.

—A vida de um servo saxão não tem nenhuma importância para William. —afirmou Henri— mas, o filho de uma das famílias maiores da Normandia? Duvido que haja um castigo suficientemente grande para compensá-la, Rohan.



Rohan apontou com a espada ao peito de Henri.

—Se quer averiguá-lo, estou disposto.

Henri pressionou a ponta da adaga no pescoço de Isabel. Pôs-se a rir a gargalhadas.

—Olhe seu pescoço, Rohan. Por estas marca, suspeito que gosta do jogo rude. E não por minha mão. —Rohan entreabriu os olhos. Henri pôs-se a rir— Jogou com você como com um tolo. Quando me encontrei com isso na capela, estava pedindo perdão a seu Deus por seus atos vergonhosos.

—É mentira! —gritou Isabel.

Encontrou o olhar estreito de Rohan. Viu dúvida ali. Acreditava que ela...?

—Aye, encontrou-se com seu prometido não muito longe daqui. —mentiu Henri.

Embora levasse o elmo, Isabel viu como Rohan franzia o cenho.

—Não é virgem irmão. Fostes enganado! —Henri a lançou a Rohan— Tome, não quero ser o terceiro desta peça.

Isabel aterrissou aos pés de Rohan. Levantou-se e se lançou às costas de Henri, lhe golpeando com os punhos.

—Mentiroso!

Ele se voltou levantando o braço para lhe dar um reverso, mas se encontrou agarrado pelo punho de Rohan.

—Por cada marca que ponha nela, triplicarei-a em você.

Henry esboçou um sorriso desagradável e sacudiu a mão de Rohan.

—Nunca pensei que veria o dia em que poriam uma mulher por cima do sangue, irmão. Boa sorte. Pode ser que tenha um bastardo saxão antes de ter os seus. —Henri passou por Rohan com passos impetuosos antes de girar-se e lhe advertir— Tinha vindo para te avisar, Rohan, há saqueadores perto. Justamente passando o limite de Dunsworth houve um ataque a noite passada. Os caipiras parecem tender a simples destruição. O que ficou de meus camponeses não era reconhecível.

Rohan confrontou a seu irmão e assentiu.

—Aye, estarei alerta. Mas se os encontrar antes que eu, lhes dêem esta mensagem por mim: —Rohan deu um passo para seu irmão detendo-se só a um corpo de cavalo de distância— Quando os pegar, os queimarei vivos.

Henri torceu os lábios em um sorriso sádico.

—Pagaria uma boa prata por vê-lo.

—Pode estar presente de graça. —disse Rohan com voz baixa e ameaçadora.

Os olhos de Henri jogaram faíscas e, por um momento, Isabel jurou que viu um brilho de medo. Apesar dela não ter entendido o alcance da ameaça de Rohan, Henri sim.

Henri abriu a boca para replicar, mas deve ter pensá-lo melhor, pois se voltou e se dirigiu de novo a seu cavalo. Seus homens lhe seguiram.

Quande Rohan se voltou para ela, um olhar furioso lhe marcava as facções. Embainhou a espada enquanto caminhava para ela. Quando se deteve, Rohan ficou em silêncio olhando-a fixamente, para avaliar a veracidade das palavras de seu irmão.



Um forte estremecimento a sacudiu. As mentiras de Henri não a afetaram nem a metade do que fez o pensamento de que Rohan as acreditasse.

—Não me defenderei ante você, Rohan. Pode pensar o que quiser.

Aproximou-se um passo mais, o bastante perto para que o cabelo dele a roçasse o pescoço. Quando o fez, o cenho se fez mais profundo.

—Como lhe fizeram estas marca?

Isabel lhe sustentou o olhar. O que faria a seu homem se soubesse que Manhku a tinha atacado? Não deveria importá-la. Todos eram seus inimigos. Que se matassem uns aos outros em sua sede de sangue. Mas não podia nomear Manhku. Estava muito saturada de sangue e morte. Não queria ser responsável pelas conseqüências.

—Foi um dia comprido e pesado. Não sei.

Rohan a envolveu o pescoço com a mão enluvada e apertou. A pressão doeu. As lágrimas brotaram. Estava tão cansada deste jogo de guerra.

—Mentira. —a soltou e retrocedeu— E não trato bem aos mentirosos. —voltou às costas e pediu aos aldeãos que se reuniram detrás de seus homens— Cuidem de sua senhora.

Logo montou a cavalo e galopou colina acima para o castelo.



CAPÍTULO 14

A fadiga se fez pesada tanto na mente como no corpo de Isabel, espremendo o pouco que ficava nela. Enquanto permitia que várias das mulheres da aldeia a levassem de volta ao castelo, Isabel se deu conta de que era a primeira vez desde a morte de sua mãe, uns seis anos atrás, que não era ela que cuidava das necessidades dos outros.

E com essa compressão, o coração destilou mais emoção. Nenhuma só vez se queixou ao seu pai ou ao seu irmão de que, enquanto eles se deram o luxo de um tempo para o duelo, ela não o tinha feito. Foi empurrada ao papel de senhora do castelo antes que o corpo de sua mãe estivesse frio. E não é que se arrependesse nem que estivesse ressentida, era o que tinha que fazer. Se não tivesse assumido o papel, Alethorpe e sua gente teriam sofrido muito, já que Alefric se converteu em um homem avaro e amargurado depois do falecimento de sua esposa. E só Isabel podia suavizá-lo. Assim, pelo bem de seu pai, seu irmão e a gente que dependia do Lorde, Isabel apartou para um lado as emoções. Fez o mesmo nesse momento. Tão cansada e emocionalmente esgotada como estava, só requereria um curto tempo em privado para recompor-se, depois, uma vez mais, apresentaria a cara de uma Lady em completo controle do senhorio, para sua gente e quantos normandos tentassem rompê-la em pedaços.

Quando Isabel entrou no salão, captou o zangado olhar de Rohan da grande distância. Apesar de que sua energia estava severamente diminuída, enquadrou os ombros e apresentou uma frente endurecida. Que Rohan pensasse o que quisesse dela. No coração, ela sabia a verdade, e ao final do dia isso seria suficiente, porque não tinha a ninguém mais em quem confiar. Essa compressão fez mais por desequilibrá-la que o olhar acusador de Rohan.

Estava completamente sozinha.

O ardente olhar de Rohan a seguiu até a escada. Seus homens estavam em silêncio, vários deles a olhavam como se avaliassem por si mesmos a validade das palavras de Henri. Isabel teve vontades de lhes dizer a todos que fossem ao diabo. Como se atreviam a questionar sua virtude!

Havendo-se reunido com ela no pátio, Enid tomou Isabel pelo cotovelo a meio caminho das escadas, acautelando a erupção que a faxineira sabia era iminente. Enid apartou às outras mulheres, e em lugar de dirigir a sua senhora à câmara do Lorde, guiou Isabel pelo corredor às dependências da senhora.

Uma vez na estadia, Enid jogou a trava.

—Porcos normandos! —disse entre dentes.

Isabel se afundou em um genuflexório acolchoado aos pés da grande cama. Enid passeava de um lado a outro.

—Prepararei-lhe um banho, milady. O sangue dos aldeãos e o fedor do irmão bastardo se aferram a você como esterco.

Em meio de uma névoa, Isabel deixou que a donzela a despisse.



—Isto não é apropriado voltar a usá-lo - Se escarneceu Enid, e atirou o vulto de roupa ao fogo.

Envolveu Isabel em uma grossa toalha de linho e voltou a deixar contra o genuflexório.

—Se deite, milady, e descanse enquanto preparo seu banho.

Isabel fez isso. Quando fechou os olhos e tragou, a garganta em carne viva a fez rememorar o dia. O peito esticou quando recordou, não o ataque de Henri a e sim o modo em que Rohan a tinha olhado, como se não fosse apta de lhe limpar o urinol. Verdadeiramente acreditava em seu irmão? *Como podia?* Rohan, de todos os homens, sabia como desesperadamente se aferrava a sua virtude. Um forte soluço a sacudiu o peito, e apesar dos esforços, Isabel não pôde conter as lágrimas. Em silencioso protesto, deslizaram-se pelas bochechas. Com os olhos fechados, tomou um enorme fôlego e desejou desesperadamente dormir. Cansada, exalou e rezou para que ao despertar, o pesadelo tivesse terminado.

Rohan não desejava companhia. Nem sequer de seus homens, que sentindo seu estado de ânimo sombrio se foram ao outro extremo do salão e ao fogo dali. Queria solidão absoluta. Queria estrangular o seu irmão por tocar em Isabel, e mais que isso, queria forçar a verdade da donzela. Entretanto, não fez nada exceto ficar em pé frente ao fogo crepitante e tomar outra jarra de cerveja. Era a quarta.

Uma vez mais, o orgulho estava em uma terrível guerra com sentimentos que não compreendia. Quando Henri subiu as saias de Isabel e expôs o traseiro nu para que todos o vissem, Rohan sentiu uma inexplicável quebra de onda de fúria. E um estranho sentido de propriedade. Não queria que seus homens ou ninguém mais vissem essa parte de Isabel que só ele tinha visto. Ou ao menos, isso pensava. Escarneceu Henri com mentiras, ou dizia a verdade? Uniu-se a donzela com seu prometido? Estaria grávida?

Rohan se encolheu ante a idéia dela jazendo com outro homem. Bebeu o último gole de cerveja. Nay, disse-lhe o instinto. Não levava um menino, nem tinha entregue de boa vontade sua virtude. Desde sua chegada, tinha sido vigiada.

Gelou-lhe o sangue. E o tempo que esteve ontem no bosque? Esteve sozinha a maior parte do dia e das horas da noite. Talvez Arlys se reuniu com ela ali. Os cabelos da parte de trás do pescoço de Rohan se arrepiaram. Aye, escapuliu de Warner com pouco esforço. Talvez houvesse uma passagem secreta no castelo. Isso tinha perfeito sentido. E talvez se encontrassem dessa maneira.

Rohan agarrou a jarra com a mão tão fortemente que os nódulos empalideceram. E essas marcas no pescoço dela? Eram recentes, as marcas de uma mão masculina fortemente impressas. Nenhum homem no senhorio se atreveria a tocá-la por temor a sua ira. E o que? Como tinham chegado ali essas marcas? Isabel gostava, como Henri sugeriu, de jogos bruscos? Conhecia mulheres assim. De fato, tinha tido a umas quantas. E embora ele nunca tivesse deixado tais marcas, não podia estar seguro. Porque nunca ficava o tempo suficiente para ver a cara do chafurdar noturno. Assim, era mais que possível que suas marcas tivessem vindo da agonia da paixão.

Rohan arremessou a jarra ao fogo e se voltou, determinado a pôr fim às dúvidas a descansar de uma vez por todas. Subiu as escadas para sua câmara. Quando abriu a porta para encontrar só uma habitação fria e vazia, a fúria s disparou.

Deixou a habitação, dando uma portada tão forte que retumbou a parede. Moveu-se pelo corredor para as dependências da senhora, onde viu Enid carregando dois grandes cubos de água



fervendo. Empurrou-a apartando-a e entrou pela porta com a intenção de esclarecer as coisas com a donzela. Deteve-se em seco quando viu a pequena forma curvada envolta em linho sobre o genuflexório. Aproximou-se. As bochechas dela brilhavam com lágrimas.

Algo se moveu então em Rohan. Algo tão intenso e profundo que lhe aterrorizou. Não tinha palavras para explicar o que era ou o que significava. Só sabia que a mulher que jazia dormida ante ele era mais valente que os dez cavaleiros de William juntos.

Quando o corpo dela se estremeceu enquanto tomava um dilacerador fôlego, ele se aproximou. Ela se moveu, e o linho caiu dos ombros, mostrando os altos montículos dos peitos.

Pelo sangue de Deus, era formosa. Ela se moveu outra vez, só um pouco, mas o suficiente para que o espesso véu do cabelo caísse do pescoço. As contusões que a marcavam saltaram para ele, zombando por ser um tolo.

Rohan se aproximou e se sentou ao lado da donzela adormecida. Percorrendo-a com o dedo os machucados, maravilhou-se pela suavidade dela. Sem ser capaz de deter-se, arrastou para baixo sobre a cremosa elevação do peito. Viu como a punha arrepiada e os mamilos se eriçaram contra o tecido. Acelerou-lhe o sangue, mas também o fez a dúvida, e a irritação brotou de novo. Apertando a mandíbula tão forte que pensou que romperia os dentes, Rohan quis sacudi-la até que lhe dissesse a verdade. Queria lhe levantar as saias e aliviar-se dentro de seu corpo e saber com segurança que era o primeiro. Rohan ficou em pé e se separou dela. Aye, podia tomá-la e saber com certeza. Levaria os lençóis ensangüentados pela comarca inteira para testemunhar a virtude dela. Não por seu prometido, como tinha insinuado Henri, e certamente não pelo mais ignóbil dos nobres, seu irmão!

Rohan girou sobre os calcanhares, quase derrubando Enid. Malditos sejam todos no inferno! O que lhe importava quem a tinha tido? Só era uma mulher.

Rohan não quereia estar perto do castelo. E com essa decisão, encontrou mais que umas poucas tarefas para ocupá-lo no estábulo. Enquanto dava uma última escovada nos flancos de ébano do Mordred, Rohan olhava a palha perto do cavalo, pensando que seria muito mais cômodo dormir perto da besta peluda que jazer ao lado da suave e branda donzela. Aye, tomaria sua refeição aqui fora também. Não queria mais distrações. Devia focar-se no que tinha que obter para William. Esperava ser chamado qualquer dia por seu líder. E embora tratasse de afastar o seguinte pensamento sobre Isabel e deixá-la para trás, não pôde evitá-lo. Incomodava-lhe muito sua preocupação com ela. E se Henri decidia visitá-la de novo?

Enquanto Rohan tinha fé completa em todos seus homens, sabia que Henri tinha um terror mais profundo de Rohan que qualquer de seus cavaleiros. Rohan lançou a escova a um caixa, depois agarrou uma faca para cascos. Sustentando a enorme pata entre os joelhos, Rohan começou a extrair o barro de entre os cascos do cavalo. O grande cavalo negro voltou à cabeça para Rohan e lhe mordiscou nas costas como se lhe assegurasse que a mulher não era digna de sua preocupação.

—Aye, Mordred, é afortunado de ser uma simples besta. As mulheres não são um grande mistério para ti. Considere isso sua bênção. —o cavalo soprou com se estivesse de acordo.

—Então, acha à donzela um mistério, verdade, Rohan? —perguntou Thorin de fora do grande compartimento.

—Não te convidei a minha conversa. —disse Rohan laconicamente.

—Não podia fazer mais que ouvir. Thorvald e eu tivemos um bate-papo similar.



Rohan deixou a grande pata brandamente e se incorporou. Casualmente, lançou a faca a um caixa perto da escova.

—Oh. E que conselhos tinha seu cavalo para você?

—Está tão confuso como nós, Rohan. Não tenho nenhum indício do que faz às mulheres deste mundo pensar ou atuar. Suspeito que nunca o terei. E porque só me causa uma grande frustração, decidi não tentá-lo.

Rohan limpou as mãos sobre a túnica de couro que pôs sobre a camisa interior.

—Bom conselho.

—Rohan! —gritou Wulfson do outro extremo da quadra— Vim para anunciar que o jantar aguarda seu prazer. Apresse seu cú. Estou-me extinguindo a um nada!

—Desde quando faz o trabalho de um criado? —disse Thorin.

—Desde que são escassos e temem aos mal-humorados normandos. Venham, vamos jantar juntos.

—Nay. —disse Rohan— Não tenho apetite esta noite. Vão e jantem sem mim.

Wulfson caminhou para o cubículo e se deteve para olhar a seus companheiros de armas e amigos. Seus olhos verdes dançavam de travessura.

—Devo admitir, Rohan, que as palavras de Henri hoje me deram motivos para me paralisar. —levantou uma mão para impedir a negação proveniente de Rohan—. Deixe-me falar. Como disse, Henri fez uma boa colocação, mas não viu como o estratagema que era?

Rohan franziu o cenho.

Wulfson sorriu.

—Vamos ver, meu amigo, não pode ser tão cego com seu irmão. Suas acusações foram um pobre intento de ocultar seu atroz crime. Voltou à culpa para a donzela para apartar de si mesmo, onde deveria ter sido colocada.

—Eu... —começou Rohan.

—Nay, me deixe terminar. Ao final, não importa se a donzela é virgem, ou inclusive se tiver mentido. Ela não é mais que uma pedra no caminho até aqui. Ou não? Um peão necessário em nosso jogo. Tome-a se a deseje, e faça com ela. Não posso suportar seu sombrio estado de ânimo.

—Dei minha palavra, Wulf. —disse Rohan.

—Aye, deu-a, mas com a condição de que ela fosse virgem. Como mais pode provar que vendo as manchas de sangue? —rebateu Wulfson.

Thorin bateu no ombro de Rohan.

—Wulfson tem razão, Rohan. Seu juramento está baseado na certeza de que a garota é virgem. Se não é, então nenhum juramento tem validade. Além disso, ela não é mais que uma de dez vintenas mais de mulheres que terá. Tome, tire-a de seu sangue, e talvez possamos todos passar um tempo mais pacificamente.

Thorin piscou um olho a Wulfson e disse para ninguém em particular:

—Aye, tome até se saturar dela, Rohan, assim poderemos saboreá-la nós. Pelo que vi hoje, você não é egoísta em compartilhar.



—Hah! —gritou Wulfson, e golpeou a Rohan nas costas— Sempre compartilhamos. O que te faz pensar que manterá a esta para você?

Uma forte pontada de ciúmes cortou através das vísceras de Rohan. Era certo, se a rapariga era serviçal, tinham-na em mais de uma ocasião passando a taça, por assim dizê-lo. Nunca tinha sido um problema. Por que o era agora?

—Não é mais que outra mulher, Rohan, e não significa nada para você. —incitou Thorin.

—Aye, e é amante dos saxões. —acrescentou Wulfson.

—Basta! —rugiu Rohan—. Não questiono sua virtude. Não há evidência de que não seja nada mais que virgem. O dia que acreditar em qualquer mentira jogada por meu irmão será o dia em que me possam enterrar com minha espada.

Thorin golpeou o ombro de Rohan e se inclinou para o homem mais jovem.

—Aye, e agora, escute suas próprias palavras, meu amigo, e lhe dê à donzela o benefício da dúvida.

—Aye, estou cansado de sua hostilidade, Rohan. Talvez precise se aliviar em algum outro lugar. —sugeriu Wulfson.

Thorin golpeou Rohan nas costas.

—Ou tomar o assunto em suas próprias mãos.

Wulfson riu e golpeou Rohan também. Levantou a mão direita e disse:

—Aye, é uma boa maneira de construir calos. —Wulfson virou e se dirigiu para as amplas portas duplas do estábulo para abrir. —Vamos jantar, homens! Tenho grande apetite esta noite. Talvez devesse procurar à formosa Sarah ou a tentadora Lyn. —Wulfson jogou a cabeça para trás e riu mais forte.— Por Deus, buscarei as duas esta noite!

Quande Rohan, Thorin e um sorridente Wulfson entraram no grande salão, com o cabelo úmido e o espírito levantado, Isabel deixou escapar o pouco fôlego que tinha estado sustentando. Não era a única no salão preparada para mais tormentas. Cada um dos homens de Rohan olhava dele para ela, depois de novo a ele. Rohan atuava como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Não a buscou. E enquanto isso deveria fazê-la muito feliz, zangava-a. Era evidente que acreditava em seu irmão.

Isabel optou por não aproximar-se da mesa do senhor ou ao salão. Em seu lugar, escondeu-se na cozinha. Até que escutou o chiado de uma mulher seguido de estrondosas risadas masculinas. Isabel correu ao salão. Deteve-se em seco e viu com horror como Wulfson e Ioan brigavam pela faxineira Sarah. Isabel se apressou a repreendê-los quando Sarah se voltou para ela. Seus olhos sorriam enquanto brincava com os homens. Lyn cometeu o engano de pôr uma grande bandeja de aves assadas na mesa perto de Ioan, quem arrancou uma succulenta pata de uma das aves, depois apertou à roliça donzela de cabelo flamejante contra o peito. Beijou-a na boca. Quando Lyn deu um bocado à pata de Ioan e a mastigou pela metade antes de lhe beijar, Isabel soube que não tinha necessidade de ajuda.

Elevou o olhar para onde estava sentado Rohan. O sangue esquentou. Olhava-a atentamente. Rapidamente girou e voltou para a cozinha, onde encontrou um pouco de consolo. Enquanto estava ocupada com as tarefas, Isabel não pôde evitar o selvagem batimento do coração, ou enquanto as



estridentes risadas das garotas da aldeia se mesclavam com as profundas vozes dos cavalheiros, não pôde frear o modo em que o sangue corria com veemência pelas extremidades.

A noite continha a plena promessa de terminar em desenfreada libertinagem. Isabel saiu da quente cozinha para tomar um pouco de fôlego e esfriar-se. Também, não queria escutar as gargalhadas das faxineiras e as gargalhadas dos homens. Apoiou-se contra a pedra dura e fria da parede da cozinha e viu Wulfson sair com Lyn sobre um ombro e Sarah sobre o outro para o estábulo. Ioan e Rhys lhe seguiam, pedindo ao egoísta cavalheiro para compartilhar. Isabel sacudiu a cabeça e, a pesar do estado de ânimo sombrio, não pôde evitar um pequeno sorriso. Talvez fosse bom para os homens de Rohan e sua gente que liberassem um pouco de tensão. A aparição de Henri no dia de hoje tinha deixado um tenso manto escuro sobre Rossmoor. Era iminente a manifestação. Era bom que os homens e as mulheres pudessem encontrar prazer.

Isabel suspirou. Sem dúvida, quando o verão crescesse em calor e umidade, a comarca aumentaria em população. Justo quando Isabel estava a ponto de retornar à cozinha, ouviu a profunda voz de Rohan chamando um de seus homens.

—Para o que tenho em mente, só tomará um momento de meu tempo, e estou disposto a compartilhar esta peça!

Uma risada feminina soou a seguir.

O estômago de Isabel deu um tombo. O porquê o anúncio de Rohan lhe causava tal dor não podia compreender. Não lhe havia dito ela que saciasse sua luxúria em outra parte? Apareceu por um canto e viu a viúva recente Gwyneth atirada sobre seu ombro como um saco de nabos, sua risada testemunhava sua excitação. Rohan olhou pra cima e captou o olhar de Isabel na escuridão. As tochas ardiam brilhando ao redor dela, e não duvidou que a tinha visto. O fogo nos olhos dele se apagou. Entretanto, continuou seu audaz passo para o estábulo. Bateu o traseiro de Gwyneth, e ela chiou de deleite.

Sentindo-se repentinamente enjoada, Isabel se apressou a retornar à cozinha. Não se deteve em sua retirada. Atravessou a grande estadia para o salão, onde o resto dos homens de Rohan bebiam e cantavam como escudeiros com a primeira taça de cerveja. Mantendo a cabeça baixa, correu pela grande escada até a câmara do Lorde, onde reuniu seus poucos pertences. Isabel manteve a compostura até que retornou as suas dependências. Estava agradecida de encontrá-la vazia. Salvo por Enid, aqui não havia outras mulheres procurando descanso.

Isabel vagou, perguntando-se pelo homem que havia tornado completamente sua vida do avesso. Era um caipira, um cafageste e um patife. Era mal educado e insolente. Era audaz e era um normando! Por que, então, sentia-se como se nesse momento a tivesse traído? Não era nada para ele. Ele não era nada para ela. Então, por que a irritação? O ciúme a rasgava como um javali ferido por um caçador.

Querido Senhor, ele tinha acreditado que se deitou com seu prometido e talvez levasse seu filho! Depois havia se voltado e insinuado frente a seus homens e sua gente que ela poderia ser uma trapaceira! Como podia preocupar-se com tal homem?

Isabel gritou. Nay! Ela não se preocupava com ele. Não valia a pena! Ele irá logo. Ou talvez não, mas de qualquer maneira, o que podia oferecer a ela? E ela a ele? Sacudiu a cabeça e andou de novo. Nay, não podia, *não* queria, considerar nenhuma forma de afeiçoar-se a ele. Era só uma fantasia de menina. Ele tinha despertado à mulher que levava dentro, e se sentia atraída por ele só por essa razão. Benzeu-se. Não era respeitável de uma donzela desejar as mãos de um homem e os lábios sobre o corpo... ou mais. Muito especialmente, se esse homem não fosse seu marido.



Isabel se deixou cair sobre a cama e olhou o dossel bordado. Perguntou-se que faria Rohan nesse mesmo momento. Tocava Gwyneth como a havia tocado a ela? Sussurrava-lhe doces palavras de amor? Encontraria no solstício de verão a Gwyneth pesada com o filho de Rohan? Isabel apertou os punhos e golpeou o colchão.

—Jesus!

O ciúmes era um amargo bálsamo de tragar. Levantou-se da cama e começou a passear de novo. Fúria, nostalgia e tristeza lutavam no coração e tentou, enquanto pôde, negá-lo. Afetava-a mais profundamente que qualquer emoção que jamais tivesse experimentado. Não gostava. E o pior de tudo, sabia que não havia uma só coisa que pudesse fazer para impedi-lo.

Isabel abriu a porta e desceu. Inspecionou o salão procurando Rohan, mas não estava entre seus homens e várias das garotas da aldeia. O estômago revolveu. Aye, sabia onde estava e o que estava fazendo. Se ela não tivesse orgulho, teria partido para o estábulo e arrancado o cabelo loiro de Gwyneth da cabeça fio por fio, depois castraria ao normando com quem estava deitada!

Guiada por um demônio para o que não tinha nome, Isabel se moveu pelo salão, e além das mulheres rindo e os homens sorrindo, e abriu de um empurrão as portas principais do castelo. O áspero ar gelado encheu o peito, e deu a boa-vinda à dor que produziu.



CAPÍTULO 15

Rohan estava em pé ao lado de um bebedouro, fora do estábulo, que acabava de sair. A virilha ardia. Os sons de pesados ofegos e gritos de prazer das mulheres retumbavam lhe envolvendo, como uma mão apertada ao redor do pênis. Apertou a mandíbula e colocou a cabeça na água gelada pela segunda vez. O choque do frio apartou os pensamentos luxuriosos da mulher do castelo por um breve momento ou dois. Deu-lhe a boa-vinda. Deixou a cabeça debaixo da água até que não pôde respirar. Tirou a cabeça fora do líquido gelado e a sacudi enviando gotas geladas em todas as direções.

A empregada que tinha tirado do salão riu nervosamente dentro do estábulo perto de onde ele se encontrava. Rohan passou o braço pela cara secando-se um pouco. Ele subiu as ligas, afastando-se da cavalaria onde Thorin desfrutava da caça de Rohan. Não que ela fosse parte da caça. A garota tinha caído no se colo, e quando havia sentido que o pênis palpitava, manuseou-o até lhe pôr como uma pedra. Entretanto, não tinha sido capaz de encontrar a liberação na moça. Seu aroma, seu fôlego, sua áspera pele; não lhe atraíu. A entregou a Thorin, que tinha bebido mais cerveja que ele e não era tão suscetível, esta noite. Deixou-lhes no enérgico acoplamento e voltou para castelo.

Ao cruzar o pátio, um corpo pequeno e escuro afastando-se velozmente para o muro exterior do castelo lhe chamou a atenção. Levantou a vista até descobrir que os guardas, embora alerta, olhavam além da muralha para a aldeia. O sangue de Rohan despertou novamente. Ele conhecia muito bem essa forma pequena. Seguiu-a.

Isabel se encontrou com um homem perto da entrada de uma choça grande. O sangue de Rohan ferveu. Era o saxão? Ela desapareceu dentro. Ele se apressou para a entrada e escutou.

—Como estão, Ralph? —perguntou Isabel.

—A maioria está melhor, milady, mas vários fervem em febre. Blythe trabalha duro para esfriá-los com água, mas não serve.

—Milady, o dano é tão terrível! —chorava a garota.

—Não pare, Blythe. Às vezes leva dias para desfazer a febre. Vamos, ides procurar mais água, e me mostre os que mais nos necessitam. Ficarei com você. —consolou Isabel.

Rohan deu um passo atrás quando a garota saiu correndo da cabana. Debatia-se sobre ir mandar a volta de Isabel com ele. Entretanto, sabia que ela lutaria com unhas e dentes. Especialmente agora que suspeitava que tivesse brincado com Gwyneth. Era seu direito como homem, e não lhe tinha exigido que saciasse a luxúria entre as coxas de outra? Rohan grunhiu baixo. A donzela lhe tinha envenenado! Já não encontrava aceitável o que a maioria dos homens consideraria um bom lanche. E a empregada de cabelo muito loiro era atraente. Tinha os dentes sãos, e possuía uma voluptuosa figura onde um homem poderia perder-se muitas noites. Entretanto, ele queria outra. O desejo era tão grande que não podia saborear o prato que tinha adiante. Jesus!

Rohan passou a mão pela cara. Estava atuando como um menino chorão! Girou sobre os calcanhares e assobiou a um guarda que patrulhava a parede do muro exterior.

—Vigiem que Lady Isabel seja acompanhada no retorno ao castelo quando tiver terminado aqui sua tarefa.

—Aye. —disse o guarda, e se dirigiu para a cabana.

Rohan agarrou ao duro homem pelo ombro.



—Não a perca de vista, Robert, ou terão que pagar com minha espada enterrada em seu pescoço.

O jovem tragou saliva.

—Pode considerar seu retorno ao castelo a salvo, Rohan.

Rohan debateu entre ficar e esperar, mas que lhe condenassem se deixava que a moça soubesse que a tinha seguido.

O salão se acalmou grandemente desde que saiu. As tochas se apagaram, e os corpos saciados jaziam ajeitados no chão e nas camas de armar dispersas. Eram uma grande quantidade de prometedores cavalheiros. Entretanto, Rohan sabia que seus homens tinham que liberar a tensão. Tinham lutado muito tempo, muito duro e sem descanso. Aye, deixa-os desfrutar desta noite. Pois amanhã se encontrarão de novo sobre os cavalos em busca dos caipiras covardes, que destruíam por puro amor à matança.

Rohan olhou para a chaminé onde estava Manhku lhe observando. Inclinou a cabeça a seu homem, sem nenhum humor para a conversação, e a pernadas subiu pelas escadas ao que ele soube que seria sua câmara de tortura.

Quando se recostou sobre os lençóis e peles da grande cama, o aroma de urze de Isabel lhe rodeou como um ser vivente. Fechou os olhos, e em lugar de lutar contra isso, abriu os sentidos. O pênis palpitava pela necessidade de seu corpo. Rohan grunhiu como um animal ferido e agarrou a lança com a mão. Fechou fortemente os olhos ante a pressão e amaldiçoou Isabel pela bruxa que era.

Rohan despertou muito antes do primeiro canto do galo. Lavou-se e se vestiu. Ao baixar a escada, sorriu. Seus homens roncavam alegremente, sem dúvida, revivendo as conquistas da noite anterior.

—Despertem, homens! —gritou Rohan.

Amortecidos gemidos e lamentos de dor encheram a sala.

Deu- uma patada a vários deles nos pés.

—Ponham as vestimentas e comam alguma coisa. Temos trabalho a fazer! —Justo quando Rohan se dispunha a abrir as pesadas portas, abriram-se do exterior. Ele franziu o cenho. Não as tinham travado?

Uma rendida Isabel se deslizou através delas em silêncio. Com a cabeça agachada, avançou diretamente para ele. Quando chocou bruscamente contra o peito, o sangue de Rohan acelerou. A autoliberação de ontem à noite não tinha feito nada para atenuar a necessidade por ela.

Isabel gritou, e como se afastou dele, agarrou-a pelo braço para evitar que caísse para trás.

—O que lhe traz para o salão, Isabel?

Apesar da fadiga que danificava seus traços, ela arrancou o braço do agarre.

—Não é nenhuma preocupação para você!

Ele sorriu. Assim que a moça tinha o temperamento exaltado, verdade?

—Aye, é minha preocupação. Por que não está na cama? —perguntou, sabendo muito bem onde tinha passado a noite.



Isabel ficou rígida e levantou o queixo para olhá-lo. Os olhos violetas com fúria desatada.

—Possivelmente tive meu próprio encontro amoroso.

Apesar de que sabia que caçava dele com suas insinuações, a implicação lhe envenenou o estado de ânimo. A visão de Isabel quente e ofegante debaixo de um homem sem rosto enquanto bombeava nela lhe enfureceu. Ele puxou bruscamente ela aproximando-a.

—Em caso de que confirme isso, Isabel, sentirá o chicote esfolando a pele de seda de suas costas.

Em vez de apartar-se dele, Isabel se aproximou. Seu suave aroma flutuou no ar até lhe chegar ao nariz. Apertou a captura ao redor do braço.

—O que é bom para os gansos não é bom para os gansos?

Ele apertou a mandíbula.

—Não zombe de mim, Isabel.

Ela se aproximou mais ainda, de modo que agora a maturidade do peito esquerdo se apertava contra a cota de malha. Ela deslizou a mão sob o braço que a agarrava e a arrastou a seu peito direito. Rohan deixou sair uma exclamação. Logo ela a subiu até seu pescoço e pressionou aí os dedos.

—Uma vez que me reponha do jogo brusco de meu amante, eu te ensinarei como se faz.

Ela se recostou mais perto dele e Rohan pensou que seu corpo arrebentaria as roupagens. A fúria lhe destroçou acaloradamente ante o desejo feroz por ela. Apartou a mão e se afastou dela.

—Quem te marcou?

Ela soltou uma risada baixa, gutural. O som de uma mulher com experiência no jogo do amor.

—Uma dama nunca divulga tais segredos.

—Joga um jogo que perderá.

Ela sorriu e o espreitou.

—Realmente, Rohan? Qual é o prêmio?

—Quer que te tome aqui e agora?

—Não quero que me tome absolutamente.

Com essas palavras de despedida, Isabel avançou passando junto a ele.

Rohan se voltou, furioso, com o olhar depois do garboso movimento dos quadris. Agarrando um tamborete ao lado da chaminé o jogou através da estadia onde se destroçou em dúzias de pedaços contra a parede.

—Nomeie ao canalha que te marcou! —gritou.

Isabel vacilou em seu passo, mas seguiu avançando para a escada.

Rohan caminhou a grandes passos para ela, sua têmpera quase fora de controle.

—Pare, donzela e me responda! —deteve-se junto à mesa do senhor. Ela estava quase nas escadas.

Pouco a pouco, Isabel se voltou. Passou os olhos velozmente por Manhku, quem, junto com cada outra alma no salão, continha o fôlego e observava a tormenta levantar-se.



Isabel tragou saliva, e embora soubesse que não devia, deu outra olhada ao Manhku, que se sentou no beliche. Os olhos permaneceram passivos. Ela não se atreveria a nomeá-lo enquanto Rohan permanecesse enfurecido. Poderia fazer migalhas do homem.

—Du Luc. —disse o gigante. Isabel negou com veemência com a cabeça, mas o sarraceno não fez caso. — Fui eu quem machucou à donzela. —admitiu Manhku.

Rohan ficou boquiaberto. A ira obscureceu as facções. Thorin apareceu do nada e lhe posou a mão firmemente sobre o ombro. Como se estivesse pedindo indicações para chegar ao condado mais próximo, disse:

—Nos diga, Manhku, como ocorreu.

Rohan apartou a mão de Thorin do ombro e enfrentou totalmente a seu homem com os punhos apertados na cintura.

—Aye, Manhku, nos diga.

—Foi um simples mal entendido. —ofereceu Isabel, que se colocou entre os dois homens.

Rohan apertou a mandíbula, e Isabel foi consciente da terrível guerra que se travava em seu interior. O homem tinha prejudicado sua propriedade. Se permitisse Manhku sair imune, ele se desprestigiaria e ante seus homens pareceria débil.

Manhku olhou de Isabel ao Rohan.

—A donzela diz verdades pela metade.

—Então conte toda a verdade, Manhku. —disse Rohan entre dentes.

—A serviçal me encontrou enquanto estava tratando de andar com a ajuda de uma lança. Ela me arrebatou por isso. Para evitar minha queda, arrastei-a comigo. —Manhku olhou para Isabel, que estava rígida, contendo a respiração— A pedi perdão. Não foi minha intenção machucá-la.

Rohan olhou Isabel com os olhos entreabertos, mas em lugar de raiva, a perplexidade se escondia no fundo dourado.

—Por que me ocultaram isso?

Isabel olhou Thorin e junto a ele Ioan, Wulfson, e Rorick, todos apoiados em pé silenciosamente na porta.

—Eu... eu não quis prejudicar a seu homem.

Rohan sacudiu a cabeça e passou os dedos pelo comprido cabelo. Riu, confuso.

—Eu não entendo seus métodos, donzela. Salva a meu homem não uma, mais duas vezes. Pelo aspecto das marcas em seu pescoço, quase acaba com você e, entretanto o defende?

Isabel assentiu.

—Não sou desumana, Sir Rohan.

—Nay, você é... —suspirou e voltou a olhar ao Manhku, e a seguir, a Isabel— É um completo mistério para mim. Em seguida, você dá-lhe a boa vinda a Henri e seu bando de ladrões para nos cobrar.

Isabel pôs um estranho sorriso, apesar das lembranças que o nome evocou.

—Minha cortesia não chega tão longe.



Rohan fez uma galante reverência ante ela e todos seus homens.

—Imploro seu perdão, Lady Isabel.

As palavras a sobressaltaram. Nunca tinha esperado uma desculpa dele, e certamente não pública. Mas o que mais preocupava era que Isabel se viu sentindo-se atraída pelo cavalheiro. Era todas as coisas más, mas sob o rude exterior se escondia um homem justo e apaixonado. Aumentou o calor nas bochechas ao recordar onde ele tinha passado a noite. Podia ser justo, e podia ser apaixonado, mas era tão mau como um javali em zelo, e ela não seria sua próxima conquista.

—Implorará mais que meu perdão, senhor. —brincou Isabel.

Wulfson soprou e riu com satisfação.

—Nay, Lady Isabel, ele deveria rogar perdão a Gwyneth!

Isabel franziu o cenho, sem entender o significado, mas Wulfson continuou:

—Aye, a moça do qual se desfez. —Wulfson riu mais forte enquanto entrava no salão. Rohan franziu o cenho profundamente ao seu homem— Mas foi Thorin quem ganhou. —deu uma palmada nas costas do viking— Se pudesse tinha me unido, meu bom homem, mas tinha minhas duas mãos ocupadas.

—Ha! —Rorick interveio na conversação— Cavalheiro avarento. Não podia compartilhar uma de suas peças com os irmãos de armas?

Rohan sorriu abertamente e esfregou o peito.

—Pelo modo em que essas empregadas devoraram Wulf ontem à noite. É uma maravilha que tenha ficado algo dele esta manhã.

O sorriso do Wulfson quase dividiu sua cara.

—Aye, estou um pouco dolorido. —serviu-se de uma jarra de cerveja e a levantou em alto— Mas não tão dolorido como essas duas. Vejam por vós mesmos quando chegarem ao salão. —Jogou a cabeça para trás e bebeu a cerveja. Quando terminou, Lyn e Sarah trouxeram duas grandes bandejas ao salão, andando ambas rigidamente de maneira pouco natural. A sala inteira estalou em gargalhadas estrondosas. As bochechas das criadas se ruborizaram, e olharam timidamente por debaixo dos cílios a Wulfson. Ele sorriu, e como Rohan era afeiçãoado a fazer, Wulfson esfregou o peito— Senhoras, estou livre esta noite se desejarem companhia.

Tão rendida como estava Isabel, esteve eufórica pela notícia de que Rohan não se deitou com a alegre viúva. Apesar de tudo, estava suja por atender essa noite aos doentes. Mas devido a Rohan que a sentou junto a ele na mesa do senhor, e porque morria de fome, comeu. Logo teve as pálpebras pesadas de fadiga. Enid se aproximou dela, e pediu permissão a Rohan. Ele concedeu. Logo que Isabel entrou em sua câmara Enid a despojou da roupa. Muito esgotada para banhar-se, afundou-se nua entre os frescos lençóis. O último pensamento quando o sonho a venceu, foi o da cara sorridente de Rohan.

Quando Isabel despertou várias horas mais tarde, o sol não tinha saído de tudo. Estirou-se e sorriu, feliz por uma vez não ter o peso do mundo sobre os ombros. Embora ainda não desse a bem-vinda aos normandos ao seu lar, dava a bem-vinda à ruptura da tensão. Enid apareceu e a ajudou em um banho rápido e logo a vestir-se para o dia.



Quando Isabel descia pela escada, o salão estava inusualmente tranquilo. Manhku estava sentado em uma cadeira com a perna elevada sobre outra. Lhe sorriu. E embora pudesse dizer que ele preferia que ela desaparecesse nas paredes de pedra, os lábios se contraíram em um sorriso.

—Bom dia, Manhku, como vai a perna?

—A dor se alivia.

—Bem. Deixe-me trocar a cataplasma e as ataduras.

Isabel pôs-se ao trabalho, e só quando terminou de envolver a última atadura de linho ao redor da coxa, ele pôs a mão sobre a sua.

—Você é valente.

As palavras a surpreenderam. Isabel levantou os olhos para os seus.

—Isso é muito amável de sua parte, Manhku, mas só faço o que faria qualquer um.

—Nay. Outra moça teria saído correndo gritando e arrancando os cabelos ante a primeira visão de nós. Você ficou e lutou.

Isabel sorriu e ajustou a atadura atando-a, logo se sentou.

—Aye, e me dei muito bem.

—Rohan é um homem justo.

—É um homem em primeiro lugar, Manhku.

—Aye, é isso, mas não encontrarão um campeão mais valente que ele. Deixe-o dirigir. E não o traia. Ele nunca te perdoaria por isso.

Isabel olhou fixamente ao sarraceno.

—Por que me diz estas coisas?

—Seu pai e irmão. Eles não voltarão. —Lágrimas quentes brilharam pelas frias palavras— Não tenho intenção de te ferir Lady Isabel, digo a verdade. Estariam aqui se tivessem sobrevivido à sangrenta colina do Senlac.

Isabel limpou uma lágrima da bochecha.

—Aye, menti pra mim mesmas estas últimas semanas. Mas ainda tenho esperança.

—Pode esperar, mas finalmente terá que pôr sua confiança em alguém.

—Está me pedindo que seja Rohan o homem em quem confie?

—Aye, ou em qualquer um de suas Espadas de Sangue. Nenhum homem mais digno caminha por esta gelada ilha.

—Aplaudo sua lealdade, Manhku, mas não há futuro para mim com qualquer cavaleiro daqui. São tão transitórios como o vento. Não têm nome, nem brasão. O mundo lhes chama bastardos. O sangue de três reis corre por minhas veias. Fui criada para administrar um grande senhorio. Para me desposar adequadamente, me relacionar com reis e rainhas.

Abriu desmesuradamente os olhos. Ela sorriu e lhe deu uns tapinhas no braço.

—Sei como soa tão egoísta. Mas foi o que escolhi. Escolhi esse caminho, pois nele há muito a minha disposição para ajudar a outros. Casada com um pobre e anônimo cavaleiro, poderia obter com muita dificuldade uma exígua existência para mim e para meus filhos, se for abençoada, enquanto meu



marido corre à guerra. Como poderia manter a minha família em caso de que caia no campo de batalha?

—O sangue azul não faz a um marido digno.

—Estou de acordo, mas qualquer sangue deve vir com sustento.

—Então preferiria você o Henri mais que ao Rohan?

Ficou rígida.

—Nay. Sob nenhuma circunstância.

—Cavaleiros se aproximam! —Gritou o sentinela. Como fazia cada vez que essas palavras ecoavam nos ouvidos, Isabel sentiu primeiro um salto de emoção, de esperança de que seu pai e seu irmão chegassem, mas rapidamente foi seguido pelo medo. Mais saquadores ou, pior ainda, Henri.

Isabel se desculpou de Manhku e correu à porta da torre.

—Quem vem? —apelou ela ao sentinela.

—Um carro carregado. Pode ser mais aldeãos.

Isabel se apressou pelo salão para o pátio e para as muralhas exteriores do castelo e viu como uma precária caravana de saxões se aproximava. Enquanto eles se aproximavam, o reconhecimento surgiu e uma emoção que ela não gostava de reconhecer que possuía se elevou. Uma coisa era sentir ciúmes de Rohan por tomar a uma aldeã, mas um completo e potente ciúmes se apoderaram de seu ventre. Lorde e Lady Willingham do Dover se aproximavam, junto com sua única filha, reconhecida beleza e favorita da corte, Lady Deidre.

Isabel alisou o vestido e esperou no violento frio à medida que se aproximavam. Se não tivesse conhecido à família pessoalmente, a larga e solta barba e o cabelo de Lorde Willingham delatariam sua herança. Sua esposa, Edwina, sentada rígida e orgulhosa ao seu lado. Deidre, adornada com uma capa de raposa completamente enrugada, franzindo o cenho, o gesto desvirtuando a lúgubre beleza. Isabel supunha que como muitos outros saxões deslocados. E tão seguro como podia ver o futuro, sabia que não os poderia repulsar.

—Lorde e Lady Willingham. —Isabel lhes deu a bem-vinda quando se reuniu com o carro onde se deteve.

Lorde Willingham entregou as rédeas a Bart.

—Eu diria que um bom dia para você, Lady Isabel, mas é um dia escuro para mim e minha família. Viemos com nada mais que uma súplica para nos refugiar aqui.

Isabel fez uma reverência e disse:

—É obvio, milord, Rossmoor vos espera. Baixem e me deixem lhes dar a boa-vinda a você e a suas damas.

Ele desceu do carro e se dirigiu a sua esposa, quem, ainda rígida, permitiu-lhe ajudá-la, entretanto, no momento em que os pés tocaram o chão, sacudiu-se com força dos braços. Deidre continuou franzindo o cenho a Isabel. Nenhuma tinha muita estima pela outra, e desde que Deidre se pavoneava na corte como se ela devesse ser a rainha, Isabel sempre a tinha evitado. A prima de Arlys poderia ser admirada pelos cortesãos, mas não era por Isabel. Mas como ela ainda se considerava senhora do castelo, seria a anfitriã sempre gentil.

Isabel se moveu para abraçar Lady Edwina, mas se encontrou com um olhar hostil. Isabel sorriu apesar disso e fez uma reverência, e quando se incorporou, abraçou à rígida mulher.



—Lady Edwina, bem-vinda ao Rossmoor. Considere em liberdade para se sentir em seu lar.

—Pelo menos, Isabel, você têm um lar. —cuspiu Deidre.

Isabel se voltou para a zangada mulher.

—Considero-me muito afortunada.

Lorde Willingham ajudou a sua filha a descer da carreta. Quando ela ficou em pé ante o grande castelo, seus olhos se ampliaram.

—Os normandos não o queimaram?

—Nay, o pavilhão está construído quase inteiramente de pedra. Meu bisavô o planejou bem e meu pai manteve este grande castelo.

Deidre girou a gasta cara para a Isabel. Os olhos entreabertos.

—Como é que escapastes das mãos dos normandos? —a pergunta estava carregada de insinuações.

Isabel sentiu aumentar o calor nas bochechas.

Lorde Willingham fez calar a sua filha e tomou a mão de Isabel.

—Passou um ano pelo menos desde minha última visita aqui. Rossmoor é um espetáculo de boas-vindas para estes cansados olhos. Os normandos queimaram o nosso. Minhas terras me foram arrebatadas e minha família reduzida a mendigar. Seu pai, Alefric, antes de sua morte me ofereceu sua hospitalidade se necessitassemos.

Isabel ficou sem fôlego pelas palavras. Dobraram-lhe os joelhos, e se não tivesse sido pela mão do velho senhor segurando a sua, teria se desacordado ali mesmo.

Abraçou-a e a acariciou a cabeça. As lágrimas estalaram quando seus piores temores se fizeram realidade. Severos soluços a sacudiam o peito.

—Me perdoe, Lady Isabel, pensei que soubesse.

A levou de onde estavam no pátio ao interior do castelo. Sentou-a no primeiro banco disponível. Ajoelhou-se ante ela e tomando as frias mãos as esfregou. A dor de Isabel pelas palavras era insuportável, as lágrimas tão espessas que logo que podia distinguir sua silhueta.

—Alefric lutou com a força de dez homens, moça. Foi todo um espetáculo. Se Harold tivesse tido dois mais como ele, teríamos visto o dia ganho.

—Morreu rapidamente? —tinha que sabê-lo. A idéia de que seu pai jazesse por horas ou dias sofrendo no campo ensangüentado era muito para poder suportá-la.

Os olhos de Lorde Willingham brilharam também. Os dois homens tinham passado muitas horas com uma jarra de vinho. Ele baixou o olhar às mãos apertando as dela.

—Não sei.

—Milord, por favor, me diga a verdade. Sofreu?

O ancião limpou garganta e a olhou. Em voz baixa, disse:

—Foi ferido pelas costas. Quando cheguei a ele muito tarde, bastante depois de perder a batalha, tinham-lhe talhado o pescoço.

Isabel ficou sem fôlego.

—Que bárbaro! —então exclamou— E Geoff?



O velho nobre negou com a cabeça.

—Não está aqui?

—Nay! Até vocês chegarem não tinha notícias de meu pai. Viram Geoff?

—Aye, antes da fatídica manhã. Lutou ao lado de Alefric. Entretanto, não lhe vi entre os mortos.

A esperança se inflamou.

—Talvez viva?

Ele assentiu com a cabeça.

—Talvez. —mas os olhos disseram que duvidava disso— Certamente, teria retornado por estas datas, Isabel.

Isabel aproximou as nodosas mãos do velho para ela.

—Foram as tumbas bentas?

Ele assentiu com a cabeça.

—Aye, demorou-se dias, mas os sacerdotes chegaram.

Isabel deixou escapar um suspiro de alívio. Por isso estava agradecida. Soltando as mãos do velho senhor secou as bochechas com a manga. Ficou em pé.

—Venha, vamos ver sua família.

Quando começou a girar-se para retornar ao exterior, quase se esbarrou contra Lady Willingham e sua filha. Suas duas faxineiras e um servente estavam detrás delas com pesados fardos e um baú de viagem. Isabel voltou para encontrar Enid em pé ansiosamente perto.

—Mostrem aos serventes de Lorde e Lady Willingham a câmara junto à de Geoff e à donzela de Lady Deidre a do solar. —se voltou para a família, e estendeu o braço para o salão— Venham e comam. Devem estar esfomeados.

Os três pares de olhos se iluminaram ante a menção de comida. Deslocaram-se ansiosamente à mesa do senhor. Mas Lady Edwina se deteve. Seu brusco susurro chamou a atenção de Isabel. A senhora ficou com a boca aberta no Manhku acomodado ante a chaminé. Deidre também susurrou uma exclamação, como se houvesse tocado algo desagradável. Oswin, Lorde Willingham, franziu o cenho as suas duas damas.

Isabel sorriu. Apesar de que fazia menos de uma semana da chegada dos normandos, sentiu uma bondade no coração para o áspero sarraceno, e cada dia que passava, voltava-se mais evidente para Isabel que ele muito bem poderia chamar de lar ao Rossmoor. Compatriotas ou não, ela não questionaria o direito de seu convidado de estar aqui.

Obrigando-se a lhe dar um tom alegre às palavras, Isabel perguntou:

—Desejam conhecer Manhku?

As mulheres negaram violentamente com a cabeça e deram um passo atrás. O ancião, embora não tão inflexível, negou-se. Isabel se desculpou e foi ver o ferido cavaleiro. Ela jogou lenha ao fogo ao lado dele e lhe perguntou:

—Quer um prato de comida?

Ele levantou os negros olhos para ela, e percebeu um brilho travesso neles.



—Manhku, os viajantes estão cansados. Deixe seu rancor para outro dia. —Tomou uma das peles que havia em um montão próximo e a colocou ao redor do colo— Lhe rogo isso, se comporte bem.

Ele grunhiu baixo e ela não pôde evitar um sorriso quando Lady Edwina se retorceu na cadeira.

Depois de pedir a comida, Isabel se dirigiu ao trio.

—Asseguro-lhes que não morde. —Deidre ficou sem fôlego, e Isabel acrescentou— Ao menos não hoje.

Lady Edwina chiou como um bebê, e Manhku riu.

—Lady Isabel, por favor, desculpe a minha esposa e a apreensão de minha filha. Quando nos inteiramos de que os *Les morts* se estabeleceram aqui, quase não viemos. —Lorde Willingham tragou com dificuldade— Dunsworth, ao parecer, não é mais que um montão de escombros, e o normando dali está louco. Não tivemos mais remédio que vir para aqui.

Isabel assentiu com a cabeça, enquanto se movia daqui para lá ao redor deles, assegurando-se de que as bandejas estivessem quentes e fossem abundantes, sentiu a necessidade de torcer uma faca. Zangou que esta família que a tinha procurado, agora levantasse os narizes ante seus outros convidados.

E embora a morte de seu pai estivesse confirmada, a de seu irmão não estava, e se apegou a essa pequena gota de esperança. Até então, qualquer salvo os nativos desta comarca seria considerado um convidado e, portanto um habitante temporário. Que sem dúvida incluía os normandos.

—Aye, Lorde Oswin, os Espadas de Sangue estarão no castelo para descansar antes do anoitecer. São muitos, e nenhum tão tímido como este. Darei-lhes uma palavra de advertência. Não os ofendam, ou serão expulsos daqui.

Lady Edwina pigarreou ruidosamente.

Deidre falou:

—Pai, nego-me a procurar refúgio com um bando de ladrões e assassinos!

Antes que falasse Oswin, Isabel o fez:

—Lady Deidre? Caso ache um senhorio que lhes acolha melhor, por favor... —Isabel lhe tendeu a mão para a porta— Te convido a encontrá-lo.

Oswin calou a sua filha e voltou os olhos cansados para Isabel.

—Por favor, nos perdoe, estamos esgotados e tememos por nossas vidas. Não temos nada que oferecer, e lhes pedimos muito. Nos perdoe. E... —olhou ao Manhku e esboçou um sorriso— a ofensa a seu homem.

Isabel colocou uma mão consoladora em seu grande ombro.

—Estes são tempos difíceis para todos nós. Nada é seguro. Por agora, posso lhes prometer o calor do fogo, a comida no estômago e uns aposentos com algumas correntes de ar. Agora, por favor sentem-se e comam.

Devido a seu estado, não houve nenhuma dúvida na mente de Isabel que os Willinghams ficariam em qualquer outro lugar exceto no salão. Ela mostrou ao Lorde e sua Lady uma das câmaras vazias de cima e a Deidre o solar da senhora. Quando a faxineira abriu o baú, Isabel captou o escuro olhar de sua senhora. Isabel arqueou uma sobrancelha.



—Deidre vê como se algo amargo repousasse em sua língua.

—Aye, o fato de que tenha que compartilhar a estadia com alguém como você, é molesto.

As bochechas de Isabel se esquentaram. Não pelo insulto de Deidre, mas sim pelas ofensas vindouras quando Rohan exigisse que se retirasse com ele ao final da noite. E o faria. Com a tensão aliviada, ele não duvidaria em fazê-la sentir que tinha direito de reclamar a dívida.

Mais tarde, quando Rohan entrou a pernas no salão, com seus homens em leque detrás dele, Isabel ficou sem fôlego e suspirou. Era um homem muito viril. Alto, de aparência agradável e perigoso em muitos níveis. Atirou o elmo e as manoplas a Hugh e se dirigiu para ela, empurrando o capuz para trás. Tinha o rosto avermelhado, os olhos brilharam pela vitória, e tremeu enquanto um quente rubor se apoderou dela. Não tinha nenhuma dúvida de que seria o prêmio deste cavalheiro vitorioso.

—Parece descansada, Isabel. —disse Rohan quando entregou uma taça cheia de cerveja.

Lyn e Sarah entregaram taças a outros.

—Sinto-me descansada. E você? Encontrastes aos covardes salteadores?

—Nay, mas encontramos a outros que tinham um olho ambicioso sobre a zona.

—Renderam suas armas?

Rohan bebeu da taça até esgotá-la. Colocou-a sobre a mesa, e os olhos se encontraram com os seus.

—Nay.

Isabel tragou saliva. Não perguntou o que foi deles.

Hugh se precipitou do fundo do salão, seguido por Russell. Correu para seu senhor.

—Senhor, ocuparei-me de seu banho a toda pressa.

Rohan assentiu, mas Isabel disse:

—O banho do Sir Rohan já lhe espera, Hugh.

Rohan sorriu. Isabel lhe devolveu o gesto. Rohan estendeu o braço e disse:

—Vamos, pois, donzela, e lave esta imundície de minhas costas.

Isabel vacilou, e logo pôs a mão no antebraço e lhe deixou dá-la escolta a câmara. Ao lado da banheira de água quente, havia um prato de comida quente além de uma jarra de cerveja esfriando-se no outro lado da habitação, perto da janela.

Como fazia freqüentemente a portas fechadas, Isabel se deu conta que Rohan cedia a uma leve erro. Sem mediar palavra, ajudou-lhe a despir-se até a tanga. Ela se afastou encontrando outras coisas em que ocupar-se, até que ouviu o profundo suspiro que fez quando se acomodou na banheira.

Isabel encheu uma taça e a entregou a Rohan. Ele tomou em silêncio e bebeu. Desfrutando da quietude do momento, Isabel fez espuma sobre um pano de linho. Rohan se inclinou para frente e disse:

—Esfregue com força, Isabel.



E ela o fez. Quando ele se recostou e lhe ensaboou a cabeça, introduzindo os dedos profundamente no couro cabeludo, ele fechou os olhos e se recostou na borda alto da banheira. Depois de lhe enxaguar o cabelo, Isabel lhe lavou o peito. Quando levantou a vista para encontrar o cálido olhar nela, ficou mais nervosa que quando a olhava com aberta luxúria. Esta tranqüila camaradagem a fazia mais íntima e, portanto mais perigosa.

—Temos convidados. Não podia fazer nada mais que lhes oferecer refúgio aqui.

O corpo de Rohan se esticou.

—Quais?

—Lorde e Lady Willingham e sua filha, Deidre. Oswin é o tio de meu prometido.

Rohan puxou a mão, apanhando sua atenção. Embora não a machucou, o agarre se manteve firme.

—Por que estão aqui?

—Deslocados. —ardentes lágrimas brotaram— Lorde Willingham me falou da morte de meu pai.

Rohan se endireitou na banheira. Soltou a mão e a deslizou um dedo pela bochecha.

—Era de esperar, Isabel.

Afogando um soluço, ela assentiu com a cabeça, e em lugar de tratar de controlar as lágrimas, permitiu-as fluir. Era o mínimo que podia fazer por seu pai.

—Me perdoe. —disse ela em voz baixa, e se separou dele, porque não queria que a visse chorar.

Sem entender o que lhe incitou, Rohan ficou em pé e, ensopado, saiu da banheira. Envolveu-se com a toalha de linho e se aproximou para onde Isabel se sentava junto ao fogo. Agachou diante dela e lhe pôs as mãos sobre os joelhos.

—Isabel, sinto muito. —Não sabia o que mais dizer.

Levantou os olhos avermelhados para ele. O lábio inferior a tremia. Ele deslizou a mão pelo braço até o pescoço. Apertou os dedos na pele, os olhos cravados nos seus. Uma vez mais, a tranqüila força desta mulher lhe assombrou. Era consciente de que ela tinha se obstinado à esperança da volta de seu pai. Entretanto, ele sabia no dia que cavalgou para as portas do Rossmoor que o velho senhor tinha morrido. Tinha suas razões para guardar a notícia. Razões que não divulgaria, nem agora nem nunca.

Isabel conteve outro soluço. Quando lhe jogou os braços ao redor do pescoço e se apertou contra ele, Rohan ficou rígido e se levantou para partir, mas ela se arrastou com ele. O corpo esquentou imediatamente. Aferrou-se a ele como um menino. Os soluços aumentaram, e estava totalmente perdido. A única coisa que pensava fazer era deslizar os braços ao redor da cintura e abraçá-la até que as lágrimas passassem.

O pequeno corpo de Isabel se estremeceu com soluços, e murmurou palavras que não entendeu no úmido peito. Quando as lágrimas das bochechas roçaram a pele, a cálida umidade das lágrimas lhe ardeu. Ficou rígido. Amoldou-se mais firmemente contra ele e Rohan respondeu. O pênis se inflamou, apertou os braços, e pressionou os lábios na parte superior da cabeça. Isabel lhe olhou,



com os olhos violetas alagados pelas lágrimas. Por um momento, perdeu-se nas profundidades e se perguntou como tinha permitido a esta menina que lhe enrolasse até meter-se sob a pele. Nesse instante, quando se levantou nas pontas dos pés e se ofereceu a ele, não lhe importou.

—Isa. —sussurrou. Tomando-a o rosto com as mãos, Rohan baixou os lábios aos seus. O sabor das lágrimas salgadas lhe recordou sua dor e sua vulnerabilidade. Soube que tudo estava perdido, quando se deu conta de que queria a confiança desta mulher.

Cálida e suave, os lábios entreabertos debaixo dele. Era quente seda líquida em seus braços. Quando lhe devolveu o beijo, o sangue lhe acendeu. Inchou-se contra seu ventre. Isabel teria que estar morta para não senti-lo. A roupa úmida se aferrava à pele quente, e seu vestido de linho e lã eram muito fino. Sentia cada polegada de seu corpo contra ele. E queria mais que um beijo. Queria levá-la a grande cama, tombá-la e fazer o amor com ela, lento e sem pressa. Os lábios se aferraram aos seus. O calor do corpo se mesclava com o seu, fervendo a fogo lento. O beijo se fez mais profundo, a língua, lenta e lânguida, girava dentro dela. Isabel gemeu e se apertou mais contra ele. Afundou-lhe os dedos no cabelo. Se ela não se detivesse...

Só conhecia uma forma de fazer que uma mulher se sentisse melhor, os lábios ainda nos seus, Rohan recolheu Isabel em seus braços e se aproximou da cama. Quando ele se inclinou com ela nos braços sobre o colchão, Isabel lhe apertou os braços ao redor do pescoço.

—Não me deixe. —lhe suplicou.

—Não o farei. —disse Rohan contra seus lábios— Não o farei.



CAPÍTULO 16

Tão duro como estava por ela, o sentido do dever de Rohan prevaleceu sobre o desejo de perder-se no corpo de Isabel. Ela necessitava desse tempo para estar de luto, e, embora não fosse um homem propenso a ações cavaleirescas, tais como considerar os sentimentos de outros, não podia em consciência pressioná-la por mais do que lhe tinha dado. Assim que se deitou junto a ela e escutou os soluços passar a suaves choramangações, até que finalmente o peito se elevou e caiu em um padrão regular. O suave corpo lhe pressionando a cintura, o quente fôlego lhe acariciando o peito nu. A pequena mão sobre o peito, com a bochecha apertada contra ele. O pau se ergueu por debaixo dos lençóis que lhe separavam dela. Fechou os olhos e tentou esfriar o sangue a base da força de vontade.

Antes de a luxúria se impor à consciência, Rohan se deslizou da cama e se vestiu. Enid aparecia fora da câmara. Rohan franziu o cenho. A maioria das mulheres lhe irritava, e a maneira em que esta estava constantemente revoando lhe crispava os nervos.

—Sua senhora dorme. Deixe estar. —Passou junto a ela, colocando o talabarte da espada ao redor da cintura, depois procedeu a descer ao salão e a terreno muito mais seguro.

Seus homens lhe saudaram com as taças levantadas. Rohan sorriu. Estavam limpos e vestidos como ele, sem as cotas de malha, com vestimenta mais cortesã. Manhku, também, estava vestido com o caftán nativo e as calças soltas que tinham sido alargados para acomodar a perna ferida.

—Como sente a perna, Manhku? —perguntou Rohan, lhe entregando a seu irmão de armas uma jarra cheia.

—Melhor.

Rhys se aproximou e apoiou um braço musculoso contra o suporte de pedra da chaminé acesa. Um enigmático sorriso lhe torcia os lábios.

—Essa confissão deve lhe haver custado, velho amigo.

Manhku franziu o cenho. Rhys explicou.

—Uma vez curado, perderá a atenção da moça.

Rohan zombou.

—Confie em mim, Rhys, Manhku não tem a fortaleza para dirigir a uma moça como ela.

Rhys levantou a taça.

—Estamos temerosos por você, Rohan. Estamos todos nós. —levantou o braço para abranger ao resto do grupo da Espada de Sangue, que escutavam todos atentamente— a virtude da moça poderia ser algo que tivesse desaparecido faz tempo, e ela poderia, sem dúvida, sentir a carga de outro bastardo para continuar a linhagem. —Rhys elevou a taça— Suas bolas devem estar púrpuras a estas alturas. Inclino-me ante seu superior autocontrole!

Rohan riu, levantou a taça e bebeu profundamente. Como se fosse uma ordem, várias donzelas da aldeia, algumas delas caras novas para Rohan, e a viúva Gwyneth apareceram.

Ioan riu junto com Rhys e o tranqüilo Stefan. Uma vez mais, a cerveja fluiu, e a fácil camaradagem que era a essência da Espada de Sangue encheu o salão.



Rohan estava sentado ante a chaminé, bebia e olhava a seus homens comportar-se como os conquistadores que eram. Às mulheres não pareciam lhes importar. O calor lhe queimava nas vísceras. A barriga lhe rugiu, e já que não podia alimentar a luxúria, alimentaria o estômago. Meditou na possibilidade de enviar alguém para procurar a dama do castelo, mas decidiu que se encarregaria da tarefa de despertar a Bela Adormecida ele mesmo.

Rohan se levantou e chamou Astrid, que ficou em pé lhe franzindo o cenho na porta da cozinha.

—Nos consiga alimentos, mulher!

Rohan subiu a escada de três em três e se deteve abruptamente quando viu Isabel dirigindo-se para ele, com sua criada cuidando dela. Rohan lançou à criada um olhar hostil, e Enid fugiu afastando-se dele. Subiu até onde estava Isabel e sorriu. Ela se deteve ante ele.

—Parece descansada. —disse Rohan brandamente.

As bochechas dela avermelharam, e o pau inchou. Os largos cabelos dourados penduravam descuidadamente sobre os ombros, com uma delicada touca de ouro sobre a cabeça. O veludo púrpura do sobretudo acentuava o rubor das bochechas.

Lhe olhou timidamente.

—Eu... —ela procurou as palavras. Enquanto o fazia, Rohan a colocou contra o muro de pedra. Pois uma mão a cada lado da cabeça e se colocou mais perto dela.

—Você o que? —sussurrou enquanto baixava os lábios aos dela.

Isabel tinha dificuldades para controlar o veloz coração e o aquecimento do corpo. A dureza da parede a pressionava nas costas, a dureza do homem que a rodeava a pressionava o peito.

—Por favor. —sussurrou ela, sem saber pelo que rogava.

A anterior gentileza do cavalheiro a confundia. Não estava acostumada a permitir-se mostrar debilidade. Era a pessoa que todos recorriam por socorro. Embora achasse a situação estranha, não lhe parecia de todo desagradável.

Os olhos de Rohan se acenderam a luz das tochas. Olhava-a como um falcão a sua presa, vendo-a até o fundo da alma. Ela umedeceu os lábios. Ele se inchou contra ela e grunhiu.

—Isabel, tenta-me além de minha vontade.

Os lábios caíram sobre os dela, e não o combateu. De fato, apertou-se contra ele, encontrando a cálida força revitalizante.

Seu poder a rodeava, sua paixão, sua força, e seu ardor alimentavam as chamas que tinha acendido a primeira vez que a havia tocado. Entregou-se a isso porque o tinha eleito. Só desta vez, permitiria que outro aliviasse sua carga.

Isabel não pensava em sua perda, só pensava em quão segura se sentia nesse momento nos braços desse homem. Abriu mais a boca, e como ele tinha feito antes, tocou-lhe com a língua. Rohan grunhiu e a apertou contra o peito, arqueando as costas, tomando o que lhe oferecia.

A pura força de sua perseguição a deixou sem fôlego. Os peitos se puseram mais pesados, e endureceram os mamilos, e Isabel se encontrou desejando aliviar a dor entre as coxas.



—Du Luc! —trovejou a voz de Thorin do salão— A Espada de Sangue morre de fome!

Isabel liberou os lábios de Rohan, tentando corajosamente controlar o rápido pulso. Rohan grunhiu de novo e pressionou a frente contra a dela.

—Vou costurar a boca desse viking.

Isabel sorriu e deslizou de seus braços.

—Vamos, Sir Rohan, saciemos nossa fome.

Os olhos dele brilharam e a apresentou o braço.

—Aye, mas é minha fome por você que saciarei mais tarde esta noite.

As bochechas de Isabel avermelharam. E para seu absoluto horror, esperava mais a promessa carnal que a promessa do alimento pelo qual estavam baixando as escadas.

Quando baixaram ao salão, a Espada de Sangue gritou e aplaudiu como se o Conquistador e sua duquesa tivessem feito aparição. Isabel notou instantaneamente que todos os cavaleiros, embora armados com as espadas, estavam vestidos com roupas mais cortesias, como estava Rohan. Estavam limpos, as caras radiantes, em sua maioria, decidiu, por causa de suas donzelas, que estavam com os rostos ruborizados, e os barris abertos perto das mesas. Se continuassem regularmente com os festejos e mulheres, poderia não ter suficiente despensa para lhes abastecer no mês seguinte!

Isabel também se deu conta que ao menos quatro donzelas tinham vindo da aldeia. Rohan sorriu e a acompanhou até a mesa do senhor. Logo que ela se sentou, os cavalheiros a seguiram. E logo o ceia estava em marcha. Rohan cortou várias partes de carne das bandejas para ela e os pôs no prato que compartilhavam. Sorriu, e ela lhe devolveu o sorriso. Deu um sorvo à taça e a passou a ela. Muito consciente de que seus homens olhavam, Isabel bebeu onde os lábios de Rohan haviam tocado.

—Domastes a arpía? Né, Rohan?—perguntou Wulfson enquanto mastigava uma parte de cordeiro assado.

Isabel aceitou a provocação.

—Não sou eu quem foi domada, Cavalheiro.

Rohan se engasgou com a comida, e Thorin lhe golpeou nas costas. Com a cara vermelha, Rohan bebeu de um gole a cerveja. Voltou os olhos vermelhos para Isabel, e embora franzisse o cenho, a travessura brilhava no fundo dos olhos.

As palavras da Isabel tinham tido uma implicação sexual, mas seus homens não pensavam que fosse muito divertido. O estado de ânimo da sala trocou. Olhavam a Rohan atentamente. E Isabel estreitou a garganta enquanto tragava um tenro pedaço de frango.

Sem ser intimidado por seus homens, Rohan tomou a mão de Isabel e a levou aos lábios. Ele sorriu e olhou para ela primeiro, depois a seus homens.

—Descobri que no amor e na guerra, às vezes a força de uma espada deve ser moderada com um firme, mas, — mordeu a palma de Isabel, a íntima ação a impactou, os olhos dele arderam nela, e o calor se elevou às bochechas e a estendeu às coxas— gentil golpe. —Beijou-a onde se viam as marcas dos dentes na pele.

Isabel apartou a mão.

—Tenha a certeza, senhor, de que sua espada nunca me rasgará.

Seus homens rugiram de risada. Rohan não se intimidou.



—Quer apostar isso, donzela?

Isabel franziu o cenho aos homens de Rohan.

—Continuem suas brincadeiras. Tomem essas donzelas dispostas, e disperssem suas semente para repor Alethorpe. —se voltou para o Rohan, e embora quisesse desinflar sua presunção com palavras, decidiu aliviar o sarcasmo— É a vida de um bastardo tão agradável, Rohan, que veriam o filho de suas vísceras suportar o mesmo que você?

O rosto dele se escureceu de ira. Ela olhou dele aos seus homens.

—E vocês? O que será dos meninos concebidos nas noites de desenfreio? Não pensam neles? Que classe de homens são para legar tais dificuldades a sua própria procriação?

Isabel tomou um profundo fôlego e continuou.

—Não lhes condeno, Rohan, ou a nenhum homem aqui, pelo que não controlastes. Mas têm o poder de não continuar o legado. É uma carga tão pesada casar-se e trazer filhos legítimos a este mundo?

—Reclamarei a qualquer bastardo que produza, Isabel.

—E isso significa que têm meios para apoiar esse menino? Sua vida não é sua. —Isabel olhou ao redor da mesa. Os da Espada de Sangue franziram o cenho, mas ela podia ver que suas palavras haviam tocado uma fibra sensível. Deixou escapar um comprido suspiro. A fadiga se apoderou dela de novo.

—E quanto a você, Isabel? Se te encontrasse com um menino e sem marido, jogaria-o às ruas como algo desagradável e vergonhoso? —desafiou Rohan.

Olhou-lhe e viu sua dor, porque estava claro que este homem não tinha encontrado o amor de uma mãe. Lentamente, ela sacudiu a cabeça.

—Nay, um menino é um presente. Nunca o jogaria.

—Mas como manterá um menino sem um marido para prover por você?

Rohan virou o jogo sobre ela. Ela se endireitou e olhou detrás dele aos seus homens, depois ao Rohan, que a considerava atentamente.

—Faria o que fosse necessário.

Rohan assentiu com a cabeça e tomou um profundo gole de cerveja. Enquanto deixava a jarra e assentia, disse:

—Como eu, milady. Como faria eu. —Ela abriu a boca para argumentar, mas ele levantou a mão— Basta! Cansei-me deste bate-papo. Vamos comer.

Inclusive se ela tivesse querido lutar contra seu decreto, não o fez, porque os Willingham decidiram fazer aparição. Ela soube o momento em que Deidre apareceu à vista. Os homens de Rohan, sentados frente a ela de cara à escada, sorriram como idiotas. Isabel virou os olhos e sacudiu a cabeça. Homens. Não estavam dirigidos pela cabeça que tinham sobre os ombros, mas sim pela menor que se pendurava entre as pernas.

Como à senhora do castelo, e apesar de suas más maneiras por não aparecer antes que o festim estivesse preparado, Isabel se levantou e apresentou aos convidados. Não se surpreendeu ao ver que Lady Willingham não vinha.

—Minha esposa não se sentia bem. —abonou Lorde Willingham.



Isabel não era estúpida. Sabia que a grande dama preferia sentar-se com uma manada de lobos que na mesma mesa que um normando. Isabel encolheu de ombros.

—Procurarei que a enviem uma bandeja.

Lorde Willingham a pegou na mão enquanto a elevava em sua ligeira reverência.

—Obrigado, ela apreciará isso. —O homem mais velho se voltou para sua filha e pegou sua mão.

Isabel olhou a Rohan, depois a seus homens.

—Sir Rohan, Cavalheiros, me permitam lhes apresentar o Lorde Oswin do Willingham, anteriormente do Dover, e sua filha, Lady Deidre.

Rohan assentiu com a cabeça, não lhes oferecendo aos saxões o pleno respeito de uma inclinação. Fez o mesmo à filha. Isabel viu que os olhos de Deidre se abriam amplamente de surpresa. Acreditava ela que os normandos tinham duas cabeças?

—Meu Lorde. —disse Warner, deslizando-se entre a Isabel e a nobre dama. Inclinou-se ante o Lorde e voltou seus sorridentes olhos sobre a filha— Milady, sou Warner de Conde. Estou a seu serviço.

Deidre sorriu e estendeu a mão.

—Agrada-me lhe conhecer, Sir Warner.

Thorin soprou e se serviu outro gole de cerveja, como fez Wulfson. Rhys sacudiu a cabeça e disse o loan:

—A próxima coisa que eu sei, será que estará cantando ela.

—Milord? —inquiriu Isabel a Rohan enquanto assinalava com a cabeça a mesa do senhor.

Rohan assentiu, e com sua permissão, Isabel convidou ao Lorde e sua filha a sentar-se com eles e comer.

Isabel se sentiu agradecida ao ver que quando Deidre fez ameaça de sentar-se à esquerda de Rohan, Thorin a dirigiu um pouco além da mesa e no outro extremo, onde seu pai se sentou a seu lado. Deram-lhes um prato para compartilhar. Enquanto o homem mais velho parecia bastante nervoso, rodeado por seus inimigos, Deidre fixava seu olhar sobre Rohan. Isabel não estava surpreendida. Era seu costume. Estava claro para todos na sala que Rohan mantinha certa reclamação sobre Isabel, se essa reclamação se desviaria para Deidre a desconhecia, e aparentemente não lhe importava.

Uma vez que as damas estiveram sentadas, os homens seguiram seu exemplo e a comida continuou.

—Me diga, senhor, que novas têm para compartilhar? —perguntou Rohan.

A mão do homem maior se sacudia enquanto levantava a taça. Baixou-a e olhou diretamente ao Rohan.

—Edgar²³ foi coroado rei.

²³ **Edgar** Atheling (1053-1126) foi o último membro na linhagem masculina da Casa de Cerdic. Depois da morte de seu pai (em fevereiro de 1057), se convertiu no último e legítimo herdeiro direto do rei Edward o Confessor. Mas sendo ainda muito jovem (tinha só 13 anos). Os nobres ingleses preferiram como seu novo monarca a Harold de Wessex. Edgar, não obstante, contava com o apoio do arcebispo Stigand de Canterbury e dos condes Edwin de Mercia e Morcar de Northumbria, situação que depois da batalha de Hastings, depois da morte de Harold, o valeu ser imediatamente proclamado rei da Inglaterra pela Witan, mas nunca foi coroado



Rorick soprou.

—Esse moço não é apto nem para limpar seu próprio nariz.

—Aye. —estava de acorda Rohan— Além disso, isso não importa. O Witan²⁴ não tem poder. William será coroado como rei legítimo. —arpou ao Willingham com o olhar— O que opinam a respeito?

—Acredito que Harold deveria ter sido renomado herdeiro acima de seu duque. É um saxão. E preferido pelo povo.

—O que há do juramento duplamente brindado de Harold ao William de apoiar sua nomeação como rei ante Edward? A segunda vez jurou sobre os ossos de um santo.

—Foi obrigado. —abonou Deidre.

Rohan deixou uma parte de pão.

—Obrigado? Nay, não foi. Eu estive lá. Harold ofereceu livremente seu juramento. —Rohan se voltou para Isabel— E te asseguro, quando um normando dá seu juramento, mantém-no do princípio ao fim, inclusive até a morte. —se voltou de novo para Deidre— Não me falem de coerção. William salvou Harold da masmorra do Guy de Ponthieu²⁵. Além disso, William é sobrinho da mãe do Edward. É seu sangue.

—Edgar tem mais direitos ao trono que Harold ou William. —interveio Willingham.

Rohan assentiu e cravou uma tenra parte de capão de prato e o cortou em partes menores, que deixou no lado de Isabel no prato. Tomou uma parte mais contundente para si mesmo.

—Pelo sangue pode ser certo, mas por um decreto do rei, William é herdeiro.

—O que será de nós? —perguntou bruscamente Deidre.

—William esperará uma promessa de fidelidade. —disse Wulfson— Daí depende dele.

—Isso não é justo! —continuou reclamando— Meu prometido está morto. Meu dote tomado por uns sedentos de sangue... —se deteve, dando-se conta que estava a ponto de insultar a seu anfitrião.— Como invasores. Não temos nada exceto os escassos bens que trouxemos conosco.

Rohan se encolheu de ombros.

—Sua lamentação é escutada cruzando esta terra. São as conseqüências da guerra. Se Harold tivesse mantido seu juramente, sem dúvida eu estaria jogando os jogo de dados com esses desgraçados da guarnição do Westminster.

—Não têm parentes? —perguntou solícito Warner a Deidre. Ioan soprou, e Thorin virou os olhos.

—Meu primo Arlys Lorde do Dunsworth foi expulso. —respondeu ela iradamente.

Ante a menção de Arlys, o corpo de Rohan se esticou. Isabel viu que vários de seus homens o olhavam.

²⁴ **Witan** é o título dos membros do Witenagemot ("witan", sabio o conselheiro; "gemot", assembleia). Convocados pelo rei (e mais tarde pelo jarl local), os witans aconselhavam sobre a administração e organização do reino, tratando temas como os impostos, jurisprudência e segurança. Seu apoio era necessário para aprovar a nobreza de cada rei. O novo monarca podia ser qualquer um, não necessariamente um descendente do anterior mandatário. Tanto os reis como os jarls podiam ser cessados por um witenagemot.

²⁵ **Guy de Ponthieu** Capturou Harold conde de Wessex. O duque William pediu sua liberação, a qual foi concedida depois do pagamento de um resgate. Harold não foi enviado a Normandia até que não jurasse ser vassalo do duque William, e que o ajudaria com o trono da Inglaterra



—Esse não era seu...? —Warner se deteve. Teve a decência de parecer apropriadamente contrito— Minhas desculpas, Lady Isabel.

—Isabel, tivestes notícias de Arlys? —perguntou Willingham.

Agora todos os olhos no salão se centraram em Isabel. As bochechas avermelharam pela atenção. Levantou a vista ao homem que teria sido seu tio por matrimônio.

—Nay, mas ouvi que vive para buscar a volta ao Dunsworth.

Rohan riu.

—Henri se ocupará de que não fique nada do Dunsworth.

Willingham sacudiu a cabeça.

—É uma tragédia o que esse diabo tem feito.

Rohan assentiu com a cabeça e mastigou outro bocado de carne.

—Aye, meu irmão tem esse modo de atuar.

Deidre ofegou.

—Esse demônio é seu irmão?

—Aye, compartilhamos o mesmo pai, e nada mais.

Deidre franziu a encantadora testa.

—Mas pensava que fossem bastardos.

Isabel ficou tensa. Rohan não parecia afetado pela declaração.

—Se olhar com suficiente atenção, Lady Deidre —disse Wulfson— verá que cada um dos que formamos parte da Espada de Sangue leva os chifres e a cauda bicuda de um bastardo.

Deidre sabia que tinha pressionado muito. Isabel viu as engrenagens girando em sua cabeça. Aye, estava reagrupando-se e lançando sua rede longe e vendo o que podia apanhar.

—Todos vocês são cavalheiros de William? —perguntou com recato.

Isabel virou os olhos e cravou uma parte de carne. Quando ninguém palpitou a lhe responder, o galã Warner falou por todos:

—Aye, Lady Deidre, todos somos Espadas de Sangue por nosso próprio direito e conhecidos como *Les morts*, o mortal esquadrão de elite de William.

—As mortes? —estremeceu-se delicadamente— Isso parece tão... —baixou os olhos antes de levantá-los e sorrir paqueradamente a Warner— Bárbaro. Com certeza são cavalheirescos.

Thorin se afogou com a cerveja, e Stefan assentiu.

—Aye, Lady Deidre, nós escrevemos o código da cavalaria. Estaria mais que feliz de lhe demonstrar todas suas propriedades.

—Cavalheiro. —interveio Willingham— minha filha é uma donzela virtuosa.

Os olhos escuros de Stefan ferveram a fogo lento quando captou os tímidos olhos escuros da donzela.

—É obvio que é. Rogo seu perdão.

Deidre continuou jogando à paquera, desta vez pondo os olhos escuros sobre Rohan. Isabel apartou o prato, perdendo repentinamente o apetite.



—Sir Rohan, prometeu-lhe William este condado?

—Deidre! —braniu Willingham— Recorde suas maneiras.

Deidre ignorou o rogo de seu pai. Rohan a sustentou o olhar. Isabel viu o pequeno tic na mandíbula. O sinal não predizia nada bom para a inquisitiva Deidre.

—Isso não lhe dizer respeito. —respondeu grosseiramente Rohan.

Isabel escondeu o sorriso, e Deidre piscou como se não acreditasse que suas artimanhas tivessem sido rechaçadas. Justo quando Deidre abria a boca para continuar perguntando, Lyn se inclinou entre Deidre e Warner com uma vasilha de água fervendo e perdeu o equilíbrio. A tigela se verteu diretamente sobre o colo de Deidre. As mulheres chiaram.

—Desajeitada! —depois deu uma forte bofetada em Lyn.

Wulfson se levantou, como fizeram Ioan e Stefan, tão abruptamente que as cadeiras chiaram fortemente pelo chão de pedra.

Lyn uivou. Isabel se levantou e foi ao redor da donzela, e quando Deidre levantou a mão para golpeá-la de novo, Isabel a agarrou.

—Ponha uma mão em cima dela de novo, e te jogarei deste salão.

—Como se atreve? —criticou Deidre. A escura beleza da dama se converteu em algo muito feio.

Enquanto punha uma mão consoladora sobre o ombro de Lyn, Isabel invadiu diretamente o espaço de Deidre.

—Atreverei ao que quiser.

—Devido ao que entregaste aos normandos? —cuspiu Deidre.

Se o salão que tinha ficado em silêncio ante a erupção de Deidre, agora estava como se estivessem todos em pé ante uma tumba.

—Nay, Deidre, atrevo-me porque é meu direito como senhora do castelo. —pôs um dedo sobre o peito de Deidre— Não esqueça de quem sou filha. Não desprezo tomar as armas contra qualquer um que queira machucar a minha gente.

Lorde Willingham tomou o braço de sua filha. Os velhos olhos azuis suplicaram que aceitasse.

Deidre tomou um grande fôlego e o soltou lentamente. Sorriu primeiro a Rohan, que permanecia em silêncio, permitindo Isabel dirigir os assuntos das mulheres. Depois se voltou para a Isabel.

—Rogo-lhe perdão, Isabel. Temo que não esteja no meu melhor dia. —se voltou para o Rohan— Lhe rogo permissão, senhor.

Rohan assentiu. Isabel se afastou para um lado enquanto Deidre recolhia a dignidade que podia e fugia do salão subindo as escadas às dependências. Seu pai a seguia aos calcanhares.

O salão deu um suspiro coletivo de alívio com a saída dos hóspedes.

Isabel captou o olhar de Rohan sobre a mesa. Parecia não estar perturbado pelo acidente. Milagrosamente, Lyn se recuperou e se ocupou com a mesa e os cavalheiros como se nada tivesse passado. Foi então quando Isabel se deu conta que a tigela de água quente sobre o colo de Deidre não foi um acidente. Sorriu quando levantou o olhar para captar o ardiloso olhar de Lyn.

—Seus servos são muito vingativos. —comentou Rohan.



Isabel se voltou com um malicioso sorriso para o cavalheiro.

—Igual é sua senhora, e não esqueça isso.

Rohan esfregou o peito e sorriu com igual malícia. So para seus ouvidos, disse-lhe:

—Conto com isso. Vamos, nos retiremos agora.

Isabel estremeceu, em parte temerosa, mas sobre tudo excitada.

—Devo ver os feridos no dispensário. Escoltaria-me?

Rohan assentiu e chamou Enid para que procurasse a capa da senhora.

—Não tenho nenhuma, Rohan. Desafiarei ao frio.

—Acho isso difícil de digerir, Isabel. Uma dama de sua categoria deve ter dez das mais finas capas forradas de pele do país.

—Aye, e tinha, mas outros necessitavam mais. Tenho uma de lã na câmara, mas não quero me encontrar com Deidre. De fato, ela poderia me arrancar os olhos.

Rohan sorriu.

—Aye, está cheia de ácido. —arqueou uma sobrancelha — Como você.

Isabel lhe deu um tapinha na mão.

—Posso possuir ácido, como diz, mas ao menos o uso com seus normandos e não com minha própria gente!

Rohan estendeu o braço, e quando Isabel tomou, acomodou-a a mão no vazio do cotovelo.

—Não conheço que magia possui, moça, mas seus desejos são minhas ordens.

Isabel sorriu quando se dirigiram para a porta.

—Desejo rescindir meu juramento a você.

Sem perder o passo, ele replicou:

—Impossível.

Isabel ficou rígida.

—Seu cavalheirismo só se limita às coisas que você escolhe.

—O cavalheirismo é para os poetas e os pretendentes, Isabel. Não sou nenhum. Nunca me confunda com um ou com outro.

—Decepciona-me, Rohan.

Ele apertou a mão que sustentava.

—Terá que retirar essas palavras esta noite. Porque te mostrarei justo quão decepcionante posso ser.

Pela décima vez esta noite, Isabel estremeceu, sabendo que a manhã já não se encontraria tão inocente, e sabendo também que a menos que pudesse ordenar-se a si mesmo morrer, não havia nada que pudesse fazer para evitar que Rohan a tocasse da maneira mais íntima que um homem pode tocar a uma mulher. Porque lhe tinha dado seu juramento de que podia.

Tomou um profundo fôlego e o conteve. O preço, disse-se, não era muito alto. Cada vez que via os sorridentes olhos azuis de Russell, sabia que fez a escolha certa.



Assim seja.

CAPÍTULO 17

Isabel tomou muito tempo enquanto pensava como poderia sair com ele. Mas tinha julgado mal a paciência de Rohan. Enquanto estava fechando a atadura, ele entrou em grandes passos no dispensário provisório, agarrou-a pelo braço e a arrastou para o castelo.

—Rohan. —gritou ela, mas não fez conta. Ela resistiu, e ele a tomou em seus braços. Como se fosse um saco de nabos, atirou-a sobre o ombro.

Isabel gritou de indignação pela ação.

—Me ponha no chão! —disse.

Rohan posou a mão no traseiro.

—Nay.

Não podia suportar a vergonha de ter a seus homens e a seu povo vendo-a em uma posição tão indigna. Felizmente para ela, o salão estava tranquilo e a maioria das tochas extintas quando entraram.

Rohan subiu com grandes pernadas a escada e abriu de uma patada a porta da câmara do Lorde.

Deu um chute na porta para fechá-la e com a mão livre passou o pesado ferrolho.

Rohan baixo Isabel, pressionando o corpo contra o seu. Sua paixão estava claramente no auge. Entrelaçou os braços ao redor da cintura, e baixou a cabeça aos lábios. Isabel afastou a cara.

Estreitando-a para ele com uma mão, agarrou-a pelo queixo e a obrigou a lhe contemplar.

—Estou cansado de seus jogos, Isabel. É hora de cumprir.

Com os olhos muito abertos ela negou com a cabeça. O momento tinha chegado. Não havia mais oportunidades, não mais distrações, não mais trâmites. Isabel deu um passo atrás, e ele a seguiu.

Ele deixou cair o braço que tinha ao redor da cintura e brandamente a disse:

—Te coloque ante o fogo.

Apressou-se para apartar-se dele, desejando o maior espaço possível entre eles.

Quando chegou ante o fogo, ele a disse:

—Agora, dê a volta.

Quando o fez, ele estava sentado na poltrona de seu pai, perto da pequena mesa a vários passos de onde ela estava. O fogo que ardia vivamente a suas costas, esquentando-a; refletia-se nos leoninos olhos de Rohan, emitindo um brilho de metal fundido. Ele desatou o cinturão e o pendurou no alto respaldo da cadeira. Tirou-se a túnica e logo a camisa de linho. Quando ele se sentou de novo, os contornos do musculoso peito brilhavam a luz do fogo. Isabel não se atreveu a olhar mais abaixo da cintura, temendo ver a ereção. Tomou fôlego desesperada, sabendo que ele não romperia o juramento, mas duvidando até onde chegaria esta noite. Porque embora ela conhecesse o ato da procriação, era totalmente ignorante dos outros meios que um homem tinha para dar prazer a uma mulher.



—Tire a touca—disse ele com voz rouca.

Surpreendida pela ordem, Isabel a retirou lentamente, e a pôs sobre o gabinete.

—Tire o cinturão.

Isabel apanhou seu olhar. Ela apalpou o fecho e o desabotoou, deixando-o cair ao chão atapetado.

—Agora seus escarpines.

Isabel os chutou dos pés.

Rohan estava sentado na cadeira, com as mãos apoiadas no os braços.

—Agora, tire a roupa, uma camada de cada vez.

Pausadamente e com a estranha sensação de controle, Isabel tirou a túnica e a deixou cair no chão. Os mamilos endurecidos sob seu ardente olhar.

—Agora o outro.

Lentamente, foi subindo a saia pelas pernas, para os quadris e até os seios. O fôlego de Rohan vacilou, e enquanto ela passava pelos ombros deixando-a cair em um monte ao chão, percorreu com o olhar o colo dele. Levantava-se com força contra o tecido dos braies. Isabel estava banhada pela luz do fogo, a única coisa que separava seus olhos da nudez era a suave camisola de seda e linho.

Tinha o corpo totalmente exposto, e apesar da calidez da habitação e o calor de seu olhar, Isabel estremeceu.

—Tire a camisola. —disse Rohan com voz rouca.

Com mãos trementes, Isabel levantou o tecido sobre os ombros.

—Jesus! —sussurrou Rohan.

Manteve-se orgulhosa e resolvida ante ele. Entretanto, ante a excitação, os seios estremeeceram. Com o acariciador olhar de Rohan, a respiração de Isabel acelerou, e o coração deu um baque mais forte no peito.

Rohan se levantou, e como se ela fosse uma aparição, foi aproximando lentamente, temeroso de que a visão desaparecesse. Em seus vinte e cinco anos na terra e através de todos os países pelos que tinha viajado, não recordava ter visto nada tão formoso como a visão que tinha adiante. Quando ela sacudiu o comprido cabelo dourado e este brilhou sobre ela, ele conteve a respiração. Pela primeira vez em sua vida, Rohan pôs em dúvida seu autocontrole. Se a tocasse a tomaria. E se o fizesse, lhe odiaria.

—Toque seu peito, Isabel. —sussurrou.

Os lábios se entreabriram em estado de choque, os olhos se ampliaram.

—Faça agora.

Com uma mão trêmula, pressionou o peito direito com os dedos. Ele observou o mamilo franzir-se e desejou que fosse sua mão quem causasse a mudança.

—Mais forte. —disse ele.

Isabel fechou os olhos e apertou o peito. Rohan gemeu e se aproximou mais ainda. Isabel moveu a cabeça para trás, lhe expondo o pescoço. Seu aroma formava redemoinhos ao redor dele. O corpo de Rohan palpitou e o pau pressionou contra a roupa. Estendendo a mão a tocou no cabelo. A sedosa suavidade o fascinou e soube que a pele seria igualmente suave.



—Toque o outro. —ordenou em voz baixa.

A mão livre de Isabel subiu a forma do outro peito. Apertou e pressionou completamente ambos os montículos. Gemeu e igual fez Rohan. Aproximou-se dela mais ainda, lutando contra a entristecedora necessidade de deitá-la no chão e procurar refúgio dentro dela.

—Rohan? —sussurrou Isabel, com os olhos ainda fechados, a respiração quase tão pesada como a sua.— Toque-me.

Ele gemeu.

—Isa. —disse entrecortadamente— Não posso.

Ela abriu os olhos, e quase se perdeu no fundo ametista.

—Por que não?

—Porque romperia meu juramento a você.

Isabel lhe agarrou a mão e a apertou contra o peito.

—Nay, não o fará. Eu não deixarei.

Rohan tremia. O calor e a suavidade aveludada dela contra a calosa mão lhe surpreenderam. Deslizou o braço esquerdo ao redor da cintura, atraindo-a para ele. Os lábios se chocaram nos dela, e Isabel sentiu que o mundo se inclinava.

Tinha pressionado Rohan, disse-se, para acabar de uma vez por todas, mas se fosse sincera, foi porque o desejo quase igualava ao dele, e a curiosidade a ultrapassava.

Embora a dissesse que romperia o juramento se a tocasse, não acreditou.

Vorazmente, Rohan a beijou, acariciando-a o peito com a mão, friccionando o mamilo entre o polegar e o indicador. Isabel se arqueou para ele. O calor e a umidade fluíram entre as coxas. Rohan deslizou a mão que tinha na cintura até o traseiro, e a mão sobre o peito se deslizou pelo ventre. Isabel ficou rígida. Rohan a fez retroceder para a parede. Frias pedras a surpreenderam, mas Rohan pressionou mais forte. Os lábios se aferravam aos dela.

A cabeça de Isabel girava. Estava apanhada em um acalorado frenesi sexual. Rohan a rodeava. As mãos, os lábios, os ombros, os quadris e as pernas. A ereção a pressionava fortemente o ventre. Ela podia sentir o calor da mesma.

Isabel apartou os lábios dele, ofegando. Ele arrastou os dentes descendo pelo pescoço, ao ombro, onde mordeu a pele. A mão sobre o ventre viajou mais abaixo. Em um movimento audaz, Rohan apertou os lábios sobre um mamilo e se amamentou como um bebê faminto. A mão cobriu o monte, e Isabel perdeu o equilíbrio. Rohan a apertou contra ele. A ponta do dedo tocou o endurecido nó e o escorregou lentamente de atrás para frente contra ela. Isabel gritou, as sensações que o toque provocavam eram diferentes a qualquer outra que jamais tivesse experimentado. Como uma licença, encontrou-se abrindo as coxas e pressionando mais fortemente os peitos contra a boca.

A pressão entre as coxas aumentou, e Isabel não tinha nem idéia de como fazê-la desaparecer. Mas sabia que Rohan era a resposta.

—Rohan. —sussurrou— Me dói, como se fosse febre. Faça que se vá.

Rohan gemeu, e se fosse possível, atraiu-a mais apertadamente contra ele. O que fez depois a chocou. Ele deslizou o dedo ao longo da úmida abertura. E como a natureza tivesse estabelecido, Isabel se moveu contra ele. Quando deslizou o dedo no interior, ela gritou e afiançou as coxas apertadamente a seu redor. Fechou os olhos tão forte como pôde, sabendo que tinha cruzado uma



linha com ele e que não deveria tê-lo feito. Entretanto, converteu-se em um vício em um espaço muito curto de tempo. Seu corpo ansiava. Ele era o único capaz de aliviar a dor.

—Jesus, Isa, está tão apertada e tão quente.

Isabel se aferrou aos ombros, retorcendo-se contra o movimento da mão. Ele moveu o dedo em um ataque lento, dentro e fora dela, pressionando a palma da mão contra o endurecido nó. Um repentino suor a banhou o corpo. Os quadris sacudindo-se em um incontrolável ritmo contra a mão. As ondas de desejo aumentaram entre as coxas. Tinha a pele quente e era quase insuportável. O corpo de Rohan, escorregadio pelo desejo, deslizava-se para cima e abaixo contra o dela.

Uma repentina tempestade se acumulou entre as coxas, tomando por surpresa Isabel. Inflamou-se quente e úmida, com a velocidade de uma tormenta do verão. E tão repentinamente como se formou, chegou ao cume e paralisou profundamente em seu interior. A tempestade formava redemoinhos descontrolados, levando ao alto antes de cair fora de controle de volta à terra.

—Rohan! —gritou. Ele a silenciou com os lábios, enquanto o corpo sacudia com força e espasmos. O impacto do que tinha acontecido lhe adormecia o cérebro. Rohan deslizou o dedo para fora dela, e Isabel gritou de novo. O corpo ondulando-se para ele, e embora a ferina doença tivesse desaparecido quis mais dele.

Retirou-se o suficiente para olhá-la diretamente nos olhos. Os dele resplandeciam. Ela umedeceu os lábios, e, ainda ofegante lhe perguntou:

—O que aconteceu?

—É a maneira de culminar para todas as mulheres.

Isabel meditou na resposta.

—E a dos homens? É...?

Rohan a pressionou a ereção contra o ventre.

—Aye, é a única maneira de acabar com minha rigidez.

Isabel estendeu a mão e lhe pressionou com a ponta dos dedos. Ele conteve a respiração e tremeu com o toque.

—Isabel, joga com fogo.

Ela pressionou a palma contra ele.

—Dói-te como me doeu?

—Aye.

—Deseja que te libere?

Rohan gemeu e baixou as ligas. Isabel o olhou inocentemente.

—Me diga o que fazer.

—Jesus, Isabel, tentaria a um santo. Tire-me a roupa.

Fez-o, e quando moveu o tecido sobre a ereção e pelas coxas, não pôde deixar de admirar a lisa e grossa longitude.

—Me toque, Isa.

Timidamente, ela tocou a larga cabeça. À luz do fogo pôde ver como brilhava. O calor a assombrou. Ofegou, retirando a mão. Rohan a agarrou retornando-a e a pressionou contra ele. Ele gemeu e se ondulou contra a mão como ela tinha feito contra a sua.



—Envolva seus dedos ao meu redor, Isa. Deus, sim, assim.

Ele despertou em seu punho. Envolveu a mão ao redor da dela, e em um movimento lento acima e abaixo, lhe mostrou o caminho. Isabel era uma estudante rápida. Rohan deixou cair à mão e ela acrescentou a outra. As envolvendo ao redor dele, apertou, e Rohan quase se derramou em suas mãos nesse momento.

Ardentemente, ele empurrou em suas mãos e Isabel lhe oprimiu mais estreitamente. Atrevidamente manobrou a seu redor a fim de que agora ele tivesse as costas contra a fria pedra. A Sorriu. Era uma garota descarada. Rohan a agarrou os peitos, e enquanto lhe bombeava, massageou os seios. Rohan fechou os olhos, pressionando a cabeça contra a parede de pedra, e deixando que o selvagem e quente ataque de seus jogos lhe levassem a paraíso.

Ele tomou ar rudamente e apertou os dentes, fazendo erupção com uma força que nunca tinha experimentado. Agarrou-a fortemente contra o peito enquanto o movimento dos quadris se acalmava. Isabel manteve a lenta e compassada ordenha até que esgotou a última gota de sua semente.

Por último, relaxou as costas contra a parede, sem sentir a fria dureza da pedra. De fato, tudo o que sentia era calidez e saciedade. No momento. Isabel secou a mão no ventre dele. Rohan riu, baixando lentamente da tormenta que Isabel lhe tinha provocado, e passou o braço ao redor da cintura, atraindo-a para ele.

Uma vez que a respiração reatou uma cadência normal, Isabel se afastou dele e agarrou uma toalha de linho do gabinete. Inundou-a na jarra junto à chaminé, e com cuidado o limpou. E o maldito se levantou sob os serviços. Lhe olhou atrevidamente de frente.

—Seu apetite é voraz, Rohan. É normal que o queiram outra vez tão rapidamente?

—Meu desejo por você, Isabel, é insaciável.

Apoiou-se contra ele lhe tocando a ereção. Com um percurso lento, riscou a torcida cabeça.

—Admitirei que tenha apetite por você igualmente.

Olhou-a, querendo agarrá-la mais apertadamente. E Deus, que pusesse os lábios sobre ele. A visão dela fazendo justamente isso lhe inflamou.

—Rohan, não posso permanecer nesta câmara com você de forma indefinida.

Rohan apreçou-se a levantá-la em seus braços e lançá-la sobre a cama.

—Não me fale de amanhã.

—Chegará quer desejamos ou não.

—Aye, chegará, e quando o fizer... —se deixou cair sobre a cama junto a ela, passando rapidamente a mão pelo ventre e cavando o úmido montículo enquanto ela fechava os olhos e se apertava contra ele— nos uniremos.

—Rohan. —suspirou Isabel— Me tome como antes.

—Isa, eu...

Ela pressionou a mão sobre a dele e gritou. As escorregadias, inflamadas dobras acariciadas por seus dedos.

—Não me negue isso.



Pressionou os lábios sobre os dela e enterrou o dedo profundamente em seu interior. Ela arqueou e gemeu. A cabeça de Rohan cambaleou, aflagido pela paixão até ele. Tinha sabido no instante que a viu no alto da muralha, com o gelado ar de novembro revolvendo o cabelo, que era uma tigresa. Nesse momento teve uma clara visão dela suave e branda baixo ele, tal e como estava agora.

Rohan sabia que se lhe desse o mais leve sinal, sepultaria-se por completo nela. Não confiando em si mesmo, retirou o dedo.

Isabel gritou:

—Nay!

—Isabel, não posso olhar seu quando te toco e não desejar culminar o meu desejo de você.

Ele se ajoelhou e a virou do outro lado, elevando os quadris com o braço esquerdo. A visão de seu firme *derriere* macio e o que queria lhe fazer lhe causou uma interrupção momentânea. Rohan tomou uma profunda respiração, perguntando-se se tinha cometido um engano girando-a. O pênis aumentou contra as nádegas. Poderia tão facilmente...

Gemendo, deslizou o dedo médio profundamente na quente e úmida abertura. Isabel sugou um profundo fôlego.

—Oh, Deus, Rohan —ofegou.

Ele fechou os olhos, tentando controlar-se. Moveu-se para trás contra ele e ele sussurrou.

—Nay, Isabel. —Seria tão fácil substituir o dedo pelo pau. Estava tão quente e escorregadia para ele, perdoaria-lhe sua perda de controle na agonia da paixão? Ele disse a ela que não poderia prometer...

—Rohan. —rogava enquanto lhe empurrava o traseiro contra a mão.

—Jesus, Isa, não sou de pedra.

Rigidamente, ele se fincou de joelhos detrás dela, temendo não ser capaz de controlar-se a si mesmo se ela se movesse contra ele de novo. Ela devia haver sentido sua luta. Seu corpo tremia.

—Rohan, —disse em voz baixa— por favor, alivie minha dor.

Rohan empurrou os quadris contra as nádegas, o pau deslizou entre as firmes nádegas, e em um movimento lento e rítmico, ele deslizou o dedo dentro e fora dela.

Isabel fechou os olhos e se deleitou no erótico ataque. Ela não tinha nem idéia de que tais sensações existissem. Seu dedo era grande e grosso, e Isabel soube que se alguma vez a pressionasse com o pênis, não seria capaz de adaptar-se a ele. Ele golpeava em um profundo ponto no interior cada vez que empurrava dentro dela. O pau se endureceu em toda sua capacidade e se deslizava para trás e para frente contra o traseiro. Ainda viscosa pela ejaculação anterior e o suor, moveu-se entre as nádegas. Rohan se inclinou sobre ela e a mordeu nas costas lhe sussurrando:

—Isa, faz-me esquecer minha promessa.

Mordeu-a na parte de atrás do pescoço, e Isabel disparou como uma estrela cadente. Gritou quando uma dura onda de liberação se estrelou contra ela estremecendo-a todo o corpo com a força de um exército.

Os músculos apertados ao redor do dedo.

—Isa. —gritou ele com voz rouca. Os quadris se estrelaram contra ela sentindo o calor do derrame contra o traseiro. Pouco a pouco, o vertiginoso rodeio se reduziu a uma ofegante parada. Isabel se deixou cair na cama, respirando com dificuldade e sabendo que estava perdida para sempre



neste homem. Ela também sabia que se seguia por este caminho com Rohan, perderia não só a virgindade, mas também o coração.

Rohan limpou sua semente das costas com a toalha que ela tinha usado e se deslizou na cama junto a ela.

Isabel deu a volta, com o corpo ainda quente e coberto de suor. Rohan se deslizou contra ela e a beijou profundamente. Envolveu-lhe os braços ao redor do pescoço e se aproximou dela. Pois seria o último beijo. Quando se deu conta disso, de repente se sentiu fria e vazia.

Ela fechou os olhos. Aye, já estava acontecendo. Tinha sentimentos por este cavalheiro que não deveria ter.

Separando-se do beijo, Isabel ficou sem fôlego, e à luz do fogo viu com os olhos entreabertos. Tinha o sorriso de um homem felizmente satisfeito. O coração inchou. A fez ainda mais difícil separar-se dele. Apartou-lhe uma mecha do pesado cabelo para lhe ver melhor a cara. Com cicatrizes e tudo, era o homem mais bonito que viu. Inclusive na corte, os nobres vestidos com ricas sedas e veludos, não se comparavam. Os largos e musculosos ombros se abatiam sobre ela, e soube que mataria a cem dragões se ela o pedisse.

Deveria estar zangada consigo mesma. Por agora era uma verdadeira libertina. Mas ao menos ainda estava intacta. E, concluiu, que esta mesma noite muitas nobres saxonas estariam rezando para não carregar bastardos normandos. A violação era um resultado da guerra e a virgindade era tomada como um troféu. Ela se salvou. Por agora. Devido a este cavalheiro que lhe tinha outorgado seu juramento. Um juramento que ela romperia se seguisse dormindo em sua cama. Isabel sorriu.

—Ah, um espetáculo tão raro e formoso. —disse Rohan em voz baixa.

—Nestes tempos, não há muitos motivos para sorrir.

Rohan virou e a arrastou com ele.

—Mas esta noite esqueceremos a guerra. Esqueceremos nossas penas. Aqui com você, não me importa o que está ocorrendo atrás dessa porta.

Isabel se levantou sobre um cotovelo e riscou com um dedo a cicatriz do peito.

—Como chegou isto a você? —perguntou brandamente.

Rohan pressionou a cicatriz com a mão.

—Uma marca.

Isabel ficou sem fôlego.

—Uma marca? Que bárbaro! A pessoa que lhes fez isto também fez ao Manhku?

Rohan assentiu com a cabeça e fechou os olhos.

—Aye, e ao Thorin, Wulf, Rhys...

—A todos seus cavaleiros?

—Aye.

Isabel apertou os lábios contra o peito justo debaixo do ponto onde a barra cruzada lhe tinha queimado a pele. Rohan ficou rígido e pegou sua mão.

—O que está fazendo?

—Beijando para afastar a dor.

Rohan lhe apertou a mão e logo a levou a seus próprios lábios.



—A dor física é coisa do passado, Isabel.

—Talvez, mas as lembranças?

—São poucas e distantes entre si.

Isabel procurou em seu rosto.

—Chama-se Tariq o homem que lhes fez isto a você e a seus homens?

Rohan se sentou na cama, com os olhos brilhando grosseiramente.

—Como conhece o nome?

O temor se disparou através dela, mas se dissipou com a mesma rapidez.

—Na noite que acordou do pesadelo. Você o nomeou.

Rohan a enfiou os dedos no cabelo. E o olhar selvagem deixou os olhos. Recostou-se no travesseiro, atraindo-a com ele.

—Aye, Tariq era o filho do sultão, enviado a aperfeiçoar suas habilidades de tortura sobre os cavaleiros cristãos.

—Rohan, sinto muito. Não deveria ter perguntado.

—Na realidade é uma vaga lembrança. —bocejou e a atraiu fortemente a ele— Estou cansado, juvenzinha. Esgotaste-me com suas demandas, agora, deixa de bate-papo para que ambos possamos encontrar algum sonho.

Isabel assentiu com a cabeça e se aconchegou perto dele, assombrada de sentir-se cômoda com ele. Pegou-se a ele como se fosse um amante conhecido desde muitos anos, em lugar de só recentemente.

—Pela manhã, terá que falar do ocorrido entre nós. —disse Isabel enquanto bocejava— Não pode continuar.

O suave ronco de Rohan a indicou que não tinha ouvido uma palavra. Levantou uma grossa manta de pele até os ombros. Isabel fechou os olhos e sonhou que Rohan a tomava da forma final em que um homem toma a uma mulher.

Os golpes na porta sobressaltou a ambos lhes acordando. Rohan saiu disparado da cama e agarrou a espada. Isabel retrocedeu para o enorme cabecero, a manta de pele levantada até o queixo.

—Preguiçoso caipira! —bramou Thorin do outro lado— Seus homens se inquietam enquanto você se demora na cama.

Rohan retirou o ferrolho e abriu a porta. Isabel ficou sem fôlego enquanto ele se levantava nu, brandindo a espada ante seu homem. Thorin sorriu abertamente e olhou detrás de Rohan aonde ela se encolhia na cama. Franziu o cenho, e logo olhou ao homem mais jovem.

Rohan se voltou e confrontou Isabel. Os olhos saltaram da órbita. A virilidade de Rohan pendurava pesada e rígida contra o ventre.

—Embora não seja de sua incumbência, Thorin, a donzela ainda é virtuosa.

Thorin olhou a Isabel procurando confirmação. A toda pressa, assentiu.

—Não ensangüentou lençóis para mostrar.



—É um homem mais forte que eu, Rohan. Esperamos abaixo sua companhia. —Thorin saiu da habitação, fechando a porta detrás dele.

Rohan se voltou e sorriu a Isabel.

—Não aliviaria minha doença desta manhã?

Ela negou com a cabeça apartando os olhos da gloriosa ereção. Os sonhos dela empurrando essa arma dentro e fora de seu invólucro até que ela gritasse pedindo misericórdia e ficou dando voltas e mais voltas toda a noite. Cada vez que despertava, Rohan dormia. Tinha usado a quietude para lhe estudar mais de perto à luz do fogo. Era o mais magnífico exemplar de homem e o mais atrevido que jamais havia conhecido. Várias vezes tinha pressionado a mão nele para senti-lo despertar de sua sonolência.

Finalmente, esgotada, encontrou-se com o sonho.

Isabel se deslizou da cama, arrastando a manta de pele e envolvendo-lhe ao redor da nudez. Rohan franziu o cenho.

—Isabel, ultrapassamos...

Ela levantou a mão.

—Rohan, meu juramento a você está completo. Devemos parar agora antes que nos seja impossível fazê-lo.

A confusão lhe nublou as facções.

—Seu juramento está completo?

—Aye, pela vida de Russell. Eu lhe dava carta branca sobre meu corpo à exceção de minha virgindade.

Rohan despejou água da jarra que havia junto à chaminé em um recipiente fundo e começou a lavar-se.

—Os termos foram carta branca para explorar o que jaz debaixo de sua roupagem. E embora esteja de acordo que ontem à noite o fiz. —pressionou a toalha contra a cara, e logo a olhou— Ainda tenho que conhecer tudo o que há debaixo.

—Que mais há? —perguntou ela, sentindo-se como se tivesse sido enganada.

—Verá esta noite.

A frustração estalou.

—Rohan, não vou ser sua amante!

—Já é.

Ela agarrou a taça da mesa junto à cama e a arremessou.

—Bastardo! Como se atreve? Cumpri com minha parte do trato, agora deixe-me ir!

Rohan se aproximou dela e a agarrou pelas mãos. A manta de pele caiu ao chão. A ereção se elevava com ira entre eles.

—O trato não está completo. Direi-lhe isso quando estiver.

—Não vou tolerar isto!

Ele a soltou e retornou ao asseio.



—Não importa. Verei-lhe nesta câmara esta noite. Quer tenha que te perseguir ou não.

—Deixarei Rossmoor!

Ele se voltou rapidamente e a imobilizou com um fulgurante olhar.

—Não o fará.

—Meu prometido está perto, Rohan. Ele me levará dessa maneira. Me deixe um pouco de dignidade!

Agarrou-a de novo, e desta vez a sacudiu.

—Me traia com outro homem, Isabel, e eu pessoalmente levarei o açoite em suas costas.



CAPÍTULO 18

Isabel franziu o cenho enquanto descia pela larga escada. Sentada junto a Rohan, na mesa do senhor e revoando sobre ele como uma puta de acampamento, estava a encantada Deidre. Os olhos de Rohan se elevaram para encontrar e se chocar com os de Isabel. Pôs as costas rígidas, quando um pequeno sorriso e abriu passo em torno dos lábios que até tão pouco a tinham escaldado a pele. Como sempre fazia quando Rohan a açoitava com sua atenção, Isabel se esquentou. Arrastou os olhos do escandaloso cavalheiro à mulher a seu lado.

Deidre a olhou e sorriu. O gesto recordou a Isabel a um dos gatos do estábulo que acabavam de caçar a um grande camundongo do feno.

Uma forte sacudida de ciúmes atravessou como uma lança Isabel, perfurando-a diretamente até o coração. A reação foi tão forte, que sentiu como se tivesse sido golpeada no peito. Esteve a ponto de tropeçar desde o segundo até o último degrau. E por muito que Isabel se dissesse que era o melhor, o coração seguia interferindo. Enquanto lutava contra estes difíceis sentimentos, Isabel soube que se ficasse no Rossmoor acabaria rompendo o coração.

Tomando uma profunda respiração, sorriu. Que Rohan encontrasse auxílio nos braços de outra mulher. Assim é como devia ser. Não havia futuro para eles juntos. Entretanto, a visão da cabeça escura de Rohan enterrada profundamente no amplo seio de Deidre lhe fez sentir náuseas.

Isabel olhou detrás de Rohan a Manhku, que estava sentado tranqüilamente na cadeira com a perna levantada em outra. Inclinou-a silenciosamente a cabeça. Os olhos viajaram ao redor da mesa do senhor. Como um, os *les morts*, levantaram-se quando ela se aproximou. Isabel se sentiu aliviada ao ver que Rohan teve a decência de levantar-se também em sua presença. E apesar da decisão de afastar-se dele, houve um pequeno sentimento de vitória quando pegou sua mão e a sentou a sua direita. Apesar de que não tinha apetite, Isabel se sentou.

Com sua presença, a comida da manhã começou. Agradecendo a Rohan que se separasse e sentindo a necessidade de aliviar o ambiente, Isabel perguntou ao viking que se sentava frente a ela:

—De onde procede, Sir Thorin?

Ele sorriu, provocando uma profunda ruga no único olho.

—Na verdade, milady, não tenho nenhum lugar para nomear.

—E sua gente?

Thorin se encolheu de ombros e apunhalou um ovo cozido com a faca.

—É difícil de dizer.

Isabel assentiu com a cabeça, dando-se conta de que o homem não tinha nenhum interesse em falar de sua família.

Mas apesar das curtas respostas, o viking pôs-se a rir.

—Milady, sua curiosidade estaria satisfeita se lhes dissesse que sou o produto de um acoplamento entre o falecido Hardrade²⁶ e uma cigana bizantina?

Isabel se surpreendeu ante uma revelação desse tipo. Ela inclinou a cabeça e olhou ao homem com uma luz diferente. Pensando-o bem, talvez, não devesse ter se surpreendido tanto. O

²⁶ Harald III **Hardrade** (O Implacável). Rei da Noruega (1015-1066)



porte régio e os traços aristocráticos de Thorin se mesclavam em uma harmonia asperamente elegante com a exótica linhagem de sua mãe cigana. Apesar da lesão e o emplastro de couro negro no olho, Thorin era um homem espetacular. Mais alto que Rohan, o qual não era uma pequena fação, e tão musculoso, era, sem dúvida, veterano no campo de batalha. Quando Thorin esfregou o peito como tinha visto Rohan e ao Wulfson fazer, o coração descongelou mais por estes ferozes guerreiros. Seu sofrimento era inimaginável, as cicatrizes só um vislumbre do que deveriam ter sofrido.

Isabel sorriu e assentiu com a cabeça, entendendo que se a conexão tivesse sido admitida pela Igreja, Thorin não estaria sentado em meio deles, a não ser em um trono em algum lugar de uma longínqua terra.

—Que sorte para nós, que um príncipe real se encontra entre nós! —disse Deidre, com o desprezo engrenado às palavras quase imperceptíveis.

O rancor de Isabel pela mulher cresceu.

Thorin sorriu tristemente à saxã deslocada.

—Um bastardo real, Deidre. Uma clara diferença.

Isabel se engasgou com parte de carne assada que acabava de mastigar ante o flagrante insulto de Thorin. Se sustentasse algum respeito para Lady Deidre, dirigiu-se a ela como tal. Mesmo que não fizesse deu a Isabel um sentido supremo de satisfação. E para confirmar ainda mais o porquê Deidre não merecia seu respeito, a mulher cometeu um grande engano.

—E sua mãe?

—Ela está morta. —disse Thorin em voz baixa.

Isabel ficou sem fôlego. E embora ele não o houvesse dito de tal maneira que pedisse compadecer-se dele, sentiu que o coração inchava por este homem.

—Como? —insistiu Deidre.

Gwyneth, quem justo até um momento batia os cílios para o viking enquanto colocava uma grande bandeja de carnes ante ele, ficou sem fôlego pela audácia da pergunta de Deidre.

—Pelo que parece, Lady Deidre,—começou Isabel— que seria mais cortês se pusesse atenção a seus próprios assuntos.

A mesa inteira ficou em silêncio, como esperando que chegasse uma luta de gatos. Antes que Deidre pudesse meter o pé até a garganta, Isabel olhou Thorin, quem não parecia afetado pela linha do interrogatório.

—Minhas desculpas, Sir Thorin. Estes temas são melhores calá-los.

O orgulhoso viking sorriu.

—Meus agradecimentos por sua preocupação, Lady Isabel, mas lhes asseguro, que a questão, embora molesta, não me causa dor.

Isabel assentiu com a cabeça, mas sabia que mentia. A expressão de fúria que tinha cruzado a cara quando falou da morte de sua mãe, não a passou despercebida. E, embora Isabel estivesse intrigada pela história deste misterioso viking, teve a boa educação de não perguntar.

Sentindo a necessidade de parar os pés de Deidre e acabar com os agudos insultos da mulher de uma vez por todas, Isabel a perguntou:



—Sua mãe ainda está doente, Deidre, ou aqui não encontra a companhia de seu agrado?

Rohan, Wulfson, e Rhys começaram a engasgar-se com a comida que mastigavam. Quando Rohan não pôde recuperar o fôlego, Isabel lhe golpeou nas costas até que ele levantou a mão para que se detivesse. Serviu-lhe um copo cheio de leite da jarra e o entregou. Agradecido, bebeu-o rapidamente. Isabel olhou Deidre, quem parecia como se tivesse bebido um copo de vinagre.

A mesa inteira cravou os olhos em Deidre, como se a desafiassem a falar contra a senhora do castelo. Quando ela se inclinou sobre o prato, Isabel se reclinou na cadeira, satisfeita de que por agora a vespa mantivera o agulhão escondido.

A conversa se voltou mais ligeira e concluiu nesse tom. Quando Isabel andou pra ir ver o Manhku, sentiu o quente olhar de Rohan nas costas.

—Como se encontra sua perna hoje, cavalheiro? —perguntou ela.

Com o brusco grunhido de Deidre detrás dela, Isabel se arrepiou. Estava a mulher empenhada em distanciar-se de todo o mundo?

Manhku assentiu com a cabeça, com um pequeno sorriso lhe torcendo os lábios. Isabel aproximou uma cadeira e se sentou junto a ele.

—Joguem os olhos.

Vários minutos depois, estava exposta a ferida. Isabel sorriu e olhou ao Manhku, que a olhava espectadoramente. Ela sorriu amplamente.

—Está sarando muito bem. Se prometer não se esforçar, poderá se reunir com seus homens na mesa para a próxima comida.

Esta vez, Manhku sorriu amplamente, mostrando os afiados dentes.

—Mãe de Deus! —ofegou Deidre da mesa— Quão longe chegará, Isabel, para salvar a você mesma da menor das dificuldades?

Isabel se esticou, as palavras de Deidre morderam com força em seu orgulho. Que compartilhasse a cama com Rohan era bastante mau, mas insinuar que o fazia para escapar das dificuldades foi um golpe muito cruel.

Isabel franziu o cenho e se dirigiu à mulher, que estava ali só por sua boa vontade. Rohan se interpôs entre Isabel e Deidre. Pôs uma mão sobre o ombro e a apertou brandamente. O calor enviou um tremor através do corpo. Isabel apertou os dentes, sem saber em quem concentrar a ira, se na irascível Deidre ou no cavalheiro a seu lado.

—Suas habilidades de cura são admiráveis, Lady Isabel. Meu agradecimento por salvar a meu homem. Cavalgará de novo?

Ela não posou a vista em Rohan, nem em Deidre, nem em ninguém mais, só em Manhku, quem meio comia na cadeira. Ela suspirou. Não se arrependia de salvar a vida deste homem.

—Talvez. Mas como expliquei a seu homem, poderia estar de novo em pé em um dia ou duas com a ajuda de uma robusta vara. —Isabel franziu o cenho ao sarraceno— Mas cuidado. Se se esforçar muito, poderá causar mais danos. Danos que não tenho habilidade para curar.

—Por que têm a este pagão entre cristãos? —perguntou Deidre com valentia, chegando a colocar-se ao lado de Rohan.

Rohan apartou o olhar de Isabel e franziu o cenho à mulher.



—Eu não presto contas a ninguém aqui. Não faça perguntas sobre temas que não são de sua incumbência. —passou junto a ela lhe dizendo a seus homens— Examinemos mais esta terra prometida.

Enquanto os homens se levantavam, o horrível grito do vigia perfurou a tensão matutina, incrementando-a ainda mais.

—Fogo, a quatro léguas, ao sul do cruzamento de caminhos!

Em menos tempo de que Isabel demorou em piscar, os cavalheiros saíram do salão. Isabel deixou escapar um comprido suspiro que tinha estado segurando. Enfrentou Deidre. A mulher era uma vista impressionante em toda sua fúria. O cabelo negro e os olhos verdes jogando faíscas com fogo. Isabel se esticou.

—Pode ser sua favorita por agora, mas quando chegar o momento de que tome uma esposa, não escolherá a uma suja pomba como você, a não ser a uma mulher de virtude pura.

As palavras golpearam profundamente no coração da Isabel. Pois, embora ela não tivesse sonhos de matrimônio com o cavaleiro bastardo, sabia que ele queria uma mulher pura. E se o que tinha ocorrido entre eles à noite passada era um precursor do que pensava fazer com ela mais tarde essa noite, estava condenada a encontrar-se a si mesmo deixando de ser uma donzela.

—Deidre, que não tenham sido vítima de um normando até agora é um milagre em si mesmo. Por seu bem, rogo que sua boa sorte continue.

—Eu não me lanço ao primeiro normando que cruze minha porta, como parece que têm feito você.

Isabel sorriu e inclinou a cabeça.

—Que tenha uma porta é outro milagre.

A observação mordaz se fez sentir, e Deidre se embaçou:

—Eu nunca trocaria minha virtude por um senhorio.

Isabel continuou sorrindo. Aye, nem o faria ela, mas sim pela vida de um escudeiro que tentou proteger a mesma coisa que ela ofereceu para lhe salvar a vida. E ao recordar o sacrifício, Isabel já não se sentiu envergonhada. Ela olhou mais de perto à mulher. Aye, inclusive pela áspera Deidre, Isabel poderia fazer o mesmo sacrifício.

Sem despedir-se, Isabel passou à mulher dirigindo-se às cozinhas para abrir os armazéns aos aldeãos. Quando retornou à sala, sentiu os olhos de Manhku nela. Serviu-lhe uma taça de cerveja e a levou. Silenciosamente, ele tomou e bebeu profundamente.

—Vigie o salão, Manhku. Tenho muito que fazer no povo.

Ela abriu as grandes portas do castelo e saiu, parando-se repentinamente ao encontrar-se com o cenho franzido de Wulfson.

Olhou-lhe franzindo o cenho em troca.

—Por que está aqui?

—Hoje fui relegado à exaustiva senhora.

Isabel pôs-se a rir enquanto Wulfson aprofundava o cenho. Pôs uma mão sobre o antebraço e tratou em vão de reprimir a alegria.



—A honra é toda minha, Sir Wulfson. Não posso pensar em uma donzela mais implacável. — riu mais forte e saiu diante dele— Venha, vamos recolher ramalhetes de flores e conversar de coisas de donzelas, achará muito apaixonante.

Wulfson a olhou encolerizadamente, um trovão lhe retumbando no peito. Isabel sorriu enquanto contemplava o sol. Tinha começado a elevar o frio e o vivificante ar matutino. Nenhuma nuvem pendurava no claro azul do céu. O povo transbordava de atividade, e enquanto Isabel olhava ao redor, deu-se conta que mais aldeãos tinham retornado da clareira. Alguns, inclusive, eram novos para ela. O coração a inchou de orgulho. A notícia tinha começado a estender-se.

E assim avançava a manhã, até que depois de uma conversa bastante longa com Mildred sobre as diferentes localizações das ervas curativas, Isabel se deteve na metade de uma frase ao encontrar-se com os olhos verde escuro de Wulfson, da cor do musgo fresco, entreabertos para ela. Isabel lhe olhou atentamente.

—Aflige-lhe algo Sir Wulfson?

Ele grunhiu negando com a cabeça. Isabel sorriu ao reticente cavaleiro, mas terminou a conversa com Mildred, quem gostosamente foi correndo.

Embora Wulfson não fosse certamente tímido quando lhe vinham às moças do povo, era mais calado que a maioria. O cabelo cor baia escura tinha o mesmo estilo que todos os da Espada de Sangue, comprido como o dos vikings. Ela notou que a mão de Wulfson continuamente acariciava o punho do sabre. A diferença dos outros cavaleiros, quem fazem o mesmo, Wulfson levava dois coldres às costas fixadas a uma espécie de colete. As lâminas eram quase tão largas como uma espada normal, mas mais grossas. Quando as esgrimiou em honra à visita de Henri, o sangue a coalhou. Ele as brandia expertamente, e ela só podia imaginar a carnificina que criariam.

Olhou-lhe mais atentamente. Aye, estes cavaleiros de Rohan eram um grupo receoso. Como grandes bestas feridas que não sustentavam nenhuma confiança pelo gênero humano. As pernas tremeram pelo frio ar da manhã. A imaginação estava descontrolada com os pensamentos de que estes homens tinham suportado.

Isabel esquadrinhou Wulfson mais estreitamente e decidiu que recordava a um aflito arcanjo. As bolinhas douradas dos verdes olhos pulsaram. Embora luzia a mesma cicatriz em forma de meia lua que outros, o rosto estava livre de outras cicatrizes. O coração teve uma lenta queda. Uma donzela poderia meter-se em problemas com este homem. O moreno e melancólico rosto expunha um desafio para qualquer mulher.

—Sir Wulfson, seu nome é saxão. Por que monta para um normando?

Ele franziu o cenho.

—Tenho uma parte de normando. —Isabel arqueou uma sobrancelha. Ele se inclinou e enquadrou os calcanhares conjuntamente— Wulfson do Trevelyn, a seu serviço.

Pela segunda vez nesse dia, Isabel ocultou a surpresa.

—Trevelyn? Não é isso...?

—Criei-me no Gales com pais de custódia. Tomei seu nome.

Isabel lhe pressionou a mão sobre o antebraço. Ele ficou rígido sob o contato.

—Não mordo, senhor.

Wulfson grunhiu em voz baixa, obviamente não se sentia confortável com a conversa. Isabel desfrutava desequilibrando a estes homens. Controlavam todas as facetas de suas vidas, exceto esta.



—Deixastes na Normandía o amor de uma mulher?

Quando ele franziu o cenho em resposta, Isabel seguiu lhe perguntando.

—Reconheceu-lhe seu pai?

O cenho franzido se aprofundou.

—Suspenda seu falatório.

Isabel devolveu a seu semblante carrancudo um exagerado de proveito próprio.

—Será difícil. É o que fazem as mulheres.

—É por isso que as evito.

Isabel pôs-se a rir.

—Não diga isso a Lyn e Sarah.

Wulfson olhou por cima do ombro, como se algo lhe interessasse mais que a conversa. Isabel observava de perto ao preocupado cavaleiro. A primeira impressão sobre ele tinha sido acertada. O anjo atormentado era uma descrição apropriada. Como Stefan, era escuro e inquietante.

—Liberaram-lhe da prisão com Rohan e Manhku?

Wulfson sibilou uma exclamação, e a mão se fechou ao redor do punho do sabre. Os olhos verdes brilharam. Isabel instantaneamente lamentou sua curiosidade, mas tinha uma fome ardente de informação relativa ao Rohan. E sabendo que estes homens tinham ido ao inferno e retornado juntos, esperava que através deles pudesse entender melhor ao homem que a tinha trocado o mundo inteiro.

Isabel apoiou a mão sobre a de Wulfson.

—Às vezes, minha curiosidade me leva a falar fora do turno. Minhas desculpas.

O cavaleiro finalmente a olhou. A dor e a fúria lhe nublavam os olhos. Quando falou, a voz era grave e gutural.

—Sua pergunta me recordou coisas que são melhor esquecer.

Lhe oferecendo um sorriso vacilante, Isabel assentiu.

—Venha, vamos ver o resto dos aldeãos.

Ele assentiu com a cabeça, e partiram.

Isabel estava encantada de ver tantas caras conhecidas. Embora ao princípio muitos dos camponeses duvidassem em lhe oferecer seus respeitos devido ao gigantesco cavaleiro que a acompanhava, quando se deram conta de que não lhe demonstrava nenhum medo, estiveram mais inclinados a aproximar-se. Suas histórias da fuga dos invasores, e também de Monfort, puseram Isabel a beira dos nervos. As histórias das ações de Monfort estavam obtendo uma talha épica. Isabel temia que se o homem não se detinha, ele por si só destruiria Norfolk. Ela sentiu a reação de Wulfson mais do que ele expressou.

Enquanto Wulfson dava escolta a Isabel de volta ao salão para o almoço, ela se surpreendeu ao ver a indesejada prima de Aryls a caminho para o estábulo.

—Isso não lhes parece incomum? —perguntou Isabel ao Wulfson.

Ele seguiu seu olhar e franziu o cenho. Nesse momento, Deidre levantou a vista para encontrá-los olhando-a. O passo vacilou e, recuperando-se rapidamente, dirigiu-se para eles.



—Está aí! Cavalheiro, solicito-lhe um cavalo. Esta suja aldeia me aborrece. Seja um bom homem, e me acompanhe para que possa conseguir o tão necessário exercício.

O rancor de Isabel se levantou. A mulher atuava como se ela fosse a Rainha da Inglaterra, não uma refugiada.

—Nay, as instruções de Rohan foram claras. Ninguém deve deixar a aldeia por nenhuma razão.

Deidre trocou de tática. Relaxou o corpo e o sorriso se voltou convidativo. Em um lento e sensual passeio, ela se deslizou perto do cavalheiro normando. Colocando as mãos em seu antebraço, olhou-lhe com os olhos azuis escuros e brandamente adúlou.

—Por favor, senhor? Assumo toda a responsabilidade por minha pessoa. Seu senhor entenderá.

Wulfson retirou a mão de sua pessoa e negou com a cabeça.

—Nay. Tenho minhas ordens.

Estendeu o braço para Isabel, quem tomou e se afastaram, deixando Deidre lhes amaldiçoando em silêncio a ambos. Uma vez no salão, Isabel foi ordenar a comida. Quando vários dos soldados, entre eles Wulfson, sentaram-se para comer, Isabel sigilosamente fugiu da cozinha ao pátio e, depois, correu para o estábulo, para ver um brilho de tecido amarelo desaparecer no bordo da espessura do bosque. Deidre.

Isabel olhou por cima do ombro e não encontrou olhos desconfiados sobre ela. Teve uma fugaz pontada de culpabilidade. Wulfson estaria furioso com ela. Mas não tinha intenção de perder muito tempo. Tomando uma profunda respiração, sabendo que a mulher saxã andava tramando algo mau para alguém no Rossmoor, Isabel, também desapareceu no bosque.



CAPÍTULO 19

Guiando-se pelo aroma da fumaça e com as indicações de Russell, Rohan e seus cavalheiros não demoraram em chegar à pequena clareira junto ao rio. Seus olhos se encontraram com algo que teria perturbado à maioria dos homens, mas depois da anterior fogueira de corpos e o que tinha visto em sua curta vida sobre esta terra, não existia nada que afetasse Rohan tão profundamente para deixá-lo incapacitado.

Mas isso não significava que não tivesse compaixão. Nay, seu sangue gelava ante a vista que tinha diante. A ira se inflamava e lhe esquentava o estômago. De cima de seu cavalo, jogou uma olhada à terra empapada de sangue. Várias mulheres tinham as saias levantadas sobre as cabeças, deixando assim expostas as partes íntimas; sem dúvida tinham sido horivelmente abusadas e a maioria jazia pulverizada pelo duro chão, em posições forçadas. Vários homens, com partes do corpo esquartejadas, salpicavam a paisagem. E parecido na terra, maltratado pela batalha, o estandarte do corvo branco e negro do rei nórdico zombavam arrogantemente dele. O sangue de Rohan ferveu. Olhou a seu amigo, sabendo que aquele estandarte evocaria amargas lembranças.

—É um truque. —disse Thorin brandamente, a voz apenas um sussurro— Meu pai está morto.

—Aye, talvez tenham familiares que procuram vingança.

—Meus familiares me envergonham com esta carnificina. Se apresentasse a possibilidade, mostraria-lhes o que é uma verdadeira tortura.

Rohan olhou ao cavalheiro torto, sabendo muito bem de que falava.

—Os nórdicos foram muito longe.

Warner se aproximou, com seu corcel empinando-se ao sentir o sangue no ar.

—Parece-me, Rohan, que esses demônios estão empenhados em zombar. Acha que seu jogo é para nos fazer sair?

Rohan assentiu.

—Estou seguro disso. —levantou a mão para pedir silêncio— Escutem. —disse.

Warner olhou a Rohan, depois ao espesso bosque que lhes rodeava.

—Não se escuta nada.

—Exatamente. Nem sequer das profundidades do bosque nem ao longo da borda do rio, escuta-se algum ruído. As criaturas que o habitam estão em silêncio. Nosso inimigo está perto. —Rohan instou a seu cavalo para a borda do rio. O rastro era claro, um aberto convite a segui-lo. Voltou-se para o Russell, justo quando o menino se recuperava de vomitar as tripas pela vista dos corpos destroçados— Este lugar é o menos profundo para cruzar?

—Nay, é mais abaixo. Pela pequena curva.

—O que há do outro lado? —perguntou Rohan.

O menino empalideceu.

—As covas encantadas do Menloc.

Rohan jogou a cabeça atrás e riu.



—Haverá mais fantasmas quando terminamos com eles. —se voltou para seus cavalheiros— Depois de que cruzemos e sigamos o rastro, se desdobre, em leque a uma distância ao menos dez corpos de cavalo.

Os corcéis tomaram o caminho através da ervas e silvas, com as orelhas para trás e os músculos tensos, preparados para esmagar ao inimigo. Rohan e seus homens se adentraram profundamente no bosque, seguindo o rastro marcado, com os olhos e os ouvidos alertas.

—Tomem cuidado. —advertiu brandamente— A trilha de migalhas está claramente marcada para nós.

Momentos depois, Rohan avançou e soube que sua presa estava perto. Suspeitava que se introduzisse diretamente na armadilha, como era sua intenção. Em um rápido movimento, fez um círculo com a mão, e seus homens formaram em um semicírculo impenetrável. Elevando a lança curta, fez ressonar o grande grito de batalha, enviando às aves, os esquilos e as raposas a procurar refúgio.

Quando o grito de morte se apagou, os cavalheiros carregaram, e os fantasmas do bosque se elevaram, respondendo com seu próprio grito de batalha. O que momentos antes tinha sido um bosque silencioso agora era um enxame de nórdicos armados com tochas de guerra, acompanhados de vários dos homens de Harold ainda empenhados em conseguir a vitória ao final do dia.

Enquanto Isabel andava através da pequena clareira e se detinha, examinava o bosque. Embora estéril, ainda havia muito mato e sarça para obstruir a vista. Em nenhuma parte se via a musselina amarela das roupagens de Deidre. Tremendo de frio, olhou por cima do ombro, debatendo-se entre retornar ao castelo ou continuar a busca da mulher saxã. Uma voz interior lhe dizia que essa mulher era uma traidora.

Isabel se forçou a continuar até chegar a um atalho bem definido. Quando girou em uma curva, esticou-se. Um homem se aproximava. Por seu comprido cabelo e barba, soube que era um saxão. E as ricas roupagens, diziam que não era um caipira.

Quando a viu, o rosto se iluminou, e acelerou o ritmo. A precaução prevaleceu. Isabel ficou em pé, com a mão no punho da adaga, pronta para defender-se.

—Lady Isabel! —gritou, aproximando-se. Ela enrugou o cenho, confusa. Não reconhecia aquele saxão. Continuou andando para ela, com a cara radiante.— Sou eu, Cedric, o administrador de Lorde Dunsworth.

A lembrança floresceu e com ele mais confusão. Por que não estava com o Arlys?

Ele se fez o sinal da cruz várias vezes e fez uma profunda reverência.

—Louvado seja Deus que está aqui. Vim por você.

Mais confusão reinou na cabeça.

—Por quê?

—Milord me mandou para lhe levar a ele. Deseja procurar casar-se com você a toda pressa.

Ante as palavras de Cedric, o coração da Isabel retumbou no peito.

—Como está seu senhor?

—Está bem. Faz planos. Manifestações de apoio ao jovem Edgar. Oramos por seu apoio. Venha comigo agora. Está cada vez mais ansioso por você.



Por muito que desejasse estar livre dos normandos, Isabel vacilou.

—Não posso deixar a minha gente, Cedric.

—Mas seu prometido deseja que vá com ele.

Ela negou com a cabeça.

—Temo-me que isso não é possível agora mesmo, Cedric. Eu...

—Milord tem notícias de seu irmão, Geoff.

Levantou bruscamente a cabeça, e o coração acelerou no peito. Não havia palavras mais doces para os ouvidos.

—Vive?

Cedric sorriu e assentiu.

—Aye, mas está ferido, e a menos de um duro dia a cavalo daqui. Venha comigo, Lady Isabel. Venha comigo para seu senhor, e te levarei até ele.

Isabel assentiu, mas ainda duvidava. A indecisão travava uma guerra em seu interior. Desesperadamente, queria ver seu irmão e lhe atender. Lhe trazer para casa. Mas o que aconteceria com Rossmoor? E com Arlys? Estremeceu-se, o frio não tinha nada que ver com seus calafrios. Nay, tinha que ver com os pensamentos de um inquietante e escuro normando. Sofreria sua gente sob sua ira?

—Venha agora, pode ficar pouco tempo. —urgiu Cedric.

Isabel deu um tentativo passo adiante, depois outro e outro. Só tinha um irmão. Veria-lhe.

À medida que avançavam pelo atalho, um grito que gelava os ossos das profundidades do bosque lhes deteve. Cedric ficou pálido e a olhou com os olhos escancarados. Soava como se a morte se elevasse e fosse à caça de almas. Isabel se abraçou com força, a falta do manto.

—O que foi isso? —perguntou sem fôlego.

Agarrou-a pela mão e a puxou para o horripilante som.

—O grito de batalha do diabo, milady.

Isabel se deixou arrastar pelo atalho, depois profundamente no bosque, longe de Rossmoor, da gente que, mas a necessitava. Mais perto dos assaltantes dos que inclusive Rohan não tinha podido submeter. O passo se fez mais lento, mas Cedric a puxou mais forte. Se o que Cedric dizia era certo e seu irmão jazia ferido, devia ir com ele, mas não assim. Por muito que ansiava lhe ver e lhe trazer para casa, as probabilidades de que chegasse com segurança a seu destino eram escassas. Mas mais que isso, sua gente a necessitava. E se era honesta consigo mesma, não queria ver Arlys. Ainda não.

Puxou a mão liberando-a do agarre do administrador. Ele se voltou abruptamente e a agarrou de novo.

—Nay. —disse ela, sacudindo a cabeça— Não posso ir com você agora. Minha gente necessita de mim. Alguns ainda se escondem no bosque. É meu dever os convencer de que saiam.

As sobancelhas leonadas de Cedric se uniram.

—Mas milady, não deseja ver sir Geoff antes que se reúna com o criador?

Isabel tragou com dificuldade, e as mãos tremeram.



—Aye, desejo, mais que tudo, mas se vive agora, viverá o suficiente para que eu vá a ele. Devo voltar para Rossmoor. Cedric, dê minhas desculpas ao Lorde Dunsworth. Diga-lhe que lhe desejo o melhor e que espero vê-lo logo.

Voltou-se e se afastou dele, mas Cedric a deteve lhe rodeando o braço com a mão. Isabel se voltou e se deteve em seco. Os olhos de Cedric trocaram de quentes e amistosos a escuros e perigosos. Lentamente, ele sacudiu a cabeça.

—Minhas instruções foram claras. Não voltar sem Lady Isabel. Não decepcionarei o milord.

Ela retirou o braço, mas ele a agarrou de novo.

—Arlys compreenderá minha lealdade ao Rossmoor. Certamente, poderá lhe fazer entender.

—Nay. Há mais que isso. Requer seu tesouro. Milord levanta um exército. Muitos vêm do norte para lutar por nossa causa. Quando triunfar, suas terras serão restauradas, assim como as de todos os saxões.

—Isso é uma loucura agora mesmo! William tomou Londres por assalto. Seus cavaleiros rondam pela campina inglesa armados até os dentes. Há rumores que tem milhares de mercenários mais a caminho. Não é o momento adequado!

—Aye, é! O Witan é forte. Os nobres estão se reunindo. Agora é o momento! Interporia-lhes no caminho de Edgar, o legítimo rei?

Isabel sacudiu a cabeça.

—Nay. Apóio ao Edgar e farei minha parte para lhe ver reclamar seu direito ao trono, mas não sou tão ingênua para acreditar que William pode ser dominado agora. Sua campanha é impiedosa. Deixará a ilha inteira limpa de ingleses.

Cedric sacudiu a cabeça. Isabel persistiu. Agarrou-lhe as mãos e lhe suplicou.

—Estas últimas noites os *Les morts*, seu esquadrão da morte de elite, residem no Rossmoor. Ouvi-os falar. Não só William tem apoio no Westminster, mas sim seu exército segue sendo forte. Tem arcas para apoiar sua reclamação. Prevalecerá se for desafiado agora.

—Há mais em jogo.

Isabel o olhou

—Que mais?

—É digna de um forte resgate.

Isabel riu, o som amargo.

—Quem pagaria boa prata por mim? Fui reduzida a uma escrava.

—Do Monfort mostrou interesse.

Isabel ofegou e se deu conta de algo.

—É uma armadilha! Arlys não te enviou por mim! Cedric, como pudestes me enganar?

À medida que se apartava, ele se movia para ela.

—Pela causa, milady. Do Monfort tem dinheiro, e está disposto a desprender-se de uma boa soma para te ter.

Isabel sacudiu a cabeça.

—Nay! Não irei com ele. Terá que me matar primeiro!



Em uma violenta reação ao desafio, Cedric a golpeou na cara, com tal força que a atirou ao chão do bosque. O impacto e a aguda dor na mandíbula a aturdiram. O acobreado sabor do sangue encheu a boca.

Cedric a levantou lhe pegando o braço e a empurrou para diante.

—Tome cuidado, milady, somos homens desesperados em tempos desesperados. Se o diabo normando lhes quiser e está disposto a pagar, então lhes terá!

—Mentistes a respeito de Geoff!

Cedric assentiu.

—Aye, e lamento lhe dar esperanças, mas não sabia outra maneira de fazer que viesse comigo. —tirou uma espada curta do cinto e a pôs contra o ventre dela.

—Caminhe, e não trate de fugir de mim. Arrepender-se.

Isabel se voltou na direção pela que tinham andado. Aferrou-se aos conhecimentos, enquanto Cedric podia ter a vantagem da força, ela conhecia a disposição da terra. Além disso. Isabel afogou um pequeno soluço. Ela e Geoff tinham matado a muitos dragões imaginários nesses bosques, e não estavam longe das cavernas. Estremeceu-se, mas decidiu que iria melhor com a bruxa que com o Henri do Monfort.

Vários passos por diante de Cedric, tropeçou e caiu sobre as mãos e joelhos. Quando o administrador se moveu a endireitá-la, Isabel rodou com força de encontro as bolas dele. Enquanto ele caía para trás, apressou-se a ficar em pé e correu por sua vida.

Cedric gritou que se detivesse, lhe oferecendo a glória que teria junto a ele e Arlys, lhe prometendo que uma vez que o resgate fosse pago, eles a liberariam. E nesse momento, Isabel soube que Arlys estava tão envolto na artimanha, como seu administrador. Embora não desejasse casar-se com o conde, sua traição lhe causou grande dor. Ela não era mais que um peão para esses homens. A ira a impulsionava para frente. Não o desejo da glória que lhe pudesse oferecer nenhum homem. Preferiria viver uma vida de solidão. Então, mergulhou-se de cabeça no bosque. Enquanto subia uma colina, perdeu o equilíbrio e se derrubou por uma costa íngreme. Rodou sem cessar, os ramos e as folhas lhe arranhavam a pele, e a dureza da terra lhe tirava o fôlego do peito.

Quando o corpo finalmente se deteve contra uma enorme rocha, ficou com a cara plantada na terra gelada e argilosa. O som de pesados passos detrás dela a impulsionaram a seguir. Ignorando a dor nas extremidades, ficou em pé rapidamente, olhou para cima e gritou.



CAPÍTULO 20

Mais de uma vintena de homens armados levaram contra os cavaleiros normandos. Rohan executou com a lança ao primeiro dentro de seu alcance. Puxou liberando a arma do guerreiro caído, e com a mão direita tirou a espada e a baixou para dar o golpe final, lhe separando a cabeça do corpo.

Rohan rugiu quando um cavaleiro lhe fez um corte na pantorrilha, a lâmina mordeu o grosso couro que rodeava as botas e a cota. Enfurecido, Rohan chutou ao atacante lhe afastando. Atirou a lança curta no viking. Golpeou-lhe com êxito lhe atravessando o pescoço. O homem gorjeou ao lhe brotar sangue da boca, e caiu morto no chão do bosque.

Rohan instigou ao garanhão para que avançasse na guerra. Dois saxões bramindo tochas lhe atacaram. Mordred os atravessou, com a armadura de pontas agudas cravando-se nas coxas dos homens. Rohan se lançou a esfaquear a um, e o outro que agora estava atrás dele e que tinha conseguido recuperar o equilíbrio, encontrou-se com um reverso da lâmina de Rohan profundamente nas vísceras.

Girando o garanhão em círculo, Rohan carregou sobre três vikings que se inclinavam para cortar ao Russell em pedaços. Quando Rohan moveu a poderosa espada sobre as cabeças as cortando e estas caíram ao chão. Russell empalideceu.

Rohan franziu o cenho e atirou das rédeas do cavalo.

—Vamos, moço. William querará cavaleiros saxões capazes.

Os olhos de Russell se abriram amplexivamente, e imediatamente Rohan deu a volta na cela, justo quando a lâmina de um machado de combate lhe passava por diante da cara. Sentiu a brisa mover-se muito perto. Cravou a espada no peito do homem que a dirigia. Voltou-se para o Russell para lhe encontrar ocupado com um homem que tinha chegado pelo outro flanco de Rohan. Contando com que isso não fosse uma ameaça imediata para ele, e que os cavaleiros de Rohan tinham reprimido suficientemente o ataque, chamou Warner ao ver que vários homens fugiam pelo bosque.

—Procurem que esses covardes não vejam o próximo amanhecer!

Rohan se voltou e viu como o jovem escudeiro atacava e rechaçava com a lança curta ao último dos nórdicos que tinha escolhido ficar e lutar. Russell poderia ser superado, desarmado e vencido pela experiência, mas Rohan manteve a posição. Não havia melhor experiência para um jovem guerreiro que uma batalha real.

E quando os cavaleiros se reuniram ao redor do casal em duelo, o nórdico soube que estava condenado ao fracasso, e não pelo menino de cabelo vermelho contra o que lutava, mas sim pelos cavaleiros negros que lhe rodeavam.

Em um último esforço, o viking deixou escapar um horripilante grito de batalha, e sabendo que logo se reuniria com Wodin²⁷, baixou o machado de batalha para o golpe final justo quando Russell investia por última vez com a dança. Russell ficou pequeno. Os olhos azuis do menino se dilataram de terror.

²⁷ **Wodin:** Um dos nomes pelo que se conhece a Odín, deus viking. Divindade suprema, fonte de todo bem e pai de todos os deuses. Era a divindade da guerra, das ciências e das artes. Segundo os povos que lhe rendiam culto, se chamava também Wodan, Wodin, o Wotan



Rohan tirou a espada, cortando a mão do viking que sujeitava o machado. O nórdico gritou de dor, depois ficou em pé em atônito silêncio enquanto olhava o membro sangrento que uma vez tinha sido a mão.

Rohan desmontou e se dirigiu para ele com a espada levantada. Com tranquilidade, pressionou a ponta sobre o peito do homem.

—Quem o enviou? —exigiu.

O viking sacudiu a cabeça, com os olhos muito abertos.

—Diga-me isso ou perderá um membro cada vez que negue. —Rohan se aproximou cravando a ponta da espada sobre a grossa pele que cobria o peito do homem. Quando se negou a responder, Rohan lhe cortou o braço direito.

O homem gritou e caiu de joelhos. O sangue brotava em um arco alto do ombro. Rohan levantou a espada de novo, esta vez com a intenção de lhe cortar o braço esquerdo.

—Hardrada! —gritou o nórdico.

Rohan pressionou a espada no ventre do homem.

—Hardrada está morto.

O viking levantou o olhar, através dos olhos entreabertos, a violência ardia quente neles.

—E assim estará quando o diabo vier por você!

Rohan rugiu e lhe cortou o braço esquerdo. O viking caiu de costas sobre a terra. O sangue brotava de ambos os cotos. Fechou os olhos e exalou:

—O diabo reclama o que lhe corresponde.

Com ambas as mãos, Rohan tomou a espada e a afundou profundamente no peito do guerreiro, lhe trespassando no chão como um javali atravessado.

Russell sufocou quando Rohan retirou a lâmina e a levantou em alto no ar. O sangue de meia vintena de homens se mesclava nela.

Rohan dirigiu um olhar sagaz sobre o escudeiro.

—Sua senhora sacrificou muito por sua vida, menino. Procurarei que volte para casa vivo no dia de hoje.

Russell assentiu e tragou com dificuldade. Inclinou a cabeça e murmurou:

—Agradeço-lhe minha vida, milord.

Rohan se inclinou e limpou o sangue da espada sobre a perna do viking. Voltou-se para Russell.

—Faria bem em treinar mais freqüentemente com meus homens. A próxima vez, talvez não possa estar tão disponível.

Russell assentiu rapidamente com a cabeça, enquanto lhe voltava à cor. O estrondo de cascos de cavalos à carga irrompeu na clareira da matança. Warner levantou a espada empapada em sangue, saudando Rohan.

—Demos aos covardes a viagem ao inferno que mereciam.

Rohan assentiu e embainhou a espada. Montou e apoiou as mãos protegidas por manoplas no alto da cela, inclinando-se para inspecionar a matança.



—Parece-me, meus bons companheiros, que temos dois grupos diferentes de assaltantes entre nós. Cavalheiros armados e soldados a pé.

Thorin se aproximou de Rohan.

—Aye, estes homens são dirigidos por algo mais que a vingança.

—De fato, Rohan, —disse loan atrás dele— o diabo tem feito seu trabalho aqui.

Um forte calafrio transpassou o corpo de Rohan. Lhe arrepiaram os cabelos da nuca.

—Aye, e quem mais leva o nome com tanto aprumo?

—Henri? —apontou Warner.

Rohan assentiu.

—Aye, o coração de meu irmão está cheio de ódio. Trata de destruir tudo o que cobiço.

Warner sacudiu a cabeça.

—Mas Rohan, não tem dinheiro para pagar a estes homens.

—Pode prometé-lo. —interveio Thorin— Também pode dar promessa de terras. Não é essa a razão pela que todos estamos aqui?

Warner assentiu.

—É um tolo pensando que pode nos vencer, Rohan.

Rohan dirigiu seus arreios para onde jazia morto um dos saxões. Desmontou e elevou a cota de couro do homem, revelando a túnica. Uma raposa vermelha sobre um campo verde lhe devolveu o olhar.

—São as cores do conde, o prometido de Lady Isabel. —Rohan arrancou a parte de tecido das roupas e o meteu na cota, depois montou. Borbulhou de ira. Estaria a donzela envolta? Estava em contato com o conde?

Rohan girou em circulo os arreios, e disse para ninguém em particular:

—Montemos e procuremos meu irmão.

Quando Isabel retrocedeu, o corpo de Cedric golpeou fortemente contra ela, enviando-a enfraquecida para diante, onde caiu uma vez mais sobre o duro chão. O suave aroma argiloso se mesclou com o fedor da carne podre. Gritou de novo, o som se enterrou na terra. Cedric a levantou puxando-a pelo cabelo. Levantou a mão para golpeá-la de novo, mas o braço ficou paralisado no ar. Os olhos se exageraram, ficando quieto.

Isabel seguiu seu olhar, conhecendo o repugnante espetáculo que tinha causado seu grito. Em um grande semicírculo ante eles, várias lanças com cabeças decapitadas em diversos graus de decomposição olhavam horivelmente para eles. A advertência aos intrusos era clara.

—É obra da bruxa. —exclamou Cedric. Apertando-a mais forte contra ele, retrocedeu lentamente afastando-se da horrível visão.

Com seu engenho recuperado depois da comoção, Isabel lhe arrancou o cabelo das mãos. Surpreendentemente, Cedric não lutou contra a ação.

Isabel utilizou seu temor para fortalecer a posição.



—Aye, é Menloc. Deveria chamar à bruxa?

Cedric empalideceu e sacudiu vigorosamente a cabeça.

—Nay!

Isabel sorriu, lutando contra seu próprio temor. Cedric agora estava preocupado por seu próprio bem-estar. Lentamente, Isabel se afastou dele, para as lanças.

—Ela vaga por este bosque em busca de violadores e saqueadores, conforme dizem, por vingança contra suas próprias filhas violadas, e seu marido assassinado.

—Cale a boca. —sussurrou, não querendo atrair à bruxa.

Isabel levantou a voz.

—Oxalá pudesse lhe dizer que está disposto a me vender ao mesmo diabo pelo direito à terra!

Cedric lhe suplicou com os olhos que guardasse silêncio. Não o faria. Isabel assinalou uma cabeça fresca. Uma de um viking.

—Um de seus homens pago, Cedric?

Sacudiu a cabeça, mas não com a convicção de um homem inocente. Suas motivações começaram a ter uma forma definida, e a fúria cresceu nela.

—Você e Arlys prometeram aos nórdicos terra e riqueza, aterrorizando a seu próprio povo?

Permaneceu em silêncio, mas o ódio nos olhos dizia a verdade.

—Por que Cedric? Por que assassinar a sua própria gente?

—Voltamo-nos contra aqueles que decidiram não lutar contra os normandos.

Isabel sacudiu a cabeça.

—Está equivocado. São os normandos os que agora nos dão amparo! —apertou os punhos aos flancos— É um ignorante!

Ele se aproximou, esquecendo-se da bruxa.

—Nay, o tesouro de seu pai é bem conhecido. Com isso, e o resgate do diabo normando, seremos capazes de comprar os melhores mercenários. Com eles teremos êxito! —agarrou-a por braço e a arrastou para a colina— Faço o que devo pelo bem da Inglaterra. Se isso significa que uns poucos de nós devemos cair para salvar o trono, então que assim seja.

—É um louco por pensar isso, Cedric. Inglaterra está perdida. —quando Isabel disse as palavras, soube que eram a verdade. Os normandos eram ferozes e determinados, os saxões também, mas a diferença era que enquanto uns poucos como Cedric e Arlys estavam dispostos a sacrificar a alguns de seus compatriotas, os normandos estavam dispostos a apagar a raça inteira da face da terra. Estremeceu-lhe o peito quando um forte soluço a rasgou. Quentes lágrimas seguiram. A batalha estava perdida, continuar a luta significava mais miséria. Endireitou-se, jogando os ombros para trás e inalou— Não lhe vou ajudar, Cedric, a nenhum nível. Minha palavra é para minha gente, e os mantereirei a salvo a toda custo. E isso inclui os manter a salvo de você. Se isso significa aceitar ao William, então assim será.

A cara de Cedric se voltou uma sombra assassina de vermelho, e Isabel soube que estava em sérios problemas. Tinha perdido o tênue domínio da prudência. Deu-lhe um forte chute na canela, depois lhe deu um murro com todas as forças na virilha. Ele grunhiu, inclinando-se, e Isabel lhe deu um joelhada forte no ponto sensível. Voltou-se para fugir em direção às covas, mas ele a agarrou pela larga



juba, e a atirou para trás tão forte que caiu de costas. Durante um momento Isabel só viu negro. Fechou os olhos e conteve o fôlego, depois os abriu ante a escassa luz que se filtrava pelas espessas copas das árvores, sobre ela.

Cedric se agachou para agarrá-la, mas um estrondo longínquo de cascos lhe deteve. Uma aguda gargalhada acrescentou mais tensão no ar. Isabel se sentou e se voltou para o som além das cabeças nas lanças. O sangue gelou nas veias.

Os rumores eram certos.

Uma velha arpia, encurvada e vestida com roupas esfarrapadas se arrastava para eles. Cantava em voz baixa, em uma língua estrangeira. A larga trança branca estava descuidada, e uma franja de prata lhe cobria o rosto.

Assinalou com um comprido dedo ossudo ao Cedric lhe enganando.

—Venha, saxão, venha para mim para que possa acrescentar sua cabeça a minha coleção. — para alguém tão velho e de aparência tão débil, a voz era clara e forte.

Surpreendentemente, Cedric se manteve firme.

—Vá, bruxa! Meus assuntos não lhe dizer respeito! —gritou, mas deu um comprido passo para trás ao mesmo tempo. Arrastou a Isabel com ele.

Agarrando o cabelo pela base do crânio, Isabel puxou fortemente arrancando-o da mão. Contando com que não estava segura se era a ação correta, Isabel se aproximou da velha, quem não parecia emprestá-la atenção, mantendo os olhos negros centrados em Cedric, o qual não a seguiu.

—Venha, saxão. —enrolou com a mão como uma garra tendida em convite— Venha para mim, e viva a dor daqueles que traístes.

Cedric trágou com dificuldade, mas quadrou os ombros.

—Dê-me isso bruxa, ou voltarei com um exército para tomá-la.

A mulher riu ironicamente.

—Não há nenhum exército com o poder de transpassar minha magia. —levantou a vista para Isabel, os olhos escuros não brilhavam com loucura, a não ser com completa lucidez.

Nesse momento Isabel perdeu o medo da mulher. Tinha sabido seu pai que não lhes faria mal? Uma calma surpreendente a encheu. Por perturbada que parecesse estar à mulher com o discurso sobre seu poder mágico, Isabel sabia que não estava em perigo com ela.

—Quem é? —exigiu Cedric.

A mulher cacarejou outra vez.

—Sou Wilma, guardiã do Menloc e daqueles corações verdadeiros que permaneçam pertos. —entrecerrou os olhos, e apontou com o dedo ao tremente saxão— E seu coração está negro de mentiras. As almas inocentes clamam por vingança. —se aproximou um passo. Cedric retrocedeu outro— Vejo tudo o que acontece nestes bosques, saxão. Conheço seus propósitos. Sei que planeja. —riu, o rangido estalando em sua garganta. Foi atacada por um ataque de tosse. Uma vez que se acalmou, voltou os olhos chorosos a Cedric— Sei quem planeja junto a você!

Cedric deu um valente passo adiante.

—Se souber tudo, Wilma do Menloc, então saberá que o diabo a terá a todo custo! Dê-me ela para que outros possam viver!



—Nay, saxão. Ela pertence a outro, e quando ele descobrir sua ofensa, sentirá a mordida de sua espada profundamente em suas tripas.

—Lorde Dunsworth nunca levantará armas contra mim! Sou seu leal servo.

Wilma riu de novo, aproximando um passo.

—Louco, o que lhe faz pensar que falo dele?

Isabel ofegou. Se não era Arlys, então quem?

Wilma compartilhou um triste sorriso com Isabel, depois se voltou de novo para saxão.

—Aye. —cantorolou Wilma aproximando— O legado se iniciará em seu ventre. Muito sangue será derramado para conseguir o resultado final. Mas preste atenção as minhas palavras, saxão, não brotará sangue da Inglaterra de suas vísceras.

Isabel tremeu no ar gelado, as palavras de Wilma lhe causavam grande preocupação. Se não ia casar se com um saxão, então...? O coração lhe saltou no peito. Nay! Não ia dar a luz um bastardo!

Cedric ficou em silencio durante um comprido momento, analisando as palavras da mulher. A fúria nublou o rosto carmesim. Abria e fechava os punhos aos flancos. Como se tivesse tomado uma decisão, assentiu. Lentamente, tirou a espada curta.

—Então derramarei seu sangue agora, para pôr fim ao legado antes que comece!

Saltou para Isabel. Mas Wilma se jogou entre ela e o enlouquecido saxão.

—Corra, garota, corra às covas! —gritou.

Isabel se voltou para fugir, mas não podia deixar que a anciã caísse por ela. Agarrou uma grande rocha do chão, e quando Cedric levantava a espada para cravá-la no ventre de Wilma, deixou-a cair com toda sua força sobre o crânio. Ele moveu a cabeça a tempo para escapar da pior parte do golpe, mas foi suficiente para lhe fazer perder o controle sobre Wilma. Isabel a agarrou levantando-a e se voltou para fugir com ela. O chão sob os pés se estremeceu. Cavaleiros!

—Apreste, Wilma, devemos fugir agora.

A anciã não se moveu. Em seu lugar, um sorriso torceu os magros lábios.

—Nay, moça, ficarei e confrontarei ao diabo.

Isabel ofegou quando Henri irrompeu através da espessura a sua esquerda, vários de seus homens lhe seguiam de perto. Cedric rodou por debaixo das patas dos cavalos, os quais lhe teriam despedaçado se não tivesse atuado tão rapidamente.

O garanhão baio de Henri empinou, rasgando o ar com as patas. Depois de ficar sobre as quatro patas soprou nervosamente, chutando o duro chão. Henri tirou o elmo, o sorriso tão parecido com o de Rohan, gritava vitória.

—Então nos encontramos de novo, Isabel.

Henri desmontou. Isabel retrocedeu. Cedric, em um ato de submissão, fez uma reverência ao diabo.

—Milord, —disse— como prometi, Lady Isabel.

Henri lhe dedicou um olhar superficial, depois se moveu por volta de um de seus homens. O cavaleiro desmontou e tirou a espada. Cedric viu a morte nos olhos do cavaleiro. Deixou-se cair de joelhos, para depois ficar tendido agarrando os tornozelos de Henri.

—Rogo-lhe isso, não o faça! Conheço o lugar onde está escondido o tesouro da dama!



Henri levantou a mão e chutou ao Cedric no queixo, lhe fazendo rodar. Pôs um pesado pé sobre o peito do administrador, tirando a espada. Pressionou a ponta sobre a garganta de Cedric.

—Diga-me isso agora, ou morra.

Cedric abriu a boca, mas as palavras não acudiam.

—Nay! Não lhe mate! —gritou Isabel, apartando-se de Wilma— Suficiente sangue saxã foi derramado por dinheiro. Acabe agora!

Rohan galopou furiosamente para os gritos. Os cabelos da nuca arrepiaram ante o primeiro grito. Era muito familiar. Quando irrompeu na clareira, os olhos foram diretamente ao diabólico cavaleiro e a mulher que agarrava fortemente contra o peito. O saxão ao seus pés se arrastava como uma cadela gemeente. Não muito longe do trio havia uma velha mulher grisalha que parecia estar ao mando da situação. Mais atrás, havia vários homens de Henri.

Rohan atirou das rédeas do cavalo detendo-o vários corpos de distância de seu irmão e dos seguidores atrás dele. Rohan sabia que seus próprios homens estavam preparados para dar suas vidas ante a mais mínima ordem. E, quando o sangue lhe começou a ferver, Rohan pensou que ao final do dia poderia muito bem ver o sangue de seu irmão fertilizando o duro chão inglês. Sua paciência tinha chegado a seu fim.

Henri sorriu, e com Isabel apertada contra o peito se inclinou e estendeu o braço para as cabeças sobre as lanças.

—Irmão, bem-vindo ao inferno!

Os homens de Rohan lhe rodearam, com as mãos sobre os punhos das espadas. Os homens de Henri fizeram o mesmo.

—O que passa aqui? —exigiu Rohan.

Henri jogou a cabeça para trás e riu.

—Parece, querido irmão, que fostes enganado.

Rohan franziu o cenho ante a implicação. Seu irado olhar se fixou em Isabel, que lhe olhava com os olhos exagerados. Lentamente, ela negou com a cabeça.

—Sua senhora foi reunir se com seu amante. Que afortunado é que eu tenha descoberto seu ardil.

—Nay! —gritou Isabel, retorcendo-se nos braços de Henri— É mentira!

Rohan estava quieto, mas alerta na cela. A ira lhe ardia quente no ventre. Os olhos caíram sobre o saxão encolhido aos pés de Henri. Henri apontava com a espada ao homem.

—Lhe pergunte. Dirá-lhe isso.

Rohan contemplou ao homem quando um inesperado aguilhão de ciúmes lhe apunhalou. Enquanto o homem não parecia nada mais que um covarde, as ricas vestimentas falavam de alto berço. Era Dunsworth?

—Quem é você? —exigiu Rohan.



O homem deu a volta para fazer frente à Rohan. Começou a arrastar-se se apartando de Montfort, mas o normando lhe pôs o pé calçado com bota sobre as costas, lhe cravando com força ao chão.

—Fale daí, saxão, e fale claramente para que todos possamos ouvir a verdade.

Rohan ficou rígido. O saxão tragou saliva e o corpo se sacudiu com força sob o pesado pé de Henri, mas quando falou, falou de maneira clara e forte.

—Sou Cedric, administrador de Lorde Dunsworth. Venho para lhe levar a dama a meu Lorde.

—Por que não veio ele mesmo?

Cedric olhou ao Henri, depois a Isabel, logo ao Rohan.

—Ele... tinha assuntos urgentes que atender.

Rohan riu friamente, sem acreditar no administrador. Nem em Henri. Atravessou Isabel com outro olhar. Tampouco acreditava nela. Estava muito longe para que Isabel simplesmente fosse a pé reunir-se com seu prometido.

—A senhora foi com você voluntariamente? —perguntou Rohan brandamente.

O administrador assentiu, sem fazer contato visual com Rohan.

—Aye, verdadeiramente o fez.

Cacarejou a velha.

—O saxão diz verdades pela metade, normando.

—Cale a boca! —gritou Henri.

A bruxa se moveu para Henri, sem o menor indício de temor nos olhos. De fato, a acalmada audácia impressionou ao Rohan.

—Sua sede de vingança será sua perdição, normando. Deixe esta ilha agora, e viverá para se ver senhor de todas as posses de seu pai.

—Está louca, velha! Meu irmão Robert é o herdeiro de tudo o que meu pai considera sagrado!

Ela sorriu, o desdentado sorriso torcido era desconcertante. Esfregando-as mãos juntas, a anciã cacarejou de novo.

—Aye, sir cavalheiro, é o filho menos favorecido. —se voltou para Rohan, depois voltou a olhar a Henri.— O pai inclusive favorece a seu bastardo sobre seu segundo filho nascido nobre!

Henri rugiu de ira, avançando com Isabel frente a ele e usando a de escudo, com a espada pressionando a veia vital do pescoço.

—Como sabe isso? —exigiu Rohan.

Ela voltou os olhos escuros sobre Rohan.

—O bosque me sussurra seus segredos. —os olhos da anciã se moveram desde Henri ao administrador, depois a Rohan e mais à frente. Moveu-se lateralmente, afastando do filho nascido nobre.

—De que loucuras fala, mulher? —exigiu Rohan.

Ela deteve os movimentos laterais e olhou larga e duramente a Rohan. Apesar dos desvarios enlouquecidos, os olhos eram claros e lucidos, e continham uma profunda sabedoria que tinha visto em



poucos homens e mulheres. Arrepiou-se ao pensar em A'isha. Tinha os mesmos olhos cheios de sabedoria que ela.

—Sou Wilma do Menloc, vidente do indigno. —os olhos passaram de Rohan até Thorin, tocando a cada um dos homens antes de aterrissar sobre Isabel, depois voltando sobre Rohan. Levantou as mãos ao céu.— Nas masmorras do inferno lhes destes suas palavras uns aos outros. Para que o juramento solte raízes, cada um de vós deverá semear sua semente profundamente entre coxas da Inglaterra. Mas antes de cada acoplamento, o sangue deve ser derramado, porque só o sacrifício de sangue acalmará a fúria da Espada de Sangue!

As palavras surpreenderam ao Rohan. Quando olhou a seus homens, viu-os igualmente surpreendidos. Quando olhou ao Henri, viu o assassinato em seus olhos.

—Cavalheiro normando, parente bastardo do bastardo duque, deixe sua marca e faça-o seguro, porque se não o fizer, o legado morrerá antes que respire a vida! —Wilma se voltou e olhou a Isabel do Alethorpe— Seu destino está claro, filha virgem da Saxonia. Se prepare!

Com essas últimas palavras, Rohan sentiu como se tivesse sido golpeado por um raio. Seu peito foi arrojado para o céu como se uma corda o tivesse jogado, antes de ser bruscamente liberado. Com uma claridade que nunca tinha experimentado antes, compreendeu que seu destino estava com a donzela. Tinha-o sabido do momento em que lhe tinha desafiado das muralhas do torreão, ela estava destinada a ser dele. Agora não podia negá-lo mais. Nem queria fazê-lo.

O corpo gelou, e antes que o sangue se degelasse se esquentou. Voltou-se para Isabel, que estava em pé pálida entre os braços de Henri. Uma feroz possessividade arraigou no coração de Rohan. Entretanto, uma acalmada determinação atirou dele mais forte.

—Henri, libere à donzela. —disse Rohan com a voz apenas audível, mas mesclada com um aço temperado que o nobre não podia negar.

Quando não a soltou, Rohan desmontou. Assinalou silenciosamente a seus homens, e no que demorava uma piscada, os cavaleiros tinham os arcos preparados com flechas. Os lábios de Henri se retorceram com um sorriso demente. Assentiu como se se alegrasse do jogo mortal, depois levantou o pé do administrador e moveu Isabel para trás afastando-a de Rohan, para as cabeças nas lanças.

—Meus homens nunca erram seu objetivo. Solte à donzela. —disse Rohan de novo.

—Homens! —gritou Henri. Em resposta, seus seis cavaleiros tiraram as espadas.

Rohan pôs-se a rir, enfrentando a ameaça de Henri.

—Morrerão antes que possam atacar. —avançou para seu irmão em retirada— Libere à donzela.

—Libere, segundo filho! —exigiu a velha— Se não o fizer, sua cabeça adornará minha lança.

Rohan olhou ao covarde administrador esconder-se no limite da clareira.

O sentido das palavras da bruxa finalmente chegou ao Henri. Grosseiramente olhou ao redor. Os homens de Rohan tinham duas flechas preparadas em cada um dos arcos, lhe apontando diretamente à cabeça.

—Está condenado, irmão. Libere à donzela. —disse Rohan com suavidade, aproximando-se.

Henri sorriu, os olhos serenos. Depois com um rápido movimento, rasgou o vestido de Isabel pela metade, expondo os peitos nus.

—A profecia da velha morrerá aqui e agora! —empurrou Isabel pelas costas com o joelho, forçando-a a arquear-se para Rohan. Quando Isabel tratou de proteger-se, Henri apartou as mãos e



apertou mais forte a espada na carne branca do pescoço. Rohan rugiu e se moveu para seu irmão. Quando Henri agarrou um peito e esfregou um mamilo entre o polegar e o indicador, Rohan viu tudo vermelho.

—É bastante digna de resgate, irmão. Muito mais doce que Eleanor. Sabia que o prometido da dama está disposto a pagar por ela?

—Libere-a. —ordenou Rohan.

—Farei-o. Mas primeiro, irmão, tirarei de você o que me roubou.

Quando se moveu para empurrar Isabel de volta ao espesso bosque, foi repentinamente jogado pelos ares.

Rohan e seus homens ficaram com os olhos muito abertos, boquiabertos. Henri pendurado do pé direito, balançando-se para diante e atrás de barriga para baixo, pendurado por uma grossa corda atada a um robusto carvalho. Os gritos de frustração ressonaram por todo o bosque. A velha riu tão forte que tossiu. Os homens de Henri pulavam para baixo ele, olhando para cima, não seguros de como liberar a seu senhor. Com todos os olhos sobre o problema de Monfort, Isabel se lançou para Rohan, mas foi agarrada pelo administrador que se manteve enfocado somente na donzela, e tinha agarrado a espada de Henri de onde tinha caído ao chão. Como Henri fez antes, o administrador pressionou a lâmina contra o pescoço de Isabel.

Apesar de que se mantinha firme, os olhos do homem imploraram ao Rohan que lhe compreendesse. Não o fez.

—Me perdoe, Sir Rohan, mas minha lealdade jaz primeiro com meu Lorde, e insistiu que lhe levasse a sua dama a toda custo.

Rohan se dirigiu para ele, com o corpo tenso e quente. Não via nada exceto a pálida mão trememente do saxão, e a espada no pescoço de Isabel. A visão do corte e o sangue vital gotejando pouco a pouco, nublaram-lhe a vista com ira, mas, mais que isso, o estômago lhe retorceu de dor. Iria ao inferno antes de permitir que afastassem Isabel dele.

—Me perdoe, saxão, mas minha lealdade está com a dama! —antes que o saxão soubesse de que falava, Rohan agarrou Isabel com uma mão e afundou a espada profundamente no ventre do homem com a outra.

Isabel gritou.

A bruxa riu com autosatisfação.

—Como estava predito!



CAPÍTULO 21

Rohan tirou o sobretudo e o passou pela cabeça de Isabel. Ela estremeceu de frio, mas mais pela comoção de tudo o que acabava de acontecer. O intumescimento a impediu de ficar completamente histérica.

Wilma se aproximou de Henri, que tinha ficado quieto na humilhante posição de cabeça pra baixo na corda. Instintivamente, Isabel soube que ele se deu conta que sua vida estava nas mãos de seu irmão. Quando Wilma tirou uma faca curta do interior do vestido, Rohan se interpôs entre ela e seu irmão de coração negro.

—Nay, Lady Wilma. Meu irmão não morrerá por sua mão hoje.

Ela levantou os olhos escuros para ele, e os lábios se crisparam.

—Lhe permita viver agora, normando, e lhe custará mais.

Rohan assentiu e cortou a tensa corda pela metade com a espada.

—Assim seja.

Henri desabou sobre o duro chão com um ruído horrível. Seus homens correram para ele. Os cavaleiros de Rohan ainda tinham os arcos preparados, dirigidos diretamente ao desprezível.

Wilma levantou as mãos e a pôs no cabelo.

—Não posso controlar seu destino, bastardo normando!

Rohan embainhou a espada e caminhou para onde Isabel tremia sem controle. Agarrou-a e cuidadosamente a colocou sobre a cela. Montou detrás dela e se voltou para a vidente.

—Nay, não pode, mas eu posso.

A cavalgada de volta ao Rossmoor foi comprida e silenciosa. O braço de Rohan apertava possessivamente Isabel contra o peito. Os poderosos impulsos do grande cavalo comiam a floresta e seu corpo jogava vapor, mantendo-a quente. Os pensamentos e as emoções de Isabel giravam do alívio de não ir com Arlys, não sucumbir ao Henri e sobreviver aos ataques de Cedric, a temer e se desesperar-se com o que Wilma profetizava. O corpo tremeu violentamente ante as implicações de suas palavras. Rohan a atraiu até mais contra o peito, e tratou por todos os meios negar que queria uma vida com o normando, a perspectiva a excitava. Ser a esposa de um homem como ele seria um desafio constante.

Mas ele não a oferecia matrimônio.

Inclusive se fizesse isso, como sua esposa, sem dúvida o veria lutando ao lado de seu duque mais vezes do que ficaria e seria marido, enquanto que a Inglaterra estivesse dividida, haveria quem como Arlys e seu pai estariam tão teimados em afastar um normando do trono que morreriam pela causa. O que queria Geoff? Deporia as armas e emprestaria juramento ao duque normando, ou agüentaria e lhe combateria?

Isabel sacudiu a cabeça, ainda incapaz de dirigir a mente sobre o que exatamente se esperava dela. Levaria ao bastardo de um bastardo? Nay! Não o faria. Não se daria a nenhum homem, exceto ao



seu marido em matrimônio. Olhou a mandíbula do homem que desde sua chegada a tinha posto a vida do reverso. Aye, podia admitir que desejava o homem. Arderam-lhe as bochechas. Não mentiria. Mas era um cavalheiro sem terras, não havia futuro para eles.

Isabel suspirou profundamente. E ela era uma nobre saxã sem terras. Não tinha nada exceto os restos do tesouro de seu pai ao seu dispor, e que não tocaria, porque na verdade pertenciam a seu irmão agora. E nunca roubaria Geoff.

Assim, como Rohan não tinha nada. Era nada o suficiente? Talvez fosse se houvesse amor entre eles, mas realmente só eram as divagações de uma velha transtornada no bosque.

O peito de Isabel se contraiu quando a dor e o desespero a envolveram. Pela primeira vez desde a chegada dos normandos, sentiu a necessidade de renunciar. Ir longe e lamber as feridas. Que a deixassem completamente sozinha. Estava cansada de cuidar de todos. Queria que alguém cuidasse dela.

Acomodou-se contra o duro peito do homem que dominava cada pensamento seu, e fechou os olhos. Talvez quando despertasse, o mundo seria mais alegre.

Não foi assim. Uma escura sombra se abatia sobre o castelo, conferindo-lhe uma aparência triste e sombria. Considerando que os aldeãos pareciam alegres e despreocupados essa manhã, agora pareciam tristes e desesperados. Wulfson a lançou um olhar furioso. As bochechas de Isabel avermelharam. Não era sua intenção envergonhar o cavaleiro aos olhos de seu senhor.

Rohan lançou as rédeas a Hugh e desmontou, voltou-se para Isabel e estendeu os braços. Lançou-se facilmente a eles, e quando a desceu do cavalo, o corpo se pressionou contra o seu. Conteve o fôlego ante o calor que radiava dele. Olhou-lhe nos olhos tormentosos. O coração pulsava tão forte contra o peito que sentia como se fosse romper. A tormenta passou em seus olhos, voltou-se e a ofereceu o braço. Ela tomou.

Ele ignorou ao Wulfson, que não parecia tão assustado como Warner tinha estado quando ela tinha se esquivado do cavaleiro. De fato, a cara do Wulfson se torcia com furiosa ira. Rohan ignorou ao seu homem. Entraram no salão, e apesar da fadiga, animou-se quando viu que estava vazia de qualquer Willingham. Não tinha forças para intercambiar farpas com a displicente Deidre.

Isabel se manteve em silêncio durante toda a comida, os acontecimentos do dia desenvolvendo uma e outra vez na cabeça. Estava cansada, confusa e assustada. Mas também sentia uma tensão diferente e expectante. Viu a grande mão de Rohan cortar carne no prato, depois servir uma taça de bom vinho e beber nela. Tinha matado sem escrúpulos no dia de hoje. Entretanto essas mãos podiam ser gentis. E tinham sido com ela. Tremeu. O que esperaria dela essa noite?

Levantou o olhar para ver os leoninos olhos que em silêncio a contemplavam. Embora ardessem, havia um brilho sereno neles. Isabel baixou o olhar à comida e mordiscou um pedaço de capão condimentado. As emoções colidiram no coração. Não sucumbiria a ele. Não podia.

Chegaria virgem ao seu marido. Não podia suportar a idéia de ter um bastardo. Não era justo para o menino, e não era justo para ela. Sabia que Rohan a pressionaria até a completa rendição. Não se dobraria. Sobre esse assunto, manteria-se firme em sua determinação.

—Isabel, o que lhe atormenta? —perguntou Rohan brandamente.

Uma repentina quebra de onda de quentes lágrimas brotou dos olhos. Negou com a cabeça, mas uma grande lágrima caiu sobre a mão. Moveu-se para secá-la com a manga, mas ele levou a mão aos lábios e a beijou. Levantou os lábios, deixando-os justo sobre a pele, e disse:

—Sua valentia hoje é digna de elogio. Não se desespere muito, donzela. Esta guerra está chegando a seu fim, e se beneficiará dos resultados.



—Rohan. —afogou-se quando a emoção se apoderou dela— Devo saber de meu irmão. Muita vida depende de sua.

Apertou-a na mão brandamente.

—Nada mudará entre nós se retornar.

Isabel apartou a mão da de Rohan.

—Está equivocado ao pensar isso. Seria um aliado digno de você e seu duque, Não posso pensar que William lhe tiraria suas terras e título. É o legítimo Lorde daqui.

—Esta terra ainda é instável, Isabel. Muito pode mudar. William é um homem de palavra e não um que troca de opinião com a direção do vento. Colocará a seus súditos leais onde queira. E todos nós estamos sujeitos a sua decisão. —sorriu, arrancou um suculento pedaço de capão do prato, e o agitou sob o nariz— Coma, Isabel, necessitará de suas forças.

Ela levantou o olhar para ver um brilho de fogo nos olhos. O ventre fez um lento bamboleio. Abriu a boca, e colocou a carne entre os lábios. Quando ela a fechou ao redor do dedo, este demorou contra o lábio inferior, uma forte sacudida sensual quase a atirou do assento. Rohan sorriu e apartou lentamente o dedo.

A ação a surpreendeu. A carga erótica que o suave roce da ponta dos dedos nos lábios a surpreendeu. Justo momento antes se sentou decidida a terminar a relação física. Mas agora, uma fome diferente a consumia.

Viu-lhe olhando-a, e quando ele compreendeu seus pensamentos, nos lábios apareceu um lento sorriso conhecedor. O calor subiu às bochechas. Voltou-se e olhou a outro lado. Tinha lutado tão encarecidamente para apartar longe da mente os pensamentos carnavais sobre este homem. Mas com esse único toque inocente, o corpo ardeu por mais.

—Poderia me desculpar, Rohan? —perguntou em voz baixa.

—Não tem fome de comida, Isa?

Ela se negou a olhá-lo. Em seu lugar, negou com a cabeça.

—Nay. Estou cansada. Necessito de um banho e minha cama.

Rohan ficou em pé e a ofereceu o braço. Ela tomou, e a conduziu à parte inferior da escada. Sem olhar para trás, Isabel subiu os degraus de pedra à câmara que compartilhava com ele. Uma vez dentro, fechou a porta e pressionou as costas contra a dura madeira. Conteve um áspero fôlego e pressionou a mão contra o ventre. O corpo inteiro ardia de desejo.

Um suave golpe na porta a tirou de seus pensamentos. Abriu a porta a Enid, que estava retorcendo as mãos. Isabel insistiu à empregada que entrasse, e Enid rapidamente pôs-se a preparar um banho para ela. Enquanto trabalhava em excesso pela habitação, várias vezes jogou um olho a Isabel. Encontrando molestas as ações da donzela, Isabel disse:

—O que lhe esporeia a mente, Enid?

Uma vez mais, a exaustiva mulher estava retorcendo as mãos.

—Há notícias de que outros espreitam no bosque. As almas errantes do Dunsworth.

O coração da Isabel foi à pobre gente. Henri era uma ameaça. Ele veria cada saxão e sem dúvida alguns de seus próprios compatriotas mortos. De fato, Isabel sabia que só era questão de tempo antes que os dois irmãos se enfrentassem, e um não se levantasse. O pensamento de Rohan jazendo sobre o frio e duro chão inglês enquanto o sangue emanava aterrorizava Isabel. O coração contraiu tão



forte que não podia respirar. A inesperada emoção que a embargou ante a idéia da morte de Rohan a horrorizou tanto como sua própria morte. Permaneceu completamente imóvel o que significava isso? Tinha... tinha sentimentos pelo sombrio cavalheiro? Isabel pressionou a mão contra o pescoço e tragou saliva com dificuldade. O zumbido no ventre e o calor nas vísceras lhe diziam o que a cabeça não queria reconhecer. De algum jeito, na semana passada, um homem, um inimigo jurado, tinha encontrado o caminho a seu coração.

Como podia ser? Tentou tragar, mas a secura lhe doeu na garganta. Nay, não podia interessar-se por um homem como Rohan du Luc! Ou sim?

—Milady? —perguntou brandamente Enid— O que te passa?

Isabel piscou e sacudiu os loucos pensamentos da cabeça. Olhou a Enid e sorriu.

—Me perdoe. Estou cansada. O que disse da gente do Dunsworth?

—Eles se reúnem no bosque.

—Procuraram refúgio aqui?

Enid se encolheu de ombros, ainda vacilando.

—Me diga onde se escondem, e alertarei ao Sir Rohan para que os busque.

—Há rumores que agora estão marcados pelo sinal do diabo. Conjuram feitiços e estão mais inclinados à vingança que ao resgate, milady. Não têm nenhuma confiança nos normandos.

Vários moços trouxeram vaporosos baldes de água e os verteram na tina de cobre, enchendo-a. Uma vez que deixaram a habitação, Enid ajudou Isabel a despir-se. Quando se afundou na fumegante água, Isabel fechou os olhos, e embora não quisesse pensar nos sentimentos para Rohan, o zumbido no ventre a fez sorrir.

—Enid, sir Rohan não é como seu irmão. Tenha certeza, não fará mal aos aldeãos. Falarei com ele sobre o assunto. Agora, por favor, me deixe em meu banho.

Enid se apressou a abandonar a habitação.



CAPÍTULO 22

Tempo depois, enquanto Rohan subia os degraus, o cansaço que tinha experimentado quando seus homens e ele planejavam mais perseguições ao Henri e o que ficava dos assaltantes, desapareceu. O sangue esquentou quando pensou na suave e cremosa donzela em sua câmara. E pela primeira vez desde que tinha retornado ao castelo, dedicou-se a pensar no que tinha proclamado a vidente. Embora não fosse dos que acreditavam nos feitiços e na magia, acreditava em A'isha e em Wilma. E confiava no fogo que lhe ardia quente e forte no coração pela donzela que lhe esperava escada acima. Aye, Isabel era seu destino, e ela se inteiraria antes que passasse mais tempo.

Esfregou a cicatriz do peito e se apressou para a câmara, onde Hugh tinha lhe preparado o banho. Necessitava de um quente e vaporoso banho, mas ansiava ainda mais estirar os membros cansados junto à suave calidez de Isabel.

Quande Rohan entrou no quarto, estava iluminado com o tênue halo da luz do fogo. A tina de cobre lançava vapor perto da chaminé. Várias velas estavam acesas sobre as arcas. Linhos novos esperavam dobrados sobre um tamborete junto à banheira. Isabel estava adormecida encolhida na poltrona que supôs tivesse pertencido a seu pai, do outro lado da chaminé.

Tomou cuidado de não despertá-la. Ao fechar a porta, Hugh se materializou. Rohan negou com a cabeça, não requerendo a assistência do escudeiro. Fechou a porta, travando-a. Moveu-se lentamente para a chaminé e a donzela que dormia junto a esta. Uma ternura que nunca tinha experimentado, nem sequer pela A'isha, ressurgiu pela valente garota. Silenciosamente, tirou o cinturão da espada e o pôs para um lado. Continuou despindo-se. Uma vez livre de toda roupa, meteu-se na banheira e se inundou na bem-vinda água. Enquanto descansava as costas contra a borda, deixou escapar um comprido e pesado suspiro. Fechou os olhos durante um comprido momento, e quando os abriu, encontrou dois dos mais fascinantes olhos lhe olhando docemente.

O ventre fez um divertido movimento tremente. Franziu o cenho, não gostava dos sentimentos que lhe infundia nesse momento. Isabel sorriu e começou a levantar do assento.

—Nay, Isabel, descanse. Eu me ocuparei de meu banho. —quando se voltou a afundar na cadeira atapetada, ele deixou escapar um comprido suspiro de alívio. Dada a forma em que estava se sentindo nesse momento, se lhe tocasse, arrebentaria. E embora tentasse manter a familiaridade e desfrutar do corpo amadurecido dela, ele queria muito mais.

Enquanto se lavava e se enxaguava, os olhos de Isabel não lhe abandonaram nem uma vez. Finalmente, sentindo-se muito incomodo sob a inquisitória, perguntou:

—O que te passa, mulher?

Isabel sorriu, negou com a cabeça e continuou lhe olhando. Quande Rohan ficou em pé para terminar de enxaguar-se, ela corajosamente se negou a apartar o olhar. Ele se elevava quente e grosso ante ela.

—Deseja-me, Isa, tanto como eu te desejo?

Ela assentiu sem duvidar. Rohan grunhiu e saiu da banheira, sem se importar que gotejasse água sobre os tapetes. Dirigiu-se a Isabel e a levantou em seus braços. Levou-a para cama, onde o corpo seguiu ao seu entre as grossas peles. Introduziu os dedos no úmido cabelo, e antes de pressionar os lábios contra os dela, o olhar esquadrinhou o rosto em busca de protestos. Não encontrou nenhum.



—Isa —exalou— que feitiço lançastes sobre mim? —sem esperar resposta, os lábios desceram sobre os dela, e a sentiu, cálida e flexível, aberta a ele. Tomou tudo o que lhe oferecia.

A cabeça lhe dava voltas quando afundou profundamente os dedos no cabelo e lhe atraía mais forte contra si. Isabel arqueou o corpo, as duras pontas dos seios lhe cravaram no peito nu. Um quente e louco inferno sexual lhe envolveu, e já não tinha suficiente dela. Separou os lábios dos seus. Arrancou a camisola com a mão, rasgando-a pela metade, expondo os mais gloriosos peitos que jamais tinha visto. Saqueou-os vorazmente com a boca.

Isabel se retorcia e se arqueava, pressionando o corpo com veemência contra ele. Como se estivesse ébrio, o olhar lhe nublou, as extremidades se voltaram pesadas e a cabeça lhe girava. As vísceras se encheram de sangue quente. A teria esta noite e todas as demais a partir de então.

—Isa, —suspirou contra o mamilo, com o fôlego entrecortado— me faz esquecer tudo.

Ela gemeu em resposta, e quando deslizou a mão pela dureza do ventre até o rígido pênis e o envolveu, Rohan se estremeceu contra ela.

—Jesus, Isa, deixa-me louco.

Ele moveu a mão e cobriu a dela, movendo-a para cima e para baixo pela espessura. Rebelou os quadris contra seu ventre. As quentes e úmidas respirações se mesclaram. Em um grande impulso, incapaz de conter-se, Rohan derramou a semente na mão. Gemeu, o corpo lhe esticou enquanto lhe bombeava, lhe ordenhando até lhe deixar seco. Quando se estremeceu contra ela a última vez, Isabel se escorregou debaixo dele. Pegou um tecido de uma prateleira junto à cama e se limpou, depois a ele.

Rohan se sentia satisfeito no momento, mas não tinha feito que ela o estivesse. Voltou a estendê-la sobre os travesseiros.

—Isa, isto não é o que queria. —a beijou longo e profundamente, e as mãos viajaram pelo ventre a seus suaves cachos. Isabel gemeu contra os lábios. Quando introduziu um grosso dedo na umidade que lhe aguardava, ela gritou, arqueando-se contra ele.

—Me deixe te amar... —sussurrou contra os lábios—Me deixe te amar toda a noite.

Moveu os lábios para o queixo e depois os pressionou contra o pescoço. Enquanto movia a mão lentamente para diante e atrás, o brilho do suor brotou sobre a pele de Isabel, e o sufocante aroma de seu sexo formava redemoinhos no ar, intensificando os sentidos de Rohan. Saboreou com os lábios cada mamilo rosado, e quando pressionou os quadris contra seu ventre, ela gemeu em um suspiro.

Isabel sentia como se estivesse sido apanhada em um selvagem vórtice sem sentido. O calor e a velocidade do assalto de Rohan faziam que se esquecesse de si mesmo. Tudo o que ansiava era a consumação total. Ele introduziu outro dedo, e o úmido som dos sucos enquanto ela gemia e se empurrava contra a mão acrescentava mais combustível às chamas fora de controle. Quando ele esfregou o montículo, esticou-se chocada.

—Relaxe, Isa. —disse brandamente, a sensação do fôlego contra os lábios inchados a deixou louca de desejo —Deixe-me lhe amar desta maneira. —Retirou os dedos e antes que pudesse responder, atacou seu vértice com a língua. Isabel se esticou contra ele. Enquanto lambia, os dedos fizeram lentos redemoinhos sobre o ponto mais sensível e cremoso, e a onda que tinha desejado surgiu, ganhando força com uma estimulante rapidez. Sugou-a o montículo, e com o dedo médio, pressionou profundamente no interior, golpeando brandamente esse doce lugar. Em uma quebra de



onda líquida, ela se escorreu em sua boca. Agarrando-lhe pelo cabelo, tremeu contra ele e pensou realmente que tinha morrido e ido ao céu. Gritando quando cada espasmo percorria o úmido corpo.

Quando ele a tomou toda na boca e lhe sugou os lábios inferiores e a protuberância, ela perdeu todo controle. As coxas caíram totalmente abertas, e as mãos se deslizaram do cabelo dele. Jazia quente, úmida e ofegante, embalada entre as peles e incapaz de tomar um fôlego decente. O peito agitava enquanto se esforçava para respirar. Rohan se arrastou para o ventre, o comprido cabelo acariciando-a brandamente a sensível pele, aumentando a experiência. Quando a beijou, saboreou-se a si mesmo e quase morreu de vergonha, mas ele não deu oportunidade de pensar nisso. Sua haste creceu e pressionava contra os cachos úmidos.

Isabel sacudiu a cabeça contra o travesseiro, fechando fortemente os olhos. Se lhe olhasse, não seria capaz de resistir a suplica.

Ele pressionou a cabeça do pau contra a coxa.

—Me deixe entrar, Isabel.

Ela gemeu e negou com a cabeça. Apesar de que os quadris se moviam contra ele e os peitos se estremeciam desejando o contato uma vez mais, não podia.

Apertou-a, o quente fôlego mesclando-se com o dela. Isabel abriu os olhos e ofegou. Os olhos de Rohan ardiam com o brilho de mil sóis. Os amplos ombros musculosos se abatiam sobre ela. O cabelo escuro a envolvia, lhe recordando a um anjo cansado.

Abriu a boca para lhe dizer que não, mas não saíram palavras. Era uma terrível batalha encarniçada. O desejo e, sim, o amor por esse homem faziam estragos com a moralidade. Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Nay, Rohan, não pode.

Se fosse possível, o corpo dele se esticou até mais que o aço. Sentia-lhe tremer contra o corpo. Mas não a pressionou. Em seu lugar, ficou ao seu lado, liberando-a do contato. Embora estivesse apenas a polegadas dela, sentiu como se estivesse a várias léguas. O corpo desejava lhe seguir, lhe dar o que ambos queriam desesperadamente. Mas não podia fazê-lo. A idéia dele apartando-a para um lado depois de que tivesse tido o que queria a atravessou com uma dor inimaginável, e mais cruel ainda era a visão dela mendigando pelas ruas do Alethorpe com seu bastardo atado ao peito.

Isabel tomou um tempo para recompor-se. Queria que Rohan compreendesse, necessitava que o fizesse. Finalmente, depois de um comprido momento interminável, o corpo ficou uma vez mais tranqüilo e livre do desejo líquido pelo homem que jazia a seu lado. Deu-se a volta para lhe encontrar olhando-a, com os olhos brilhantes à luz do fogo. Não parecia zangado a não ser perplexo.

—Rohan. —começou brandamente, sem confiar na voz. A emoção era muito forte, e uma vez mais sentiu como se fosse desfazer-se em lágrimas. Quando ele não respondeu, aproximou-se mais e estirou a mão para pressioná-la contra seu peito. Ele fez uma careta e a apartou.

—Não me toque, Isabel. Não posso controlar meu corpo.

Ela fechou os olhos e se afundou de novo nas peles. Tomando uma grande e profunda respiração, continuou:

—É igual para mim, Rohan.

—Então por que se nega para mim?

Ela deixou escapar outro comprido e pensativo fôlego. Se lhe falava do temor que a apartasse, ele o negaria e lhe prometeria a lua para conseguir o que tinha entre as coxas. Era o que faziam os homens, não?



Sorriu tristemente. Talvez, mas não Rohan. Não a perseguiu com o tipo de mentiras que um homem utilizava com uma mulher. Disse-lhe dias atrás que haveria outra depois dela. Assim em lugar de dizer que lhe amava e que logo pudesse usar isso contra ela, Isabel deu a Rohan uma razão que podia respeitar e, mais que isso, relacionar.

—O homem ao que me entregue será meu marido. Não terei bastardos.

Moveu-se para ela, cuidando de não tocá-la.

—Tanto lhe desagradaria meu bastardo, Isabel?

Ela tragou com dificuldade. Para falar a verdade, agradaria-lhe seu filho, mas não a infelicidade que seguiria ao bebê.

Ele pressionou a mão contra o ventre e o abrangeu com os grandes dedos. A pele esquentou imediatamente.

—Faríamos filhos vigorosos, juntos, Isabel. E filhas repletas do mesmo fogo que sua mãe.

Isabel fechou os olhos, e o coração subiu até a garganta. Apertou as duas mãos contra a dele.

—Acredito.—sussurrou. Ele se aproximou e pressionou os lábios contra os seus.

—A profecia vos marca como o ventre que levará a meus filhos, Isa. Não terei nenhum outro.

Se ele houvesse se colocado sobre um joelho e declarado seu amor, Isabel não poderia ficar mais chocada. O temor se apoderou dela. Temor ao poder do amor, temor de conceber seus filhos, temor de Henri e Arlys, e temor do desconhecido. O destino não estava em suas mãos a não ser nas de Deus, e temia que houvesse mais dor esperando-a. Não poderia suportá-lo com um menino bastardo e sem marido para apoiá-la.

—O que a anciã disse hoje era falatório transtornado.

—Nay, Isabel, foi anunciado por uma vidente na Iberia. Wilma só me recordou meu destino aqui na Inglaterra.

Os olhos de Isabel brilharam de incredulidade. Rohan sorriu e se deixou cair sobre os travesseiros, levando-a com ele.

—É a verdade. —quando a recostou contra ele, tirou a camisola rasgada que havia debaixo deles. Levantou-a e a olhou— Me parece que lhe devo várias destas.

Deu-lhe um tapa.

—E uma túnica ou duas.

Lançou o objeto rasgado pelo lateral da cama e a apertou mais forte contra ele.

—Não lhe pressionarei mais, Isabel. Nosso juramento está completo. —fechou os olhos, e Isabel ficou imóvel.

A revelação deveria tê-la deixado eufórica. Teve o efeito oposto. Nesse curto tempo se acostumou ao quente e poderoso corpo a seu lado na cama. Extraía força dele. Dormia profundamente sabendo que a protegeria de qualquer intruso exceto a enfermidade.

A mente correu fora de controle com os cenários de quem seria a próxima em compartilhar essa grande cama com o Lorde normando. Seria Deidre? Ou iria ele a corte de William e traria consigo a uma herdeira normanda reconhecida?

Os braços se apertaram contra ela como se lesse os perturbadores pensamentos. Ela suspirou e relaxou o corpo, moldando-o com mais força a ele. Havia dito que acreditava na profecia. Inclusive se



ela não o fizesse, ele estava convencido que ela era a única mulher que teria seus filhos. Com esse pequeno consolo, sumiu-se em um agitado sonho. Visões de Henri em pé junto a seu irmão moribundo com a espada em alto ao sol da tarde, e o sangue de Rohan gotejando dela, irromperam no sonho. Visões de Wilma cacarejando e dizendo a Isabel que tinha cometido um engano, que era com o irmão nobre com quem deveria unir-se e ter filhos sobre solo inglês. Ela se virou, retirando-as peles do corpo. Em cada ocasião, Rohan a abraçava e a tranquilizava com beijos e carícias.

Isabel despertou com um estrondo na porta. Rohan estava em pé, com a espada desembainhada, exigindo saber quem se atrevia a interromper seu sonho.

—Sou eu, Rohan. Temos visitantes. Vêm de uma vez.

Rohan baixou a espada e abriu a porta.

—Quem?

Thorin não olhou dentro da câmara, mas sim seus graves olhos olharam a seu amigo um comprido instante.

—É um estandarte que leva uma raposa vermelha sobre uma planície verde.

Isabel ofegou, e ambos os homens se voltaram para ela.

—É Arlys.

Rohan franziu muito o cenho e se voltou para seu amigo.

—Comprove que ele e seus homens estão desarmados. Descerei imediatamente.

Quando fechou a porta, Isabel se deslizou da cama.

—Também irei.

Rohan passou junto a ela para o balde de água que se esquentava perto do fogo. Verteu a metade em uma tigela e água fria de uma jarra. Rapidamente, aseou-se e vestiu. Isabel lavou o sono de sua própria cara e o sabor da noite da boca, e também se vestiu rapidamente.

—Preferiria que me esperasse aqui. Não sei que se traz seu prometido. Tenho muitas suspeitas dele.

—Tenho minhas próprias suspeitas. E como você, desejo saber o que deseja.

Isabel lhe ajudou pôr a cota de malha, e enquanto ele prendia o cinto da espada, ela procurou os esarpines pela habitação. Encontrou-os sob um banco e os pôs a toda pressa.

Rohan tomou um profundo fôlego e a olhou significativamente.

—Não guardo lealdade a esse homem. E embora ele pudesse não estar apoiando às bandas de assaltantes que assolaram gravemente a comarca, encontramos um homem levando suas cores entre aqueles que matamos ontem.

Os olhos de Isabel se abriram amplamente.

—Em caso de que me desafie, não renunciarei por você. —disse Rohan brandamente.

Isabel assentiu e convencida que a reunião, enquanto não fosse bem para o Arlys, favoreceria a todos.



—Não esperaria que declinasse em meu nome, Rohan. —se aproximou dele e lhe pôs a mão sobre o antebraço esquerdo— Vamos e vejamos o que trama a raposa.

Rohan olhou Isabel e sorriu. Nunca deixava de lhe surpreender. Deu-se conta nesse momento que se A'isha ou Wilma não tivessem profetizado que a donzela era seu destino, teria removido céu e terra para que assim fosse.

Ela era um estranho tesouro em seu escuro e embaciado mundo. Sempre daria boa-vinda ao seu sorriso, seu toque, seu gentil coração. Sorriu. E suas unhas nas costas. Uma donzela viva que nunca tinha tido o prazer da cama. Acelerou-lhe o sangue. Daria-a o que desejava. Não a violaria. Para quando tomasse, ela seria sua verdadeira esposa.

E não haveria ninguém exceto William possivelmente, que o impedisse. Rohan enviaria um mensageiro depois de tratar com o Dunsworth.

Quando desceram ao salão, Rohan dedicou a Isabel um último olhar apreciativo. Embora ela se banhou e se vestiu rapidamente, ainda era todo um espetáculo; com a túnica de pesado veludo de cor safira, o intrincado cinturão de ouro que pendurava a adaga ornamentada e que acentuava a cintura. O comprido cabelo dourado pendurava densamente e livre sobre os ombros. Ele a suplicaria que o deixasse assim inclusive depois que estivessem casados. Sorriu para ela. Mas o sorriso se desvaneceu quando um terrível pensamento lhe cruzou pela mente. Escolheria ela ao saxão derrotado por cima dele?

Arderia ela pelo Dunsworth da maneira em que ardia com ele? O ciúme se apoderou dele, e nesse preciso momento decidiu que a reteria a todo custo.



CAPÍTULO 23

Enquanto o casal descia pela escada, todos os olhos do salão estavam fixos neles. Rohan examinou aos visitantes com a avaliação de um falcão e imediatamente distinguiu ao Dunsworth. Sentiu tremer a mão de Isabel no braço. Apertou-a sutilmente contra o peito para tranquilizá-la. Uma vez mais, uma feroz possessividade com a qual não estava familiarizado engoliu seu ser. Não queria perder Isabel, não quando a acabava de encontrar.

Para um nobre deslocado, Dunsworth estava vestido com um rico traje. Os rasgos aristocráticos eram afiados, mas os olhos brilharam de alegria quando se assentaram nos de Isabel. Mas só brevemente. Pois depois se enfrentaram com os de Rohan. Instintivamente, Rohan soube que a dama a seu lado se ruborizava, pois toda pessoa soube ou suspeitou de onde vinham precisamente. E nesse momento, Rohan se sentiu envergonhado pela posição em que a tinha colocado. Não tinha direito a despojar a de sua dignidade. Imploraria seu perdão.

Uma vez mais, estranhas emoções mediam com a rígida determinação. Irritava-lhe além da convicção. Era um guerreiro, um cavaleiro de William, capitão dos *les morts*, a força de combate mais mortalmente conhecida da Cristandade, e pensava em como à primeira oportunidade ia pedir perdão a uma donzela por ofender sua pessoa, uma ofensa que ele tinha todo o direito de infringir!

Franziu o cenho em excesso, o estado de ânimo cada vez de pior humor. Aye, Dunsworth era tudo o que Rohan desprezava em um homem. Gorduroso, com títulos de nobreza e legítimo.

—Milady! —gritou Arlys, e avançou para ela, lhe estendendo as mãos.

Rohan a permitiu afastar-se dele quando chegaram à parte inferior da escada.

Arlys a agarrou as mãos, as beijando respetuosamente enquanto ele se inclinava sobre um joelho.

—Milady, como vai para você? —perguntou Arlys olhando-a fixamente como se fora uma criatura lactante.

Isabel fez a seu prometido uma direta reverência.

—Estou bem, milord, como vai você?

A educada conversação com tantos aguardando ansiosamente para que a completa desgraça acontecesse pareceu ridícula a Isabel.

—Sinto-me muito melhor agora que sua beleza uma vez mais honra meus olhos. —a separou de Rohan, mas só até o momento antes que Rohan levasse a mão ao punho da espada. Arlys olhou ao normando, com os olhos entreabertos. — Sou Arlys, Lorde do Dunsworth. Não quero nenhuma guerra com você, normando. Vim aqui com a única intenção de reclamar a minha prometida, Lady Isabel.

Rohan assentiu com a cabeça e olhou além do Dunsworth a seu punhado de homens reunidos. Embora lhes via cansados de batalhas, mantinham-se erguidos e orgulhosos. Perguntou-se quantos deles tinham participado dos assassinatos.

—De fato, para um homem que já não tem terras ou título, é muito valente ou muito estúpido para vir aqui.

A cara de Arlys avermelhou.



—É tão grosseiro como seu irmão, du Luc. Mas esteja seguro que, enquanto que Monfort bebe meu vinho, come minha comida, viola a minha irmã e grita ao mundo que matou meu irmão, tenho a confiança que recuperarei o que é legitimamente meu.

Isabel ficou sem fôlego ante a declaração de Arlys. Pobres, a doce Elspeth e o jovem Sir Edward.

—Arlys! Deve levar pra longe Elspeth! —gritou Isabel.

Ele a olhou e lentamente negou com a cabeça.

—Dunsworth está bem protegido. Se volto e me expulsa, sofrerei muito. —os olhos azuis endurecidos— Dirigirei uma petição ao William por meus direitos.

Rohan riu.

—Sua petição cairá em ouvidos surdos, Dunsworth. Embora meu irmão seja o açoite da terra, nosso pai comum entregou uma pesada tarifa ao William. Do Monfort é um aliado poderoso para o duque e um ao que não quereria desgostar. Henri manterá o que saqueou aqui. Não se equivoque nisso.

Arlys tragou saliva, visivelmente pálido. Olhava a Isabel, continuando, de novo ao normando.

—Nem tudo está perdido para mim, du Luc. Ainda tenho a minha prometida. Permita recolher seus pertences a fim que possamos ir.

Rohan acariciava o punho da espada.

—O que te faz estar tão seguro que a dama deseja ir-se com você?

Arlys olhou a Isabel. Sorriu, e quando não lhe devolveu o sorriso, os lábios se apertaram.

—Isabel, diga a este homem que deseja ser liberada de seu cuidado.

—Eu... eu não posso deixar Rossmoor, Arlys. —disse Isabel brandamente.

O nobre a olhou duramente e depois ao normando de imponente altura.

—Não pode ou não deseja?

Ela negou com a cabeça.

—Não desejo.

A cara de Dunsworth se distorceu em cor carmesim escuro, e para um homem que tinha tudo a perder e muito pouco que ganhar, ele pressionou.

—Violou-lhe este homem? Obteve-lhe à força, Isabel? —exigiu ele.

Isabel lutou para conseguir falar. Elevou o olhar para Rohan, e logo voltaram para seu prometido. Pouco a pouco, ela negou com a cabeça.

Arlys se esforçou para encontrar as palavras, por um pensamento, uma maneira de persuadir a sua amada para que voltasse com ele.

—Enviei ao Cedric para que lhes conduzisse para mim. O bosque sussurra que este homem lhe matou. É certo?

—É verdade. —respondeu Rohan por Isabel— Sua vida por aquelas do Alethorpe que seus homens assassinaram.

A cabeça de Arlys rodou para trás, com os olhos entreabertos.



—Que mentiras derrama, normando?

—Suas cores estavam em um dos assaltantes que matamos ontem.

Arlys deu um passo atrás, negando com a cabeça.

—Nay, nunca consenti tal coisa.

—Não é o que Cedric me disse, Arlys. —desafiou Isabel.

Os saxões nascidos nobres sacudiram a cabeça.

—Tinha medo, meu amor, Cedric recebeu uma ordem esse dia. —o olhar se suavizou por um momento— Só lhe pedi que te trouxesse.

—Então você não a terá. A donzela lhe deu sua resposta. —lhe recordou Rohan.

—Nay! —insistiu Arlys— Ela é minha. Não irei sem ela!

Rohan estava a beira de perder a paciência.

—Não têm nada que oferecer à dama. Está sem terras e sem título. Seu compromisso é nulo e sem efeito.

A cor desapareceu do rosto de Arlys quando as palavras de Rohan atinaram no alvo. Entretanto, ele insistiu:

—Posso ter perdido tudo, normando, mas lhe dou a promessa de meu amor, respeito e empenho minha palavra ante Deus. O que lhe oferece você? A oportunidade de ser sua amante?

Esses que conseguiram ouvi-lo ficaram sem fôlego ante as atrevidas palavras do saxão. Rohan desembainhou a espada.

—Nay, Rohan! —suplicou-lhe Isabel, pressionando a mão no braço— Deixe estar.

O ardente olhar a perfurou profundamente até o coração. A mão lhe tremeu no braço.

—Por favor, deixe.

—Isabel. —disse Arlys em voz baixa. —Foi o desejo de seu pai que nos casássemos. Negaria-lhe isso?

Isabel pareceu afligida por um momento antes que se dirigisse ao conde.

—Meu pai está morto, e quem sabe se também meu irmão. Quando foi assinado nosso contrato de casamento, Edward era o rei. Ele está morto, e igualmnete que Harold. O contrato é nulo, Arlys. Não se pode cumprir.

Ele se deixou cair sobre um joelho e a agarrou pelas mãos com as suas.

—Mas o que acontece com você, Isabel? E o nosso amor?

Rohan estava tão rigidamente ao lado dela, que ele pensou que as costas se romperiam pela metade. Entretanto, teria a resposta da donzela. Não, ele se deu conta, que isto não mudava nada. Ela era dele. Ninguém, contrato ou não, separaria-a dele.

Isabel lutou com as emoções. Não queria fazer mais dano ao Arlys, mas tampouco queria lhe dar falsas esperanças.

—Arlys, eu não vos amo. Não como quisesse que te amasse. Aproveite esta oportunidade para encontrar uma dama que fará de sua felicidade sua sorte. —negou com a cabeça— Sinto. Eu não sou essa dama.



Apertou-a as mãos.

—Não acredito, Isabel. Este normando lhe intimida. Venha comigo! Edgar foi coroado Rei! Há esperança para a Inglaterra!

Rohan pressionou a ponta da espada no peito de Arlys, lhe apartando de Isabel.

—Retificarão isso logo, saxão, lhe asseguro. —disse Rohan.

Arlys arrojou os ombros para trás e olhou a Rohan duramente aos olhos.

—Se esse for o caso, é seu duque tão ignorante para não entender que encontrará com mais resistência da que arrasará de nós? Não tem o mais leve entendimento que se fosse coroado Rei, muitos saxões empenhariam sua lealdade para ele?

Os olhos de Rohan se entreabriram.

—É você tal homem, Dunsworth? Declara aqui e agora seu juramento ao William?

Arlys esquivou a pergunta.

—Minha lealdade está com o Rei da Inglaterra.

Rohan foi mais direto.

—Para o atual ou para o legítimo Rei?

—Servi ao Edward e Harold. Servirei ao Rei.

—Joga com as palavras, Dunsworth. A qual deles? Edgar ou William?

Arlys disparou um olhar contra Isabel, e logo olhou a Rohan.

—Eu sirvo ao Rei.

Rohan sorriu e inclinou a cabeça.

—É rápido, Dunsworth. Entretanto, um súdito que troca de lealdades tão freqüentemente como meus homens de mulheres não tem nenhum valor para mim ou para William. Como um antigo Lorde, o que sugere que faça com alguém como você?

—Dadas as circunstâncias, pediria-lhe que permita a minha dama me acompanhar para que possamos encontrar refúgio em uma região onde sejamos bem-vindos e não considerados como escravos.

Rohan se virou e olhou a Isabel. Lhe devolveu o olhar, e embora viu que estava tensa, sentiu que queria ao saxão fora do salão por temor que pudesse cair sob a espada de Rohan.

—Sente-se importunada aqui, Isabel?

Isabel olhou a seu redor e viu tantas caras conhecidas. Rostos cheios de medo ao desconhecido, caras procurando-a para lhes guiar. Rostos que a olhavam em busca de esperança. Seu dever era com seu povo em primeiro lugar, e apesar dos sentimentos recém descobertos por Rohan, não sairia de seu lar. Ela negou com a cabeça.

—Sente-se atacada por mim ou meus homens?

Lentamente, ela negou com a cabeça.

Rohan se voltou para o Dunsworth.

—A dama lhe negou três vezes. O tema já não está aberto para o debate.



Arlys se levantou, furioso, com as mãos abrindo-se e fechando-se em punhos nos quadris. Seus homens, embora desarmados, apressaram-se mais perto dele em sua defesa. Isabel tremeu. Nunca tinha visto tão zangado ao Arlys.

—Escolhe a este bastardo sobre mim?

—Escolho Rossmoor, Arlys.

—Escolheria ao homem que agora possui Rossmoor se soubesse que matou seu pai? — lançou-lhe triunfante Arlys.

O corpo de Isabel se sacudiu com força como se tivesse sido golpeada no peito com um pau.

—O que diz? — sussurrou ela.

—Du Luc é o assassino de seu pai!

O intestino de Rohan se retorceu ao ver uma parte de Isabel morrer ante seus olhos. Ela se voltou para ele, e viu como a desfiguravam os rasgos. Os grandes olhos de cor violeta elevados para ele, as lágrimas fazendo-os brilhar como pedras preciosas. Silenciosamente, suplicou-lhe que a dissesse que não era assim. Ficou rígido.

Para tão feroz guerreiro como era, e tantos homens que tinha matado e os horrores inexprimíveis aos que tinha sobrevivido, Rohan não foi capaz de esmagar o coração desta mulher com a verdade. Porque com a verdade a perderia para sempre. E se deu conta que enquanto ele poderia suportar seu ódio por ser o bastardo que era, não poderia suportar ver a acusação nos olhos cada vez que lhe olhasse, sabendo que ele deu o golpe final que extraiu o último fôlego de seu pai.

Mas tinha que ser assim, e se apresentasse a situação de novo, voltaria a repeti-la cem vezes mais. Honra comprometida, não tinha outra opção. Mas ela não entendia as motivações dos homens ou que morrer com honra no campo de batalha pela mão do inimigo era o Santo Graal no coração de um verdadeiro guerreiro. E Alefric foi um guerreiro que Rohan respeitaria em qualquer campo de batalha.

Assim seja.

Isabel conteve um soluço, e lhe perguntou:

—Diz a verdade?

O salão estava tão mortalmente silencioso como uma tumba, cada ouvido tratando de escutar a resposta.

—Matei a muitos saxões nessa ensangüentada colina, Isabel. É possível que seu pai caísse sob minha espada.

—Nay! — gritou Arlys— O vi com meus próprios olhos, cortar-lhe o pescoço!

Isabel caiu ao chão. Rohan se inclinou para ela. Isabel gritou e lhe apartou agitando as mãos. As bochechas se voltaram cinzentas; os olhos mantinham um olhar muito remoto neles. Voltou-se para Arlys e lhe perguntou:

—E Geoff?

—Vi-o cair, Isabel, ao lado de seu pai. Está morto.

—Por que não me disseram isto antes? Por que não enviaram aviso?

Arlys caminhava arrastando os pés olhando para o chão.

—Quis lhe dizer isso eu mesmo uma vez que estivéssemos fora daqui.



Isabel assentiu fracamente com compreensão. Rohan ficou agachado junto a ela. Os ombros tremiam enquanto grandes soluços a destroçavam. Os grandes, luminosos olhos se elevaram para ele, e Rohan sentiu tremer a terra sob os pés.

—Ele está decidido a te inclinar em seu favor, Isabel. Tem muito que ganhar com suas palavras.

Ela negou com a cabeça enquanto as lágrimas rodavam pelas bochechas, o cabelo dourado pego à cara. Rendeu-se no chão, jazendo como um animal arrastando-se completamente para morrer.

—Me deixem em paz, ambos. —fechou os olhos e murmurou uma vez mais— Deixem-me em paz.

Rohan se dirigiu ao Wulfson, quem permanecia em pé mais próximo a sua dama.

—Leve a minha câmara. —a seguir, fez um gesto ao Enid— Vá com sua senhora.

Enquanto Isabel era erquida pela escada, Rohan se dirigiu ao desafiante saxão.

—A feriste na alma. Por isso, terá a oportunidade de ver William antes do que estou seguro esperava. E... —Rohan sorriu desagradavelmente— acorrentado.

Quande Rohan gesticulou para seus homens, o pandemonio estalou quando Arlys e seus homens trataram de escapar. Mas os *Les morts* estavam sempre preparados, e em poucos minutos, os saxões foram submetidos. Bem a tempo para que os Willinghams, quem desciam as escadas com seus escassos pertences na mão, fossem testemunhas.

—Arlys! —gritou Deidre, voando pela escada— O que está acontecendo? —exigiu ela ao Rohan.

Ele a ignorou e a passou caminhando a grandes pernadas para o largo portal, o qual empurrou violentamente para abri-lo, permitindo que o gelado ar de dezembro formasse redemoinhos no interior.

—Levem a todos ao estábulo. —ordenou Rohan.

À medida que foram tirados a força, Rohan ignorou os histéricos gritos de Deidre e as exigências de Lorde Willingham de uma explicação. Rohan se dirigiu ao estábulo para selar seu cavalo. Nas reiteradas demandas de Deidre para obter uma explicação, Rohan ouviu Ioan lhe explicar em termos inequívocos que Dunsworth e seus homens eram agora cativos de guerra de William e que se os Willinghams gostariam de unir-se a ele gostosamente se encarregaria disso.

Segundos mais tarde, Rohan abriu de repente a porta do compartimento do estábulo e arrojou o bridão ao redor da cabeça do grande cavalo. Tirou-o do barraco e saltou sobre o lombo. Com uma veloz patada, Mordred cravou as grandes patas em terra e partiram de forma ensurdecadora.

Isabel se derrubou sobre a cama de seu pai, e se tivesse estado mais lúcida, ela teria exigido a Enid que a levasse a sua câmara. Tinha o coração quebrado pela metade, e não sabia como arrumá-lo. A visão de Rohan em pé sobre seu pai, pressionando a espada no pescoço vendo morrer, atormentou-a a alma. Como pôde fazer tal coisa?

Os soluços a rasgaram, grandes, soluços que a sacudiram todo o corpo. E Geoff. Doce, divertido Geoff. Era um amante das artes e das mulheres, não era um guerreiro. Nunca mais ouviria sua risada ou sua zombadora voz quando a tratasse mais como um menino que uma garota.



Não veria sobrinhas e sobrinhos, e ele nunca seria o Lorde do Alethorpe. Isabel se afundou mais nas peles, sentia tanto frio no corpo como se descansasse sobre um bloco de gelo. Não soube que notícia a afetou mais, se a morte de seu irmão ou que Rohan tivesse matado a seu pai.

Não ouviu a chamada à porta até que Enid a perguntou se devia responder. Isabel não respondeu. Uns instantes mais tarde, reconheceu a profunda voz de Thorin. A voz de Enid se elevou na discussão, só para ser silenciada pelo tom muito mais grave e zangado de Thorin.

Isabel deu a volta, com os olhos tão inchados que logo que podia distinguir ao cavaleiro de um só olho. Aproximou-se dela e se inclinou de modo respeitoso. Por um comprido momento ele não falou, e quando o fez, suas palavras foram lentas e deliberadas.

—Lady Isabel, os rodeios sobram. Suplico-lhe isso, não acredite no que um homem desesperado diz quando não tem nada a perder. Rohan é muitas coisas, mas acima de tudo é um nobre guerreiro no campo de batalha. A menos que houvesse uma boa razão, ele nunca mataria a um cavaleiro derrubado com uma adaga no pescoço. Ele usaria a espada e lhe atravessaria o coração. É como atual!

Isabel se encolheu ante a gráfica descrição de Thorin. Ela soluçou e assentiu. Ele fez uma reverência e se apressou a sair da câmara.

Bastante no final da tarde, Rohan cavalgava. Montava com força, zangado, confuso. O coração lhe tinha aumentado até o dobro de seu tamanho normal no peito. A dor era insuportável. Assim como doloroso, sentia o coração de Isabel contra seu próprio coração, pulsando em angustiante ritmo. Não sabia o que fazer. O ato estava feito. Ele tinha matado ao Alethorpe ali nas sangrentas ladeiras do Senlac Hill. Quando o velho jazia agonizante, tinha-lhe suplicado ao Rohan que acabasse com ele, pois tinha sido apunhalado pelas costas por um dos seus. Não quis morrer por uma traidora mão saxã.

Muito tempo depois que Harold caísse e o campo de batalha fora devastado, Rohan tinha estado limpando o campo dos corpos, quando ouviu a chamada de um homem.

—Normando!

Rohan tinha duvidado, mas se voltou para responder. Tinha procurado o espesso bosque de corpos antes que encontrasse a nua mão agitando-se no frio ar. O sol da tarde tinha começado a perder sua luz. Rohan se agachou e entreceerrou os olhos para lhe ver melhor. Ajoelhou-se ao lado de um cavaleiro saxão, um igual que Rohan via si mesmo dentro de muitos anos: um guerreiro endurecido, sempre leal a seu Rei e a pátria, lutando até o último fôlego.

O saxão agarrou a mão de Rohan.

—Me remate, normando. Não vou morrer pela mão de um covarde que me tirou a vida pelas costas. —sua voz, ainda forte para alguém tão envelhecido e tão ferido, continuou— Não deixe que os abutres biquem meus olhos. Olhe que eu e meus companheiros saxões sejamos confessados para obter a absolvição.

Rohan assentiu, não sendo um homem de Deus, tinha mais interesse na espada que jazia sob o velho guerreiro. Ele a deslizou por debaixo de suas costas. O punho tinha o símbolo de Edward. Era uma espada saxã. Rohan franziu o cenho, mas a levantou.

—É uma espada saxã, milord.

O velho assentiu com a cabeça.



—Sim, a espada de um covarde. —tomando um fôlego pouco profundo, continuou— Sou Alefric do Alethorpe, Lorde do grande feudo do Rossmoor. Temo-me que meu filho tenha caído pela mesma covarde espada saxã que eu.

Ele tossiu, jogando espuma ensangüentada pela boca. Rohan tinha duvidado que qualquer força pudesse levar-lhe antes que ele houvesse dito o que tinha que dizer.

—Deixei teimosa filha e um tesouro digno do resgate de um rei. Mate-me, normando. Deixe-me morrer pela mão de meu inimigo, não a de um covarde. —tossiu mais forte dessa vez, mais sangue borbulhando da garganta. Os olhos de cor violeta descoloridas lhe olharam tão parecidos com o que lhe tinha suplicado sua filha.— Faça o juramento sobre sua espada que se ocupará do futuro de minha filha.— Alefric tomou a mão de Rohan mais apertadamente— Não a deixe cair presa da raposa com pele de ovelha.

Assim tão próximo ao homem mais velho, entendendo o desejo de um guerreiro por morrer com honra nas mãos do inimigo, Rohan desenbainhou a curta espada e pôs a mão direita sobre ela.

—Vos disposto juramento, milord, que me esmerarei em mantê-la segura.

Então, em um rápido movimento, Rohan lhe cortou a veia vital do pescoço. O velho guerreiro tinha fechado os olhos, e Rohan tinha observado em silêncio deixar esta terra. Se foi ao céu ou ao inferno, Rohan não soube. Se for a este último, estava seguro de que se voltaria a se reunir.

E assim foi como o homem se reuniu com seu Criador. Pela mão de Rohan, não cabia dúvida. Ele fez seu cavalo dar a meia volta lhe dando um rápido chute. O peito e flancos já cobertos de espuma, Mordred se entregou mais por seu amo. Rohan chegou a uma decisão. Explicaria tudo a Isabel, e ele viveria com sua decisão. Seu amor por ela era muito forte para obrigá-la a dobrar-se a ele. Tomaria só se ela o desejasse, cicatrizes e tudo.

E enquanto sentia um grande peso elevar-se dos ombros, foi substituído por uma pesada carga de temor. Enquanto que ele apostava tudo, as probabilidades não estavam ao seu favor.

Sorriu tristemente assentindo com a cabeça para o vento. Tinha aprendido muito em seu curto tempo com a donzela. Para ganhar o respeito e a lealdade destes saxões que tão desesperadamente desejava, ele por sua vez teria que dar-lhe a eles. E não havia melhor lugar para começar que com sua senhora, e se ela o quisesse, sua união seria honesta e benta.

O gelado vento soprava totalmente no rosto enquanto o cavalo comia o espaço entre ele e a mulher que amava, e a excitação se acumulou no ventre de Rohan. Aye, imploraria uma oportunidade à dama, e veria que seu amor por ela era real.

E então ela não o repulsaria!



CAPÍTULO 24

—**Milady!** —gritou Enid, sacudindo Isabel para despertá-la— Tem que vir. É um mensageiro do duque!

Isabel ouviu as palavras, mas não tinha nenhum sentido para sua fatigada mente. Sentia o rosto tão inchado como um barril de vinho. Quando tratou de abrir os olhos, mantiveram-se fechados. Doía-lhe o peito e a garganta a sentia em carne viva. Em um abrasador ataque de dor, recordou o porquê.

Lágrimas recentes, quentes e salgadas, arderam-na nos olhos, enquanto se filtravam por debaixo das pálpebras fechadas.

Deu-se a volta afastando-se da insistente voz do Enid.

—Me deixem em paz, Enid. —exclamou contra o travesseiro.

—Nay, milady, deve se levantar. O mensageiro exige falar com você e ao normando juntos. Não tente a ira de William. Te levante!

Não tinha força nas extremidades, o coração não tinha vontade, mas de algum modo Isabel conseguiu sentar-se e deslizar as pernas fora da cama. Enid a pressionou um frio pano úmido na cara e começou a lhe pentear o comprido cabelo lhe fazendo duas pequenas tranças de cada lado do rosto, deixando livre a maior parte do cabelo.

Enid a colocou os escarpim em Isabel, e quando estava satisfeita com os resultados, levantou sua senhora e a acompanhou à porta. Uma vez superado a soleira, Isabel se deteve. Um soluço a sacudiu o peito. Corajosamente, conteve mais das quentes e picantes lágrimas. Encontrou os acalmados olhos de Enid, e sua determinação se fortaleceu. Era Isabel do Alethorpe, filha de um dos cavalheiros mais nobres da Inglaterra e neta de reis. Era no fundo um guerreiro como seu pai e seu pai antes que ele. Assim como o homem que lhe matou. Veria o que o duque exigia e o veria feito.

Isabel baixou rapidamente pela escada justo quando Rohan atravessava o portal. Ele se deteve em seco. Sobre a grande extensão do salão, olhares se encontraram. Isabel se voltou para olhar ao mensageiro que levava as cores vermelha e dourada do duque. Estava rodeado de vários cavalheiros armados, também com as cores reais.

Rohan se apressou para o mensageiro. Inclinou-se, e logo perguntou:

—Que notícias me trazem de William?

O homem sujeitava um pergaminho selado na mão.

—O Duque William faz uma proclamação Sir Rohan. —Rompeu o selo, desenrolou o pergaminho, e começou a ler— Em nome do Duque William da Normandia e herdeiro ao trono inglês, pela presente ordeno a meu capitão Rohan du Luc e a seu irmão, Sir Henri do Monfort se encontrem a dois dias a partir da leitura em chão do Rossmoor em um duelo de espadas, mas não a morte, pelo direito a Lady Isabel do Alethorpe e as terras que vêm com ela.

Isabel ficou sem fôlego, e os joelhos a dobraram. Rohan se aproximou dela e a acompanhou a um banco próximo.

—A senhora deve ser separada de ambos os cavalheiros, sem nenhuma interação até o momento do torneio. É meu desejo expressar que isto não seja um duelo a morte, como seria o grande desejo de meus cavaleiros. Mas o resultado final deste torneio nunca será discutido de novo. William.



O mensageiro enrolou o pergaminho, e nenhuma pessoa pronunciou uma palavra. De fato, todos no salão ficaram em um chocado silêncio.

Isabel olhou de onde estava sentada, com quente fúria e brilhante ardor nos olhos.

—Diga a seu duque que morrerei antes de ir com qualquer destes cavaleiros.

Ela ficou em pé, e o mensageiro, chocado ante o arrebatamento, parecia ter perdido a fala.

—Isabel, —disse Rohan brandamente— você não pode contrariar ao duque.

Voltou os brilhantes olhos para ele, com lágrimas revoando nas bordas.

—Então, matarei-me.

Quando se voltou para abandonar a estadia, o mensageiro gritou:

—Alto!

Isabel vacilou no passo, mas continuou para a escada. Na parte inferior, dirigiu-se à multidão reunida.

—Diga a seu duque que terá que encontrar outra rameira para que lutem seus cavaleiros. Eu não estou disponível.

Deu meia volta e caminhou com tanta dignidade como pôde até sua câmara. Enid correu detrás dela.

O mensageiro fez gestos a um dos homens para que perseguisse a Isabel. Rohan lhe deteve com um musculoso braço.

—Não o faça, Rodger. Soube hoje que seu irmão estava morto e só uns poucos dias antes a morte de seu pai. Se a pressionarem, fará sua vida miserável. —Rohan sorriu— Posso lhes dar fé disso.

O mensageiro negou com a cabeça.

—Isso não me importa, Rohan, mas William terá seu respeito. —Rodger colocou a mão dentro da capa extraiu outro cilindro de papel que entregou ao Rohan, esta vez menor, com o selo do duque marcado sem abrir— Sua graça me pediu que lhe desse isto depois de ler a ordem.

Rohan tomou o pergaminho, deslizou o polegar sob o selo de lacre, e leu em silêncio para si mesmo:

«Meu bom amigo e companheiro de armas, é com o coração oprimido e muita irritação, que me tomei um tempo na guerra com estes ingratos saxões para me dirigir a você. Tenha arrojo. O duelo não é a morte, e se tivesse alguma dúvida quanto ao resultado, não teria emitido a ordem. Porque, como sabe não podia repelir ao atrevido do Monfort. Muitos impostos dependentem de Henri me fazendo sentir que não disponho de favoritos. Ganhe o dia, a donzela, e as terras, e haverá muito que celebrar em minha coroação. William».

Rohan andou até a chaminé, onde as famintas chamas desejavam mais lenha. Atirou o cilindro de papel às chamas e viu como era consumido.

Rohan sorriu. Veria o dia ganho e a seu irmão de uma vez por todas fora de suas costas.

Inclinou-se ante Rodger.

—Vos rogo só um momento com a donzela e recuperar meus pertences de minha câmara.



Rodger começou a negar com a cabeça, mas Rohan insistiu.

—É urgente que fale com ela, Rodger. Não me negue isto.

—Aye, vá, Rohan, mas não pressione. Não quero que digam que favoreci a du Luc sobre a casa do Monfort.

Rohan se apressou mais à frente do homem do Rei para a câmara. Gelou o sangue quando a encontrou vazia. Em um impulso, correu ao solar da senhora, onde se encontrou Isabel caminhando para cima e para baixo pela estadia e Enid queixando como uma mosca ao redor de um cavalo.

—Nos deixe. —disse Rohan.

Com os olhos muito abertos, Enid deteve os movimentos, mas não fez nada para sair da câmara.

—Agora! —trovejou Rohan.

Ela chiou e saiu correndo da estadia. Quando a porta se fechou, Rohan passou os ferros nos suportes. Começou a confrontar à sanguinária Isabel.

Lhe lançou ao peito, os punhos lhe golpeando com tudo o que ela tinha. Rohan permitiu o ataque. Gritou-lhe e lhe lançou impropérios, utilizando palavras não aptas para uma dama, mas ele agüentou sua fúria. À medida que a força se desvanecia e os punhos não golpeavam com tanta força soube que estava cansada, precipitou-se a içá-la em seus braços e caminhou com ela até a cama.

Deitou-a e se sentou na beira junto a ela. Os soluços lhe partiram o coração pela metade, e saber que era diretamente responsável pela dor lhe atormentou.

Alisou-a o cabelo apartando-o o da cara.

—Isabel, me permita lhes explicar esse dia.

Negou com a cabeça e fechou os olhos.

—Nay. —ofegou, apenas capaz de dizer uma palavra— Deixe-me em paz.

Separou-se dele, e Rohan sentiu que o mundo lhe escapava das mãos. Tomando um comprido suspiro começou com o relato.

—Tínhamos lutado por nossas vidas esse dia no Senlac Hill, Isabel. Tanto saxões como normandos. Desde a manhã cedo até a tarde, a maré da batalha trocou daqui para lá. William repelia aos saxões só para ter ao Harold reagrupando-os e movendo-se de retorno para o pé da colina. O sangue de ambos os lados corria como um rio carmesim. O fedor disso nos obstruía o nariz e o peito. Fez-se difícil respirar. Não pensei que o fizessem, mas os saxões, impressionaram-me. Harold era um bom homem, embora um que não cumpriu seu juramento. Tivesse sido um bom Rei, mas prometeu o trono ao William, foi, como sabem, pelo que estávamos ali. Para reclamá-lo.

Estendeu um dedo e a tocou no ombro, com vontades de fazer contato.

—Uma vez que ganhou o dia, William enviou palavra que não deixaria aos homens profanar aos mortos abatidos. Mostrou-se inflexível. Enviou a muitos de nós adiante para ver que os corpos não fossem manchados. —Isabel se virou, o violeta dos olhos era apenas perceptível sob os vermelhos e inchadas pálpebras. Rohan sorriu e a apartou o cabelo das bochechas— Quando me abri passo entre os abatidos, uma voz que falava minha língua me chamou, chamou-me normando. Soube que era um inglês que falava minha língua. Movi-me nessa direção, Isabel. Não podia ignorar o desespero em sua voz.

O lábio inferior lhe tremia, e Rohan o tocou com o dedo.



—Quando me aproximei do ancião, estava sobre as costas lutando por respirar. Pediu-me que me aproximasse mais. Agarrou-me a mão e me disse seu nome e como ele e seu filho tinham caído sob uma covarde espada saxã.

Isabel ficou sem fôlego. Rohan assentiu com a cabeça e a pegou na mão.

—Ele dizia a verdade. Tirei uma espada saxã de debaixo dele. Também falou de sua rebelde filha. Exigiu meu juramento para ti para que lhes protegesse da raposa com pele de ovelha. O dei.

Novas lágrimas se arrastaram pelas bochechas.

—Depois me pediu que lhe outorgasse a morte de um guerreiro. —Isabel sacudiu a cabeça— Isabel, é indigno não morrer na mão de seu inimigo no campo de batalha. Alefric tinha sido abatido por um saxão covarde. Ele desejava a morte de um guerreiro. Uma de honra, às mãos do inimigo. A dei. Morreu em paz com o conhecimento de que ia ver Deus como um honorável cavalheiro do reino.

Isabel fechou os olhos. As lágrimas foram caindo sob as pálpebras pelas bochechas. Rohan se inclinou sobre ela e as beijou.

—Você de todas as pessoas sabe que sou um homem de palavra, Isa. Prometi a seu pai que lhe protegeria e lhe prometo que agora, têm meu coração em suas mãos.

Então ele se levantou e saiu da câmara.

Isabel não podia compreender a ação de Rohan. A honra não se adquire por matar alguém no campo de batalha. A honra se ganha por como viveu sua vida. Sentia seu pai que não tinha vivido a vida de um homem honorável? Estava tão seguro de sua morte que insistiu a um estranho, um normando, que lhe desse o golpe final? Soluços fluíram do peito, girou-se, esmagando a cara nos travesseiros. Aye, era exatamente o que seu pai teria pedido! A honra não era uma palavra para ele, a não ser uma forma de vida. Tinha ensinado a sua filha também. A honra acima de tudo.

Sumiu-se em um atormentado torpor. Quando despertou, a estadia estava escura, mas na pequena chaminé um fogo ardia com grande resplendor. Uma bandeja coberta de comida se encontrava em uma mesa próxima, e vigiando-a de um canto da habitação estava Enid. A donzela sorriu, mas não se aproximou. Por isso, Isabel se sentiu agradecida. Não queria comunicar-se a nenhum nível com ninguém. As feridas estavam recentes, e queria mais tempo para recuperar-se da comoção em sua vida. Fechou os olhos e se inundou em um sonho mais profundo.

Quando despertou, Isabel sentiu a necessidade de utilizar o banheiro, e seu estômago bramou em sinal de protesto. Mas não sentia fome de mantimentos. De fato, não sentia fome de nada. Nem sequer de vingança. Estava totalmente esgotada.

Depois de ocupar-se de algumas necessidades, Isabel conseguiu tomar um pouco de caldo e um pedaço de pão. Tirou a roupa, mas não se incomodou em tomar um banho. Uma vez mais, permitiu ao sonho reclamá-la. Era muito mais fácil que enfrentar à realidade do mundo.

Na seguinte vez que Isabel despertou, soube que já não podia esconder-se. E igualmente ao seu pai tinha estado moralmente obrigado a morrer como um guerreiro, ela estava moralmente obrigada com sua gente a lhes guiar com exemplo e aceitar o decreto do duque. O estômago a revolveu com tal velocidade, ante o pensamento de viver com o Henri do Monfort, que Isabel pouco podia respirar. Mas se fosse, ele descarregaria sua ira contra as gentis almas do Alethorpe. Fez uma inspiração profunda e se negou a pensar no Henri como o senhor de suas terras.



—Enid. —chamou, sua voz estava rouca e áspera— Prepare para meu banho, averigue quando começará o torneio e onde habita Sir Rohan.

Enid sorriu e curvou a cabeça, correndo fora da câmara para ocupar-se dos assuntos de sua senhora.

Enquanto Isabel se introduzia na água vaporosa, Enid voltou para a estadia.

—O torneio está programado para amanhã ao meio dia, milady, Sir Rohan e seus homens residem nas cabanas que rodeiam o estábulo.

Isabel fechou os olhos e lhe perguntou:

—Está à casa do moinho ainda desocupada?

Enid abaixou a cabeça, mas os olhos estavam cheios de interrogações.

—Aye, está.

Mantendo os olhos fechados, Isabel disse:

—Olhe que seja limpa para a noite e que um grosso colchão de plumas de ganso com peles e roupas limpas sejam colocados dentro. Junto com suficiente madeira para esquentar o lugar.

—Mas...

Isabel abriu um olho.

—Nada de mas, Enid. Se encarregue disso.

E com essa determinação, Isabel se levantou da banheira e se vestiu. Já não podia se negar a Rohan depois do que lhe contou sobre seu pai. E já não podia negar o amor por esse homem. Apesar da pesada carga que estava adiante deles, amava-lhe e lhe levava no coração sobre todos os homens. Era a única coisa que restava para dar livremente. Isabel sorriu. Bom, ela tinha outra coisa. E aquilo que tão tenazmente tinha guardado daria ao Rohan esta noite. Aye, ia unir se com ele como um e celebrar seu amor e o que poderia ser a última noite juntos. Porque ao dia seguinte, poderia não ter nada que dar.

Quando Isabel entrou no salão, vários dos homens de Rohan deram a volta, mas se deu conta que não era nenhum da Espada de Sangue. Assentiu com a cabeça a cada homem, quando a reconheceram com curtas reverências, dirigiu-se ao Manhku, que estava sentado diante da chaminé jogando xadrez com o mensageiro do duque.

Ambos se levantaram quando se aproximou. Manhku sorriu e se inclinou respeitosamente, fortemente agarrado a uma grossa fortificação.

—Como vai, Lady Isabel?

Devolveu-lhe o sorriso.

—Vou bem, cavalheiro. Como vai a perna?

—Bem. O viking se encarregou dela.

—É bom ouvir que Thorin é capaz. —dirigindo-se ao mensageiro, disse— Tem nome, senhor?

Ele sorriu pese ao atrevimento. Inclinou-se e juntos ous calcanhares.

—Sou Rodger Fitz Hugh. A suas ordens, milady.

Parecia que os bastardos abundavam entre o cortejo de William. Isabel lhe fez uma pequena reverência e inclinou a cabeça para a porta.

—Me fale sobre este torneio no qual eu sou o prêmio.



O salão ficou em silêncio, mas depois que Isabel se sentou em uma cadeira ao lado do Rodger, explicou-a em voz baixa só para seus ouvidos:

—Não é a morte, asseguro-lhes isso, milady. William tem grande necessidade de seus cavaleiros. Na verdade, parece-me que está mais que molesto pela demanda do Monfort, especialmente quando meu duque tem muitos assuntos em mãos neste momento. Imediatamente depois do torneio, os documentos se elaborarão nomeando ao vencedor e o prêmio, er, um, perdão, milady, o nome da disputada dama.

Enquanto falava, a ira de Isabel ressurgiu.

—Como pensa o duque ganhar aos saxões, quando nos trata como ovelhas para criar?

Rodger avermelhou.

—Não sei, milady. Eu... —baixou o olhar para o calçado e moveu os pés.

—Aye, é como eu pensava. Não há honra em um homem que obrigaria a uma donzela a viver com um homem que despreza.

Rodger rapidamente girou a cabeça e a ira brilhou nos escuros olhos.

—Mancha a honra de sua graça?

—Aye, como me desonra.

Separou-se do aturdido mensageiro e se dirigiu à mesa do senhor, onde imediatamente Lyn a colocou diante um prato. Já que a comida da tarde já tinha passado, a criada lhe trouxe o que pensou que Isabel desfrutaria. Isabel sorriu à moça, e ao mastigar e tragar uma parte de carne, quase se engasgou enquanto pensava nas horríveis coisas que Henri faria com ela e às outras mulheres da aldeia se ganhasse o diabo. De repente, tinha perdido o apetite.

Isabel se levantou, e com um dos homens do duque detrás dela, trasladou-se para o pátio. O som ressonante do aço ecoou no acalmado frio do ar. Isabel o seguiu. Quando atravessou o muro exterior do castelo para o prado aberto usado para as ovelhas no lado leste do povo, deteve-se.

O coração a deu um forte tombo no peito. Com o torso nu, Rohan brandia a espada contra Thorin, continuando, Ioan, depois, Wulfson, ao Rhys, e Stefan, seguidamente, Warner, terminando com o Rorick.

Em metade de um balanço, deteve-se segurando a espada em alto sobre a cabeça. Inclusive no frio, os grandes músculos brilhavam com viril suor. Os leoninos olhos capturaram os seus através do pequeno prado. Todas as olhadas se voltaram para ela. As bochechas de Isabel se ruborizaram.

Rohan abaixou a lâmina. Em um lento e pouco profundo movimento, inclinou-se ante ela. Afastou-se dele, e em lugar de voltar para salão, procurou refúgio na capela, onde caiu de joelhos e rezou ao todo-poderoso pela força para viver através de outra prova, para ela pessoalmente a mais difícil.

Quando as sombras de outro dia começaram a aparecer sobre o céu do oeste, Isabel seguia orando. Não queria sair da calma da capela. Não queria fazer frente ao mundo. Queria converter-se em névoa e flutuar invisível e não ser acuada.

Pela terceira vez, benzeu-se, então abandonou a posição ajoelhada. O chifre tinha sido soprado para o jantar em algum momento. Deliberadamente, ignorou-o. Não queria tomar parte na folia que estava segura ocorria no salão. Rohan e seus homens, sem dúvida, fariam de como o vil cairia.



Em lugar disso, Isabel escapou da capela, só para ser seguida pela grande sombra do guarda do duque.

Entrou no castelo pela porta da cozinha, e através de uma escada traseira que conduzia ao segundo piso, mas não entrou em seu solar, a não ser na câmara de Rohan. Deixou cair o pino no suporte e ficou um longo momento na vazia estadia, com as costas colada a suave madeira da porta, aspirando ao varonil aroma. Estava por toda parte. Abriu os olhos para ver a fria chaminé, mas pelo contrário a viu ardendo com fogo e calor, Rohan em pé ante ela, o corpo nu brilhando a luz do fogo como um grande deus nórdico. Olhou para as peles pulverizadas na cama onde as tinham deixado a última vez. O corpo esquentou ao recordar o último encontro nesse lugar. Fechou os olhos e deixou que o corpo sentisse suas mãos, seus lábios, a quente pele pressionada contra a sua.

Aye, Rohan a havia tocado como nenhum outro homem o tinha feito. Estava segura de que poderia viver cem anos mais e nunca encontrar um homem como ele. Enquanto pensava em Rohan, o rosto de seu pai brotou na mente. Em lugar de sentir cólera por ser a mão de Rohan o causador de sua morte, uma acalmada paz a alagou. Embora não entendia o funcionamento da mente de um homem, entendia a honra. Assentiu e entrou na estadia. Arrastou uma mão pela suave pelagem de uma pele. Se Deus quisesse, neste espaço encontraria ao Rohan vivendo nele para a seguinte ascensão da lua.

Dirigiu-se à abertura da janela e apartou a tapeçaria que cobria um lado. Abriu à veneziana. A luz da lua entrou em torrentes. O pátio e o muro exterior mais abaixo estavam silenciosos. Havia sentido a angústia de todo o senhorio. Não só sentia medo do resultado do torneio de amanhã, mas também pelo que os aldeãos fizessem também. Escapariam de volta ao bosque?

Não poderia culpá-los se o fizessem. Tomariam as armas contra Henri? A idéia lhe provocou náuseas. Henri os derrubaria a machadadas onde lhes encontrasse. E o que do marcado grupo do Dunsworth de que falou Enid, os que conjuravam feitiços contra o cavaleiro do diabo?

O coração encheu de dor, esperança, e, sim, amor. Tinha a obrigação moral de persuadir a sua gente do desejo de matar, se Henri ganhasse no dia seguinte. E faria todo o possível para ver que assim ocorria. Tragou saliva. Ou morrer tentando.

E com essa idéia, a decisão que tinha tomado anteriormente se solidificou. Até o meio-dia de amanhã, estaria a cargo de seu próprio destino.



CAPÍTULO 25

—Sir Rohan. —disse Russell, enquanto se aproximava de Rohan que estava terminando seu banho morno.

Este franzia o cenho. Estes asseios em uma tigela não lhe agradavam. Mas ao menos, a água estava limpa e o sabão dava boa espuma. Depois de que Rohan lavou o cabelo o lançou para trás, com os olhos fixos no jovem escudeiro. O moço tinha demonstrado sua valia. Seria um bom cavalheiro.

—Aye, jovem. —disse Rohan enquanto secava o cabelo e os ombros.

Estava em pé em uma pequena choça que ele e seus homens utilizavam como uma sala de asseio. Mantinha-se erguido nu, sob o fogo da chaminé que mantinha quente o espaço.

—Eu... um... Lady...

O corpo de Rohan se estremeceu, mas seguiu se esfregando para secar o cabelo.

—Fale, jovem.

Russell endireitou os ombros e olhou ao Rohan nos olhos.

—Há uma mensagem de Lady Isabel. Estou aqui para te levar ante a pessoa que o leva.

Rohan baixou a toalha devagar e olhou fixamente e com dureza ao escudeiro.

—É algum truque?

—Nay, não jogaria com tais coisas, senhor, o mensageiro está justamente ao pé do caminho. Se vista e lhe acompanharei.

Rohan se apressou para fazer precisamente isso. Deixou o cinturão, mas atou o cinto da espada. A toda pressa, seguiu ao escudeiro, prestando atenção ao menor indicio de fuga. Embora tivesse chegado a confiar no moço, não confiava completamente em ninguém.

À medida que passavam junto à muralha de pedra para a aldeia e um pouco mais à frente, até uma choça de pedra próxima a um lateral, Rohan franziu o cenho. A cabana estava abandonada. Quem tinha a mensagem de Isabel? E por que aqui? Reduziu a marcha até um caminhar lento.

Russell assinalou com a cabeça e abriu a porta.

—O mensageiro vos espera.

Rohan desembainhou a espada.

—Fique aqui, escudeiro, e me espere.

O moço assentiu e se colocou firme ao lado do portal aberto. Rohan se inclinou para entrar e antes de poder elevar-se, o coração lhe subiu à garganta. À luz mortiça da chaminé, uma alucinação estava em pé ante ele. Um anjo de ouro. Tratou de tragar, mas a garganta lhe tinha fechado e as extremidades não respondiam ao intento de aproximação para ela. A malha suave da camisola iluminada pela luz do fogo deixava vislumbrar as curvas amadurecidas.

O pênis se elevou. O sangue corria com veemência através do corpo. Quando deu a volta e os olhos violetas lhe olharam com adoração, amor e os lábios vermelhos sorrindo, Rohan soube que tinha morrido. Porque só no céu poderia ser isto certo.



Como se ela se deslizasse pelo ar, passou a seu lado e fechou a porta, que ele tinha detrás, pondo a trava. Deixou cair à espada e ficou imobilizado no chão, temeroso de que se fizesse outro movimento, despertaria do sonho.

—Sou real, Rohan. —lhe disse, lhe pressionando o corpo contra o seu.

Todo o corpo tremia, levantou a mão para sua cara e a apartou uma mecha da cara. Lhe sorriu.

—Me dê um filho esta noite, Rohan.

As palavras lhe chegaram ao coração.

—Isa? —interrogou, segurando o rosto com as mãos— O que diz?

Afastou-se dele. Seguiu-a, ainda lhe sustentando o rosto entre as mãos. Retrocedeu até o colchão e afundou o joelho sobre o colchão. Elevou o dourado corpo e se deitou sobre os lençóis e peles. O corpo brilhou como o alabastro à luz da luz. Os olhos cintilaram com uma aprazível sedução. Rohan se deixou cair de joelhos. Tirou-lhe o cabelo das têmporas lhe atraindo enquanto manobrava para recostar-se.

—Disse que quero que me faça amor. E no processo, que me dê um filho esta noite.

Todo o corpo lhe tremia, as emoções eram muito tormentosas para descrevê-las. Assim não tentou.

—Isa, —sussurrou— é o desejo de meu coração lhe dar meu filho.

De maneira lenta, sem pressas, Rohan a beijou os lábios, as bochechas, o nariz e as orelhas. Com as mãos adorava cada polegada de aprimoramento, tocando como um cego de nascimento. Brandamente, saboreando cada parte dela, gravando a fogo na mente as curvas e planos. A pele cheirava a rosas, o espesso e suave cabelo eram como fios de seda. Os delicados lábios de cor vermelha lhe beijaram com um ardor que nunca tinha conhecido.

Milagrosamente, a roupa desapareceu e quando ele pressionou o corpo quente na igualmente esquentada pele, soube que se encontrava no paraíso.

Isabel se deleitou com o intenso calor carbonizante de Rohan. Com seus dedos e lábios percorrendo-a cada polegada do corpo. Reverenciando-a como se fosse sua posse mais querida. Quando lhe tirou a roupa do corpo e ele se colocou de costas sobre as peles, não podia esperar mais para sentir a grossura dele em seu interior. Foi muito tranquilo ao princípio. Introduzindo-lhe os dedos profundamente no cabelo, examinou-a os olhos.

—Isa, —sussurrou— possui meu coração, meu corpo e minha alma. Jamais me separarei de seu lado.

Uma emoção tão poderosa a embargou com suas palavras, que as lágrimas momentaneamente a cegaram. Arqueou-se contra ele e fechou os olhos. Mordendo o lábio inferior, tratou de reprimir a onda de agitação que ameaçava afligir os sentidos. A grossura da ponta a golpeou nas dobras inchadas. Abriu os olhos e chorou.

—Rohan, você é meu coração, meu corpo e minha alma. Nunca me afastarei de seu lado.

Beijou-a os lábios.

—Nunca, meu amor. Jamais.



Então entrou nela, devagar, reverentemente. Abriu-se a ele, entregando-se com todo o coração.

Que a ultrajasse agora não a importava, uma espetada aguda de dor a sobreveio e passou tão rapidamente logo que ficou consciente disso. O poderoso corpo de Rohan a envolveu. A sensação de plenitude dentro dela e como seu corpo o aceitava lhe causou um momento de pânico. A neblina. O tamanho. O poder. A paixão que tinha durante um breve momento a aterrorizou.

Rohan a tranqüilizou, com uma chuva de suaves beijos pelas bochechas e pálpebras.

—Isa, a dor passará. —prometeu, logo a beijou apaixonadamente, seus famintos lábios limpando qualquer vestígio de desconforto.

E com todo o amor que sentia por este homem, Isabel lhe devolveu os beijos. Lhe pondo os braços ao redor do pescoço e lhe acariciando o grosso cabelo com os dedos, apertou-se contra ele, abrindo-se mais para que entrasse.

Tinha o corpo preparado para ele. Os músculos se relaxaram, a superfície escorregadia e faminta, e Rohan se moveu dentro dela. A sensação de plenitude era mais do que ela tinha esperado, muito mais. A grandiosidade dele a fez querer gritar de alegria. O calor que gerava com os impulsos lentos e rítmicos fez que uma familiar maré se elevasse do interior, mas era diferente das demais vezes. Esta era mais profunda, mais rica, mais poderosa.

O fluxo de desejo, abrigar essa sensação de êxtase final com ele, a união e sentir sua semente estalar dentro, fizeram que Isabel não pudesse conter-se. Um frenesi selvagem por mais dele, por mais duro e mais rápido, venceu-a. O corpo estava escorregadio pelo suor. Rohan entrava e saía. A tormenta se desatou até umas alturas vertiginosas antes de se chocar com a força de um milhar de estrelas que exploradiram em seu interior. Isabel ficou suspensa nos braços de Rohan enquanto seu corpo se convulsionava contra o seu. Engasgou em busca de ar, quase sem poder respirar. Tinha o corpo derretido como a cera quente.

Rohan a seguiu em sua felicidade. Estrelou os lábios contra ela de uma vez que empurrou acaloradamente. O corpo lhe esticou. Os quadris convulsionaram.

—Jesus, Isa. —murmurou enquanto os quadris se estremeciam e se derramava em seu interior.

Isabel lhe envolveu as coxas com as pernas, segurando-o firmemente, desejando que se derramasse até que a desse um filho que tão desesperadamente queria.

Seu corpo se relaxou, mas a respiração fazia jogo com a sua em velocidade. Derrubou-se contra ela. Mantiveram-se um longo momento com os corpos esgotados, os braços entrelaçados entre si. As peles empapadas pelo suor brilhavam a luz do fogo. Os peitos elevando-se e caindo com grandes ofegos enquanto tratavam de recuperar o controle da respiração.

Isabel se sentiu mais feminina neste momento do que nunca havia se sentido. Não tinha tido nem idéia de que um homem e uma mulher pudessem compartilhar tal sorte e intimidade.

Rohan a atraiu ao círculo dos braços.

—Isabel. —disse em voz baixa.

Ela sorriu e se deleitou contra ele.

—Aye?

—Não tenho nenhuma intenção de lhe perder amanhã.

Ela sorria, mas com uma sombra de medo.



—Não tenho nenhuma intenção de te perder amanhã, tampouco, milord.

Rodou para colocar-se em cima, e a olhou no rosto.

—Nos casaremos logo que encontrarmos um sacerdote.

Com o coração inchado até arrebentar lhe sorriu e lhe envolveu o pescoço com os braços, lhe beijando nos lábios.

—Não esperava nada menos.

Seu jovem corpo desejava mais do que acabava de receber.

—Me faça o amor outra vez.

Tão faminto como estava por ela, Rohan obedeceu.

Isabel despertou com o triste canto de uma cotovia. Em um princípio, compreendeu onde estava. Rohan roncava brandamente a seu lado. Isabel subiu as pernas até o queixo para proteger do frio da estadia. O fogo se apagou, mas o que mais a gelava era o canto da cotovia. Era de madrugada. E um mau presságio. Levantou-se da cama e jogou mais lenha ao fogo. Ao voltar para a cama, viu os lençóis manchados de sangue.

Uma repentina preocupação a aterrorizou. O que acontecia... se Rohan caísse hoje, e Henri a encontrasse sendo impura? Golpearia-a? E se levasse um menino? O filho de Rohan? Mataria-lhe o irmão?

—O que lhe preocupa, Isabel? —perguntou Rohan da cama.

Sorriu e se apressou a retornar a calidez. Enquanto se acomodava contra ele, negou com a cabeça.

—Nada. Estava simplesmente zangada porque a cotovia começou o canto tão cedo.

Durante um comprido momento, ficaram ali. Juntos, coração com coração, desejando com toda a alma que não existisse nenhum Henri do Monfort.

Um golpe suave na porta importunou o silencioso interlúdio.

—É hora, milady. Os guardas a buscarão logo. —informou Russell do outro lado da porta.

Isabel gritou:

—Nay, é muito cedo.

—Começa a clarear, milady. Se apresse.

Girou-se nos braços de Rohan, enterrando a cara em seu ombro. A larga e suave juba contra a bochecha.

—Rohan, partamos daqui. Escapemos para onde estejamos a salvo.

Beijou-a no cocuruto e negou com a cabeça.

—Não posso acreditar que ouça essas palavras de seus lábios, Isabel.

Ela sorriu tristemente e esfregou a bochecha contra o ombro.

—Foi um pensamento passageiro. —se incorporou sobre o cotovelo e lhe riscou a cicatriz do peito com um dedo— Nós dois devemos honra, ao nosso rei e a nosso povo. Não poderíamos fugir,



inclusive se... fosse o verdadeiro desejo de nossos corações. Estamos moralmente obrigados a presenciar como este dia chega a seu fim.

Virou e a beijou intensamente.

—Te amo, Isabel. Tenha isso em conta durante todo o dia e esta noite lhe verei de novo na câmara do senhor, para que atenda a fome que tenho de você. —sorriu, deslizou-se da cama e a golpeou carinhosamente o traseiro. — Te levante mulher, e volte antes que Rodger venha nos buscar.

Isabel se apressou a vestir-se, e enquanto escovava o comprido cabelo, viu umas fitas coloridas na roupa. Rapidamente, desatou várias e as entregou ao Rohan.

—Leve estas hoje dentro de seu sobretudo. Talvez possa servir como um aviso do que pode perder este dia.

Agarrou as fitas de seda e as colocou junto ao coração.

—Vencerei, Isabel e ao fazê-lo, criarei um lugar para nós aqui.

Ele a agarrou e, pelo feroz beijo que a deu, Isabel soube que ele morreria antes de permitir que Henri a violasse. Tragou saliva e quando a soltou, procurou em seus tempestuosos olhos a dúvida mais leve. Não encontrou nenhuma.

—Boa sorte, Rohan.

Ajoelhou-se diante dela, pegou-a da mão e a beijou.

—Não a decepcionarei, minha senhora. —se levantou e se foi.

Isabel não podia comer. Apenas podia respirar. A tensão do salão era tão espessa que era sufocante. Quando Henri e sua comitiva chegaram, pouco depois que Rohan e ela se separaram, a tensão se intensificou. Os aldeãos vaiaram e assobiaram para Henri e seus homens, e várias vezes Isabel ficou convencida de que se levantariam em armas contra o normando. Mas não o fizeram. Inclusive quando Henri e seus cavalheiros lhes repreenderam.

Enquanto ele cruzava a pernas e com audácia o salão, olhou com lascívia a Isabel que estava falando com Manhku.

—Espero que tenha preparado nossa cama para esta noite, Isabel. Assegure de tirar os lençóis de meu irmão e pôr uns limpos para mim. —sorriu abertamente e se pavoneou perto dela— Eu gosto de minha cama asseada e a minhas mulheres sujas.

Isabel ofegou ante a crueldade. Manhku se incorporou sem a ajuda do bastão e pressionou a espada na túnica de Henri à altura do peito.

—Se meu senhor Rohan não vos matar hoje, farei-o eu.

Henri empalideceu vários tons.

—Verão meu irmão no inferno ao acabar o dia.

—Senhores, senhores. —disse Rodger, colocando-se entre os dois cavalheiros— Não haverá nenhum duelo a morte hoje. William é inflexível. Sem morte. Necessita de seus cavalheiros vivos.

—Feche a boca, Fitz Hugo. Não temos nenhum interesse em ouvir seus disparates.

Rodger ficou rígido, mas não seguiu. Thorin entrou no salão.



—Estamos preparados, Rodger. Acompanhem ao ignóbil a fim de que Rohan possa terminar rapidamente de jogar com ele. Temos fome de comida!

Manhku embainhou a espada e agarrou o bastão. Apresentou o braço a Isabel. Ela elevou o olhar para seus escuros e inteligentes olhos. Sorriu-a e disse:

—Tenha fé em Rohan, milady. Nunca permitiria que Henri lhe tocasse.

Ela assentiu. Manhku jogou a cabeça atrás e sua risada ressonou no teto.

—Além disso, tornou-se brando neste lugar.



CAPÍTULO 26

Quando Manhku a conduziu por volta da colina onde ontem Rohan tinha praticado com seus homens, surpreendeu-se ao ver tantos reunidos. Cada aldeão de cada canto do Alethorpe, Dunleavy e Wilshire tinha comparecido. Inclusive viu algumas caras do Dunsworth. Esqueceu-se de Arlys. Seguiu retido como refém no estábulo?

Ao olhar mais de perto à multidão, o coração de Isabel se contraiu. Viu o grupo de que Enid tinha falado. A mais patética coleção de bárbaros que tinha visto nunca. Algo mais de duas vintenas deles, todos rapados, inclusive as mulheres e os meninos, mas mais notável e aterrador eram os X gravados nas frentes. Amontoavam-se como um só, os escuros e assassinos olhos travados sem vacilações em Henri e seus homens.

Quando o cavaleiro do diabo os viu, deteve-se em seco. Fez-lhe gestos com as mãos a Rodger, quem caminhava junto à Isabel e Manhku.

—Capturem esses camponeses! Estão sob detenção por minha ordem!

—Nay! —gritou Manhku— Sir Rohan lhes deu refúgio seguro aqui. Já não são de sua propriedade.

Henri jogou atrás a cabeça e riu.

—Meu irmão se converteu em saxão da noite pro dia? —sorriu a Isabel— Que magia pratica com essa velha bruxa transtornada da Wilma?

Isabel sorriu.

—Verá dentro de pouco tempo.

A cara de Henri se desencaixou ante a implicação de suas palavras, mas deu a volta e seguiu para o topo da colina, onde Rohan estava em toda sua glória, totalmente protegido na armadura, preparado para livrar-se de seu irmão de uma vez por todas.

Uma vez que estiveram todos reunidos, Rohan fez contato visual brevemente com Isabel. Quando pôs a mão no peito, ela sorriu. Era tudo o que necessitava dele. Ia ser seu campeão. Soube a primeira vez que pôs os olhos nele essa fria manhã, não fazia muito tempo.

Os arautos do Rodger fizeram soar os chifres, e logo a multidão congregada guardou silêncio.

—Em nome do Duque William da Normandia e herdeiro ao trono inglês, pelo presente informo. Um torneio entre o Henri do Monfort... —a multidão zombou, e dezenas de mísseis em forma de frutas e verduras podres saíram do centro. Rodger levantou as mãos, chamando a ordem. A multidão se acalmou. — E Sir Rohan du Luc.

A multidão rugiu de aprovação. Isabel sorriu e olhou para Rohan, cujo rosto não podia ver atrás do elmo, mas a efusão dos aldeãos chegou ao coração. A aceitação do homem que amava era mais do que tinha esperado.

Uma vez acalmada a multidão, Rodger continuou.

—As regras do torneio são as seguintes. Cada cavaleiro usará sua própria espada. Nenhuma outra arma será permitida. Se alguma aparecer, então tudo lhe será confiscado, e para o outro irá o prêmio, que neste caso é Lady Isabel.



Se a gente tinha aclamado ao Rohan, quase perderam as vozes nas entusiastas ovações para ela. Ela sorriu e saudou, com o peito cheio de orgulho. Ela nunca lhes abandonaria. Nunca.

—O prêmio é Lady Isabel e as terras que herda. Ao término deste torneio, o último cavaleiro em pé será declarado o ganhador, e nunca mais será desafiado pela dama ou as terras.

Rodger dirigiu a ambos os cavaleiros.

—William expressou insistentemente, que não deseja a morte de nenhum de seus cavaleiros este dia. Não atacar nenhum órgão vital. Esta é uma prova de força somente. —Olhou a Henri e, continuando, a Rohan— Aceitam os termos deste torneio? —ambos assentiram— Escolham seus segundos.

Rohan escolheu ao Thorin, e Henri escolheu a um cavaleiro que Isabel não reconheceu, mas ao que parecia vários aldeãos sim, pois houve um murmúrio entre a multidão quando se adiantou. Isabel olhou ao Manhku com confusão. Ele negou com a cabeça, incapaz de lhe dar uma resposta.

Os dois guerreiros se enfrentaram entre si a uma distância de não mais de quatro comprimentos de cavalo. Os olhos, como os de um falcão olhando a sua presa do alto, nunca se desviavam do rumo um do outro. Rohan sabia que seu irmão não era indestrutível, mas era mais que um digno adversário.

Como esperava, Henri se moveu primeiro, espreitando Rohan em círculos. Correspondendo a seu movimento, Rohan se moveu na direção oposta. E como Rohan também esperava, seu impaciente irmão levantou a espada e se equilibrou sobre ele. Rohan fez chocar a lâmina de aço contra aço. As espadas cantavam em um único uivo por cima das cabeças. Rohan afastou o Henri, enviando-o voando atrás dele. Rohan girou, e os dois trocaram suas direções.

—Certamente, tem intenção de fazer a luta cara a cara, irmão. —Rohan sorriu com os dentes apertados.

Henri não respondeu, mas foi à luta outra vez. A espada, golpada para baixo, encontrou-se com um contra-ataque defensivo e a batalha mão a mão teve início. Muito antes que as desavenças que lhes levou a afastar-se e lhes dividiu quando meninos, os irmãos tinham praticado regularmente juntos utilizando réplicas de madeira. Cada um tinha se acostumado tanto ao outro e a suas táticas que os treinamentos freqüentemente se prolongavam bem passado o tempo previsto, resultando em um empate.

Mas muito tempo e emoções tinham passado entre eles. Rohan sabia com certeza que não haveria empate hoje. Um deles não se levantaria.

O furioso som de aço contra aço fazia eco enquanto os dois lutavam pela vantagem. Henri golpeou abaixo, sobre a espada de Rohan, e logo levantando a espada golpeou acima da direção oposta, ao tempo que movia os pés em um pequeno círculo. Forçado a uma posição defensiva, Rohan só podia reunir golpes de amparo. Sentindo que o peso da espada logo afetaria negativamente aos braços de Henri, Rohan esperou aguardando o momento oportuno para um contra-ataque.

Entretanto, Henri seguiu movendo-se com a velocidade do raio, em uma interminável barragem de ataques potencialmente mortais.

O suor derramava pelo rosto de Rohan. Piscou rapidamente para manter com clareza ao demônio de seu irmão à vista. Ignorou a ardência, assim como a crescente fadiga dos braços e ombros. Golpe detrás golpe, estalo detrás estalo, irmão contra irmão, prolongaram a dança.



Repentinamente, trocando de tática, Henri golpeou ao Rohan do lado contrário. Plantando a lâmina de aço profundamente na terra, Rohan se impulsionou sobre a arma e saltou para o céu fora do ataque de seu irmão. O peso sobre a espada lhe deu o impulso adicional para golpear; a resultante ressonância ferrou Henri. Logo que pôde manter a estabilidade.

Sentindo a oportunidade ante ele, Rohan não perdeu tempo em ir à ofensiva. Em um movimento ascendente, atirou fortemente a espada na terra endurecida e a fez girar como um pau contra Henri. Torrões da terra rastream seu movimento através do ar, enquanto a ponta da lâmina com escassa margem passava pelo queixo de Henri e lhe fez cambalear-se para trás. Rohan se balançou de novo do lado contrário e se aproximou de seu adversário de modo ameaçador.

Rohan sorriu debaixo do casco. Rohan tinha tomado vantagem, e Henri soube. Lutando contra sua própria fadiga, Henri encontrou o modo de desviar a investida dos golpes dirigidos em enxurrada sobre ele. Seguiu retirando-se enquanto procurava loucamente uma saída.

Entretanto, Rohan era um homem possuído. Golpeando de todas as direções, foi esgotando com seu avanço. Henri se deu conta de que seu irmão tinha mais razões para ganhar de que tinha ele. O calcanhar de Henri ficou preso em uma rocha que se sobressaía da terra. De repente, caiu sobre as costas enquanto elevava a espada para o gigante que tinha ante si. O impulso de Rohan o levou sem controle para diante e sobre o frio aço da espada de seu irmão. O calor queimou no flanco.

Todo movimento cessou quando a realidade do que tinha acontecido os golpeou a ambos. Os olhos de Rohan se dilataram, o coração pedindo a gritos vingança. Não podia morrer, não pela mão de Henri, não quando Isabel sofreria por sua loucura.

—Nay! —gritou— Não a terá, irmão!

Ouviu o grito de Isabel, mas não podia procurá-la. Pelo contrário, olhou para baixo onde o sangue baixava lentamente pela lâmina da grande espada cravada no flanco esquerdo. Pressionou o lugar da ferida. Um lento ardor abriu caminho através do abdômen enquanto tentava assimilar a cena que lhe rodeava. Henri tinha ganho? Nay, isso, não podia ser assim...

Rohan olhou pra Henri. Um lento sorriso maníaco lhe torcia a cara como se bebesse em sua vitória. Com a mão ainda no punho, Henri lentamente tirou a arma da ferida, deleitando-se na dor adicional que causava a seu irmão.

Diminutas estrelas dançavam diante dos olhos de Rohan, e as pernas lhe tremiam, não podendo já suportar o peso. Ainda agarrando a espada com a mão direita, deixou-se cair sobre um joelho, enquanto tratava de conter a maré vermelha com a esquerda. Lutou por recuperar o fôlego, com os ombros inclinados e o queixo apertado contra o peito. Lutou simplesmente por manter-se consciente.

—Luta, irmão? —zombou Henri— Fica comigo um momento mais. Enquanto que a dor desaparecerá logo, quero que sua memória sobreviva. Vá a sua tumba, irmão, com o conhecimento de que enquanto dorme no frio da terra, eu dormirei entre a calidez das coxas de sua mulher!

O grito de Isabel ressonou, cortando o frio ar de dezembro. Rohan pôs a mão no peito, recordando as fitas ali.

Um zumbido, como o zumbido de uma colméia de abelhas, encheu seus ouvidos e assim, pouco a pouco, a visão de Rohan se limpou. Desejou que o corpo se levantasse e se defendesse contra a ferida. Com cada fôlego, chegou a ser mais consciente do entorno. Ainda tinha a espada na mão direita. Os pés e pernas de Henri estavam equilibrados diante dele. Levantou a cabeça e contemplou a Isabel. Manhku a seguava. O horror que desvirtuava seu formoso rosto lhe retorceu as vísceras.



Que Henri desobedecesse ao decreto de William de não lutar até a morte, não surpreendeu ao Rohan. Tinha que ser assim. Só um deles se levantaria.

—Já está feito. —cacarejou Henri— Para o vencedor o prêmio e para o morto a outra vida. Não me causará mais obsessão, irmão. —Henri deu um passo para Rohan e, com uma ampla base, cravou os pés no chão. Agarrando a espada com ambas as mãos, lentamente levantou a arma por cima do ombro direito e por cima da cabeça. O queixo apoiado no ombro esquerdo enquanto olhava para baixo a seu irmão— Por Leonor, Rohan, e por nosso pai, quem não pôde ver mais à frente do reverso de seu filho nobre, quem lhe teria dado o mundo como pagamento pela mais leve das atenções!

Quando Henri descendeu a lâmina, Rohan lançou o gelado grito de batalha e a estocada. O corpo de Henri se sacudiu com força pendurando como se estivesse suspenso por um fio invisível por cima de Rohan. Os olhos de Henri se ampliaram e o queixo estremeceu. As pernas arquearam e as mãos lentamente romperam o agarre pela espada que ainda sustentava. Caiu ao chão detrás dele. Os braços lentamente caíram aos flancos. Situado nas pontas dos pés, olhou com confuso assombro ao Rohan.

Rohan deixou escapar um comprido suspiro. Nesse único momento de superioridade, domínio, e vitória, Henri tinha sido vencido. Consumido por seu triunfo, Henri não se precaveu de que Rohan tomava sua própria espada com ambas às mãos e a introduzia por cima da virilha. Rohan não perdeu tempo em retirar a lâmina, assegurando uma ampla e mortal ferida.

Caindo de joelhos, Henri se encontrou cara a cara com o Rohan.

—Mataste-me, irmão.

Rohan assentiu.

—Não me deixou outra opção.

Henri caiu à direita de Rohan não podendo já manter-se a si mesmo. Rohan se voltou para o homem que o destino tinha determinado que fosse nascido nobre, mas não amado. A cabeça de Henri girou de um lado para frente à Rohan. Parecia que lutava pelas palavras, mas não houve nenhuma. Pouco a pouco, a força da vida desapareceu do corpo, e os olhos se voltaram opacos e sem vida. Ficou olhando inexpressivamente para ele. Rohan os fechou com a mão.

O capítulo final da infeliz vida de Henri tinha acabado, enquanto que outro capítulo começava para Rohan. Quando se voltou a encontrar-se com sua dama, entreabriu os olhos à luz do sol, seguro de que estava alucinando. Isabel permanecia em pé, junto ao Dunsworth. O que era isso? Seus homens saíram sapateando, mas Rohan negou com a cabeça e assinalou à mulher que dois videntes tinham profetizado que seria sua para a eternidade.

Isabel lutou contra o segure de Arlys. Mas quanto mais discutia, mais duramente a apertava a ponta da curta espada nas costas.

—Fica quieta, Isabel, ou seu cavaleiro terá um cadáver em vez de uma amante. —a sussurrou ao ouvido.

Quando os homens de Rohan dirigiram-se de retorno a Isabel, o amalucado regozijo terminou. Dunsworth, junto aos homens que lhe tinham acompanhado ao Rossmoor várias noites antes, estavam armados e consideravam Lady Isabel como refém. Um Willingham, sem dúvida, tinha intervindo em sua fuga.



—Para trás, normandos! —gritou Arlys— Para trás, ou a dama pagará o castigo por seus pecados!

Les morts se detiveram.

Usando-a como escudo, Arlys dirigiu Isabel para a multidão reunida de aldeãos saxões.

—Ânimo, meus compatriotas. Ao final ganharemos! Tomem as armas agora para que possamos tirar esta praga do caminho!

Quando não responderam com entusiasmo, Isabel viu sua oportunidade.

—Nay! Não lhe escutem! Ele me teria vendido a do Monfort! Não é digno de lhes guiar!

Isabel se voltou e distinguiu Rohan, que tinha sido ajudado por seus homens. A ferida no flanco sangrava em excesso. As lágrimas a turvaram a visão. Escapou do agarre de Arlys, mas foi capturada por um dos bárbaros X do Dunsworth. Manteve-a segura. Quando Arlys tentou recuperá-la, o homem levantou uma navalha de ponta.

Isabel se voltou para seu povo.

—William pode não ser o legítimo rei que corresponde ante nossos olhos, mas será coroado. Tem o braço poderoso dos cavaleiros experimentados, tem a tesouraria para lutar contra nós. Ele é um duque vingativo e trará sofrimento a todos os que se levantem contra ele. —ela lhes olhou e viu nos rostos o medo e a indecisão. Apontou a Rohan e seus cavaleiros, que estavam preparados para a batalha— Estes cavaleiros não saquearam ou roubaram nosso lar. Eles não violaram as nossas mulheres. Nay, eles saíram cada dia na busca dos covardes assaltantes que só estavam famintos por matar e mutilar. Caçam e reabastecem as despensas com carne fresca. —Isabel respirou fundo— Sir Rohan é um homem justo, seus homens são justos, ele é forte e tem a confiança do Duque.

Ela se voltou e apontou com um dedo acusador ao Arlys, que estava furioso, a dois passos dela.

—Ele é um mentiroso. —um soluço capturado no alto de sua garganta enquanto a repentina compreensão emergiu. «*Cuidado com a raposa com pele de ovelha*», havia- dito seu pai ao Rohan.

—Foi você que matou o meu pai! —escapou das garras do bárbaro. Quando a cara de Arlys se torceu pela fúria, soube que tinha acertado com a verdade— Matou igualmente ao Geoff? —ante seu silêncio, soube que tinha acertado— Foi você, Arlys, quem dirigia aos assaltantes nos bosques, destruindo às pessoas e as terras?

Ele negou com a cabeça e se afastou dela.

—Nay, absolutamente. —olhou ao Henri um segundo, quem estava sendo colocado atentamente. Arlys lhe apontou com um dedo— Foi idéia do Henri. Queria matar a tantos aldeãos que fosse possível e fazer temer a todos os normandos. Tinha a esperança de iniciar um levantamento.

—Teve efeito contrário. Pois Rohan os uniu e os protegeu. —cuspiu a seu anterior prometido— Não é um homem ante meus olhos. É um covarde e um traidor para seu próprio povo, país e para mim, sua anterior prometida. Acreditava que poderia ganhar minhas terras, matando meu pai e meu irmão?

Seu silêncio voltou a confirmar as acusações. Enquanto falava, não se deu conta como os bárbaros marcados se fechavam ao redor de Henri e os homens de Arlys. O homem que tinha agarrado ao Arlys a apartou para um lado.

—Milady, saia daqui. Temos assuntos pendentes que tratar com vários destes homens.



Isabel se voltou e correu para onde estava Rohan sustentado com a ajuda de Thorin e Manhku, e em silencioso horror, observou como a gente marcada do Dunsworth derrubava a machadadas aos homens do Henri e Arlys.

Nenhum dos normandos fez um movimento para salvá-los, e embora Isabel não tivesse desejado o faminto frenesi de nenhuma pessoa, entendia o valor de não interferir. A multidão se tornou desagradável, e quanto antes ela e as boas pessoas se fossem, logo se acalmariam. Fez gestos a Russell, e a vários dos anciões do povo, lhes indicando fazer exatamente isso, e com a ajuda de seus homens, Rohan foi levado de volta ao castelo.

Isabel se apressou para limpar a mesa do senhor perto da chaminé.

—Coloquem aqui. Enid acenda o fogo e ferva água. Wulfson vá a minha câmara e traga minha cesta. Manhku me ajude a lhe tirar a roupa.

Rohan estava desacordado pela perda de sangue quando foi despido. Mas na mão estavam as fitas coloridas. As lágrimas se levantaram nos olhos de Isabel, mas lutou contra elas de novo. Não morreria!

Uma vez que a ferida estava limpa e teve melhor visão, a preocupação de Isabel se elevou. Embora não parecia que fora diretamente no estômago, já que estava mais à esquerda, transpassava-lhe completamente. Enquanto considerava cuidadosamente o que fazer, comporta-as se abriram, e um repentino silêncio caiu sobre a estadia. Isabel se voltou para ver Wilma correr a toda pressa pelo grande salão. O cabelo da nuca arrepiou, mas deu a boa-vinda à mulher. Isabel se apressou a ela e a arrastou para o Rohan.

—Milady, a ferida é profunda. Não sei se atravessou algum órgão vital. Minha habilidade na costura é só para cortes superficiais. Temo por sua vida.

Wilma riu estridentemente e acariciou a mão de Isabel.

—Ele sobreviverá, moça. Encarregarei-me disso.

E assim, Isabel deu um passo para trás e viu como a perita Wilma costurou o que supôs era algo mais que pele e músculo. Isabel não questionou os métodos da vidente. Mas quando terminou, o sangue já não gotejava da ferida. De fato, a palidez da morte de Rohan tinha desaparecido. Colocou-lhe a mão na frente. Estava fresco.

—A cura começou. —Wilma sorriu com o desdentado sorriso e tomando a mão de Isabel entre as suas deu palmadinhas— A profecia logo que fez raízes. É muito cedo para que qualquer um de vocês morra.

Wilma olhou depois do ombro de Isabel os Espadas de Sangue reunidos. Jogou a cabeça para trás e riu ironicamente.

—É a Mercia aonde um de vós irá, e é ali onde encontrará um guerreiro que lhes igualará em habilidade e espírito!

Ela se afastou rapidamente, deixando todos olhando uns aos outros com incerteza.



EPÍLOGO

15 Fevereiro, 1067

Rossmoor

—Aproximam-se cavaleiros! —disse o vigia da torre.

Isabel se apressou da cadeira junto à chaminé e fez sinais ao Manhku, que agora raramente caminhava com a ajuda de um bastão. Correu à porta, abrindo-a e gritou de felicidade. Ignorando o ataque do vento de fevereiro, correu cruzando o pátio para o cavaleiro que desmontava do grande cavalo de guerra e corria com a mesma rapidez para ela. Agarrou-a nos braços, girando-a, apertando-a contra si, banhando-a de beijos.

Sem fôlego, Isabel empurrou um pouco se afastando dele, os olhos examinando seu corpo. Jogou os braços ao pescoço.

—Voltastes!

Rohan riu e a levou para o salão.

—Duvidava-o?

—Passaram dois meses, Rohan.

Ele assentiu, mas sorriu.

—Aye, dois dos mais longos meses de minha vida. Mas o rei me requeria muito.

—Ouvimos a notícia o mês passado. Alegro-me por você. Quem sabe, talvez agora esta ilha possa voltar à ordem.

Rohan franziu o cenho e sacudiu a cabeça.

—Não é provável. Há muitos complôs para tomar o que é de William. Há grandes traições em marcha.

O coração de Isabel se afundou.

—Unirão-se a William?

—Nay, ele volta para a Normandia com Edgar e outros prisioneiros de guerra. Deu-me um título aqui e também o título do senhorio do Dunsworth e Woster. Se cansará de ver esta minha cara cheia de cicatrizes tanto tempo.

Isabel lhe rodeou feliz, assegurando-se de que nenhuma ferida lhe afligia. Ela olhou, mas além e não viu o resto de seus homens.

—Onde estão suas Espadas de Sangue?

—Acompanham ao rei em seus assuntos.

Uma repentina sacudida de tristeza golpeou Isabel. Sua ausência séria sentida por muitos.

Manhku golpeou o braço de Rohan amigavelmente.

—Manhku, será meu braço direito agora que Thorin está percorrendo as terras do norte procurando fugitivos. Está preparado? —perguntou Rohan.

O gigante assentiu e sorriu.

—Aye, é uma honra.



Rohan atraiu Isabel ao calor do salão. Os que agora lhe conheciam levantaram as taças em boas-vindas, e Rohan se sentiu pela primeira vez em sua vida como se verdadeiramente estivesse em seu lar. Olhou à mulher a seu lado. Ainda não podia acreditar em sua boa sorte.

Ela afastou a cadeira do Lorde da chaminé e a pôs para que ele se sentasse. Captou o suave olhar dela quando assentiu.

—É mais que digno de se sentar nela, Rohan. —tomou a mão e a pressionou contra o ventre— Como algum dia seu filho também o fará.

A alegria lhe estalou no peito, lhe enchendo. Tomando Isabel nos braços, abraçou-a, e pela primeira vez em sua vida, o quente ardor da umidade nos olhos lhe fez piscar.

—Estou contente de ter feito de você uma mulher honesta antes de minha partida, há muitos bastardos neste mundo tal como eu. Nosso filho nascerá sem nenhuma mancha em seu bom nome.

Isabel olhou aos olhos através da umidade das lágrimas e lhe sorriu.

Como dois corações, duas almas, dois corpos convertidos em um, a profecia se cumpriu nesse momento. E com isso, o legado que viveria durante mais de mil anos.

Fim.

